

MICHELLE FERREIRA MAIA

**“MILAGREIROS”: UM ESTUDO SOBRE TRÊS SANTOS POPULARES
NO CEARÁ
(1929-1978)**

DOURADOS – 2015

MICHELLE FERREIRA MAIA

**“MILAGREIROS”: UM ESTUDO SOBRE TRÊS SANTOS POPULARES
NO CEARÁ
(1929-1978)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em História.

Área de concentração: *Fronteiras, Identidades e Representações*.

Orientadora: Profa. Dra. Graciela Chamorro.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

M217 m	Maia, Michelle Ferreira. “Milagreiros”: um estudo sobre três santos populares no Ceará (1929-1978). / Michelle Ferreira Maia. – Dourados, MS: UFGD, 2015. 270f. Orientadora: Profa. Dra. Cândida Graciela Chamorro. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados. 1. Religiosidade popular. 2. Santos. 3. Memória. I. Título. CDD – 267.73
-----------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

MICHELLE FERREIRA MAIA

**“MILAGREIROS”: UM ESTUDO SOBRE TRÊS SANTOS POPULARES
NO CEARÁ
(1929-1978)**

TESE DE DOUTORADO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UFGD

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente e orientadora:

Graciela Chamorro (Dra./UFGD) _____

2º Examinador:

Eudes Fernando Leite (Dr./UFGD) _____

3º Examinador:

Ana Maria Colling (Dra./UFGD) _____

4º Examinador:

Jefferson William Gohl (UNESPAR Campus de União da Vitória PR)

5º Examinador:

Rogério Link (UFRGS-EST)

A minha mãe Raimunda. Nós sempre sonhamos juntas nessa trajetória. Aquela menina que você adotou e recebeu como filha te dedica esse doutorado. Obrigada por ter acreditado, dedicado sua vida, seu trabalho, seu amor para que a filha de uma feirante e agricultora se formasse Doutora. Minha gratidão e amor serão eternos.

Ao meu amor e marido Luiz Antônio de Oliveira Acosta: o nosso amor há sempre de ser sagrado. Com nossa união, o meu mundo explodiu em cor. Amo-te.

Ao fruto deste amor, que cresce em meu ventre. Mamãe te ama.

AGRADECIMENTOS

Uma longa trajetória foi percorrida até aqui. Muitas histórias vão ficar guardadas em minha memória, desde o momento em que vi o edital de seleção da primeira turma de Doutorado em História e vi ali uma chance de realizar este sonho.

A chegada em Dourados me trouxe a oportunidade de conhecer novos lugares, fazer novas amizades, desvendar um Brasil que para mim era desconhecido até então.

A minha orientadora, Profa. Dra. Graciela Chamorro, mulher admirável. Sempre me acolheu com muito carinho. Seu apoio, compreensão e zelo na orientação foram de fundamental importância para a construção desta tese. Além disso, foi graças aos seus incentivos que consegui realizar o tão sonhado estágio de doutorado em Paris, França. Obrigada por me acompanhar nesta caminhada.

Agradeço ao Professor Dr. Paulo Roberto Cimó, que logo na chegada me recepcionou tão bem; atenção esta sempre dedicada a mim em minha estada em Dourados.

A todos os professores do curso de Doutorado, e principalmente aqueles com quem convivi durante as disciplinas cursadas, tributo meu respeito, admiração e gratidão pelas discussões acadêmicas e pelas dicas de livros para esta pesquisa: Profa. Dra. Nauk de Jesus, Prof. Dr. Eudes Leite, Profa. Ana Maria C., Prof. Dr. Protásio Lange, Prof. Dr. João Carlos, Prof. Dr. Antonio Dari, Prof. Dr. Linderval.

Ao Coordenador da pós-graduação em História Prof. Dr. Losandro Tedeschi pelo apoio para a realização do intercâmbio.

À professora Dra. Véronique Boyer, primeiro por ter aceito minha solicitação de estágio na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), estágio realizado durante os meses de agosto e novembro de 2014. Segundo, por suas considerações para esta pesquisa e pela acolhida durante a estada em Paris.

À CAPES, pelo fomento da pesquisa no Brasil e durante o intercâmbio em Paris.

As minhas revisoras ortográficas e amigas, Vilani Mano e Milena Bandeira.

À amiga Daniele Reiter, pela generosidade em ter me hospedado em sua casa no primeiro mês do doutorado.

À querida Ana Paula, que tornou mais alegres meus dias em Dourados.

À amiga Vanda da Silva, amizade que surgiu no nervosismo e na preocupação que antecederam a entrevista, última etapa da seleção de doutorado. As palavras trocadas “vamos trocar telefone, a gente vai passar, e vamos morar juntas” foram congratuladas com a aprovação. Dividimos a casa, sorrisos, sonhos, lágrimas e agruras da escrita da tese. Obrigada, amiga, por tudo.

À gentil Adriana, que generosamente me auxiliou na impressão desta tese.

Aos meus queridos amigos, Kelly (minha irmã de alma) e Jefferson, pelo apoio e por acompanhar esta pesquisa e pelo carinho da amizade.

Aos meus compadres Gláucia e Louro, pelo carinho nesta caminhada.

A minha amiga Ana Keyla, por quem tenho muito carinho, pois mesmo distante, sempre uma companheira a quem pude recorrer; sua torcida foi sempre bem-vinda.

Aos meus amigos de Fortaleza: Zélia e Tereza, pelo estímulo e torcida para a feitura e conclusão deste doutorado: amizade que venceu o tempo e a distância separou. Ao Rodrigo Alves Ribeiro, meu irmão (de alma), que mesmo distante sei que sempre torceu pelo meu sucesso na vida profissional e pela minha felicidade.

A minha amiga e agora comadre Ana Paula Silva (tenho a certeza que você é o meu anjo da guarda). Obrigada por tudo, e principalmente por me presentear com sua doçura de amizade.

Aos meus ex-alunos dos cursos de graduação e pós-graduação, que sempre me dedicaram além da torcida a admiração; sou muito grata pelo carinho.

A minha família: ao meu marido Luiz Antônio de Oliveira Acosta, obrigada pela compreensão e pelo amor na realização desta pesquisa; e me perdoe as ausências.

Ao meu querido pai, obrigada pelo amor e pela dedicação.

Ao meu segundo pai, Evando César Soares, que acompanhou toda a minha trajetória acadêmica, obrigada por seu apoio.

Aos meus irmãos Juliana Maia Pereira, Valdeci Maia Duarte e Davi Ferreira Soares: vocês trazem mais alegria para a minha vida.

A Tia Cris pelo carinho.

Ao meu compadre e cunhado Francisco Pereira do Nascimento e a minha cunhada Dilvane de oliveira Acosta, obrigada pelo carinho.

Aos meus padrinhos, Albana e Ralyson, pelas diversas vezes que com ternura me ouviram falar das minhas conquistas nesta trajetória acadêmica.

E a todos os devotos dos milagreiros Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, Isabel Maria da Conceição e João das Pedras.

Sou grata à vida, por me proporcionar viver este momento.

RESUMO

Neste trabalho, estudamos as manifestações religiosas e populares vivenciadas em torno da santidade popular de três santos no Ceará: Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, morto por assassinato na sua Fazenda Xavier em Crateús, em 1969; Isabel Maria da Conceição assassinada na serra de Reriutaba, em 1929; João Ferreira Gomes, vulgo João das Pedras, morreu eletrocutado em São Benedito, em 1978. A partir desse episódio central (a morte), analisamos como a violência empregada nos três casos, a falta de punição aos assassinos contribuiu para a sua santidade popular. O Dr. Olavo Cavalcante Cardoso tinha sido médico e ex-prefeito em Crateús, foi morto por agricultores que eram vizinhos da sua propriedade por uma questão de delimitação de terras; Isabel Maria da Conceição foi morta pelo marido na frente do seu único filho acusada de traição; João das Pedras era ladrão e morreu eletrocutado em uma cerca elétrica quando tentava furtar uma casa. As mortes consideradas trágicas, incorporadas a outros fatores (ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, a falta de socorro e suas últimas palavras; a Isabel Maria da Conceição, o corpo jogado serra abaixo; ao João das Pedras, o corpo carregado como um porco pela cidade), foram os indícios que conduziram na interpretação de que eram concessores de milagres. Propomos a compreensão do tema a partir de conceitos tais como: representação, santidade e memória, analisando a fabricação desta santidade. Para o estudo, analisamos fontes orais, jornais da época e, posterior ao período, fotografias, ex-votos. Compreendermos os fios e os rastros que propiciaram a construção dessas devoções, identificando os sujeitos responsáveis pela edificação do culto e abordando as diferenças na formação devocional aos três santos populares em seu lugar de origem, os discursos que motivaram a confiança nestes santos populares e os meios que permitiram a resistência e a sobrevivência no tempo presente dessas devoções populares.

Palavras-chave: crime; violência; morte; religiosidade popular; fé; santos; memória.

ABSTRACT

The religious and popular manifestations experienced around the popular sanctity of three saints in Ceará were studied in this work: Dr. Olavo Cardoso Cavalcante, assassinated in his farm called Xavier in Crateús in 1969; Isabel Maria da Conceição murdered in the mountain of Reriutaba in 1929; João Ferreira Gomes, known as João das Pedras, was electrocuted in St. Benedict in 1978. From this central episode (death), it was analyzed how the violence used in the three cases and the lack of punishment for murderers contributed to their popular sanctity. Dr. Olavo Cavalcante Cardoso had been a doctor and former mayor in Crateús, was killed by farmers who were neighbors of his property for the sake of land delimitation; Isabel Maria da Conceição was accused of treason and killed by her husband in front of her only son; João das Pedras was a thief and was electrocuted in an electric fence while trying to steal a house. The deaths considered tragic, added to other factors (Dr. Olavo Cardoso Cavalcante, lack of help and his last words; Isabel Maria da Conceição, who had the body thrown down the mountain; João das Pedras, who had the body dragged along the streets like a pig), were clues that led the interpretation that they were miracle workers. It is proposed the understanding of the subject from concepts such as representation, sanctity and memory, analyzing the construction of this sanctity. For the study, it was analyzed oral sources, newspapers of the time and after the period, photographs, former vows. It is aimed to understand the wires and the tracks that have led to the construction of these devotions, identifying the subjects responsible for the building of worship and addressing differences in devotional formation to the three popular saints in their place of origin, the discourses that motivated the confidence in these popular saints and the means that allowed the resistance and survival of these popular devotions in the present time.

Keywords: crime, violence, death, popular religiosity, faith, saints, memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Dr. Olavo Cavalcante Cardoso	60
Figura 2 – Pequeno altar no túmulo de Dr. Olavo	63
Figura 3 – Lateral esquerda do túmulo de Dr. Olavo	65
Figura 4 – Lateral direita do túmulo de Dr. Olavo	65
Figura 5 – Túmulo de Dr. Olavo	66
Figura 6 – Cruzeiro em homenagem ao Dr. Olavo (detalhe 1)	68
Figura 7 – Cruzeiro em homenagem ao Dr. Olavo (detalhe 2)	68
Figura 8 – Cruzeiro em homenagem ao Dr. Olavo (inteiro)	69
Figura 9 – Capela de Isabel Maria da Conceição	89
Figura 10 – Secretaria Paroquial da Matriz de Guaraciaba.....	94
Figura 11 – Oração a Isabel Maria da Conceição.....	96
Figura 12 – Capela de Isabel Maria da Conceição reformada	99
Figura 13 – Localização da Capela de Isabel Maria da Conceição	100
Figura 14 – Placa no interior da Capela de Isabel Maria da Conceição	100
Figura 15 – Altar da Capela de Isabel Maria da Conceição.....	102
Figura 16 – Prateleiras laterais do altar da Capela	103
Figura 17 – Ex-votos na Capela (madeira).....	104
Figura 18 – Ex-votos na Capela (roupas).....	105
Figura 19 – Ex-votos na Capela (remédios).....	105
Figura 20 – Ex-votos na Capela (cabelo).....	106
Figura 21 – Ex-votos na Capela (bilhete)	106
Figura 22 – Ex-votos na Capela (receita).....	107

Figura 23 – Ex-votos na Capela (exame).....	107
Figura 24 – Fotografia de Isabel Maria da Conceição.....	108
Figura 25 – Oração a Isabel Maria da Conceição.....	109
Figura 26 – Túmulo de João das Pedras (ex-votos).....	142
Figura 27 – Túmulo de João das Pedras (velas)	142
Figura 28 – Túmulo de João das Pedras (devotos).....	144
Figura 29 – Túmulo de João das Pedras (devotos rezando).....	144
Figura 30 – Túmulo de João das Pedras (acendendo velas).....	146
Figura 31 – Túmulo de João das Pedras (devotos de pé).....	148
Figura 32 – Túmulo de João das Pedras (devotos em oração)	148
Figura 33 – UPA de Crateús.....	161
Figura 34 – Capela incendiada	164

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 CONSTITUI IMORREDOIRA LEMBRANÇA DA PASSAGEM DO EXTINTO PELO MUNDO: DR. OLAVO CAVALCANTE CARDOSO, O MÉDICO E O SANTO EM CRATEÚS	24
1.1 <i>Foi morto na sua Fazenda Xavier: Memórias de um crime</i>	24
1.2 <i>Orai por ele: A construção da devoção ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso</i>	51
2 “O DESTINO NA LADEIRA DAS PEDRAS”: ISABEL MARIA DA CONCEIÇÃO, UMA SANTA CANONIZADA PELO PRÓPRIO POVO EM GUARACIABA DO NORTE, CEARÁ	73
2.1 <i>Ela é o martírio de Jesus: sangue derramado</i>	73
2.2 <i>A santa das mulheres espancadas e traídas: a construção de um símbolo</i>	87
3 JOÃO DAS PEDRAS: O LADRÃO QUE VIROU SANTO EM SÃO BENEDITO	112
3.1 <i>O Crime e a Salvação: o ladrão que roubava dos ricos para dar aos pobres</i>	112
3.2 <i>Ele é muito milagroso: as velas correm do túmulo para o chão</i>	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	168
FONTES	173
ANEXOS	178

INTRODUÇÃO

Esta tese é baseada na reflexão sobre a fabricação dos santos populares em três interiores cearenses. Buscamos os critérios que motivaram a devoção. Santos populares, porque não são institucionalizados e, muitas vezes, como nos casos estudados nesta tese, não pretendem o reconhecimento oficial de Roma. Cultos que ocorrem à revelia do catolicismo institucional.

Perguntamo-nos: qual terá sido o modelo de conduta encontrado na biografia do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, em Crateús¹; da Isabel Maria da Conceição, em Guaraciaba do Norte²; e do João Ferreira Gomes, vulgo João das Pedras, em São Benedito³, para serem escolhidos como santos? O que os torna singulares? O marco cronológico da pesquisa está baseado nos anos de morte: 1929 referente à morte de Isabel Maria da Conceição, e 1978, quando morreu João das Pedras. Embora, saibamos que as narrativas feitas sobre estes sujeitos tenham sido feitas no presente.

Segundo Eliane Tânia Martins de Freitas, nenhum morto milagroso é igual ao outro.⁴ Observamos que nas referidas devoções há semelhanças, a exemplo, a morte considerada trágica é o mito fundador da santidade nos três casos, da mesma forma, o sofrimento é estritamente explorado e valorizado na construção das devoções. Entretanto, defendemos que existem diferenças em se fabricar e cultivar o santo popular.

Elencamos alguns pontos que defendem a nossa tese sobre as divergências entre os cultos populares aqui estudados: 1) Na diferença da formação e estruturação da devoção (que pode ser patrocinada como a do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso; apropriada a uma causa como Isabel Maria da Conceição, denominada a santa das mulheres espancadas e traídas; a devoção marginalizada pelo clero e pela elite como a devoção a João das Pedras; 2) A forma como o culto é recebido em sua cidade de origem está estritamente associada ao *status* da vida; a

¹ A cidade de Crateús está localizada na microrregião do Sertão dos Inhamuns, aproximadamente a 350 km da capital do Ceará, Fortaleza. Sua população, estimada em 2010, era de 72.812 habitantes. Dados disponibilizados no site <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=230410#>.

² A cidade de Guaraciaba do Norte está localizada na serra da Ibiapaba, a aproximadamente 299 km de Fortaleza. Sua população estimada em 2014 era de 38.995 habitantes. Dados disponibilizados no site <http://www.opovo.com.br/ceara>.

³ A cidade de São Benedito está localizada na serra da Ibiapaba, a aproximadamente 332,4 km de Fortaleza. Sua população estimada em 2014 era de 45.917 habitantes. Dados disponibilizados no site <http://www.opovo.com.br/ceara>.

⁴ Freitas, Eliane Tânia Martins de. *Memória, Cultos Funerários e Canonizações Populares em Dois Cemitérios no Rio Grande do Norte*. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. p. 7.

própria devoção e seus praticantes apresentam esta diferença; 3) Os espaços de devoção, além de ser compreendido como um lugar que se presencia as práticas de fé ao santo popular, é um exemplo que justifica a nossa tese sobre a diferenciação do culto aos santos.

Provocados por essas questões, propusemo-nos a analisar historicamente essas devoções; buscamos, através dos fragmentos dos diversos suportes documentais (jornais impressos e *online*; entrevistas; ex-votos; fotografias), compreender os passos que fundaram a crença nos santos populares, fontes estas também que proporcionam a abordagem diferenciada atribuída à devoção.

De fato, todos os três sujeitos, venceram o esquecimento. Foram conduzidos do passado em que viveram ao presente, principalmente pelas memórias de seus devotos e através dos lugares de devoção. São sujeitos ausentes que agem no presente. É no estudo destas memórias sobre os santos que conseguimos compreender os processos de transformação, as ressurgências e as rupturas instauradoras do passado proposta por François Dosse.⁵

Sobre o estudo dos cultos aos santos populares adentramos no espaço do imaginário social, concordamos com Tânia Navarro Swains, quando ressalta que o imaginário social cria e determina valores, revigora e desativa tradições, evoca razões ou divindades.⁶ Observamos que a devoção aos santos populares construiu valores sobre os santos e a sociedade.

Ao abordar fragmentos da biografia destes sujeitos que legitimaram a devoção para os devotos, recorremos a Carlo Ginzburg, quando nos fez refletir sobre “[...] que um indivíduo medíocre, [...] e justamente por isso representativo – pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num período histórico [...]”⁷. Trata-se também de um estudo comparativo sobre a trajetória das devoções.

É necessário justificarmos a escolha dos nossos três santos populares, alvos de devoção. Crescemos em meio a esses milagreiros; de forma indireta sempre estivemos próximo à devoção. Nossa família materna é natural de Crateús, e foi no convívio familiar que ouvimos as histórias sobre o famoso médico Olavo Cavalcante Cardoso. Nossa avó, Antônia

⁵ Segundo François Dosse: “a história envereda cada vez mais pelos caminhos obscuros e complexos da memória até em seus modos extremos de cristalização, tanto ideais quanto materiais [...]”. DOSSE, François. *História e Ciências Sociais*. Trad. Fernanda Abreu. Bauru: Edusc, 2004. p. 184.

⁶ SWAIN, Tânia N. Você disse imaginário?. In: _____. *História no plural*. Brasília: Ed. UnB. 1994. pp. 43-67, p. 54.

⁷ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo, Cia das Letras, 1991. Prefácio à Edição Italiana, p. 27.

Barbosa de Sousa, já falecida, contava que tinha sido socorrida pelo médico numa farmácia, quando sua filha mais nova Cleomar Ferreira Batista sofria de problemas respiratórios.

Cleomar Ferreira Batista, por sua vez, relata até hoje que foi a que concedeu a primeira vela ao médico após a sua morte:

Foi à primeira luz que ele recebeu foi a minha. Porque eu agradeci muito, eu me lembrei dele. Eu tava brincando no terreiro da vizinha até, e me lembrei. Era mais ou menos umas 6 horas, eu tomei aquele espanto assim, sei lá como foi. Eu só sei que eu corri avisando pra mãe:

– Mamãe, mataram aquele doutor nesse instante!

– Que doutor, menina?!

– Aquele, mamãe, que me curou da minha garganta... Deu a injeção em mim... Me deu bombom também. A mamãe se lembrou.

– Mamãe, me dê uma vela pra mim acender pra ele.

A mamãe me deu. Fui acender lá no quintal da minha casa.⁸

Cleomar tinha aproximadamente cinco anos, segundo ela, quando a notícia sobre a morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso ainda não havia percorrido a cidade, e a sua vontade de acender uma vela para o médico teria sido misteriosa e espontânea, um sentimento sobrenatural. Ao render a primeira luz ao médico, a menina o fazia pela lembrança do atendimento prestado pelo médico, um agradecimento. A matriarca da família, a senhora Antônia, foi uma dentre tantas mulheres que receberam a fotografia do médico quando esta foi distribuída em Crateús.

Na família, quando ocorria um sepultamento de um parente no Cemitério São Miguel, a parada no túmulo do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso era quase obrigatória, um gesto interpretado como um alento diante do momento fúnebre. As narrativas sobre o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso o apresentavam como o médico caridoso que morreu assassinado por agricultores na sua Fazenda Xavier no dia 02 de setembro de 1969. A pesquisadora, com as lembranças da infância, observou na história do médico uma porta para se estudar as manifestações da religiosidade popular no Ceará. E afinal, por que ele era santo? Quem são os construtores da crença nos poderes miraculosos do médico?

Ainda na infância, residimos em Guaraciaba do Norte, era o início da década de noventa. Passar de carro pela serra entre Guaraciaba do Norte e Reriutaba era ter a atenção atraída para a Cruz da Finada Isabel Maria da Conceição; e já na fase adulta, o vislumbre da capela solitária na beira do precipício. As mulheres devotas contavam pela vizinhança os

⁸ BATISTA, Cleomar Ferreira. 49 anos, doméstica. Entrevista realizada no dia 05/04/2013, em sua residência no bairro Cachoeira, em São Benedito.

milagres alcançados pela mulher que foi assassinada pelo marido aproximadamente no dia 11 de outubro de 1929.

Aparentemente, na infância, a morte de Isabel Maria da Conceição parecia comum: outras esposas e mães de família foram assassinadas naquela cidade e também nos arredores. Posteriormente, a pesquisadora percebeu que a trajetória de Isabel Maria da Conceição era incomum, fora a única naquela região a ser considerada santa. Qual era a diferença se muitas haviam morrido de forma similar, assassinada pelo cônjuge?

Foi residindo em São Benedito, já nos fins de 1999, que tomamos conhecimento dos fragmentos sobre a vida e morte de João das Pedras, justamente numa visita ao Cemitério de São Benedito no dia de finados. A fumaça, as chamas das velas e as ceras derretidas que se esvaíam no chão foram as primeiras imagens de impacto. Ouvimos, naquele espaço, as primeiras histórias do ladrão que roubava dos ricos para dar aos pobres, e que ele tinha morrido eletrocutado, ou como diziam popularmente, “queimado” numa fiação elétrica em 04 de abril de 1978. Um ladrão cultuado e considerado santo: como esta santidade é defendida pelos devotos?⁹

Sabemos que a crença de que certos deuses eram reis ou heróis divinizados pelos serviços que haviam prestado à humanidade abria caminho desde Heródoto.¹⁰ Nessa concepção, é na biografia do sujeito que são elencados seus feitos heroicos. Conforme Sandra J. Stoll, o que faz o santo é o modelo de conduta, as experiências de sofrimento e sacrifício seriam as duas outras categorias que fundam a noção cristã de santidade.¹¹

A santidade popular, segundo Iara Toscano Correia, pôde ser percebida antes mesmo da idade cristã. Os primeiros a consagrarem-se santos foram os profetas: Moisés, Samuel, Daniel, que contribuíram para a elaboração da Bíblia sagrada. Depois do nascimento, morte e ressurreição de Cristo era corriqueiro considerar santas as pessoas que morriam de uma morte trágica, principalmente os opositores das religiões pagãs do Império Romano. Grande parte destes santos eram reconhecidos e cultuados apenas localmente, e tinham suas lápides

⁹ João das Pedras foi nosso objeto de estudo do mestrado durante o mestrado de 2006 a 2008 na Universidade Federal do Ceará, onde apresentei a dissertação intitulada *Lembrança de Alguém: A construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras*, posteriormente foi publicada pela Imprensa Universitária. Pesquisamos a origem de João das Pedras em São Benedito, e as vivências da devoção⁹. Este trabalho, era a primeira apresentação escrita sobre o ladrão que era conhecido exclusivamente na oralidade da cidade. MAIA, Michelle Ferreira. *Lembrança de Alguém: A construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras*. Fortaleza-CE: Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará. 1ª ed., 2010.

¹⁰ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. A essência das religiões. Martins Fontes. p. 4.

¹¹ STOLL, Sandra J. A Apropriação Cultural do Espiritismo no Brasil. In: _____. *História: Questões & Debates*. Curitiba, Ed. UFPR, nº 28, 1998, p. 53.

visitadas pelos devotos que receberam curas milagrosas. A devoção acontecia mesmo com as perseguições dos romanos.¹²

No Brasil Colônia, segundo Luiz Mott, a devoção aos santos católicos era generalizada, uma verdadeira obsessão para as almas mais piás.¹³ Eliane Tânia Martins de Freitas, em sua tese de doutorado, considerou que no Brasil, não há uma única comunidade modesta que não tenha seu santo local. Há um modesto juazeiro em cada cemitério de bairro, em cada cruz fincada numa beira de estrada onde morreu alguém de má morte.¹⁴ São os santos dos populares, feitos, na maioria dos casos, pela piedade do povo.

O autor Oscar Calavia Sáez, em seu estudo *Fantasmas Falados, mitos e mortos no campo religioso brasileiro*, considera que a marginalidade do culto não implica na marginalidade de seus praticantes. Afirmou ainda que no Brasil, a presença e a atividade constantes de um outro mundo (o dos santos, das devoções populares, das almas penadas) é o bastante para considerá-lo um elemento essencial da vida brasileira.¹⁵

Na historiografia brasileira, a quantidade destes santos populares pode ser percebida pelo elevado volume de artigos, monografias, dissertações e teses que tratam destes personagens. Citamos alguns exemplos: o estudo de Iara Toscano Correia acerca da santidade de João Relojoeiro, cultuado em Uberaba – Minas Gerais. João Relojoeiro foi acusado de roubo injustamente em Uberaba, foi preso e torturado, e morreu em decorrência da tortura sofrida em 1956.¹⁶ Seu estudo contribuiu para a nossa reflexão sobre o papel dos assassinos na trajetória da fabricação dos santos. A impunidade dos culpados, tanto no caso do João Relojoeiro quanto nos três que abordamos, é uma característica que associada à morte trágica e ao sofrimento, oferecem legitimidade ao poder do sujeito denominado santo.

Marília Schneider abordou a devoção a Antoninho da Rocha Marmo em São Paulo. O menino Antoninho morreu vitimado por uma tuberculose em 1930. A autora defende que

¹² CORREIA, Iara Toscano. A santidade no imaginário popular. *João Relojoeiro: a construção de um santo no imaginário popular – Uberlândia/ MG (1956-2002)*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

¹³ MOTT, Luiz. Cotidiano e Vivência Religiosa: entre a capela e o calundu. In.: *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. Organização Laura de Mello e Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Vol. 1. P. 173

¹⁴ Freitas, Eliane Tânia Martins de. *Memória, Cultos Funerários e Canonizações Populares em Dois Cemitérios no Rio Grande do Norte*. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. p.6.

¹⁵ SÁEZ, Oscar Calavia. *Fantasmas falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. p.13.

¹⁶ CORREIA, Iara Toscano. A santidade no imaginário popular. *João Relojoeiro: a construção de um santo no imaginário popular – Uberlândia/ MG (1956-2002)*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

na origem da devoção houve um grande incentivo familiar e também por representantes do clero local no culto ao menino. O objetivo maior de ambos era a beatificação de Antoninho.¹⁷ Análise que colaborou para a percepção de como o culto ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, em Crateús, foi também incitado pela iniciativa familiar e pelos jornais que noticiaram sua morte.

A pesquisa de Vera Irene Jurkevics acerca de Maria Bueno, a santinha de Curitiba¹⁸, mulher pobre que foi semidegolada pelo amante em 1893, assim como o estudo da historiadora Sandra Jatahy Pesavento sobre a devoção à Maria Degolada, mulher degolada em Porto Alegre pelo seu amante, um oficial da brigada militar¹⁹, fez-nos refletir sobre a violência contra a mulher que impulsionou o culto a estas santas populares, a exemplo do que também aconteceu a Isabel Maria da Conceição.

Eliane Tânia Martins analisou o culto a José Leite de Santana, o cangaceiro Jararaca, em Mossoró, e ao bandido João Baracho, em Natal. Jararaca foi sangrado no pescoço e enterrado vivo em Mossoró, morte martirizada e considerada premeditada e covarde; o bandido João Baracho, por sua vez, foi fuzilado em Natal, pela polícia, em 1962. Para os devotos, a vida de crimes destes santos não interferiu na fé coletiva nos poderes de concessão de milagres.²⁰

Ao contrário, a piedade, a comoção e a crença de que o arrependimento dos crimes cometidos e a violência das mortes teriam sido os fatores que legitimam a devoção. Situação similar ao que ocorreu com João das Pedras, em São Benedito, os seus furtos, para os devotos, é a prova de sua caridade para com os pobres, e mesmo quando são vislumbrados pela ótica da ilegalidade, o arrependimento na hora da morte concedeu a João ser um milagreiro.

No Ceará, grande parte dos estudos aborda o santo popular de maior devoção, o Padre Cícero Romão Batista, em Juazeiro do Norte. Também dialogamos com o estudo de Francisco Régis Lopes Ramos na análise das práticas dos devotos. Segundo o autor, não

¹⁷ SCHNEIDER, Marília. *Memória e história* (Antoninho da Rocha Marmo). São Paulo: T. A. Queiroz, 2001. p. 23.

¹⁸ JURKEVICS, Vera Irene. *Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. Tese de doutorado, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

¹⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Maria degolada: a moça alegre que virou Santa”. In.: *Os Sete Pecados da Capital*. São Paulo: Hucitec, 2008. p.345.

²⁰ Freitas, Eliane Tânia Martins de. *Memória, Cultos Funerários e Canonizações Populares em Dois Cemitérios no Rio Grande do Norte*. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

existe santo sem devoto e, antes de tudo, estes e suas práticas nos espaços de devoção que legitimam o santo que não é institucionalizado.²¹

Nossa análise acerca do tema se fará com as referências dos teóricos da História Cultural, como Roger Chartier, Carlo Ginzburg, Michel de Certeau, dentre outros autores que trataram a cultura popular.

No estudo sobre religiosidade popular no Brasil é corriqueira a busca pela dicotomia entre erudito e popular, oficial e não oficial. Nesta pesquisa sobre as diferenças na formação e vivências da devoção ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, à Isabel Maria da Conceição e ao João das Pedras, compreendemos o que Roger Chartier chamou de práticas mistas. Segundo o autor, é impossível uma identificação precisa sobre a especificidade da cultura popular, pois mesmo os “[...] materiais, portadores de práticas e dos pensamentos da maioria são sempre mistos, combinando formas e motivos, invenção e tradições [...]. A posição macroscópica entre popular e letrado, perdeu a sua pertinência”.²²

Apresentamos fontes diversas: João das Pedras é o único santo popular que não encontramos registros nos jornais. Sobre o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, os jornais *A Gazeta de Notícias* e *Tribuna*, de circulação no Ceará no ano de 1969, abordaram os fatos de Crateús quando da sua morte. Defendemos que a grande repercussão contribuiu para o surgimento da devoção sobre o médico, construindo e propagando a sua imagem de vítima martizada, induzindo a piedade da opinião pública sobre o caso. Estes jornais foram transcritos na biblioteca pública Menezes Pimentel, em Fortaleza.²³ O jornal *Gazeta do Centro-oeste*, de Crateús, de circulação virtual, é um dos responsáveis pela manutenção da memória do assassinato do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso. A cada ano, no aniversário de morte, há uma edição que contempla a vida e principalmente o crime que vitimou o médico; ainda há a exaltação da devoção. Outra fonte nos possibilita observar de que forma ocorreu a fabricação desta devoção.

Sobre Isabel Maria da Conceição, apenas jornais contemporâneos abordaram o caso. O Jornal O Povo, de circulação no Ceará, e o jornal virtual FOLHA.Com, de São Paulo. Em ambos a escrita se pautou sobre o surgimento da devoção, abordando as práticas dos devotos.

²¹ RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O verbo encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Unijuí, 1998.

²² CHARTIER, Roger. História hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*, vol. 7, n. 13, 1994. p. 121.

²³ Localizada na Av. Presidente Castelo Branco, 255, no Centro de Fortaleza, Ceará.

É através destes jornais que percebemos a apropriação, legitimação e propaganda da imagem da mulher assassinada pelo marido como a santa das mulheres espancadas e traídas.

As entrevistas foram gravadas em fitas K-7, algumas na casa dos devotos ou contemporâneos dos santos popular, e também nos lugares de devoção, a exemplo, as que fizemos no túmulo de João das Pedras no dia de finados. A escolha dos entrevistados foi pautada pelo desejo de reunir material que pudesse abordar a trajetória dos cultos. Por essa razão, selecionamos diante do público em geral da cidade, os contemporâneos, os familiares (a exemplo, o caso do João das Pedras) e principalmente os devotos (de diversas idades, escolaridade); quando possível, também os opositores do santo popular e da devoção.

Acreditamos que as fontes jornalísticas e orais construíram suas verdades referentes aos sujeitos considerados santos. São verdades plurais que ora se completam, e outras vezes se contradizem. Conforme Paul Veyne, para se compreender as crenças religiosas é necessário entender que a verdade é plural e analógica.²⁴

Além das fontes orais, comum aos três casos, também os ex-votos deixados nos lugares de devoção é outra característica similar. Conforme Michel Vovelle, o ex-voto apresenta e afirma sua originalidade: “[...] de testemunho individual, mesmo que ele se produza sob forma de uma expressão estereotipada, e se preste ao tratamento quantitativo de longa duração: o ex-voto pintado ou esculpido [...]”.²⁵

Ex-votos esculpidos na forma de cabeça, braço, perna, seio, pescoço e mão são os mais presentes: é a doença esculpida na madeira, o sinônimo da cura e do pagamento de promessa. A madeira já não é a madeira, mas a presença do sagrado²⁶, ou como muitos devotos costumam se referir aos ex-votos nos lugares de devoção, são os milagres. De fato, os diversos ex-votos compõem a materialidade da fé.

As fotografias produzidas durante a visita aos espaços de devoção compõem o acervo das fontes desta pesquisa. É pela captura da imagem de pagamentos de promessas com os ex-votos que discutimos a relação dos devotos com o seu santo de devoção, assim como é

²⁴ Veyne, Paul. 1987 (1983). *Acreditaram os Gregos nos seus Mitos?* Lisboa, Editorial 70. Op. Cit. Freitas, Eliane Tânia Martins de. *Memória, Cultos Funerários e Canonizações Populares em Dois Cemitérios no Rio Grande do Norte*. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. p.14.

²⁵ Segundo o autor, o ex-voto pintado ou esculpido é de “de todos o mais explorável, iniciando-se no século XVII, excepcionalmente no século XVI, para continuar até a época contemporânea”. Vide: VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 177.

²⁶ Conforma Mircea Eliade: “A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o ganz andere.” Vide: ²⁶ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. A essência das religiões. Martins Fontes. p. 15.

possível perceber a mudança do tempo e as interferências dos devotos com suas práticas no lugar de culto ao santo popular.

Três imagens também referentes aos santos populares serão abordadas. A primeira, uma fotografia do Dr. Olavo Cardoso que foi distribuída na cidade de Crateús para incitar a feitura de promessas, um exemplo de como a devoção ao médico foi provocada.

A segunda, uma imagem enigmática de Isabel Maria da Conceição, que teria sido feita por um devoto como pagamento de promessa, enigmática, porque não há um registro fotográfico dela, e é esta imagem feita por um devoto desconhecido que será utilizada para apresentar a santa popular, inclusive com uma oração agregada feita em homenagem à santa e distribuída em Guaraciaba do Norte como pagamento de promessas.

Muitos devotos de João das Pedras desconhecem sua imagem física. E foi a ausência de identificação no túmulo dele (sobre data de nascimento-morte e o próprio nome do falecido) que levou o devoto Tomaz Bezerra, em 2006, a procurar a família de João das Pedras e conseguir seu nome completo e os dados de sua morte.

Dividimos esse trabalho em três capítulos, cada um abordará um santo popular. Buscamos apresentar os personagens, fragmentos de sua biografia, trechos da vida considerados pelos devotos exemplos da excepcionalidade e santidade do sujeito, a morte e o primeiro milagre, versões construídas na oralidade pelos jornais e nos espaços de devoção. Pretendemos analisar a construção da devoção tanto quanto os seus construtores, observando a influência destes na prática devocional, intencionando apresentar as diferenças entre o culto aos santos populares.

No primeiro capítulo, intitulado “Constitui Imorredora Lembrança da Passagem do Extinto pelo Mundo: Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, o médico e o santo em Crateús”, apresentamos fragmentos da trajetória do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, especificamente as entrevistas, que dão conta do exercício de sua profissão, os atendimentos do médico aos pobres são interpretados como sinônimo de sua santidade. A morte está presente nas entrevistas e principalmente na cobertura jornalística de jornais impressos da época.

Por fim, procuramos, através das entrevistas e dos jornais, acompanhar o processo de fabricação da santidade do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso. Material que nos fornece elementos para pensarmos como a devoção ao médico foi proporcionada pela sua família e também pelos jornais. Abordamos os espaços da devoção ao médico, a relação santo/devoto e o significado dessa devoção.

No segundo capítulo, intitulado “O Destino na ladeira das Pedras”, temos Isabel Maria da Conceição, “uma santa canonizada pelo próprio povo”, em Guaraciaba do Norte, Ceará. Buscamos identificar o processo de consagração da mulher como santa popular. Procuramos compor os aspectos que aos olhos dos devotos dão sentido à devoção: o sofrimento da morte (espancada e esfaqueada), o corpo jogado serra abaixo e salvo por uma árvore são algumas das características observadas na construção da santidade de Isabel.

Análise realizada a partir de jornais e principalmente pelas entrevistas realizadas com devotos. Neste capítulo, ainda fazemos um estudo comparativo de Isabel e outras mulheres assassinadas no Brasil, também consideradas santas populares, uma apresentação que põe em foco a violência contra a mulher, a impunidade dos assassinos e a comoção popular diante da sua morte.

É no segundo momento, quando abordamos a devoção à Isabel Maria da Conceição, que observamos a apropriação da imagem da mulher como a mártir das mulheres espancadas e traídas. Além disso, é na Capela, espaço maior da santa, que apresenta além da relação dos devotos, os pagamentos de promessas, a aceitação da santa popular por parte do clero de Guaraciaba do Norte, e o apoio recebido também por representantes políticos. Um exemplo de como o culto aos santos populares pode oferecer divergências. O espaço da devoção à Isabel Maria da Conceição busca compor uma história a partir das ausências.

O terceiro capítulo é intitulado “João das Pedras: o Ladrão que virou santo em São Benedito”. Arquitetamos as várias faces narradas pelos contemporâneos e pelos devotos de João Ferreira Gomes, vulgo João das Pedras, sobre sua trajetória de vida através das fontes orais. Pudemos identificar que a crença nos furtos para os pobres dignificou o ladrão aos olhos de seus devotos. Além disso, a comoção com sua morte e com o cortejo do cadáver “carregado como um porco”, a impunidade do responsável pela sua morte são apresentados nas narrativas como indícios da santidade do ladrão. O túmulo de João das Pedras é outro exemplo da distinção das devoções aqui estudadas. A preservação das memórias sobre o João das Pedras é através da oralidade e do espaço tumular.

De fato, são três devoções que nos convidam a trilhar o caminho da construção de um santo popular.

CAPÍTULO I *Constitui Imorredora Lembrança da Passagem do Extinto pelo Mundo: Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, o médico e o santo em Crateús*

Um dos maiores desafios com que se pode deparar o historiador da cultura é escolher o mito como objeto de investigação. Pois se a história exige, enquanto disciplina, a delimitação precisa do tempo e do espaço como procedimentos basilares da pesquisa, o mito é rebelde. Espalha-se por vários espaços e navega por vários tempos. Filtrado por diversas sociedades, é escrito e reescrito várias vezes ou circula oralmente, multiplicando indefinidamente as suas versões. Assim é mito, rebelde e ao mesmo tempo estável, petrificado e mutante, a provocar o historiador com suas armadilhas e transfigurações.

Jacqueline Hermann.²⁷

Neste capítulo, analisamos fragmentos da vida e da morte do médico Olavo Cavalcante Cardoso que contribuíram para a sua santificação popular em Crateús,²⁸ processo que teve início quando de seu assassinato, no dia 2 de setembro de 1969. Consideramos que esta devoção foi fabricada.

1.1 Foi morto na sua Fazenda Xavier: Memórias de um crime

As muitas informações coletadas nos jornais de circulação em Fortaleza, no ano de 1969, assim como as entrevistas realizadas em Crateús – todas analisadas em profundidade – apontaram-nos uma sequência de fatos que colaboraram para que o assassinato do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso se tornasse excepcional e tivesse desdobramentos incomuns a outros já ocorridos na cidade de Crateús.

Assim, tentamos responder às seguintes questões: O que torna a morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso singular para seus contemporâneos? Quem são os construtores da santidade do médico? Quando e como ocorre a devoção e em quais espaços?

²⁷ HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado*. A construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII). São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 11.

²⁸ A cidade de Crateús está localizada na microrregião do Sertão dos Inhamuns, aproximadamente a 350 km de Fortaleza, capital do Ceará. Sua população, estimada em 2010, era de 72 mil e 812 habitantes. Possui uma área de 2.985,411 km². Dados disponibilizados no site <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=230410#>.

A primeira hipótese baseia-se na comoção intensa que a morte dele causou ao povo de Crateús, por ter sido considerada prematura e, ao mesmo tempo, um ato de covardia dadas as circunstâncias em que ocorreu. A desigualdade na luta foi percebida e utilizada pela população para dimensionar a covardia do ato, uma vez que o médico lutou sozinho contra três agricultores, somada à crueldade – considerando-se o número de facadas (cinco perfurações) desferidas em seu corpo – e também ao impacto das últimas palavras proferidas por ele.

No conflito que culminou na morte do Dr. Olavo Cardoso, consideramos o conceito de propriedade privada, defendido pelos jornais e pelos entrevistados em suas narrativas orais, de modo que pudéssemos analisar os sentidos acerca da posse da terra e da relação entre patrão e empregado vivenciada pelo médico e seu vaqueiro.

Os relatos sobre o atendimento médico prestado aos pobres de Crateús, em domicílio, nos hospitais e até mesmo nas ruas, pelo Dr. Olavo Cavalcante Cardoso – que exerceu sua profissão de forma ímpar, em meio à precariedade e à desigualdade social entre os ricos e pobres daquela sociedade no ano de 1969 – contribuíram para a crença em sua santidade.

Como segunda hipótese, acreditamos que a ampla cobertura jornalística como também a participação e mobilização da família após o crime particularizam a origem da devoção. Desse modo, os jornais e a família do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso construíram os vestígios para que sua santidade fosse fabricada. Os jornais incentivaram a piedade e o clamor popular e família, por sua vez, objetivando protegê-lo do esquecimento, utilizaram-se de diversos veículos impressos e orais, dentre outros, para propagarem uma memória pública sobre o sofrimento da vítima. A cobertura especial do assassinato devia-se à importância da vítima como figura pública em Crateús, onde, além de exercer a medicina, havia sido prefeito.

Tais ações que influenciaram sobre a memória do passado²⁹ revelam como um fato pode ser manipulado para favorecer interesses particulares. A primeira impressão e a versão oficial construída sobre o fato foi a que ficou gravada na memória dos contemporâneos do falecido.³⁰ Neste ponto, explicitamos a nossa compreensão acerca de memória como processo

²⁹ Cf. Carlo Ginzburg, “[...] as ações humanas podem, contudo, influir poderosamente sobre a memória do passado, distorcendo seus vestígios, degredando-a ao esquecimento, condenando-a à destruição”. In: *Olhos de Madeira*. Nove Reflexões sobre a Distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 216.

³⁰ Lucette Valensi, em seu estudo sobre a batalha de Alcácer Quibir, percebeu que persistiram falsas impressões, o que levou a compreensão de que “[...] a primeira impressão produzida por um fato ou um objeto é aquela que permanecerá gravada na memória, mesmo que novas informações venham retificá-la, quem sabe até contradizê-la”. No caso em particular da morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, a versão divulgada pelos

permanente de construção e reconstrução do passado, como elaboração que se dá no presente respondendo a questões instigadas pelo presente.³¹

Percebemos, em dois momentos, o empenho da família na construção da devoção. Primeiro, quando, após a morte, mandou erigir um cruzeiro de madeira – monumento³² que alude ao passado e marca o lugar onde o médico morreu –, espaço que construiu “[...] experiências inteligíveis”, “conferindo-lhes significados” que extrapolam o fato de um assassinato. Afinal, o monumento era público, mas as memórias que ele recebeu e receberia ao longo de sua criação seriam também individuais.³³

De fato, intencionava-se trazer o passado dos fatos até o presente, recriando-o, conduzindo-o ao futuro, possibilitando-nos, por exemplo, perceber ‘o passado diante de nós’.³⁴ Essa foi a origem do monumento configurado em ambiente devocional, a ser utilizado pelos devotos do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso para pedidos de graças e pagamentos de promessas.

A segunda participação da família se deu com a distribuição de uma fotografia do médico (uma espécie de “santinho”, imagem utilizada em promessas e também para agradecimentos), o que cooperou para a divulgação dos primeiros milagres e para elevação da imagem do familiar morto à santidade.

jornais, em 1969, é a que prepondera na oralidade, apesar de dois entrevistados terem se oposto à versão oficial. Desse modo, a primeira impressão publicada sobre o crime foi a que ficou gravada na memória dos crateuenses. VALENSI, Lucette. *Fábulas da memória: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo*. Maria Helena Franco Martins, (Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 43.

³¹ Ulpiano T. Bezerra de Meneses, ao dissertar sobre a construção e reconstrução da memória, assegurou que “O esforço ingente com que costumam investir grupos e sociedades, para fixá-la e assegurar-lhe estabilidade, é, por si, indício de seu caráter fluido e mutável”. Nessa concepção, percebemos que em Crateús, a cada ano, é criada uma forma de reviver o crime do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, como alternativa para assegurar a fixação da memória no presente. Homenagens são feitas pelos jornais no mês de sua morte e até a denominação de espaços públicos, como aconteceu em 2014, quando uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) foi inaugurada com o seu nome. MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais”. In: *Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 34:9-24, 1992, p.10-11.

³² O monumento aqui interpretado pela concepção do autor Jaques Le Goff : “[...] os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador”. LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In: *História e Memória*. Bernardo Leitão (Trad.). 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003, p. 525.

³³ MENEZES, Ulpiano Bezerra de. “Os Paradoxos da Memória”. In: *Memória e Cultura: a importância da memória na formação cultural humana*. Danilo Santos de Miranda (Org.). Edições SESC - São Paulo, 2007, p. 29.

³⁴ Segundo Janaína Amado, “[...] graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro, isto é: dessa capacidade da memória brota a consciência que nós, humanos, temos do tempo. Esta, por sua vez, permite-nos compreender e combinar, de muitos modos, as fases em que dividimos o tempo [...]”. AMADO, J. “O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral”. In: *História*. São Paulo, 14, 1995, p. 131-132.

Crateús aceitou o santo fabricado pelos jornais e pela família do médico e, a partir de 1969, o escolheu para render suas homenagens. Foi abolida da escrita dos jornais e das narrativas sobre o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso a complexidade dos atos humanos. Foi-lhe dedicada a simplicidade das essências, suprimida qualquer dialética, qualquer elevação para lá do visível imediato. Foi organizado um mundo sem contradições, que criou uma clareza feliz em torno de sua imagem de médico, de homem e de ex-prefeito: sua santidade popular parecia significar por ela própria, como se o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso tivesse nascido para morrer santo.³⁵

A fabricação de sua santidade em Crateús afastou-se da imprevisibilidade que originaram os cultos ao João das Pedras e Isabel Maria da Conceição também estudada nesta pesquisa, em outros capítulos. Mesmo reconhecendo que a devoção foi impulsionada e intencionada, a consagração do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso como santo popular pertence aos ares do sagrado, quando a fé de seus devotos, movida por critérios individuais, o colocaram além da razão, atribuindo-lhe um caráter específico: ele é o milagreiro que os socorre em suas aflições.³⁶

Começamos pelos fragmentos da vida do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso que foram recordados pelo jornal *Gazeta do Centro-Oeste* em sua edição de nº 285, de 2009. Os leitores são advertidos de que “Crateús: [está a] 40 anos sem Olavo Cardoso” (*Vide* Anexo 1). A publicação é de setembro, mês de aniversário de morte do médico.

Todo ano, nesse período, há uma edição que tem por objetivo lembrar a trajetória do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, um lembrete para os contemporâneos da época e uma apresentação para os que desconhecem os fatos que cercaram a sua morte. O passado é retomado, recriado e reatualizado. Há, portanto, no presente, o controle das memórias do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso.³⁷

³⁵ BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1982, p. 163-164.

³⁶ De acordo com Roger Caillois, “O Sagrado aparece, assim, como uma categoria da sensibilidade. Na verdade, é a categoria sobre a qual se? [*sic.*] assenta a atitude religiosa, aquela que lhe dá o seu caráter específico, aquela que impõe ao fiel um sentimento de respeito particular, que presume a sua fé contra o espírito de exame, a subtrai à discussão, a coloca fora e para além da razão”. *Vide*: CAILLOS, Roger. *O Homem e o Sagrado*. Edições 70. Lisboa, s/d. p. 20.

³⁷ Segundo Jacy Alves Seixas, “A materialidade da memória aparece-nos como algo que “irrompe”, como uma irrupção. É este trazer à tona que constitui o fundamento mesmo da memória, pois o passado que “retorna” de alguma forma não passou, continua ativo e atual”. A notícia impressa e também de cunho virtual sobre os 40 anos da morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso tem a pretensão de irromper o esquecimento ou desconhecimento dos sujeitos em Crateús sobre o crime, intencionava ativar a comoção pública mais uma vez sobre o caso. *Vide*: SEIXAS, Jacy Alves. *Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Orgs.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. p.42-45.

Está registrada em jornal que Olavo Cavalcante Cardoso, filho de Miguel de Araújo Cardoso e Maria de Lurdes Cavalcante Cardoso, nasceu no dia 15 de agosto de 1925, em Crateús. Do nascimento e da origem familiar, segue a informação de sua formação profissional: “[...] formado pela Faculdade Fluminense de Medicina (Niterói) em 1952, ano em que começou a clinicar em Crateús [...]”³⁸, aos 27 anos de idade, e portando seu CRM-CE 351 começava a trabalhar tanto no hospital público quanto no privado. Casou-se com “Idelzuíte Ximenes Cavalcante, com quem teve duas filhas: Márcia e Sásquia, e três filhos: Olavo Júnior, Miguel Neto e José Neto”.³⁹

No ano de 1969, o jornal *A Gazeta de Notícias* de Fortaleza, por sua vez, noticiava que o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso era “[...] médico do 4º Batalhão de Engenharia e Construção e diretor de uma Policlínica [...]”,⁴⁰ contabilizando 17 anos do exercício da medicina. O médico é apresentado pelo jornal a *Tribuna* como uma “[...] pessoa bastante querida e bem relacionada naquele município”.⁴¹ Do presente para o passado, a imagem apresentada pelos jornais é a de um pai, esposo e homem íntegro dedicado à profissão.

Nas entrevistas realizadas em Crateús, foi descrito que a atenção do médico no atendimento aos pobres era a sua principal característica, condição que o diferenciava dos demais médicos da cidade. Além de clinicar nos hospitais, ele acorria aos chamados de socorro vindos das casas dos amigos e até dos desconhecidos, segundo nos relatou em entrevista a senhora Maria do Socorro Monte Barbosa: “Meus sobrinhos, minha irmã [...] ele vinha consultar na casa dela, [...]era na casa de qualquer um que chamasse. Ele era um médico caridoso, bom mesmo! Ele ia, e era sem ganhar nada”.⁴²

É descrito indiretamente o “[...] arquétipo da santidade: o santo, antes de mais nada, é alguém alheio às contingências da vida mundana”.⁴³ O que o torna singular e o qualifica de caridoso em Crateús é o ato de não cobrar remuneração aos mais pobres, condição sempre mencionada, como podemos constatar na entrevista do senhor Márcio Campina e de Raimunda Ferreira Maia:

³⁸ “Crateús: 40 anos sem Olavo Cardoso”. *Gazeta do Centro-Oeste*. 12 anos. Jornalismo, Ética, Liberdade, Compromisso e Democracia. Ano XIII. Nº 285. Terça-feira, 15 de setembro de 2009, p. 5. Crateús – CE. Autor desconhecido.

³⁹ Idem.

⁴⁰ “Ex-Prefeito Morto a Faca em Crateús”. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII. Nº 12.185. 3 de setembro de 1969, p. 1. Fortaleza-CE. Autor Desconhecido.

⁴¹ “Assassinado médico e ex-prefeito de Crateús”. *Tribuna*. Ano XII. Nº 1.910. 3 de setembro de 1969, p. 1. Autor desconhecido.

⁴² BARBOSA, Maria do Socorro Monte. 72 anos, casada, doméstica aposentada, residente na Rua Firmino Rosa, Centro, Crateús, Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 14 de abril de 2009.

⁴³ MILLIET, Maria Alice. *Tiradentes: O corpo do herói*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 160-162.

O Dr. Olavo sempre foi tido aqui, em Crateús, [...] uma pessoa muito boa. Era um médico humanitário, [...] atendia as pessoas no consultório, no meio da rua, na casa dele, em todos os lugares. As pessoas que não tinham condição de comprar o remédio [...] ele, além de receitar, ainda dava o medicamento. Era uma pessoa muito querida, iluminada por Deus. Aqui existia só a Policlínica. Ele saía, de madrugada, de casa, pra atender urgência, pra qualquer que fosse a pessoa.⁴⁴

Qualquer pessoa que adoecesse corria logo [...].

Chegava lá e ele perguntava: – Você tem dinheiro?

A pessoa dizia: – Não tenho.

Ele dizia: – É porque se você tivesse dinheiro, eu mandava você procurar um médico particular, mas como você não tem, vambora. Butava a pessoa no carro e levava.⁴⁵

A trajetória do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso é descrita “pelos testemunhos díspares” e “pelos relatos de memória, pelos boatos, rumores [...]”⁴⁶ sobre o seu ofício. Em seus atos, são vislumbrados a “[...] incorporação de valores e códigos de conduta [...]”.⁴⁷ Há um consenso sobre a sua bondade, que estabelece também a contraordem do contexto da época, induzindo à reflexão de que a atenção, dedicação e atendimento realizados pelos outros médicos em Crateús eram distintos do rendido pelo Dr. Olavo Cavalcante Cardoso.

A cidade de Crateús contava com dois únicos hospitais na década de 1960. O primeiro, o Hospital Regional do 4^o Batalhão de Engenharia e Construção, que realizava atendimentos gratuitos à população em geral. E a Policlínica de Crateús, de ordem particular, que teve como um dos fundadores e proprietários o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso.

Os casos mais graves eram conduzidos a Santa Casa de Misericórdia, em Sobral ou Fortaleza. Somente em primeiro de novembro de 1979 seria fundado o Hospital São Lucas pelos médicos Dr. José Fernandes da Silva e pelo Dr. Francisco Sales de Macedo que, de início, funcionava como hospital particular. Na década de 1980 foi denominado como Hospital Geral de Crateús e passou a realizar atendimentos de ordem pública.

Advém da carência do povo, que não dispunha de amplo sistema público de saúde, e que, sem condições de ser atendido pelo hospital particular, considera que o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso era um *médico humanitário*, situação expressada pela atitude do médico

⁴⁴ CAMPINA, Márcio. 38 anos, radialista, residente na Rua Coronel Jiló, bairro São Vicente, em Crateús, Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 7 de setembro de 2009.

⁴⁵ MAIA, Raimunda Ferreira. Dona de casa, casada, 50 anos, residente no bairro do Corrente. Entrevista realizada em sua residência, no dia 03/07/2007.

⁴⁶ In. *Os Sete Pecados da Capital*. São Paulo: Hucitec, 2008, p.147).

⁴⁷ Idem.

que doava o seu atendimento, e até mesmo os medicamentos como foi exemplificado também no caso de Cleomar Ferreira Batista, que lembrou ter sido atendida por ele quando criança:

[...] Eu adoeci e não tinha remédio que curasse. Já era tarde da noite, quando eu acordei sem poder respirar, nem nada. Meu irmão mais velho, com a minha mãe e meu pai me levaram. A mamãe quando chegou lá na farmácia [...] Os farmacêuticos não entendia o problema [...] Aí disse: – o Dr. Olavo tá bem aqui com uns amigos dele. Eu chamo já ele para olhar. Ele tava na roda de amigo, bebendo, quando o rapaz foi chamar. Ele só fez falar que tinha uma menina morre num morre, sem respirar mais. Ele deixou tudo e foi me atender. Quando chegou, mandou aplicar logo uma injeção. Depois ainda encheu minhas mãos de balinha (bala - grifos nossos). Meu pai perguntou quanto era; ele disse que deixasse com ele a injeção que tinha pegado na farmácia e os remédios que tinha me dado para mim tomar em casa. Ele não queria nada. Era numa farmácia.⁴⁸

As crianças e as mulheres grávidas são as mais descritas nas narrativas sobre as consultas do médico. Esta informação é relevante ao se constatar que são estes pacientes que compõe a grande maioria de seus devotos. Os atendimentos do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso não se restringiam à cidade. A senhora Maria de Fátima do Carmo Lopes explica que sua mãe foi socorrida pelo médico quando teve complicações no parto:

Minha mãe viveu muitos anos por causa dele. Porque minha mãe ia ganhar neném, e o neném tava atravessado [...]. A gente morava na fazenda. Meu pai foi buscar um cavalo e pegou ele em Crateús, à uma hora da manhã. Ele era médico muito bom, dificilmente uma pessoa morria nas mãos dele. Nós ficamos devendo isso a ele. Era [...] caridade demais. Ele não tinha esse negócio [...] se tinha dinheiro, muito bem! Se não tinha dinheiro, não era problema. Não tinha hora pra atender [...] do dia, da noite, com chuva, com sol. No interior, naquele tempo, não passava carro [...] não tinha estrada, era a cavalo. Ele salvou a vida de muitas e muitas mulheres, de muitas, principalmente, de parto.⁴⁹

O escritor crateusense Norberto Ferreira, conhecido como Ferreirinha, descreveu que o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso: “era médico e bom; muito atencioso”, lembrando o dia em que nasceu sua filha caçula, Rita Maria: “Eu cheguei na casa dele e disse: – Doutor, eu tô precisando que você vá urgente lá em casa fazer um parto”. A isso, ele teria respondido: “– Você já tá com uma menina lá, já deixei uma menina lá pra você.” Para o senhor Ferreirinha, o doutor “era simples assim”.⁵⁰

⁴⁸ BATISTA, Cleomar Ferreira. 49 anos, doméstica. Entrevista realizada no dia 05/04/2013, em sua residência no bairro Cachoeira, em São Benedito.

⁴⁹ LOPES, Maria de Fátima do Carmo. 53 anos, professora aposentada, casada, natural de Crateús, residente na Rua Washington, nº 307, bairro Santa Rita, em Crateús. Entrevista realizada no dia 19/07/2008, em Fortaleza, quando de sua visita à casa da filha, Ana Keyla Lopes, residente na Avenida Jovita Feitosa.

⁵⁰ FILHO, Noberto Ferreira. 91 anos, escritor e comerciante aposentado, residente na Rua Firmino Rosa, Centro, Crateús, Ceará. Entrevista realizada em sua residência no dia 14 de abril de 2009.

As narrativas sobre o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso o equiparam a outros médicos igualmente conhecidos no Brasil como dedicado aos pobres. Trajetórias de vida unidas pela formação e dedicação à medicina e, principalmente, pelo destino que tiveram após a morte. Citaremos três exemplos em particular.⁵¹

O cearense Dr. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti – nascido em 1831 no Riacho do Sangue, então Província do Ceará, e formado em medicina no Rio de Janeiro – ficou conhecido como o médico dos pobres porque sempre trabalhou junto às classes sociais menos favorecidas, especializando-se no tratamento de pessoas com problemas mentais. Após a morte, foi considerado um espírito de luz.⁵²

O Dr. Camilo Salgado, nascido em 22 de maio de 1874, cursou até o quarto ano de medicina em Salvador e depois transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde se diplomou em 1911. Trabalhou em Belém do Pará, onde era um exímio cirurgião. De acordo com Aristoteles Guillio de Miranda, o médico Camilo Salgado destacou-se pelo pioneirismo e o grau de dificuldade de seus atos médicos, os quais lhe deram fama e notoriedade entre seus pares e parte da comunidade beneficiada por seu trabalho, principalmente os mais pobres, a quem atendia sem visar recompensa financeira. Um dos fatos relatados sobre seu desprendimento é a falência de uma farmácia da qual seria dono, tantas foram as doações de medicamentos a quem não tinha dinheiro. Em 1938 morreu acometido por um infarto, aos 55 anos.⁵³ Desde então passou a ser cultuado como santo popular em Belém.⁵⁴

Nascido em Maranguape em 1911, Dr. Argeu Gurgel Braga Herbster, também formado no Rio de Janeiro, destacou-se a partir de 1941 em sua cidade natal pelo seu

⁵¹ Interessante observar que ambos se formaram no Rio de Janeiro. Não conseguimos apontar se há uma relação ideológica do lugar (cidade) e a faculdade onde estudaram e viveram com a forma como desenvolveram a sua prática médica. O que percebemos como diferencial destes médicos diante da sociedade onde atuaram é, sobretudo, a sensibilidade para com os mais necessitados.

⁵² Segundo Antonio Mourão, o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti “[...] chegou a organizar uma classificação dos distúrbios mentais e a estruturar modelos de intervenção terapêutica, principalmente as relacionadas aos mecanismos de desobsessões. [...] seria também conhecido como um grande propagador da doutrina espírita. *Vide*: CAVALCANTE, Antonio Mourão e GREENFIELD, Sidney M. *Dr. Argeu: a construção de um santo popular*. Fortaleza: Editora UFC, 2003, p.15-16.

⁵³ MIRANDA, Aristoteles Guillio de. “Camilo Salgado: o médico e o mito”. Notável pelo conhecimento científico, este médico é cultuado como santo popular no Pará. *SINTONIA*. Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo. Edição 35. Abril/Maio/Junho de 2006. *Vide*: <http://www.Cremesp.org.br/?siteAcao=Revista&id=243>.

⁵⁴ Outra característica percebida na trajetória do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso e na do Dr. Camilo Salgado é que, na construção da santidade deste último, a sua “[...] bondade, e que foi uma espécie de ‘salvador’ das camadas pobres da cidade, por atendê-las seja de dia, seja de noite” são sempre mencionadas. COSTA, Éden Moraes da. “De médico e santo popular: a devoção ao doutor Camilo Salgado em Belém do Pará”. *Revista Estudos Amazônicos*. v. V, n. 2 (2010), p. 53.

devotamento aos pobres, aos loucos e às mulheres grávidas. Atendia, sem distinção, todos os pacientes, e doava medicamentos aos despossuídos.⁵⁵ Segundo o autor Antonio Mourão Cavalcante, o médico nunca concorreu a nenhum cargo político apesar de sua família ter dominado o cenário político de Maranguape nos anos de 1960 a 1970. Dr. Argeu faleceu aos 50 anos e tornou-se objeto de devoção em sua cidade.⁵⁶

Ao contrário do Dr. Argeu Gurgel Braga Herbster, o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso concorreu a um cargo público, no entanto a atenção que ele dedicava aos pobres nunca foi interpretada por nenhum entrevistado ou pelos jornais como forma de angariar votos. Suas ações foram descritas como naturais, embora acreditemos que a sua popularidade contribuiu para que fosse eleito, em 1962, ao cargo de prefeito de Crateús.

As eleições [...] aconteceram em 1962, quando disputaram a Prefeitura o médico Olavo Cavalcante Cardoso (PSD), tendo como candidato a vice-prefeito José Bezerra de Melo, contra novamente o advogado Gonçalo Claudino Sales (UDN), que topou a disputa tendo como companheiro de chapa Amando Marques Mourão. Olavo Cardoso foi eleito e governou a cidade até junho de 1966.⁵⁷

A vida política do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso foi interrompida durante o Regime Militar,⁵⁸ quando foi acusado de “malversação do dinheiro público”. É através da divergência política expressa no jornal que podemos enxergar uma imagem pública do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso extremamente diferente da referente ao médico íntegro que ajudava os pobres.

Na questão política, ele é visto como mau administrador e falsificador de leis, situação que corrobora junto com a oposição dos vereadores para a sua remoção da sua função de

⁵⁵ Segundo Cavalcante e Greenfield, “Ele atendia também aqueles que não podiam pagar, dedicando tanto tempo quanto com aqueles que remuneravam o ato. Ele atrasava as consultas muitas vezes na semana para atender aqueles que não tinham condições financeiras”. Vide: CAVALCANTE, Antonio Mourão e GREENFIELD, Sidney M. *Dr. Argeu: a construção de um santo popular*. Fortaleza: Editora UFC, 2003. p. 28.

⁵⁶ Para Antonio Mourão Cavalcante e Sidney M. Greenfield, o reconhecimento do Dr. Argeu como santo popular era quase inevitável, uma vez que foi “[...] um médico tão conhecido e de tão renomada competência, associado a uma constante disponibilidade de atendimento a todos, não tivesse sua fama crescente no conceito do povo. Ele passou a ser procurado por todos aqueles que sofriam. Ele é a última chance de cura para os desesperados”. *Idem*, p. 36-41.

⁵⁷ “Crateús de Ontem: OLAVO CAVALCANTE CARDOSO”. *Gazeta do Centro-Oeste*. Publicação online. 02/09/2012. Site: gazetacrateus.com.br/v2010/cultura/crateus-de-ontem-46/. Autor desconhecido.

⁵⁸ A Ditadura Militar foi quando as Forças Armadas retirou do poder o então presidente João Goulart no dia 30 de março de 1964. Os militares permaneceriam no poder até 1984. O Regime antidemocrático, autoritário que governou o Brasil é conhecido principalmente pela perseguição, prisão, tortura e morte aos opositores políticos e até aos suspeitos de oposição ao regime. Período marcado pela censura a imprensa e a liberdade de expressão. Diversos políticos no Brasil tiveram seus mandatos cassados. Vide: GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

prefeito. É a primeira vez que ele não é aceito unanimemente na cidade, embora ainda seja exposto que um único vereador se opôs à cassação, entregando a presidência da câmara e o seu cargo de vereador:

A partir de 31 de março de 1964, o Brasil passou a conviver com a Ditadura Militar. Os vereadores de oposição passaram a perseguir o prefeito e até pediram a cassação do seu mandato por crime de responsabilidade, malversação do dinheiro público e falsificação de algumas leis. Naquela época, era presidente da câmara o vereador Francisco Soares de Sousa, que renunciou ao cargo de presidente da câmara e ao mandato de vereador, porque não iria presidir uma sessão para cassar o mandato do prefeito ou de qualquer forma viesse a prejudicá-lo. O vereador Antônio Barbosa assumiu a presidência do Legislativo, interinamente e, em sessão extraordinária, no dia 6 de junho de 1966, os vereadores decretaram o *IMPEACHMENT* que retirou o prefeito Olavo Cardoso do poder. Reunidos os vereadores passaram a discutir sobre a ocupação da vaga de prefeito. Nenhum deles se dispôs a assumir o cargo, razão por que foi pedida Intervenção Federal no município, com a eleição de Antônio Evaldo Frota para a Presidência da Câmara.⁵⁹

Faltam estudos para apontar os prefeitos cassados durante a Ditadura Militar no Brasil. Pesquisamos a fim de encontrar uma lista desses nomes. Somente os cargos de deputados estaduais e federais são mencionados no *site* do Tribunal Superior Eleitoral (constam nesta lista nomes como o de Luiz Carlos Prestes).

Sobre os prefeitos cassados, notícias municipais lembrando fatos da cidade mencionam a cassação no período da ditadura, exemplo, o caso do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso. Em 16 de maio de 2012 foi criada a Comissão Nacional da Verdade que também investiga estes casos de cassação e torturas cometidos na Ditadura Militar.⁶⁰ O nome do médico foi encontrado apenas na lista que menciona os candidatos eleitos no ano de 1962 (*Vide Anexo 2*).

O que nos interessa discutir no caso da cassação do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso é que, o que poderia significar uma mácula na trajetória pública do médico em Crateús, apresentou um efeito inverso. Foi utilizado como argumento para justificar que o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso dentro ou fora da Prefeitura Municipal de Crateús intencionava prioritariamente trabalhar para e pelo povo: “[...] não impediu, no entanto, a aguerrida missão

⁵⁹ “Crateús de Ontem. Retrospectiva de Eleições Municipais”. *Gazeta do Centro-Oeste*. Crateús – CE. Publicação *online*. 02/09/2012. *Site*: gazetacrateus.com.br/v2010/cultura/crateus-de-ontem-37. Autor desconhecido.

⁶⁰ A Comissão Nacional da Verdade foi criada pela Lei 12528/2011 e instituída em 16 de maio de 2012. A CNV tem por finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988. Em dezembro de 2013, o mandato da CNV foi prorrogado até dezembro de 2014 pela Medida Provisória nº 632. *Vide*: <http://www.cnv.gov.br/index.php/institucional-acesso-informacao/a-cnv>.

de trabalhar em benefício do povo da sua terra. No seu consultório, continuou fazendo o mesmo atendimento caritativo, sempre com o objetivo de proteger os mais humildes habitantes de sua terra”.⁶¹

Conseguimos apenas uma breve gravação da senhora Maria do Socorro Monte Barbosa sobre o assunto: “Tinha sido prefeito, naquela época [...] eu nem lembro, mas parece que ele foi tirado da prefeitura antes do tempo”.⁶² Observamos que embora as memórias sobre o médico e ex-prefeito estejam entrelaçadas, há nas narrativas orais uma superposição da trajetória do médico a de prefeito, embora esta última menção seja a mais intitulada nos jornais quando se referiram sobre a morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso.

O fato de ter sido cassado, favoreceu para que a sua atuação enquanto prefeito de Crateús não fosse mencionada e quiçá questionada. Um indício de que a memória individual e, portanto “a mesma série de eventos conhecerá inflexões e transformações ao longo do tempo”.⁶³

Os pormenores de sua vida particular foi outro assunto pouco abordado nas entrevistas e nos jornais pesquisados. O senhor Norberto Ferreira Filho relatou que Dr. Olavo Cavalcante Cardoso “Era muito disposto” e quando criança “[...] foi um menino muito alegre, esportista, e gostava de brigar, ele era forte e valente, viu? Gostava de futebol, jogava muito futebol”.⁶⁴

A senhora Maria do Socorro acrescentou que, apesar de médico, ele “Bebia, mas aquela bebida não fazia mal a ninguém”.⁶⁵ Ainda, sobre o homem, foi dito que ele frequentava o ‘cabaré’, em Crateús: “Podia ir no cabaré que ele tava com as militris. Mas isso não consta que ele era ruim”.⁶⁶ Nesta descrição, percebe-se a intenção da entrevistada de humanizar a atitude do médico, passível de errar como qualquer outro homem. Nas entrevistas, as descrições se concentraram nos fragmentos pitorescos da vida do Dr. Olavo Cavalcante

⁶¹ Idem.

⁶² BARBOSA, Maria do Socorro Monte.

⁶³ Conforme Valensi, “[...] o conteúdo das lembranças responde à pressão coletiva e às solicitações do presente”.
Vide: VALENSI, Lucette. *Fábulas da memória: a Batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo*. MARTINS, Maria Helena Franco (Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994, p. 10.

⁶⁴ FILHO, Norberto Ferreira.

⁶⁵ BARBOSA, Maria do Socorro Monte.

⁶⁶ MAIA, Raimunda Ferreira. Dona de casa, casada, 50 anos, residente no bairro do Corrente. Entrevista realizada em sua residência, no dia 03/07/2007.

Cardoso, ao passo que a *Gazeta do Centro-Oeste* prendeu-se a traços da aparência física do médico, descrevendo-o como de “[...] estatura baixa e de compleição física avantajada”.⁶⁷

Ao analisar a devoção ao Padre Cícero Romão Batista, em Juazeiro do Norte – Ceará, o historiador Francisco Régis Lopes Ramos percebeu que as narrativas sobre o santo popular – que havia sido padre e prefeito naquela cidade – buscaram silenciar episódios ou, ainda, atribuir-lhes outro sentido, de modo que não maculassem a imagem ou comprometessem a hombridade do taumaturgo, afinal, para os narradores-fieis, a vida do Pe. Cícero era exemplar, a despeito de saberem de sua “[...] direta participação na política dos coronéis ou Sedição de Juazeiro”.⁶⁸

A vida do santo é recortada com o intuito de selecionar apenas as atitudes que já apresentariam ou anunciariam a sua santidade. Marília Schneider, disserta que “o propósito hagiográfico elimina tensões ou quaisquer contradições que tenham marcado o dia-a-dia [...]”⁶⁹ do hagiografado.

Segundo Michel de Certeau, a hagiografia é “a rigor um discurso de virtudes”, que veste o santo pelo extraordinário e pelo maravilhoso.⁷⁰ O que podemos caracterizar na hagiografia escrita e falada do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso como extraordinário seriam os atendimentos aos pobres, e o maravilhoso, por sua vez, os atendimentos após a morte, as curas, os milagres.

Compreendemos, ainda, que a memória é, segundo Ulpiano Bezerra de Menezes, um mecanismo de seleção, de descarte, de eliminação. Esquecer, sem dúvida, é condição de vida humana.⁷¹ Entendemos que o propósito da eliminação e do esquecimento percebido nos relatos da trajetória do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso pauta-se na santidade do médico. Deste modo, as narrações dos fatos priorizaram as consultas, o sofrimento do assassinato e os milagres.

⁶⁷ “Crateús: 40 anos sem Olavo Cardoso”. *Gazeta do Centro-Oeste*. 12 anos. Jornalismo, Ética, Liberdade, Compromisso e Democracia. Ano XIII. Nº 285. Terça-feira, 15 de setembro de 2009, p. 5. Crateús-CE. Autor desconhecido.

⁶⁸ RAMOS, Francisco Régis Lopes. “A Santa Cruz do Deserto: Memórias sobre o Caldeirão”. *Revista Proj. História*. São Paulo. (17), nov. 1998, p. 365.

⁶⁹ No estudo sobre o menino Antoninho da Rocha Marmo, Marília Schineider apontou que não foram mencionadas “as lembranças das brincadeiras e do convívio com outras crianças. Predominam as lembranças de um menino que se juntava a outras crianças para lhes ensinar o catecismo ou celebrar a missa”. Tal memória denota a intenção de diferenciá-lo das outras crianças, ressaltando-o como um prodígio. SCHNEIDER, Marília. *Memória e história* (Antoninho da Rocha Marmo). São Paulo: T. A. Queiroz, 2001, p. 17.

⁷⁰ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Maria de Lourdes Menezes (Trad.). Arno Vogel (revisão técnica). 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006. p. 273.

⁷¹ MENEZES, Ulpiano Bezerra de. “Os Paradoxos da Memória”. In. *Memória e Cultura: a importância da memória na formação cultural humana*. Danilo Santos de Miranda (Org.). Edições SESC – SP, 2007, p. 23.

De início, a *Gazeta de Notícias*, que investigava a motivação do assassinato do médico, publicou que estava descartada a relação deste fato com a sua cassação: “Em Fortaleza, seus familiares desmentiram a possibilidade de qualquer motivação política para sua morte porque, desde que teve seu mandato cassado, durante o governo Castelo Branco, o ex-prefeito afastou-se inteiramente da Política”.⁷²

A partir do dia 3 de setembro de 1969, vários jornais de Fortaleza passaram a fazer, de forma detalhada e constante, a cobertura do crime: os fragmentos da história foram esmiuçados e retrabalhados, e o desenrolar do acontecimento passou a ser tecido pela expectativa das cenas seguintes. Foi o princípio da fabricação da piedade ao morto e da transformação de um fato comum para o incomum.⁷³

O jornal *Tribuna do Ceará* publicou na mesma data que a morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso estava relacionada a uma disputa de terras entre ele e os agricultores que residiam nas proximidades de sua Fazenda Xavier, localizada a poucos quilômetros de Crateús. A manchete trazia em destaque o número das facadas deferidas na vítima:

Com Cinco Facadas Assassinado Médico e Ex-Prefeito

Segundo se informa, os agricultores José Cândido e Felício Crateús derrubaram na propriedade do Sr. Olavo 60 braças de cêrca, alegando que a mesma avançava em sua propriedade. Prolongaram a polêmica que terminou em luta corporal. No entanto, sabe-se que o Dr. Olavo foi atingido por 5 profundas facadas, tendo morte imediata. Colhemos ainda através do Serviço Estadual de Radiocomunicação que a briga teve início quando Dr. Olavo foi informado pelo seu vaqueiro da derruba da cêrca, dirigindo-se imediatamente para sua Fazenda de nome Xavier. Lá chegando, encontrou-se com os seus dois vizinhos de terra. Iniciaram a discussão e o Dr. Olavo vendo que o caso era de vida ou morte sacou de seu revólver e disparou três tiros contra José Cândido, atingindo-lhe de raspão. Nesta oportunidade Felício Crateús aplicou-lhe 5 profundas facadas, postando-o ao chão sem vida.⁷⁴

A disputa pelas “60 braças de cêrca” da Fazenda Xavier não era recente. O espaço configurava-se num território conflituoso. A posse de seus limites envolveram o antigo

⁷² “Ex-Prefeito Morto a Faca em Crateús”. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII. Nº 12.185. 3 de setembro de 1969, p.1. Fortaleza-CE. Autor desconhecido.

⁷³ De acordo com Sandra Jatahy Pesavento, as notícias repetidas seguidamente buscam mobilizar a população para acompanhar o fato: “excepcional e inusitado lhe dá alento, pois desperta atenção, torna-se assunto de debate e apaixonadas tomadas de posição”. Vide: PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Na Contra-mão da vida: o caso da crioula Fausta, o pássaro negro do beco do poço”. In: *Os Sete Pecados da Capital*. São Paulo: Hucitec, 2008. ISBN 978-85-60438-80-8. p. 148.

⁷⁴ “Com cinco facadas assassinado médico e ex-prefeito de Crateús”. *Tribuna do Ceará*. Ano XII. Fortaleza-CE, 3 de setembro de 1969. Nº 4.911, p. 12.

proprietário, culminando na sua morte a faca, situação descrita pela *Gazeta de Notícias*, que intitulou os acontecimentos de:

A ORIGEM

Segundo colhemos, a Fazenda Xavier já viu tombar sem vida dois proprietários, por causa de questões de terra. A primeira vítima foi o senhor Cícero Soares que, por causa de divergências de limites com seus vizinhos, foi assassinado à faca. Atualmente, morava nos fundos da terra, numa faixa que não foi cercada, o agricultor Manuel Lino, o qual se dizia dono, pois tinha mais de trinta anos de morador e por isso entendia que já tinha direito de posse, como seus moradores José Rodrigues e Felício Crateús. Acontece que, recentemente, o Dr. Olavo mandou cercar toda esta terra, o que teve má recepção por parte de Manuel Lino e seus moradores, que já se sentiam donos. Segunda-feira passada, Manuel e seus moradores reuniram-se e destruíram todo o serviço mandado fazer pelo legítimo proprietário. Sabendo da notícia, o Dr. Olavo foi até o local [...].⁷⁵

Não foi informada a distância temporal entre os dois homicídios – o do senhor Cícero Soares e do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso – nem os assassinos do primeiro, entretanto a intensa cobertura sobre a origem e o desfecho do segundo levou-nos a refletir sobre a fabricação da santidade do médico, tendo em vista o tratamento distinto dispensado ao seu caso, apesar de ambos terem a questão da terra como o mesmo ponto de partida.

Os jornais *Gazeta de Notícias* e *Tribuna do Ceará*, em circulação, à época, em boa parte das cidades cearenses, proporcionaram larga repercussão ao segundo, elevando-o à categoria de caso de estado, ao passo que o assassinato do senhor Cícero Soares obteve somente repercussão local, apresentado como mais um motivado pela querela sobre a posse da terra, comum no sertão cearense. De fato, o que diferenciava os dois crimes era o *status* do proprietário. O senhor Cícero Soares foi apenas um dos proprietários daquela fazenda; Olavo Cavalcante Cardoso, por sua vez, foi prefeito e médico da cidade e, portanto, uma representação da elite. Privilegiou-se um acontecimento a outro, na compreensão de que a morte de um era aceitável, mas inadmissível a do médico.

Nas entrelinhas dos discursos jornalísticos, e mesmo nas vozes dos crateuenses, a diferenciação se apresentava na origem nobre (entende-se por nobreza, neste exemplo, a posição de destaque que ele ocupava na cidade) do médico e ex-prefeito. A condição de

⁷⁵ “Continua Foragido um dos Matadores do Ex-Prefeito de Crateús”. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII. Nº 12.186. Quinta-feira, 4 de setembro de 1969, p. 6. Fortaleza – CE. Autor desconhecido.

vítima foi atribuída somente ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso. Destacava-se o homem público assassinado pelos homens comuns: os agricultores.⁷⁶

Ao mesmo tempo, a individualidade do médico foi deixada de lado para que a imagem do santo martirizado fosse construída, e na exposição da morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso foi propagada a sua origem nobre, característica básica na descrição hagiográfica do santo. Segundo Michel de Certeau, a utilização da origem nobre (conhecida ou oculta) não é senão um sintoma da lei que organiza a vida do santo.⁷⁷

A derrubada da cerca pelos vizinhos da Fazenda Xavier foi assunto sempre relatado pelo vaqueiro Zuza ao médico que, por sua vez, ordenava-lhe, segundo as narrativas, que a colocasse no seu lugar de origem.

Naquela tarde de 2 de setembro de 1969, a notícia repetida ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso acarretou outra atitude. O médico teria seguido para a Fazenda Xavier. O vaqueiro aconselhara-o a levar consigo a polícia, conforme nos relatou o senhor Márcio Campina: “– Leve a polícia lá. Aí o Doutor Olavo teria dito essa frase pro vaqueiro Zuza: – Minhas coisas quem resolve sou eu. Não precisa de polícia não”.⁷⁸

Logo após, “[...] por volta das 10 horas daquele dia, Olavo alugou uma camioneta Rural, pertencente ao conhecido motorista de praça, Flor, e juntos seguiram para o lugar Xavier [...]”.⁷⁹ O Dr. Olavo Cavalcante Cardoso levou consigo “[...] uma bereta, [...] espécie de pistola [...] automática [...]”.⁸⁰

A condução da arma prenunciava um confronto entre as partes. Os vizinhos e agricultores José Cândido Rodrigues da Silva, Felício Cratiú e Manoel Lino o aguardavam, “[...] armados com arma típica do homem do campo: [...] faca, peixeira”.⁸¹ Segundo a senhora Cleomar Ferreira Batista, outras armas teriam sido utilizadas para atingir o Dr. Olavo

⁷⁶ Conforme Michel de Certeau, na estrutura do discurso sobre um santo, assim como também na sua hagiografia, “[...] a individualidade conta menos que o personagem. Os mesmos traços ou os mesmos episódios passam de um nome próprio a outro: as combinações destes elementos flutuantes, como palavras ou joias disponíveis, compõem tal ou qual figura e lhe atribuem um sentido. Mais do que o nome próprio, importa o modelo que resulta desta “tergiversação”; mais do que a unidade biográfica, o recorte de uma função e do tipo que a representa”. Vide: CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Maria de Lourdes Menezes (Trad.). Arno Vogel (revisão técnica). 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006, p. 273.

⁷⁷ Idem

⁷⁸ CAMPINA, Márcio.

⁷⁹ “Crateús de Ontem. OLAVO CAVALCANTE CARDOSO”. *Gazeta do Centro-Oeste*. Publicação online. 02/09/2012. Site: gazetacrateus.com.br/v2010/cultura/crateus-de-ontem-46/. Autor desconhecido.

⁸⁰ CAMPINA, Márcio.

⁸¹ Idem.

Cavalcante Cardoso: “mataram de enxada, de pá, de foice, de picareta, de tudo. Isso foi em Xavier, que as terra dele era lá [...]”.⁸²

O Dr. Olavo Cavalcante Cardoso estava “[...] na presença do vaqueiro. Ele não podia fazer nada, tava desarmado”,⁸³ assegurou o senhor Márcio Campina, apesar de a *Gazeta do Centro-Oeste* ter assegurado que o médico fora sozinho à Fazenda Xavier:

Segundo comentários, por falta de acesso, o carro não tinha como chegar até a casa dos litigantes, motivo porque, armado e a pé, seguiu até lá. Não houve conversa, e sim uma discussão entre o médico e os seus desafetos. [...] O motorista, que ficou no lugar onde estava o carro, ouviu alguns disparos de arma de fogo e, em seguida, a notícia de que Dr. Olavo recebera seis facadas.⁸⁴

O médico deparou-se com a “[...] resistência de todos eles, terminando com sua morte de maneira trágica”.⁸⁵ A ênfase na quantidade de perfurações (seis facadas) procurava assinalar a violência da qual o corpo dele fora alvo. Arriscamo-nos a inferir das entrelinhas deste discurso que a intenção dos agricultores, na ocasião, era matá-lo, fosse por legítima defesa do corpo e da terra, ou por ira e ódio das circunstâncias. Tal reflexão se faz possível com base no artigo de Natalie Zemon Davis sobre a “raiva e a legítima defesa”, pelo qual nos dissuadiu a perceber que “por mais que seja a mão que cometa o homicídio, é o coração que o concebe [...] por ira e ódio”.⁸⁶

Após o confronto, o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso “[...] foi colocado no carro e, ainda vivo, foi transportado para Crateús, porém não resistiu e morreu na localidade de Grota, próximo ao açude municipal, distante três quilômetros da cidade”.⁸⁷ A descrição da morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso aflora o mártir cristão naquilo que ele tem de vítima imolada: a desigualdade da luta conferiu a dignidade ao morto.⁸⁸

Os jornais da Capital, *Gazeta de Notícias e Tribuna do Ceará*, foram enfáticos ao informar que o médico morreu na Fazenda Xavier. Entretanto, há divergências, quanto à

⁸² BATISTA, Cleomar Ferreira.

⁸³ CAMPINA, Márcio.

⁸⁴ “Crateús de Ontem. OLAVO CAVALCANTE CARDOSO”. *Gazeta do Centro-Oeste*. Publicação online. 02/09/2012. Site: gazetacrateus.com.br/v2010/cultura/crateus-de-ontem-46/. Autor desconhecido.

⁸⁵ “Continua Foragido um dos Matadores do Ex-Prefeito de Crateús”. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII. Nº 12.186. Quinta-feira, 4 de setembro de 1969, p. 6. Fortaleza –CE. Autor desconhecido.

⁸⁶ DAVIS, Natalie Zemon. “A raiva e a legítima defesa”. In. *Histórias de Perdão e seus narradores na França do século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 63.

⁸⁷ “Crateús de Ontem. OLAVO CAVALCANTE CARDOSO”. *Gazeta do Centro-Oeste*. Publicação online. 02/09/2012. Site: gazetacrateus.com.br/v2010/cultura/crateus-de-ontem-46/. Autor desconhecido.

⁸⁸ MILLIET, Maria Alice. *Tiradentes: O corpo do herói*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.143-144.

notícia acima. A senhora Maria do Socorro Monte relatou, em entrevista, ser a proprietária do lugar onde o médico passou seus últimos instantes:

Trouxeram ele, o motorista [...] butaram lá no carro, em cima, porque ele ainda não tava morto [...] até falou no caminho. Quando chegou lá no terreiro da minha casa, aí pararam o carro e ele acabou de morrer. Ficou bastante sangue derramado no chão. Eu não vi, que eu não morava lá naquele tempo. O pessoal disse que ele ainda disse assim: – tantas vidas que tinha salvado e agora ia morrer sem ajuda. Morreu novo.⁸⁹

O senhor Márcio Campina também repetiu as palavras finais do médico: “[...] vinha no carro, perdendo sangue, já debilitado, devido ter perdido muito sangue [...] aí ele disse lá pra quem vinha com ele: – Meu Deus, eu salvei tantas vidas e hoje ninguém vai conseguir salvar a minha. E morreu”.⁹⁰

A frase sensibilizou os ouvintes que ficaram ainda mais compadecidos do falecimento do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso. As palavras suplicavam por piedade e denunciavam que o agonizante discordava daquele.

Era a fabricação do abandono, da morte sem socorro. Analogia que indiretamente associava-o a Jesus Cristo, quando questionou ao seu pai na cruz o seu destino: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”. Este foi o grito de Jesus em Mateus 27:46. De fato, as últimas palavras tiveram o poder de atribuir mais dramaticidade à morte. As últimas palavras de Getúlio Vargas, por escrito, na carta/testamento repercutiram o desejo do presidente de permanecer na vida pública que igualmente na memória: “[...] sair da vida para entrar na História”.

O sentido atribuído à frase do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso era que o médico merecia ser salvo. Se a salvação do corpo e da vida foi impossibilitada pelos ferimentos das facadas, ela viera através de sua santificação popular. A própria frase foi utilizada como comprovação do rito de passagem do homem para o santo. Ouvimos, informalmente em Crateús, que “ele não podia ter mais força para dizer aquilo, tava muito ferido; se ele falou, foi porque já era santo, ele já tinha se santificado”. A morte trágica suplicava por piedade: “Todo mundo ficou com muita dó, porque foi muita crueldade, Ave Maria!”.⁹¹

⁸⁹ BARBOSA, Maria do Socorro Monte.

⁹⁰ CAMPINA, Márcio.

⁹¹ BATISTA, Cleomar Ferreira.

O Dr. Olavo Cavalcante Cardoso morreu no dia 2 de setembro de 1969, aos seus 40 anos, “homicídio ocorrido às 15 horas”,⁹² segundo a *Gazeta de Notícias*:

Ex-Prefeito Morto a Faca em Crateús

Ex-prefeito de Crateús, Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, foi morto com seis facadas, no interior de sua residência na Fazenda Chavier (*sic.*), a poucos quilômetros de Crateús, pelos indivíduos José Cândido e Felício Crateús, que fugiram em seguida. O homicídio ocorreu às 15 horas [...].⁹³

José Cândido Rodrigues, um dos agricultores,

[...] se responsabilizou pelo crime, recebeu balaços disparados por uma pequena pistola conduzida pelo Médico. Três dos assassinos foram presos, mas dois outros se refugiaram. Apenas José Cândido, baleado, assumiu o crime, enquanto os outros negaram, mas a polícia e o povo suspeitaram que todos, em número de cinco, foram culpados, especialmente o autor intelectual do crime, Manoel Lino, que fugiu.⁹⁴

O conflito foi explicado, mais uma vez, pelo direito de posse da propriedade:

[...] Manuel Lino está sendo apontado como a mola-mestra do crime, porque era o responsável pela origem da questão. Devido morar há mais de trinta anos em terra, hoje de propriedade do médico assassinado, julgava-se com direito de posse e instava com os demais moradores para não arredarem o pé dali, pois já tinham direito de posse e a eles competia segurar a propriedade que julgavam ter adquirido.⁹⁵

Sabemos que o vaqueiro José Bezerra Paula, conhecido por Zuza, residia na Fazenda Xavier, em companhia de sua esposa e dos oito filhos. Ele era o homem responsável pela administração e pelo trabalho da Fazenda, situação esta que era corriqueira naquela região. O médico visitava a propriedade em suas folgas.

Manoel Correia de Andrade descreveu a forma como os proprietários das fazendas no sertão nordestino pagavam seus vaqueiros, situação semelhante à vivenciada pelo senhor Zuza nos anos de 1969: “O vaqueiro não recebia salário. Sua remuneração correspondia a um

⁹² Ex-Prefeito Morto a Faca em Crateús”. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII. Nº 12.185. 3 de setembro de 1969, p.1. Fortaleza – CE. Autor desconhecido.

⁹³ Idem.

⁹⁴ “Crateús de Ontem. OLAVO CAVALCANTE CARDOSO”. *Gazeta do Centro-Oeste*. Publicação online. 02/09/2012. Site: gazetacrateus.com.br/v2010/cultura/crateus-de-ontem-46/. Autor desconhecido.

⁹⁵ “Matador do Médico Vem para Fortaleza”. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII. Nº 12.187. Sexta-feira, 5 de setembro de 1969, p. 6. Fortaleza – CE. Autor desconhecido.

quarto da produção da fazenda, pois em cada quatro bezerros que nasciam, um lhe pertencia e os outros três eram do proprietário”.⁹⁶

Na Fazenda Xavier havia um pequeno plantio de feijão, mandioca e milho e uma criação de gado bovino (vacas leiteiras) e suíno, e também de galinhas. Fomos informados na pesquisa de campo em Crateús que tudo era repartido entre o vaqueiro e o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, padrinho de três dos oito filhos do senhor Zuza. Conforme Francisco Régis Lopes Ramos, no sertão, a relação de padrinho para com o afilhado deve ser compreendida como um laço de proteção ante as inseguranças do devir, como as secas, doenças e privação de recursos.⁹⁷

Levando-se em consideração que a situação cotidiana e a relação entre o vaqueiro e proprietário mantinham a normalidade previsível, concluímos que foram os assassinatos ocorridos na Fazenda que trouxeram visibilidade ao lugar comum. De fato, a pendência entre o médico e os agricultores derivava da delimitação da terra. Para a senhora Maria do Socorro Monte, a problemática residia na diferença de significado sobre a utilidade da terra para ambas as partes. Os papéis de vítima e culpado foram analisados no relato da entrevistada, no qual ressaltou a índole dos agricultores envolvidos no assassinato:

[...] a terra lá já tinha sido antigamente de questão com outros homens. Se mataram dois lá, numa briga. [...] depois passou pra ele as terras, aí ele entrou em questão. Sei que ele derrubava a cerca e os pobres faziam, e assim ficou. Só que o tribunal nunca deu direito [...] que aquelas terras eram sobras de terra, e aquele pessoal, a família, os velhos e os filhos e os genros morando naquele cantinho e trabalhando. E precisavam daquela terra para viver e o doutor não precisava daquelas terras, não ia utilizar para nada. Os homens moravam lá, tinha a casinha lá. Dizem o pessoal [...] que ele ia até queimar as casinhas do pessoal lá, certamente com tudo dentro. Porque se ia queimar as casas era com tudo. Ele foi, disse, que levando gasolina [...] história que o povo conta [...] que ele levava gasolina para queimar as casas. Aí, em vez de matar o povo, ele foi quem morreu. Um era Zé Cândido, Felício Cratiú e o outro era José Lino. O Zé Lino, o pai da família. Eu conheci eles todos. Eram boa gente [...] que vive só da sua vida mesmo, do seu trabalho, pobrezinho demais, só viviam daquele trabalho da roça.⁹⁸

A partir deste ponto, o crime passou a ser avaliado segundo as leis e os códigos [...] que fazem apelo aos preceitos legais, a normas morais, e [...] a discorrer sobre teorias que

⁹⁶ ANDRADE, Manuel Correia de. *A Terra e o Homem no Nordeste*. Editora Brasiliense, p. 147.

⁹⁷ Conforme o autor, a relação entre padrinho e afilhados “[...] guarda íntima relação com as estruturas de poder desenvolvidas na chamada Região Nordeste”. *Vide*: RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O verbo encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Unijuí, 1998. p. 39.

⁹⁸ BARBOSA, Maria do Socorro Monte.

explicam e classificam a natureza dos delitos e o perfil dos criminosos.⁹⁹ Nesta concepção, os agricultores assassinaram o médico em legítima defesa, por terem se sentido ameaçados pela possibilidade de terem suas casas incendiadas. Além do mais, a terra era para eles não somente o local onde residiam como também de trabalho. Tinham uma vivência cotidiana naquele espaço e precisavam da terra para sobreviver, eis o que os diferenciava do médico.

Já nos referimos anteriormente sobre as informações jornalísticas que abordaram a disputa entre os proprietários das fazendas vizinhas pela delimitação da terra. De um lado, o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso e, do outro, Manoel Lino. Os demais agricultores estariam a serviço dos dois; eram seus capangas no ato do assassinato.

Desprovidos de uma resolução jurídica sobre as fronteiras da fazenda, tanto o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso quanto seus vizinhos resolveram solucionar a questão à mão armada. A violência, nesses casos, era uma prática habitual. Segundo Francisco Régis Lopes Ramos, as manifestações do poder local aconteciam, em geral, no sertão, com a marca da violência. O homicídio era a forma de se fazer justiça. Sem mediação do poder público, puniam-se os inimigos tirando-lhe a vida.¹⁰⁰

A violência no sertão decorrente de contendas entre fazendeiros é tema presente na literatura e também na cinematografia brasileira. Citamos, como exemplo, o romance *O sertanejo*, de José de Alencar, publicado em 1875, que abordou os conflitos entre o proprietário da fazenda Oiticica – capitão-mor Gonçalo Pires Campelo – e o também capitão Marcos Fragoso, outro fazendeiro abastado da região. A relação entre os dois seguiu numa tensão crescente que culminou numa grande luta armada.¹⁰¹

Segundo José de Alencar, as disputas pela terra começaram com a “[...] ocupação do solo, a cobiça envolta com o orgulho gerou as lutas acérrimas e encarniçadas que durante o século dezoito assolaram a nascente colônia”. Um exemplo desse tipo de disputas foi a “guerra de extermínio das duas poderosas famílias dos Montes e dos Feitosas, que se acabou

⁹⁹ PESAVENTO, Sandra Jatthy. “Na Contra-mão da vida: o caso da crioula Fausta, o pássaro negro do beco do poço”. In: *Os Sete Pecados da Capital*. São Paulo: Hucitec, 2008, p. 149.

¹⁰⁰ RAMOS cita o trabalho do historiador Billy Chandler (*Os Feitosas e o sertão dos Inhamuns de 1700 a 1930*) sobre as instituições políticas, segundo o qual “as instituições políticas eram fracas, e isso resultava na utilização frequente de outros meios para solucionar assuntos que, de acordo com a lei, estavam sob a alçada do governo”. RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O verbo encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Unijuí, 1998, p. 40.

¹⁰¹ MARTINS, Eduardo Vieira. *José de Alencar e a Violência do Sertão*. Floema – Ano VII, n. 9, p. 61-71, jan./jun. 2011. FFLCH/USP – São Paulo, p. 69.

pelo aniquilamento da primeira”.¹⁰² O romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, abordou a disputa pela demarcação da Fazenda São Bernardo entre o personagem Paulo Honório Paulo, o proprietário, e seu vizinho, Mendonça, que insistia em avançar os limites.¹⁰³

No filme *Abril despedaçado*, lançado em 2001 sob a direção de Sérgio Machado, a disputa pelos limites de terras desencadeou entre duas famílias uma luta que percorreu gerações. A violência e a vingança marcam a trajetória do filme. A trégua entre as famílias ocorreu somente após um assassinato, porém a camisa do morto, estendida numa cerca sob o sol, já sinalizava que a próxima morte ocorreria quando a mancha de sangue estivesse amarelada. Este era o aviso de que havia chegado o momento de o assassino ser capturado e morto, dando início a um novo ciclo de mortes.

Os exemplos acima e o caso do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso guardam semelhanças estritas no que tange à violência relacionada à defesa da terra decorrente da fragilidade das instituições políticas e da ausência de leis específicas que regulamentassem essas questões. Nesse tipo de cenário imperava a justiça privada, movida pelos interesses particulares.

É interessante observar que, tanto na literatura como no cinema, o desfecho para todos os casos foram os assassinatos (e não a fabricação de um santo popular como no caso do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso), o que nos leva a aceitar que era (ou ainda é?) frequente, no sertão nordestino, ocorrerem homicídios motivados por disputa de terras. É a propagação da morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso que constrói a excentricidade ao fato. Divulgação que ocorreu pelos diversos veículos escritos, orais.

Os contemporâneos da morte do médico, como Raimunda Ferreira Maia, relembram ter visto a passagem do corpo em cima de um carro, precisamente às

[...] 3 horas da tarde [...] andava eu e a outra irmã, a Cleonice, quando correu a notícia na cidade que tinham assassinado o doutor Olavo. Nós vinha passando em frente à Policlínica, que nós tava vendendo **broa** (um tipo de biscoito caseiro feito de goma de mandioca) [grifo nosso], quando vimos aquele carro com um corpo coberto com um lençol branco.¹⁰⁴

A comoção pública foi divulgada pelo

Jornal *O POVO*, de Fortaleza, que aqui veio para fazer cobertura da trágica morte do médico Olavo Cardoso, estampou, na primeira página, na edição

¹⁰² Idem. p. 63.

¹⁰³ Mendonça acabou sendo misteriosamente assassinado. RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Editora Record. 29ª ed. Rio de Janeiro, 1978.

¹⁰⁴ MAIA, Raimunda Ferreira.

do dia 3 de setembro, uma quarta-feira, a seguinte manchete: “Crateús Traumatizada com o Crime do Médico e Ex-Prefeito”.¹⁰⁵

A propagação da morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso nos jornais legitimava na memória coletiva dos crateuenses a importância do médico e do homem para aquela sociedade que “[...] chorou copiosamente a morte de um dos seus filhos mais queridos – o médico Olavo Cavalcante Cardoso”.¹⁰⁶

A senhora Maria do Socorro lembrou em sua entrevista que a morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso foi também propagada pela Rádio Educadora em Crateús: “Foi muito comentada, até aqui [...] no dia que ele morreu [...] eu lembro que a Rádio Educadora passou o dia tocando aquela musiquinha de funeral, o dia todinho”.¹⁰⁷ A bandeira da cidade, na Prefeitura Municipal de Crateús, exibiu-se a meio mastro em sinal de reverência a seu ex-prefeito. A cobertura jornalística seguiu reportando os momentos fúnebres. Primeiro, o velório, quando muitos adentraram à casa do falecido para lhe render a última homenagem, e ver “[...] seu corpo sendo velado por seus pais, pela esposa, familiares e por populares”.¹⁰⁸

Segundo, o

Convite Enterro

Dr. Olavo Cavalcante Cardoso

Idelzuite Ximenes Cardoso e Filhos, Miguel de Araújo Cardoso e esposa, José Cardoso e família, Mozart Cardoso e família, Dr. José Anastácio Magalhães e família, e Antônio Valmir Bezerra e família, comunicam o falecimento de DR. OLAVO CAVALCANTE CARDOSO, ocorrido na Cidade de Crateús, e convidam os demais presentes e amigos para o seu sepultamento hoje, às 10 horas, em Crateús.

Antecipadamente agradecem aos que comparecerem a êsse ato de piedade cristã.¹⁰⁹

¹⁰⁵ Citação feita pela matéria: “Crateús: 40 anos sem Olavo Cardoso”. *Gazeta do Centro-Oeste*. 12 anos. Jornalismo, Ética, Liberdade, Compromisso e Democracia. Ano XIII, n. 285. Terça-feira, 15 de setembro de 2009, p. 5. Crateús – CE. Autor desconhecido.

¹⁰⁶ “Crateús de Ontem: OLAVO CAVALCANTE CARDOSO”. *Gazeta do Centro-Oeste*. Publicação online. 02/09/2012. Site: gazetacrateus.com.br/v2010/cultura/crateus-de-ontem-46/. Autor desconhecido.

¹⁰⁷ BARBOSA, Maria do Socorro Monte. 72 anos, casada, doméstica aposentada, residente na Rua Firmino Rosa, Centro, Crateús, Ceará. Entrevista realizada em sua residência no dia 14 de abril de 2009.

¹⁰⁸ Citação feita pela matéria: “Crateús: 40 anos sem Olavo Cardoso”. *Gazeta do Centro-Oeste*. 12 anos. Jornalismo, Ética, Liberdade, Compromisso e Democracia. Ano XIII, n. 285. Terça-feira, 15 de setembro de 2009, p. 5. Crateús – CE. Autor desconhecido.

¹⁰⁹ “Ex-Prefeito Morto a Faca em Crateús”. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930), Ano XLIII, n. 12.185. 3 de setembro de 1969, p. 6. Fortaleza – CE. Autor desconhecido.

Em terceiro, o sepultamento, ocorrido “[...] entre lágrimas de seus conterrâneos, quando foi sepultado [...] na cidade de Crateús, o corpo do médico Olavo Cavalcante Cardoso [...]”,¹¹⁰ que:

Com grande acompanhamento de amigos e admiradores” seguiu o corpo do “médico Olavo Cavalcante Cardoso” que “foi sepultado às 10 horas de ontem, após seu corpo ter sido visitado por noventa por cento da população crateuense.¹¹¹

No seu funeral estiveram presentes familiares, amigos, correligionários políticos, companheiros do ofício clínico, funcionários da Policlínica fundada pelo falecido, pacientes e curiosos que o acompanharam até o Cemitério São Miguel:

O corpo do ex-prefeito foi sepultado hoje, às 10hs30m, no Cemitério São Miguel, sob a consternação geral da população e com o acompanhamento de mais de três mil pessoas, entre as quais as autoridades e representações dos estabelecimentos escolares locais. O Dr. Olavo Cavalcante era o mais famoso médico de Crateús.¹¹²

Enquanto a cidade rendia as homenagens derradeiras ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso era noticiado a situação dos criminosos, “os mártires atraem as simpatias como os algozes se tornam dignos das maldições populares”.¹¹³

Quando o médico e ex-prefeito de Crateús Olavo Cavalcante Cardoso era sepultado, às 10h30 de hoje, sob trauma geral da população daquela cidade, a Polícia já havia deitado mão sobre três dos cinco autores do bárbaro assassinato e estava caçando os outros dois com volantes policiais fortemente armados; são caçados por volantes policiais de 12 horas. Um dos acusados, o agricultor João Cândido, que está gravemente ferido por três balas que o médico disparou antes de morrer, responsabilizou-se pelo crime [...] (Dos enviados Marcelo Pontes e João Guilherme, na página 6).¹¹⁴

José Cândido Rodrigues da Silva, “O capataz [...] está morrendo sem médico. O único cirurgião que poderia extrair-lhe as balas seria exatamente o ex-prefeito que ele diz ter

¹¹⁰ “Continua Foragido um dos Matadores do Ex-Prefeito de Crateús”. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII, n. 12.186. 4 de setembro de 1969, p. 6. Fortaleza – CE. Autor desconhecido.

¹¹¹ “Está Mal Assassino do Médico”. *Tribuna do Ceará*. Ano XII, n. 4.911, p. 7. Fortaleza, 4 de setembro de 1969.

¹¹² Citação feita pela matéria “Crateús: 40 anos sem Olavo Cardoso”. *Gazeta do Centro-Oeste*. 12 anos. Jornalismo, Ética, Liberdade, Compromisso e Democracia. Ano XIII, n. 285. Terça-feira, 15 de setembro de 2009, p. 5. Crateús – CE. Autor desconhecido.

¹¹³ MILLIET, Maria Alice. p. 43.

¹¹⁴ Citação feita pela matéria: “Crateús: 40 anos sem Olavo Cardoso”. *Gazeta do Centro-Oeste*. 12 anos. Jornalismo, Ética, Liberdade, Compromisso e Democracia. Ano XIII, n. 285. Terça-feira, 15 de setembro de 2009, p. 5. Crateús – CE. Autor desconhecido.

assassinado, com ajuda de outros”.¹¹⁵ A gravidade do quadro do capataz era maior pela recusa do seu atendimento:

MATADOR DO MÉDICO VEM PARA FORTALEZA

O Secretário de Polícia e Segurança Pública, Major Hamilton Holanda, determinou ontem que fosse trazido para a capital, com a finalidade de ficar internado no Hospital da Polícia Militar do Ceará, o agricultor José Rodrigues da Silva que, na terça-feira última, foi ferido com três tiros de revólver, na localidade de “Xavier”, município de Crateús, numa luta em que perdeu a vida o médico Olavo Cavalcante Cardoso, por causa de uma questão de terra.

O agricultor passa muito mal no Hospital do Quarto Batalhão de Engenharia e Construção em Crateús, sem receber os devidos cuidados médicos porque os esculápios daquela Cidade, em sinal de protesto pelo assassinato do colega, não querem dar-lhe assistência, e todo o tratamento, inclusive intervenção cirúrgica, está sendo feito pelo enfermeiro. O enfêrmo está sendo esperado aqui a qualquer momento.¹¹⁶

Os sentimentos venceram a norma e a ordem, deixando vestígios. A revolta, a raiva e, principalmente, a dor da perda dissuadiram aqueles médicos a renegarem o juramento que fizeram de salvar vidas. O desejo maior se punha em punir o algoz do amigo morto, uma resposta ou reação em face da realidade. São princípios e valores que marcaram a conduta e que motivaram a ação e possibilitaram para o presente e o futuro um registro jornalístico acerca do sentimento e emoção desses sujeitos.¹¹⁷ Acreditamos que os médicos, ao recusarem prestar socorro ao assassino do médico, possibilitaram mais visibilidade ao assassinato do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso.

A ação de recusa não obteve nenhuma penalidade legal advinda do Conselho Regional Medicina – CRM que, de acordo com o jornal, desconhecia os fatos:

Caso de Crateús não Chegou ao Centro Médico

O Centro Médico Cearense desconhece, oficialmente, os acontecimentos de Crateús, onde os médicos se recusaram a atender o agricultor José Rodrigues

¹¹⁵ “Está Mal Assassino do Médico”. *Tribuna do Ceará*. Ano XII, n. 4.911, p. 7. Fortaleza, 4 de setembro de 1969.

¹¹⁶ “Matador do Médico Vem para Fortaleza”. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII, n. 12.187. Sexta-feira, 5 de setembro de 1969, p. 6. Fortaleza – CE. Autor desconhecido.

¹¹⁷ Cf. Sandra Jatahy Pesavento, “Todo o sentimento ou emoção, por mais subjetivo ou espiritual que seja, deve deixar marcas de historicidade, deve se expor numa materialidade objetiva, para que possa ser recuperado, como registro sensível do passado. Por tênues que sejam, o olho do historiador deve ensaiar ver, nestes traços objetivos, a marca de uma experiência sensível [...] que motivam a ação”. A atitude dos médicos humanizava-os diante de todos, exibia o sentimento deles ante a morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, assim como reafirmava para o público crateuense e em geral a importância social do médico naquela comunidade, ação de protesto pode ser compreendida também como um pedido de justiça para os assassinos. PESAVENTO, Sandra Jatahy, p. 14.

da Silva, um dos matadores do ex-prefeito Olavo Cavalcante Cardoso. Seu presidente, Edilson Gurgel, disse que somente mediante comunicação das autoridades daquele município é que a entidade adotará posição. José Rodrigues internado no Batalhão do Exército, em Crateús, foi atendido por um enfermeiro da corporação.¹¹⁸

O silêncio do Centro Médico de Fortaleza sugere uma concordância e compreensão diante da atitude dos médicos de Crateús, afinal a notícia sobre a recusa do atendimento do agricultor José Rodrigues tinha sido publicada nos jornais de Fortaleza. Socorrido por um enfermeiro, a recuperação do doente descartou a sua transferência para Fortaleza:

O agricultor José Rodrigues da Silva, atingido com três tiros, durante a luta, foi submetido, ontem, à intervenção cirúrgica, tendo sido retiradas de seu tórax duas balas. O agricultor continua internado no Hospital do 4º Batalhão de Engenharia e Construção, daquela cidade. Mas seu estado de saúde não inspira cuidados e praticamente já se encontra fora de perigo.¹¹⁹

Não se sabe quanto tempo José Cândido Rodrigues da Silva permaneceu no hospital. Sabe-se, apenas, que foi preso na delegacia municipal de Crateús após ter recebido a alta hospitalar: “[...] um que ficou muito doente [...] só um que ficou muito doente, levaram para o hospital, depois para a cadeia, normal. Pouco tempo, soltaram”.¹²⁰ A prisão foi insignificante diante da gravidade do delito, defendeu o senhor Márcio Campina, e a soltura ocorreu porque “Na época, [...] já reinava a impunidade”.¹²¹

A polícia crateuense permaneceu “[...] empenhada na busca dos dois outros implicados no crime, Felício Crateús e Manuel Lino, os quais, após a prática do crime, fugiram tomando rumo ignorado”.¹²² Os jornais, depois de uma semana realizando a cobertura do caso, optaram pelo silêncio. As investigações permaneciam restritas à caça dos foragidos.

Contudo, no dia 24 de outubro de 1969, a *Gazeta de Notícias* noticiou o suicídio do vaqueiro José Bezerra Paula. A escolha pelo lugar do suicídio – a Fazenda Xavier – levantou uma associação, mesmo que indireta, ao assassinato do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso:

Suicidou-se Vaqueiro do Médico Morto em Crateús

¹¹⁸ “Caso de Crateús Não Chegou ao Centro Médico”. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII, n. 12.187. Sexta-feira, 5 de setembro de 1969, p. 1. Fortaleza – CE. Autor desconhecido.

¹¹⁹ “Continua Foragido um dos Matadores do Ex-Prefeito de Crateús”. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII, n. 12.186. Quinta-feira, 4 de setembro de 1969, p. 6. Fortaleza – CE. Autor desconhecido.

¹²⁰ BARBOSA, Maria do Socorro Monte.

¹²¹ CAMPINA, Márcio.

¹²² “Matador do Médico Vem para Fortaleza”. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII, n. 12.187. Sexta-feira, 5 de setembro de 1969, p. 6. Fortaleza – CE. Autor desconhecido.

Por meio de enforcamento, suicidou-se, ontem, na fazenda “Xavier”, no município de Crateús, o agricultor José Bezerra Paula, conhecido vulgarmente por Zuza Paula, vaqueiro do médico Olavo Cardoso, recentemente assassinado na mesma localidade, por agricultores ali residentes, por causa de uma velha questão de terra. O vaqueiro, fazendo uso de uma corda, suicidou-se, ontem, perto do meio-dia, sem que até o momento fosse esclarecida a razão por que tomou tal atitude. Segundo telegrama enviado pelo correspondente da *G. N.*, Rodrigues Vale, a notícia do seu suicídio causou grande espanto à população, sendo que nem mesmo a família do vaqueiro sabe explicar a razão e até o momento nenhuma hipótese foi levantada em torno do caso. O delegado especial daquela cidade determinou a instauração de um inquérito policial para apurar o acontecido. Até o momento em que redigimos esta notícia, na noite de ontem, o Departamento de Polícia do Interior nada havia recebido com relação ao suicídio. O coronel Chagas, diretor daquele departamento, procurado pela nossa reportagem, acentuou que estava tomando conhecimento da notícia por nosso intermédio. Contudo, existem várias hipóteses de que o suicídio do vaqueiro tenha sido motivado por questões ligadas ao assassinato do seu patrão, Dr. Olavo Cardoso.¹²³

Fomos informados em Crateús de que, após a morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, a família do vaqueiro mudou-se para Crateús, por temer qualquer confusão com os familiares dos agricultores envolvidos no crime. O vaqueiro ficou desligado do convívio com a fazenda.

Além disso, foi recriminado por muitos crateuenses que o apontaram como o coautor da morte do médico. Afinal, era o intermediário entre os agricultores e o médico sobre a questão da derrubada da cerca. A interpretação sobre a coautoria surgiu por não ter participado diretamente no conflito e não se arriscado defender o médico no confronto. A omissão significava o abandono ao amigo e patrão na hora final:

Este morreu enforcado pouco tempo depois. Ele tava lá, não sei se correu pra briga ou se ficou vendo tudo, porque nem ajudar ajudou o doutor, né? Eu acho que o pessoal ainda tiraram até os ferro do carro pra bater no doutor com os ferros do carro.¹²⁴

A senhora Cleomar Ferreira Batista interpretou o suicídio do vaqueiro como arrependimento, pois

O vaqueiro se matou, enforcado, arrependido porque chamou ele (Dr. Olavo Cavalcante Cardoso). Chamou pra olhar. Porque o vaqueiro falava com o outro dono [...] Trabalhadores [...] Nesse dia ele foi chamar, avisar pra ele

¹²³ “Suicidou-se Vaqueiro do Médico Morto em Crateús”. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII. 24 de outubro de 1969, p. 6. Fortaleza – CE. Autor desconhecido.

¹²⁴ BARBOSA, Maria do Socorro Monte.

[...]. Se sentiu o culpado por isso. Porque ele nunca imaginou que fossem fazer uma crueldade daquela [...] Ele morreu enforcado com poucos dias.¹²⁵

A culpa do senhor Zuza no crime era destacada nas narrativas, mesmo que indiretamente, como podemos observar também na entrevista do senhor Márcio Campina:

Porque naquela época, as pessoas eram mais amigas, eram mais próximas. E as pessoas eram mais conscientes do que faziam. Principalmente esse pessoal do interior, quando o patrão era bom, eles tinham assim um respeito grande demais. Uma consideração grande como se fosse uma pessoa da família. E o vaqueiro, na época, em virtude de não ter podido fazer nada pra salvar a vida do patrão, pouco depois ele cometeu o suicídio por enforcamento, seu Zuza.¹²⁶

A interpretação do senhor Márcio Campina assim como a de outros entrevistados sobre o assassinato do médico e o suicídio do vaqueiro expõe uma ligação que vai além dos laços de amizade entre o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso e o vaqueiro.

O que percebemos nas entrelinhas dos discursos analisados é a subserviência do empregado que deveria ou poderia ter oferecido sua vida no lugar do patrão ou, pelo menos, ter ceifado em combate juntamente com ele. Essa situação nos relembra o trabalho de Jacqueline Hermann, que discutiu a volta dos soldados da Batalha de Alcácer Quibir, na África, quando ocorreu a morte de d. Sebastião, afirmando que “Confessar ter sido testemunha de tal desventura era não só pessoalmente vergonhoso como ofendia a todo o corpo do reino e desonrava a todos os portugueses”.¹²⁷

Analisando a prática do suicídio na Renascença, o autor Jean Delumeau explicou que “[...] o suicida estava condenado à danação por ter desesperado do perdão divino – foi, sobretudo, apresentado aos fiéis como exemplo a não ser seguido através dos fins lamentáveis de Judas e de Pilatos”. Ainda questionando sobre a salvação ou condenação da alma do suicida, o autor apresentou o pensamento de Burton sobre o assunto: “[...] para aqueles que morreram tão obstinadamente e tão rapidamente que não puderam pedir perdão, é de se temer o pior; para aqueles que levaram algum tempo para morrer, a caridade convida a crer que tiveram tempo de se arrepender”.¹²⁸

¹²⁵ BATISTA, Cleomar Ferreira.

¹²⁶ CAMPINA, Márcio.

¹²⁷ HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado*. A construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII). São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 131.

¹²⁸ DELUMEAU, Jean. *O Pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (séculos 13 – 18)*. LORENTINI, De Álvaro (Trad.). Bauru – SP: EDUSC, 2003, p. 347-349.

Segundo Montaigne, no capítulo *Costume da Ilha de Cea*, é possível “[...] o elogio daquelas e daqueles que tiram a própria vida por grandeza de alma”, afinal “[...] se trata então de coragem e não de desespero”.¹²⁹

Nesta perspectiva, o suicídio do vaqueiro no dia 23 de outubro de 1969 pode ser compreendido pela ótica da culpa, do arrependimento e do desespero provocado pelas lembranças do fatídico dia do assassinato do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso e, principalmente, por sua situação de desempregado e julgado por um crime, do qual fora apenas uma testemunha ocular.

Para aqueles que o consideraram covarde, dar cabo da própria vida expunha a sua coragem. O vaqueiro inscrevia uma nova memória sobre si e sobre a morte do médico. Oferecia sua vida em forma de sacrifício, solicitando ou ousando pedir perdão: “O corpo supliciado [...] não elude a crueldade do fato, antes a faz eternamente presente, tornando-a moralmente relevante. [...] o horrendo castigo se converte em sacrifício [...]”.¹³⁰

Os jornais da capital cearense, sem a captura dos envolvidos no crime, cessaram de noticiar sobre a morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso. As falácias direcionadas ao médico ocorreriam em âmbito local. Em Crateús, discursos dariam conta dos milagres. Por fim, ele, que fora derrotado na Fazenda Xavier, “[...] ressurgia, então, como vencedor, verdadeiro retorno do reprimido”.¹³¹ No item seguinte, discutiremos de que forma os idealizadores fabricaram a devoção ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso e esta se faz presente no cotidiano de Crateús.

1.2 *Orai por ele*: A construção da devoção ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso

No início deste capítulo, discutimos que o atendimento oferecido pelo Dr. Olavo Cavalcante Cardoso aos pobres, mulheres e crianças em Crateús é interpretado como caridade, digna de um santo. A morte interpretada como martírio: a violência (das facadas) da qual o corpo do médico fora vítima, a sua morte em cima da carroceria de um carro, a falta do socorro e suas últimas palavras são compreendidas como o calvário do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso.

¹²⁹ Idem. p. 351.

¹³⁰ MILLIET, Maria Alice. *Tiradentes*: O corpo do herói. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 160-161.

¹³¹ Idem, p. 18.

Conforme Oscar Calavia Sáez, em seu estudo sobre mitos e mortos no campo religioso brasileiro, identificou nas devoções populares estudadas que a morte violenta é um tema muito constante, mas em determinadas ocasiões pode ser irrelevante.¹³² Marília Schneider relatou que não foi a morte trágica, mas a morte do menino Antoninho da Rocha Marmo, que aos doze anos foi vitimado por uma tuberculose, situação que funda a devoção popular.¹³³

A morte originária pela injustiça e injúria foi o estopim para o surgimento da devoção a Clodimar Pedrosa Lô, morto em 1967 na cidade de Maringá, no Paraná. Segundo Solange Ramos de Andrade, “Clodimar, tinha 15 anos, em 1967, quando foi acusado de um roubo no hotel em que trabalhava. Foi preso, torturado pelos policiais e morreu vítima dos ferimentos. A revolta da população atingiu o auge quando os policiais, acusados de matá-lo, fugiram”.¹³⁴

Podemos inferir que, no Brasil, a maioria dos casos de devoção a outros santos populares apresentaram também como características, na origem, a morte violenta. Esta característica foi analisada por Eliane Tânia Martins de Freitas no estudo acerca da devoção a José Leite Santana, o Jararaca, e a João Baracho, bandido fuzilado pela polícia em 1962. Segundo a autora, “Nos dois casos, os fatos que cercaram sua morte, trágica e pública, são narrados em torno de um eixo principal que acentua seu sofrimento incomum: o cangaceiro foi enterrado vivo, o ladrão morreu com sede. Ambos teriam tido nesse momento da morte uma oportunidade de arrependimento e conversão, dos quais teria decorrido o perdão divino”.¹³⁵

Iara Toscano Correia, em sua pesquisa sobre a devoção a João Relojoeiro em Uberlândia, Minas Gerais, identificou que a morte trágica, aliada a outros elementos presentes no corpo de João Luiz Fagundes, vulgo João Relojoeiro, foram os indícios que guiaram várias pessoas na crença de que sua invocação é responsável por fenômenos sobrenaturais e milagrosos. João Relojoeiro foi morto na década de 1950, quando foi acusado de roubo, preso

¹³² SÁEZ, Oscar Calavia. *Fantasma falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996, p. 45.

¹³³ SCHNEIDER, Marília. *Memória e história* (Antoninho da Rocha Marmo). São Paulo: T. A. Queiroz, 2001.

¹³⁴ ANDRADE, Solange Ramos de. *O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo*. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010 - ISSN 1983-2850, p.137.

¹³⁵ FREITAS, Eliane Tânia Martins de. *Memória, Ritos Funerários e Canonizações Populares em Dois Cemitérios no Rio Grande do Norte*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2006.

e torturado por membros das elites da cidade e pela polícia que, com o respaldo da justiça, não chegaram a ser punidos pelo crime.¹³⁶

Por sua vez, o processo para a canonização de um santo é longo e burocrático. Há uma investigação minuciosa que busca comprovar na biografia do sujeito, na vida e na morte, a sua excepcionalidade. A devoção aos santos católicos institucionalizados é iniciada de forma privada e local. Dentre os exemplos que dignificam os santos, citam-se: a abnegação dos prazeres mundanos, a castidade, o amor e a caridade ao próximo e aos despossuídos, a entrega da sua vida pela defesa da fé.

Conforme Marília Schneider, o processo de canonização tem como objetivo procurar exemplos contemporâneos de santidade para a emulação da fé. No processo, os candidatos à santificação são tradicionalmente julgados de duas maneiras: como mártir (testemunha), que morreu em defesa da fé ou moral cristã; ou como confessor, que manifestou as virtudes requisitadas.¹³⁷

Para Marília Schneider, o martírio “é etapa essencial na biografia de um santo e requisito para um processo de beatificação”.¹³⁸ O milagre concedido pelo candidato a santo é um dos critérios fundamentais para que o processo resulte na beatificação ou canonização: “Normalmente dois milagres são necessários para sustentar as virtudes heroicas: um para beatificação e mais um para canonização”.¹³⁹ O processo para a aceitação do novo santo pode ser compreendido em quatro etapas: a primeira é a fase pré-Jurídica; a segunda, a fase informativa; a terceira, o julgamento da ortodoxia e, por último, a fase romana.¹⁴⁰

¹³⁶ CORREIA, Iara Toscano. “A santidade no imaginário popular”. *João Relojeiro: a construção de um santo no imaginário popular*. Uberlândia – MG (1956-2002). Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

¹³⁷ Idem, p. 23-24.

¹³⁸ SCHNEIDER, Marília. *Memória e história* (Antoninho da Rocha Marmo). São Paulo: T. A. Queiroz, 2001, p. 23.

¹³⁹ Idem.

¹⁴⁰ A autora Marília Schineider descreveu as fases da seguinte forma: “1. **Fase Pré-Jurídica** – [...] esta é, na verdade, a fase promocional, cuja intenção é encorajar uma devoção privada ao candidato e convencer o bispo da diocese onde o candidato morreu de que existe uma persistente e genuína reputação de santidade. 2. **Fase Informativa** – Se o bispo local decide que o candidato possui mérito, ele institui o Processo Ordinário. O objetivo desse processo é obter material suficiente para a Congregação no Vaticano [...]. 3. **Julgamento da Ortodoxia** – Nesta fase é coletado todo o material que tenha sido escrito pelo candidato, publicado ou não. Esse material é enviado a Roma onde é analisado por teólogos. [...]. 4. **Fase Romana** – Logo que o dossiê enviado pelo bispo chega na congregação, a responsabilidade pela causa passa para as mãos do postulador [...]”. SCHNEIDER, Marília. *Memória e história* (Antoninho da Rocha Marmo). São Paulo: T. A. Queiroz, 2001, p. 108-109.

A autora observou ainda que “os mártires, contudo, podem ser beatificados sem um milagre e precisam apenas de um para a canonização”,¹⁴¹ compreensão que indica uma diferenciação institucional para a escolha do santo e uma preferência pelo martírio: “entre os dois caminhos para a santidade, o martírio é o mais antigo e seguro, pois é baseado na morte de Jesus”.¹⁴² A igreja Católica escolheu o filho de Deus para ser o modelo maior do martírio e isto significou que, “como Jesus, o mártir não procura a morte, mas a aceita livremente quando desafiado, e esquece seus inimigos”.¹⁴³

Uma das características da devoção aos santos populares é a sua origem, formação e divulgação. O seu “caráter espontâneo, na medida em que não foi e não é patrocinada ou controlada por nenhuma igreja institucionalizada”.¹⁴⁴ De acordo com Carlos Brandão, estudar a religião e religiosidade do povo é uma forma significativa para compreender a cultura popular, que aparece viva e multiforme.¹⁴⁵

Ao construir seus santos, o povo apresenta os modelos de conduta que desejam seguir. Para existirem, as devoções populares não necessitam da legalização e aceitação do seu público devocional. No cotidiano, a devoção ocorre à revelia de quaisquer oposições. É uma forma popular de produzir e viver a religião.¹⁴⁶

Segundo Francisco Régis Lopes Ramos, é a necessidade do devoto pela cura de uma doença, ou a súplica para solucionar a falta de um emprego e, por fim, a precisão de vencer as dificuldades materiais e espirituais o ponto de partida para a fé no santo popular. Assim sendo, a necessidade do devoto dita o que é ou não milagre, ao passo que a Igreja construiu sua meticulosa e criteriosa denominação do que é o milagre, que precisa ser comprovado e aprovado cientificamente. Conceção advinda de seu estudo sobre o milagre em Juazeiro do Norte, Ceará, interpretado como a hóstia transmutada em sangue na boca da beata Maria de

¹⁴¹ Ibidem.

¹⁴² SCHNEIDER, op. cit., p. 24.

¹⁴³ Idem.

¹⁴⁴ SCHNEIDER, op. cit., p. 3.

¹⁴⁵ Segundo o autor Carlos Rodrigues Brandão, é através da religiosidade popular que se percebe também como a cultura popular organiza “seus setores de produção de modos sociais de vida e dos seus símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamentos profanos e sagrados entre o domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos”. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo*. Prefácio de José de Sousa Martins. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 15.

¹⁴⁶ Segundo Carlos Rodrigues Brandão, “o que aos olhos do padre, do pastor ou do médium de gravata constitui a falha das religiões populares é o que as constitui realmente, ou seja, é o que faz que elas sejam formas populares de produzir e viver a religião. Assim como é a dúvida o que faz a fé do crente e, depois, uma razão contra a própria dúvida, assim também os desvios e as diferenças que, aos olhos dos sacerdotes letrados, separam os dois domínios, são o que faz que a religião popular seja, a seu modo, um modo de religião” (BRANDÃO, op. cit., p. 120-121).

Araújo, segundo o autor, enquanto: “[...] a Igreja, por meio de Inquéritos, procurava definir a veracidade dos ‘milagres’, o povo seguia as palavras do coração”.¹⁴⁷

De fato, o santo popular é instituído pela exposição dos milagres concedidos, prodígios que se materializam nos espaços de devoção através dos diversos ex-votos. Os devotos, com suas representações sobre o seu santo, passam a impor “[...] a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio”.¹⁴⁸

No processo de santificação popular do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso restava apenas o milagre para fundamentar a crença em sua santidade, prodígio que aconteceu na policlínica em Crateús, lugar onde o médico foi clínico, diretor e proprietário. Depois de sua morte, a família passou a se responsabilizar pela administração do hospital.

Foi no espaço familiar do médico (o seu hospital) onde seu primeiro milagre ocorreu. A família do médico intermediou o repasse da informação pela cidade, o que indicia que a devoção ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso foi fabricada e tem, na sua origem, o interesse dos familiares na construção do médico como santo.

A distância temporal entre a morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso e a propagação do milagre não foi mencionada nas narrativas. A senhora Maria de Fátima do Carmo Lopes afirmou, em entrevista, ter conhecido a mulher que foi agraciada com o primeiro milagre do médico. O conteúdo da história do primeiro milagre do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso é semelhante, conta a situação de uma paciente grávida, que estava internada na policlínica e sofria complicações em seu parto, correndo risco de morte:

É verdade [...] eu escutei e conheci a mulher. Ela disse que tava sentindo muita dor e deixaram ela na enfermaria sozinha, ela gritando. E disseram: – Eu vou chamar o médico porque o seu filho tá atravessado, não vai nascer. De repente, apareceu um homem de branco e tirou o menino dela, nasceu, nasceu normal. Ela disse que era o Doutor Olavo, chegou de branco e, de repente, tirou o menino e botou do lado dela. E foi embora. Quando os

¹⁴⁷ Cf. Francisco Régis Lopes Ramos, “Os procedimentos eram diferentes. A Igreja necessitava de investigação e reflexões da teologia para definir o milagre: seguia, de certa forma, duas orientações da racionalidade moderna, ou seja, a experimentação e o uso de um vocabulário exato, nos moldes da matemática. Por outro lado, o povo não sentia a necessidade de provas ‘racionais’ da teologia burocratizada: seguia sua fé, suas crenças predispostas a ver a manifestação do sagrado. Além de explicitar questões ligadas ao jogo político da hierarquia clerical, o conflito entre a Igreja e os fiéis de Juazeiro é um indício da modernidade que penetrou nos interstícios de um organismo apto a fazer concessões, quando os benefícios agradam ou as pressões apertam”. RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O verbo encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Unijuí, 1998, p. 102-103.

¹⁴⁸ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1985, p. 17.

médicos e as enfermeiras chegaram pra fazer a cirurgia dela, o menino já tava chorando de um lado. Eu conheci a mulher.¹⁴⁹

A narrativa estabeleceu uma memória hegemônica do primeiro milagre, história que, em particular, é a mais comentada em Crateús, submetida sempre às modificações providas da linguagem de cada narrador. Segundo a senhora Raimunda Ferreira Maia:

A mulher ficou com o parto em perigo, a criança [...] O médico, que estava assistindo, desceu e perguntou para o marido, se salvava [...] tinha que morrer uma das duas, ou a criança ou a mulher. Perguntou ele ao pai da criança:

– Você queria que salvasse quem, a esposa ou a criança? Ele (o marido) disse que podia matar a criança e deixar a mulher viva. Só que quando ele chegou lá, a mulher tava com a criança nos braços. O médico se assustou, e perguntou pra ela como foi, e quem foi que fez o parto. Como ela não sabia de nada [...] ela disse:

– Doutor, assim que o senhor saiu, entrou um médico e fez o meu parto. O doutor perguntou de que jeito era o médico. Ela disse: – Ele aparentava uns 45 anos, tinha uns olhos verdes, e o cabelo bem pretinho. Aí, do nada, o médico deduziu que era ele [Dr. Olavo Cardoso]. O médico disse: – Se você ver o retrato desse médico, você conhece? [...] Porque ainda hoje existe o retrato dele lá, no hospital, bem grande, na porta principal. Ela disse:

– Conheço, porque ele acabou de sair. Quando o senhor entrou, ele ia saindo. O senhor não viu, não?

Aí ele foi buscar o retrato. Ela disse:

– Foi esse aí mesmo! Por que, doutor?

– Não, é porque ele tinha já saído do plantão, acabado de sair, e voltou para fazer seu parto.

Porque ela tinha acabado de ganhar neném, e ele não ia dizer que era um morto, para ela não quebrar o resguardo. Pois é, ela, inocente, sem saber que estava entre a vida e a morte, nem ela e nem o filho. Mas, por isso que eu digo:

– Os homens da Terra desenganam, mas a força de Deus é maior, Deus existe.

O médico foi dizer lá em baixo que o Doutor Olavo tinha feito o milagre, foi o primeiro milagre [grifo nosso]. Depois ela ficou sabendo que ele estava morto.¹⁵⁰

A narrativa do primeiro milagre construiu o imaginário de que o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso seguia no além, preocupado com o sofrimento das mulheres padecidas na hora do parto. A crença no milagre, portanto, estava fundamentada na forma pela qual o acontecimento foi percebido:¹⁵¹ o médico ainda salvava vidas, mesmo estando morto – uma comprovação santa do seu estado de graça.

¹⁴⁹ LOPES, Maria de Fátima do Carmo.

¹⁵⁰ MAIA, Raimunda Ferreira. Dona de casa, casada, 50 anos, residente no bairro do Corrente. Entrevista realizada em sua residência, no dia 03/07/2007.

¹⁵¹ RAMOS, op. cit., p. 25).

A descrição da alvura do traje do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso insinuava, ainda, a eterna paz e tranquilidade de sua alma, afinal veio fazer o bem, diferente das descrições de aparições das almas penadas que regressam para atormentar os vivos e são associadas a imagens de horror, penúria, sujeira e escuridão. Segundo Michel Vovelle, os mortos “[...] se mostram, da mesma forma que durante a vida, egoístas ou bondosos”.¹⁵²

Toda a população de Crateús ficou aturdida pela notícia do parto. A representação do retorno do médico explorava a sensibilidade dos ouvintes. Além disso, a história assinalava que o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso era o santo, protetor dos pobres, mas sua especificidade era, principalmente, as mulheres.

O intrigante é que encontramos uma semelhança entre a história do milagre concedido pelo Dr. Olavo Cavalcante Cardoso em Crateús e uma outra contada no livro de Antônio Mourão Cavalcante sobre o milagre realizado pelo Dr. Argeu Gurgel Braga Herbster, considerado santo popular em Maranguape. O conteúdo desta história trata do parto de Christina Azevedo, 30 anos, residente em Maranguape, internada no hospital municipal a sofrer de complicações no parto. A situação piorou quando ficou sem atendimento, visto que o único médico de plantão e a equipe que a assistia foram incumbidos de socorrer as vítimas de uma colisão entre um carro particular e um ônibus.

Segundo o autor Antônio Mourão Cavalcante, na manhã seguinte ao acidente, o médico lembrou de Christina e, para sua surpresa, ao chegar ao quarto, encontrou-a com o bebê nos braços. Inquirida sobre quem havia realizado seu parto, a paciente respondeu que havia sido um outro médico. Sabendo que era o único plantonista na noite anterior, solicitou a ela que descrevesse o médico que a havia atendido. A enfermeira, que ouvia a história, saiu do quarto e retornou logo depois com uma fotografia do Dr. Argeu Gurgel Braga Herbster que ficava exposta no corredor do hospital: “– Foi esse? – Sim! Foi esse o doutor que me atendeu”.¹⁵³

O episódio ocorrido em Maranguape é anterior ao de Crateús, uma vez que o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso foi assassinado em 1969, oito anos após falecimento de Dr. Argeu Gurgel Braga Herbster, em 1961. Além do espaço temporal, trezentos quilômetros, aproximadamente, separam as duas cidades, o que impossibilitaria uma mera reprodução ou

¹⁵² VOVELLE, Michel. *As Almas do Purgatório* ou “O trabalho de luto”. MEYER, Aline e CATTANI, Roberto. (Trad.). São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 280.

¹⁵³ CAVALCANTE, Antonio Mourão e GREENFIELD, Sidney M. *Dr. Argeu: a construção de um santo popular*. Fortaleza: Editora UFC, 2003, p.7-8.

apropriação em Crateús do que ocorreu em Maranguape. As semelhanças nos dois casos são notáveis, particularmente no que se refere à situação de uma mulher prestes a dar luz está desassistida de socorro.

Em Crateús, o médico se ausentou para perguntar ao marido quem ele escolheria para sobreviver, se a esposa ou o bebê, já que o parto era de risco. Em Maranguape, a mulher sofria complicações, e estava sozinha. Foi nas ausências dos médicos vivos que os dois médicos falecidos apareceram e realizaram os partos, como de costume. As revelações sobre os dois atendimentos foi feita mediante a descrição física dos médicos concedida pelas respectivas pacientes. As fotografias dos médicos expostas nos hospitais onde trabalharam contribuíram para que os dois desconhecidos fossem reconhecidos pelas pacientes e pelas equipes hospitalares que, nos dois casos, creditavam veracidade à história, sem nenhum ceticismo. O significado, nos dois casos, é a aceitação de que o ofício de médico, mesmo após a morte, continuava. É estranho que as versões sobrenaturais das duas histórias tenham surgido nos hospitais – lugares onde a cientificidade é sempre priorizada.

Em Crateús, o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso foi reafirmado, após uma aparição onírica, como o santo das mulheres:

Seis meses que ele tinha morrido. O homem, o Clóvis Ximenes, sonhou com ele pedindo para ele fazer muitos retratos dele [...] não fizesse só um, fizesse muitos e desse a todas as mães [...], podia ser militris (termo utilizado para denominar as prostitutas – *grifo nosso*) ou casada. O homem foi [...] e distribuiu. O povo ia buscar lá na loja dele, de cimento, próximo da linha do trem, e não deu para quem quis.¹⁵⁴

O pedido feito em sonho foi, primeiramente, respeitado, sem nenhuma contestação. O regresso dos mortos no sertão cearense é mais comum do que se pode quantificar ou descrever. Os limites da fronteira invisível que separa *o além do aquém* é frequentemente transposta.

Na pesquisa de campo para a dissertação de mestrado, constatamos que o sonho é sempre descrito como uma ponte de comunicação entre os vivos e os mortos. Foi por meio de vários sonhos que a senhora Maria de Fátima do Carmo Lopes conheceu a súplica de sua prima Lúcia, já falecida, à família para que se desfizesse de seus objetos pessoais guardados desde a sua morte. Os objetos guardados pelos seus familiares causavam o pesar e o penar de sua alma. A súplica foi interpretada pela depoente como uma tentativa de Lúcia conseguir

¹⁵⁴ MAIA, Raimunda Ferreira.

salvar a sua alma. Após atender ao pedido, Maria de Fátima deixou de sonhar com a prima, o que significou para ela a constatação de que Lúcia conquistou o descanso eterno.¹⁵⁵

No sonho que mencionava o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, a súplica “[...] reivindicava uma prestação de serviço”,¹⁵⁶ que consistia na distribuição de sua fotografia em Crateús para um público específico: as mulheres. De acordo com Michel Vovelle, em seu estudo *As almas do Purgatório*, “[...] há muito mais casos de mortos reivindicativos, que solicitam as ajudas e prestações – ou as orações dos vivos – para que possam finalmente ‘soltar-se’ dos laços que os detêm [...]”¹⁵⁷ do e no mundo terreno. Ao contrário disto, a reivindicação do médico falecido demonstrava não somente o propósito dele de não desfazer os seus laços terrenos como ainda pregava a necessidade de manter o elo entre as mulheres suplicantes e ele, o médico suplicado.

O indício da participação familiar na construção da crença na santidade do Dr. Olavo Cavalcante surgiu na percepção de que a mensagem foi transmitida ao senhor Clóvis Ximenes que era irmão do médico, condição que explica o consentimento em atender a súplica do falecido.

¹⁵⁵ MAIA, Michelle Ferreira. *Lembrança de Alguém: A construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras*. Fortaleza – CE: Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará. 1ª ed., 2010.

¹⁵⁶ VOVELLE, Michel. *As Almas do Purgatório* ou “O trabalho de luto”. MEYER, Aline e CATTANI, Roberto (Trad.). São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 31.

¹⁵⁷ Idem.

Figura 1 – Dr. Olavo Cavalcante Cardoso



Fonte: MAIA, Michelle Ferreira. Acervo. Doação dos devotos.

Clóvis Ximenes escolheu para a impressão e distribuição uma fotografia do irmão recém-formado, com 27 anos. A fotografia em preto e branco, medindo 9,7 cm (noventa e sete centímetros) de comprimento e 7,5 cm (setenta e cinco centímetros) de largura. A fotografia é a mesma que está exposta no túmulo do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, no Cemitério São Miguel, e na Câmara Municipal de Crateús (na seção *Prefeitos*).

A fotografia apresenta o médico em busto frontal, jovem, trajando gravata e paletó pretos e camisa branca. De pele clara, o rosto oval e testa avantajada. Por ser uma fotografia em preto e branco, os traços, às vezes, são alterados, a exemplo da cor de seus olhos verdes que aparecem escurecido. A sobrancelha esquerda levantada instigava um sorriso contido e silenciado pelos lábios. Não há nenhuma inscrição no verso.

Peter Burke tratou em seu livro *Testemunha Ocular* da percepção de que “as Imagens dos governantes” são apresentadas “frequentemente em estilo triunfante”,¹⁵⁸ fossem em pinturas, retratos e esculturas. Mesmo quando o retratado é um homem comum, capturado pelas lentes de uma câmera, a composição da imagem não é uma construção inocente, pois

¹⁵⁸ BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Vera Maria Xavier dos Santos (Trad.). Daniel Aarão Reis Filho (Revisão técnica). Bauru: Edusc, 2004, p. 83.

inclui uma cumplicidade entre o fotografado e o fotógrafo, ambos ambicionavam capturar e elaborar “[...] gestos, que eram mais elegantes do que os gestos habituais”.¹⁵⁹

Compreendemos que o retrato do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso atendia a estes dois critérios porque associava as duas imagens, a do ex-prefeito e médico de Crateús, embora a intenção inicial fosse apenas capturar o melhor ângulo do homem. Eis a explicação para a seleção da fotografia realizada por Clóvis Ximenes. Sob a naturalidade aparente existia a intenção de propagar a imagem do médico como santo. Aparentemente a imagem se mostrava inocente.¹⁶⁰

A fotografia diferenciava-se das *lembranças* alusivas aos mortos – pequenos cartões em que, geralmente, constam uma fotografia do falecido e as respectivas datas de nascimento e morte na frente, e, no verso, uma mensagem de conforto. Tais *lembranças* são oferecidas, comumente, aos parentes e amigos, aos presentes em geral, na celebração¹⁶¹ (no final) da missa de sétimo dia.

Importante destacar que a distribuição da fotografia do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso em Crateús passava a ser “um objeto de devoção, um meio de persuasão, de transmitir informação”,¹⁶² fosse sobre a vida e morte do médico, ou da história do primeiro milagre estritamente relacionado à própria condição da circulação da fotografia na cidade. Acerca disto, Michel Vovelle articulou que “a imagem fala mesmo quando se cala”.¹⁶³ Segundo Peter Burke, em Roma no século XVI, as “imagens devocionais também tinham um

¹⁵⁹ Idem, p. 32.

¹⁶⁰ Segundo Maria Alice Milliet, para compreender “o mecanismo pelo qual a imagem gera por si só uma significação, é preciso buscar, sob a naturalidade aparente, a intenção. Não que a intenção esteja oculta (se estivesse, o mito não seria eficaz), mas porque a imagem se mostra inocente.” A intenção da família do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso era oferecer aos crateuenses a posse da imagem do médico, com o objetivo de preservar a sua memória contra o esquecimento. Além disso, a fotografia estava acompanhada de um milagre, e essa questão destituía de qualquer naturalidade ou inocência a sua distribuição. MILLIET, Maria Alice. *Tiradentes: O corpo do herói*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 145.

¹⁶¹ As lembranças de mortos, apresentadas sob os referidos aspectos, começaram a ser difundidas a partir dos anos 1990. MAIA, Michelle Ferreira. *Lembrança de Alguém: A construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras*. Fortaleza – CE: Imprensa Universitária, Universidade Federal do Ceará. 1ª ed., 2010, p. 208.

¹⁶² BURKE, op. cit., p. 17.

¹⁶³ Segundo Michel Vovelle, as metáforas auditivas “[...] existem, faixas não figurativas no espaço ou no tempo e são, por si sós, significativos. A imagem é ao mesmo tempo mais móvel e mais inerte que o texto, por vezes antecipando aquilo que só será formulado mais tarde no plano do pensamento claro, mas muitas vezes também reproduzindo com atraso e obstinação expressões formais, motivos [...], códigos que a regem”. VOVELLE, Michel. *As Almas do Purgatório* ou “O trabalho de Luto”. MEYER, Aline e CATTANI, Roberto (Trad.). São Paulo: Editora Unesp, 2010, p.15.

papel importante no consolo aos doentes, aos moribundos e àqueles que estavam para ser executados”.¹⁶⁴

Torna-se relevante observar a recepção da fotografia do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso mediante a atitude “adotada em relação a ela”.¹⁶⁵ Ela passou a representar o ausente, uma imagem portadora de diversos significados, porque oferecia alento ao específico público de todas as mães. A notícia do primeiro milagre do parto associada ao sonho do senhor Clóvis Ximenes impeliram muitas mulheres crateuenses a possuir a imagem do santo médico, a exemplo da senhora Maria de Fátima do Carmo Lopes: “Eu tenho uma foto dele lá em casa, em Crateús, tá guardada”.¹⁶⁶ A devoção ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso adentrou à vida privada.

A senhora Raimunda Ferreira Maia comentou que, na época em que o médico foi assassinado, ela tinha aproximadamente doze anos. A mãe dela, Antônia Barbosa de Sousa, possuía a imagem devocional. Após o falecimento da mãe, em 2000, Raimunda ficou com a fotografia e dela fez uma cópia ampliada no tamanho *10 por 15 cm*, com a seguinte inscrição: “Dr. Olavo foi e sempre será uma grande luz.” O retrato emoldurado junta-se às imagens de gesso de Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora Aparecida e São Francisco de um pequeno altar posicionado na sala da residência de Raimunda. (*Vide Anexo 3*).

Além da fotografia, foi citado um outro objeto que referenciava o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso. Tratava-se de um folheto que relatava fragmentos da vida e, principalmente, do assassinato do médico. Ao contrário da imagem, que todos os entrevistados mencionaram possuir ou saber quem a possuía, o folheto e o seu conteúdo era lembrado, no entanto nunca fora apresentado diretamente. Cleomar Ferreira Batista afirma ter conhecido “[...] o folheto, [...] contando a vida [...], a história dele, as bondade [...], as caridade que ele fazia”.¹⁶⁷

O autor do folheto e a sua produção também são desconhecidos. A ausência de informações possibilita-nos refletir, que a sua fabricação e divulgação foi em menor número que a fotografia, e o seu idealizador não era parente do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso. Constituiria, então, um pagamento de promessa? Apesar das ausências, é possível deduzir que trata-se de outro veículo de divulgação da memória do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso.

¹⁶⁴ BURKE, op. cit., p. 64.

¹⁶⁵ VOVELLE, Michel. *As Almas do Purgatório* ou “O trabalho de luto”. MEYER, Aline e CATTANI, Roberto (Trad.). São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 36.

¹⁶⁶ LOPES, Maria de Fátima do Carmo.

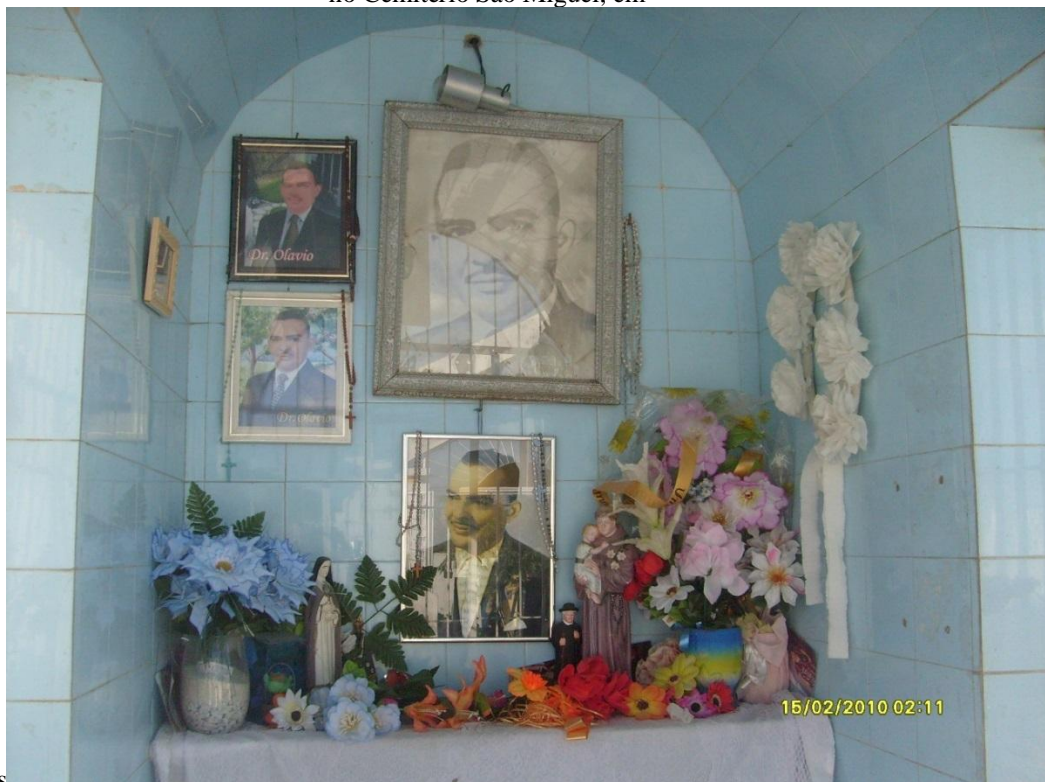
¹⁶⁷ BATISTA, Cleomar Ferreira. 49 anos, doméstica. Entrevista realizada no dia 05/04/2013, em sua residência, no bairro Cachoeira, em São Benedito.

A fotografia do médico é a única relíquia mais conhecida dos devotos. A imagem era “ao mesmo tempo mais móvel e mais inerte”,¹⁶⁸ percorrendo todos os espaços de Crateús, utilizada para as súplicas e também pagamento de promessas dos devotos ao santo médico. Observamos que outras fotografias do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso foram empregadas como pagamento de promessa. Diferentes imagens do médico foram emolduradas no tamanho *10 por 15 centímetros* e postas no túmulo dele.

Fomos informados pelo zelador do Cemitério São Miguel que os quadros eram pagamento de promessas e que apenas a moldura maior, ao centro, tinha sido depositada pela família do falecido, a mesma fotografia analisada anteriormente. As imagens do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, utilizadas como ex-votos, podem ser reconhecidas pela inscrição do seu nome escrito erroneamente: Olavio.

Assim como os retratos, a fotografia abaixo mostra outros objetos que são utilizados nos pagamentos de promessas: coroas, fitas do Senhor do Bonfim, terços, imagens de santos (São Francisco, Santa Rita e Padre Cícero), jarros com flores.

Figura 2 – Pequeno altar no interior do túmulo do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, no Cemitério São Miguel, em



Crateús

Fonte: MAIA, Michelle Ferreira. 15 de fevereiro de 2010.

¹⁶⁸ VOVELLE, Michel. *As Almas do Purgatório* ou “O trabalho de Luto”. MEYER, Aline e CATTANI, Roberto (Trad.). São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 15

Desde o seu sepultamento, o túmulo do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso foi consideravelmente visitado pelos familiares, amigos, admiradores e curiosos, que já acendiam velas dedicadas à sua alma, compadecidos pelo sofrimento de sua morte. Já após a divulgação do primeiro milagre, o número de visitantes tornou-se bem mais considerável, movidos pela intenção de pedir graças. A vela é a oferenda básica de nossos santos populares.¹⁶⁹

O túmulo do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso está localizado na primeira ala esquerda do Cemitério São Miguel e se faz notar logo na entrada do portão principal, o que facilita o acesso dos visitantes. A construção mede, aproximadamente, 4,55 metros de largura, por 5,95 m de comprimento e 6 m de altura. É revestido por um azulejo de cor branca decorada com flores em azul e branco. O piso é de cerâmica de cor cinza. Antes dos degraus e embaixo destes, há um espaço dedicado às velas. Após os degraus, avista-se a entrada do interior do túmulo perpassada pela grade do portão que separa o exterior do interior, fechado a cadeado. O zelador do cemitério detém a posse da chave, sendo ele quem permite ou não a entrada do visitante no recinto.

Na lateral esquerda, além de um canteiro com algumas plantas, há mais uma grade e no final do comprimento vê-se a inscrição dos nomes dos que foram ali sepultados: Clovis Melo Ximenes (nascido em 17-06-1928 e falecido em 14-10-1988); Joana Melo Ximenes (nascida em 30-03-1905 e falecida em 09-04-2001); José Ximenes de Aragão (nascido em 28-10-1903 e falecido em 15-02-1997). Observamos que em nenhuma das extremidades do túmulo consta o nome do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso.

Do lado esquerdo, dentro das grades, há muitos ex-votos: um painel de fotografias já destruídas pelo tempo e pelo sol; um exame de raio X, ex-votos de madeira que representam uma cabeça, um pé direito e um terceiro escondido debaixo de uma peça de roupa. Coroas de flores são vistas pelo chão e também presas nas grades. Todos os objetos estão amontoados e é impossível ter um contato palpável com eles, pois estão protegidos pelas grades. Não conseguimos apontar o período em que foram ali depositados. Sob a entrada, a imagem de Cristo Crucificado acolhe o visitante. No interior do túmulo mais ex-votos pelo chão, pelas paredes e pelo altar. De fato, é o espaço principal onde são realizados os pagamentos de promessas e, por isto, direcionou uma ordem na disposição dos ex-votos e também limitou o acesso e a permanência dos devotos em seu interior. Mesmo no Dia de Finados, 2 de

¹⁶⁹ SÁEZ, Oscar Calavia. *Fantasma falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996, p. 63.

novembro de cada ano, onde o espaço recebe um maior número de visitantes, a chave ainda está presente na entrada.

Figura 3 – Imagem da lateral esquerda do túmulo do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso.



Fonte: MAIA, Michelle Ferreira. 15 de fevereiro de 2010.

Figura 4 – Imagem da lateral direita do túmulo do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso.



Fonte: MAIA, Michelle Ferreira. 15 de fevereiro de 2010.

Figura 5 – Túmulo do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso.



Fonte: MAIA, Michelle Ferreira. 15 de fevereiro de 2010.

Desde o início, pontuamos a participação da família na devoção ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, na divulgação da imagem do médico como milagreiro, entretanto percebemos que houve uma interferência também em limitar o acesso ao túmulo do santo; o cadeado na entrada do túmulo modificou a relação do devoto com espaço do santo popular. A família ditou que o espaço obedece aos interesses particulares. Observamos, no entanto que

onde a imagem do médico como milagreiro é mais vislumbrada as promessas continuaram a ser pagas, apesar da interferência em limitar as atitudes dos devotos.

A devoção ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso percorre os espaços públicos cemitério, Igreja Matriz Senhor do Bonfim (intenções de missas como pagamento de promessas) e os espaços privados de Crateús – a casa do devoto.

Segundo afirmou a senhora Maria de Fátima do Carmo Lopes, uma promessa comum em Crateús é feita por mulheres que recorrem ao santo médico para ter um parto sem dificuldades e rápido: “cada mulher que vai ganhar neném faz essa promessa, e diz que o menino nasce de repente. [...] em Crateús têm muitas crianças com o nome de Olavo”.¹⁷⁰

Outro espaço de devoção é o Cruzeiro existente num lugar conhecido por grotta, que fica dentro de uma propriedade privada, a caminho da Fazenda Xavier, onde o médico teria dito as últimas palavras e morrido. A Cruz de madeira pintada de preto mede aproximadamente dois metros e meio de altura e um metro e meio de largura. Na passagem da estrada é possível visualiza-la. Para entrar e chegar próximo ao Cruzeiro, é necessário pedir a permissão ao caseiro da propriedade. Ali chegam devotos em caravanas para pagar promessas ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, geralmente vindos dos arredores de Crateús.

Há duas inscrições em horizontal no Cruzeiro. A primeira, exhibe ao visitante a seguinte informação: “Foi morto na sua Fazenda Xavier em 2-09 o conceituado e humanitário médico Dr. Olavo Cavalcante Cardoso nascido 15-08-1925. Orai por ele”. A segunda mensagem explica o significado: “Este cruzeiro que fora colocado aqui pelo seu tio Florentino de Araújo Cardoso em 2-10-1969 Constitui Imorredoirá Lembrança da Passagem do Extinto pelo Mundo”.

¹⁷⁰ LOPES, Maria de Fátima do Carmo.

Figura 6 – Cruzeiro em homenagem ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso na Fazenda Grota em Crateús.



Fonte: MAIA, Michelle Ferreira. 15 de fevereiro de 2010.

Figura 7 – Cruzeiro em homenagem ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso na Fazenda Grota em Crateús.



Fonte: MAIA, Michelle Ferreira. 15 de fevereiro de 2010.

Figura 8 – Cruzeiro em Homenagem ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso na Fazenda Grotta, em Crateús.



Fonte: MAIA, Michelle Ferreira. 15 de fevereiro de 2010.

O cruzeiro construído pelo tio do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, Florentino de Araújo Cardoso, no dia 02 de outubro de 1969, um mês após a morte do sobrinho, é mais um

lugar de memória para lembrar a sua morte. Segundo Oscar Calavia Sáez, levantar uma cruz é o mesmo que fundar religiosamente um lugar, pois preenche funções rituais específicas.¹⁷¹

Acreditamos que, com a construção do Cruzeiro, pretendia-se ir além do recebimento das orações do público compadecido pelo fim do médico. De fato, demarcava e reclamava a *presença do extinto* neste mundo. Conforme Jacques Le Goff ressaltou, um monumento quando erigido, creem seus construtores na imortalização de quem fora o homenageado pela construção. Uma verdade que se arrasta desde a Antiguidade romana: “um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada”.¹⁷²

A inscrição no Cruzeiro se punha como um monumento de lembrança e denúncia acerca da morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso. Henrique Sérgio de Araújo Batista, em sua pesquisa de mestrado, identificou no Cemitério São João Batista, em Fortaleza – Ceará, o túmulo de José Mendonça Nogueira como um monumento de denúncia, o qual exibia imagens de seu assassinato.¹⁷³

De acordo com Clarival do Prado Valladares, “a denúncia e o protesto no túmulo da vítima atribuível correspondem a uma forma da vingança, o modo da vingança sublimar-se uma vez na pedra e cal”.¹⁷⁴ A denúncia sobre o assassinato do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso foi erigida no lugar da morte, na propriedade de outra pessoa, clamava-se uma memória sobre o crime no futuro através da cruz de madeira.

A intenção da família era a de deixar rastros sobre os quais o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso não fosse esquecido. Compreendemos, que, neste momento, não há indícios da criação do santo diretamente. São os devotos que, posteriormente, aproveitaram o espaço à sua maneira para o pagamento de promessas.¹⁷⁵ O Cruzeiro foi construído numa propriedade

¹⁷¹ SÁEZ, Oscar Calavia. *Fantasma falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996, p. 89.

¹⁷² LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e memória*. Bernardo Leitão (Trad.). 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003, p. 526.

¹⁷³ José de Mendonça Nogueira morreu aos 22 anos com cinco tiros de revólver disparados por Sixto Bivar, em 28 de Outubro de 1914. A imagem do rapaz foi esculpida, enfatizando o coração ferido, o sangue que jorra dos ferimentos, as lágrimas da família, e a inscrição “Meu Filho”. Segundo o autor, a imagem aludia para o crime ao qual José tinha sido vítima. BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. *Assim na morte como na vida: arte e sociedade no cemitério São João Batista (1866-1915)*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003, p. 88-90.

¹⁷⁴ VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972, p. 605.

¹⁷⁵ Segundo Michel de Certeau, “[...] é ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização”. CERTEAU, Michel de. Introdução Geral. In: *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Ephraim Ferreira Alves (Trad.). 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 38).

que seria a partir de 1977 da senhora Maria do Socorro Monte Barbosa. Segundo a entrevistada, o Cruzeiro sinalizava as datas sobre a morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso:

O Flor Cardoso que era tio do doutor mandou botar um Cruzeiro muito grande lá. Tem o nome dele, data, idade, a data da morte, tem tudo. Já uma época esse Cruzeiro ficou feio, largou a tinta toda, e meus filhos pintaram o Cruzeiro de preto e as letras de branco. Quando eu fui morar lá em 77, Ave Maria era cheio de gente, dia de finados vai muita gente acender vela e rezar, soltar foguete e tudo e no cemitério também.¹⁷⁶

Consideramos que a contribuição da família na construção e divulgação do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso como santo foi vitoriosa em seu propósito. O médico alcançou o reino das graças pela fé dos devotos e são eles os responsáveis pela manutenção do culto ao santo no presente. Para cada criança que recebe o nome de Olavo, a memória do santo é regozijada, enaltecida.

A cada ex-voto deixado seja no túmulo ou no Cruzeiro, as memórias do crime são discutidas, afinal o santo popular nasceu pela e com a morte trágica. Por fim, percebemos que cada devoto do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, que na oralidade compartilha o milagre alcançado, consagra mais uma vez que o médico humanitário de antes é hoje o santo popular em Crateús. E os milagres assim como a fé no poder do médico no cotidiano não necessitam da interferência dos jornais ou da família do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso. Os milagres ocorrem mesmo quando o sujeito descrê do seu merecimento:

Até vou te contar... tem uma senhora que morou bem aqui perto do Amadeu Catunda. Ela disse que vivia doente de vesícula, e com a apêndice já supurando. E ele tinha prometido... E ela disse que era lavadeira de roupa e tinha nove filhos para criar, e não podia... Pediu uma ajuda a ele. Ele disse que ia fazer aquela cirurgia dela, só não ia garantir nada, porque já estava muito avançada. Ele ia fazer a cirurgia de apêndice e ia encaminhar ela para Sobral para fazer a de vesícula, porque aqui naquela época não fazia. Disse que no dia que ele marcou de ir, de fazer a cirurgia dela, ela foi, e chegou lá tava muitos médicos fazendo outra cirurgia e não pôde largar para ir fazer a dela, porque a dela era caridade. Marcou outro dia pra ela ir. No outro dia que ele marcou foi exatamente o dia que mataram ele. Ela disse que desesperou da vida. Mas disse que se pegou ainda com a alma dele e ficou boa. Conheci ela lá em casa, apanhando algodão, boazinha. Ela disse é que ficou boa da apêndice, que já era supurada, ela se sentava na cadeira e já ficava solta. E com uns dias depois que ela melhorou da apêndice, no vaso ela olhou um bocadinho de pedrinha, que era a vesícula. Eu ouvia falar nessa história, e eu não sabia... Um dia ela foi trabalhar lá em casa, apanhando

¹⁷⁶ BARBOSA, Maria do Socorro Monte.

algodão, e eu perguntei e ela contou. Ela disse que... “não sei se foi milagre e nem sei se mereço, mas aconteceu isso”.¹⁷⁷

Acima dos sete palmos que cobriram e guardaram os restos mortais do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, fabricação e preservação das diversas memórias sobre o homem, o médico, trançadas pela linha do tempo e pelas necessidades de seus idealizadores foram entrelaçado na memória da cidade Crateús. Compreendemos que tudo que foi criado sobre o médico configurou-se numa tentativa de ser um intermediário “[...] entre o aquém e o além, entre o profano e o sagrado”.¹⁷⁸

¹⁷⁷ BARBOSA, Maria do Socorro Monte.

¹⁷⁸ GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. Eduardo Brandão (Trad.). São Paulo. Companhia das Letras, 2001, p. 93.

CAPÍTULO II “O DESTINO NA LADEIRA DAS PEDRAS”: ISABEL MARIA DA CONCEIÇÃO, UMA SANTA CANONIZADA PELO PRÓPRIO POVO EM GUARACIABA DO NORTE, CEARÁ

(...) porque os santos estão no meio de nós, pertencem à nossa família e nós a deles. Como Igreja a caminho, que hoje dá os primeiros passos para o terceiro milênio, olhemos para eles para não perder a confiança em nós e nos outros. Os santos são sinal de otimismo nas chances de cada um: dirijamo-nos a eles a fim de descobrir o santo que existe em nós; meçamo-nos com eles para compreender que Deus não está acostumado a aceitar derrotas em relação à fragilidade humana.¹⁷⁹

Neste capítulo analisamos o processo de formação da devoção a Isabel Maria da Conceição em Guaraciaba do Norte, Ceará. Assinalamos as características que fundaram a crença em sua santidade popular. A devoção foi iniciada a partir de sua morte, quando foi assassinada em 11 de outubro de 1929¹⁸⁰ pelo marido Antônio Raimundo Nonato da Silva. Uma devoção apropriada em torno de uma causa: a das “mulheres espancadas e traídas”

2.1 *Ela é o martírio de Jesus: sangue derramado*

Isabel Maria da Conceição era uma mulher simples pela posição social, pobre e anônima, completamente desconhecida para muitos de seus contemporâneos e permaneceria assim até a sua morte. Procuramos discutir os critérios que fundaram a devoção à santa popular. Afinal, em que fatos está assentada a devoção? Como ela é vivenciada? Qual é a identificação dos devotos com Isabel Maria da Conceição? Quais os espaços da devoção?

A primeira hipótese é que a morte violenta, e ocorrida com requintes de crueldade, foi o episódio que tirou as suas vestes da invisibilidade de mulher comum e a vestiu para o centro da piedade popular. Isabel Maria da Conceição foi esfaqueada na frente do seu único

¹⁷⁹ PADOVESE, L. *Diálogos entre Santos de Mármore*. Petrópolis: Vozes, 2002. p.7).

¹⁸⁰ “Protetora das Espancadas é venerada no CE”. *FOLHA.com*. “Cotidiano”, 8/3/2003. Reportagem de Kamila Fernandes da Agência Folha, em Guaraciaba do Norte, Ceará. p.1. Dados disponibilizados no site C:\Documents and Settings\Usuário\Desktop\santa isabel\Folha Online - Cotidiano – “Protetora das espancadas é venerada no CE” - 8-3-2003.mht.

filho na beira de um precipício, acusada de traição pelo cônjuge, e o seu corpo foi jogado pelo assassino no abismo da serra de Guaraciaba do Norte.

A morte não significou que a história pregressa de Isabel Maria da Conceição fosse conhecida; as lacunas sobre ela se seguiram até o nosso presente. De fato, a sua fragmentada biografia cedeu espaço para a rica hagiografia sobre seus milagres.

Para compreender o contexto da morte de Isabel Maria da Conceição, abordamos outras mortes de mulheres assassinadas pelo seu companheiro, pontuando que morrer pelas mãos de um homem era mais um crime passional e comum diante de tantos outros ocorridos no Brasil.

Além disso, analisamos de que forma os crimes que envolvem traição estão presentes no século XIX e XX, estudo possível pela literatura que abordou o período e nos permitiu vislumbrar uma mentalidade masculina sobre a traição feminina. Os casos de assassinatos envolvendo cônjuges em Guaraciaba do Norte não ficou restrito ao caso de Isabel Maria da Conceição, embora ela seja a imagem maior da mulher vitimada violentamente pelo marido.

A nossa segunda hipótese está baseada na identificação das mulheres com a devoção a Isabel Maria da Conceição. As esposas e mães são as que compõem a maior parte da devoção, característica que aproximou a devoção pública ao espaço privado do lar, e também contribuiu para a imagem da santa popular ser relativamente aceita por parte dos representantes do clero de Guaraciaba do Norte e Reriutaba, situação muito diferente à ocorrida com a devoção ao João das Pedras (que estudaremos no próximo capítulo).

As memórias sobre Isabel Maria da Conceição estão condicionadas no presente à sua imagem de santa popular protetora principalmente das mulheres. É na construção das memórias sobre a santidade da santa das mulheres que observamos a reflexão do autor Raphael Samuel sobre como: “[...] a memória [...] tem, estampadas, as paixões dominantes em seu tempo”.¹⁸¹ A luta no combate contra a violência à mulher pode ser compreendida nas entrelinhas do discurso da titulação da santa.

Num primeiro momento, Isabel Maria da Conceição é apresentada apenas como a santa popular que foi morta pelo marido. Com a construção da Capela, Isabel Maria da Conceição recebeu um lugar específico para sua devoção e foi consagrada publicamente como *A mártir de Guaraciaba do Norte* e *A Santa das Mulheres Espancadas e Traídas*.

¹⁸¹ Vide: SAMUEL, Raphael. Teatros da memória. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, fev. 1997. p. 42.

A devoção começou com peregrinações no lugar onde ela foi assassinada, já que é desconhecido pelos contemporâneos o lugar de sua sepultura. Posteriormente, apenas uma Cruz marcava o lugar onde ela foi morta. Com a construção da Capela, a edificação do espaço simbólico destinado ao culto de sua imagem de milagreira só foi possível graças aos auxílios financeiros aportados pelo Deputado Estadual do Ceará José Theodoro Soares.

Em homenagem à santa foi pintado um retrato e redigida uma oração. De um lado, a nomeação sugere a apropriação do assassinato da dona de casa como símbolo da luta contra as agressões às mulheres. Por outro lado, percebemos mais uma vez que a aceitação da devoção popular de Isabel Maria da Conceição conquistou adeptos civis, religiosos e políticos. Isto põe a questão do *(re)corte* das memórias, que apresentam as paixões e interesses de seu tempo.

É importante dizer que tudo que foi produzido nos jornais sobre a vida de Isabel Maria da Conceição foi posterior à sua morte, e já compreendia e divulgava a sua imagem de concessora de milagres. Inclusive, o foco da narrativa jornalística concentra-se na sua morte. Mais um sinal de como o seu passado é ignorado.

Sabe-se que Isabel Maria da Conceição nasceu em 1901, em Guaraciaba do Norte, Ceará, filiação desconhecida. Comenta-se nas narrativas que mulher era dona de casa, esposa e mãe, e apresentava uma beleza particular, atributo que lhe distinguia: “[...] era uma mulher muito bonita!”.¹⁸²

A descrição da beleza tanto nos jornais quanto na oralidade está associada indiretamente ao crime. A formosura que atraiu o ciúme incomum faz parte de uma memória homogênea sobre a motivação do assassinato: “[...] Isabel Maria da Conceição (1901-1929), que trazia a brandura e a formosura de cada nome seu, casou-se com Antônio Raimundo Nonato da Silva, marido desconfiado que tinha ciúmes até dos cabelos longos da mulher”.¹⁸³

Segundo o que foi publicado pelo jornal *O Povo*, o ciúme infundado do marido recebeu um alibi, ou foi alimentado quando a esposa: “Um dia, afoitou-se: alterando um pouco a rotina, cortou os cabelos. Raimundo cismou com a novidade. Imaginou uma traição e acreditou mortalmente que Isabel havia cortado os cabelos para a satisfação do amante”.¹⁸⁴

A imaginação da desconfiança foi o estopim para que Antônio Raimundo Nonato da Silva desse cabo da vida de Isabel Maria da Conceição, que tinha apenas 28 anos, quando

¹⁸² CARVALHO, Maria do Carmo de Araújo. 51 anos. Secretária da Paróquia Nossa Senhora dos Prazeres em Guaraciaba do Norte. Residente na Rodovia Dep. José Maria Melo n.º 47, Bairro Centro. Entrevista realizada no dia 01 de Abril de 2013 na secretaria da Paróquia.

¹⁸³ “O destino na ladeira das pedras”. Jornal *O Povo*. Caderno Especial: Santificados II. 14 de maio de 2011. p.1. Autor Cláudio Ribeiro.

¹⁸⁴ Idem.

“[...] foi espancada e morta pelo marido, conhecido como Zé Passarinho, que tinha ciúmes de sua beleza”¹⁸⁵.

O homicídio aconteceu fora do ambiente familiar. Os indícios de um assassinato premeditado estariam no lugar escolhido pelo assassino:

Em pleno desvario, armou-se com uma faca, pôs a cangalha no jumento, fez Isabel e o menino de carga e desembestou para os altos da Ladeira Grande. Encoberto pela serração daquela hora funesta, Raimundo esfaqueou Isabel até que existissem apenas os gritos e o choro do filho que assistia à morte da mãe. Rebolou o corpo no vão da serra e sumiu pela cerração.¹⁸⁶

A Ladeira Grande era a serra localizada entre os municípios de Guaraciaba do Norte e Reriutaba. O lugar onde Isabel Maria da Conceição foi assassinada fica a aproximadamente 30 km de Guaraciaba do Norte. De um lado, a estrada; de outro, o abismo. A vítima fora surpreendida, e lhe restou ficar sem defesa; foi esfaqueada e morreu no próprio local, na presença do filho de três anos.

O fim dado ao cadáver pelo agressor fabricava ainda mais o suplício de Isabel Maria da Conceição: o assassino arriscou se desfazer do corpo, que ferido e ensanguentado foi jogado, situação também explorada pelo Jornal a *Folha.com*: “Depois, ela foi jogada por ele em um penhasco, mas seu corpo teria ficado preso em uma árvore, que, segundo a crença popular, continuaria intacta até hoje. [...]”¹⁸⁷

O cadáver, salvo do precipício pela árvore, é um dos fatos extraordinários na cena do crime. O singular é narrado por muitos devotos, o significado simbólico reside na comprovação na santidade de Isabel Maria da Conceição, que mesmo com o cabelo cortado conseguiu prender-se na árvore por ele.

Outro episódio serviria como base para incentivar a santidade de Isabel Maria da Conceição. O filho do casal tinha sido levado junto com sua mãe em um jumento para a cena do crime, e após o fatídico acontecimento, permanecido em cima do animal, foi abandonado pelo pai, que após desfazer-se do corpo, fugiu.

¹⁸⁵ “Protetora das Espancadas é venerada no CE”. *FOLHA.com*. “Cotidiano”, 8/3/2003. Reportagem de Kamila Fernandes da Agência Folha, em Guaraciaba do Norte, Ceará. p.1. Dados disponibilizados no site C:\Documents and Settings\Usuário\Desktop\santa isabel\Folha Online - Cotidiano – “Protetora das espancadas é venerada no CE” - 8-3-2003.mht.

¹⁸⁶ “O destino na ladeira das pedras”. *Jornal O Povo*. Caderno Especial: Santificados II. 14 de maio de 2011. p.1. Autor Cláudio Ribeiro.

¹⁸⁷ *FOLHA.Com*. Cotidiano. 8 de Março de 2003. “Protetora das espancadas é venerada no CE”. Kamila Fernandes da Agência Folha, em Guaraciaba do Norte (CE).Dados disponibilizados no site C:\Documents and Settings\Usuário\Desktop\santa isabel\Folha Online - Cotidiano – “Protetora das espancadas é venerada no CE” - 8-3-2003.mht.

A cena do menino desprotegido e indefeso em um caminho perigoso, sujeito aos perigos do precipício da serra e do tráfego de carros comoveu os ouvintes do percurso. Segundo o depoimento oferecido pelo Padre Emídio (que na época da entrevista era Pároco na Cidade de Reriutaba) ao jornal *O Povo*, a criança retornou sã e salva, acompanhada apenas pelo jumento até a sua casa em Guaraciaba do Norte. A pergunta principal era compreender de que forma o pequeno conseguiu retornar, apenas um milagre explicaria o incompreensível?

Dali a Reriutaba, a crença na finada Isabel se multiplica. Padre Emídio Gomes, vigário do município, até concorda que a dona de casa se tornou “uma santa canonizada pelo próprio povo”. Reconhece o extraordinário no fato de o jumento, depois que Raimundo matou Isabel, ter trazido o filho do casal a salvo de volta para casa, “uma criança de três anos e pouco, sozinho, cerca de 30 quilômetros”.¹⁸⁸

Antônio Raimundo Nonato da Silva ficou livre, e a morte de Isabel Maria da Conceição impune, ainda conforme o Jornal *O Povo*: “Depois do assassinato, Raimundo foi preso, mas fugiu da cadeia. Não souberam mais dele”.¹⁸⁹

Antônio Raimundo, o filho, órfão de mãe e sem contato com o pai foragido, cresceu e constituiu família. O Padre Emídio, que foi seu pastor e confessor durante 20 anos, descreveu que: “[...] o filho de Isabel viveu da roça, alimentou 12 filhos, era “bem casado”.¹⁹⁰ Conseguiu distinguir-se do pai.

Conforme o Padre Emídio, Antônio Raimundo “nunca esqueceu a mãe gritando (quando ele tinha apenas três anos) e o medo que passou em cima do jumento”¹⁹¹, a memória traumática do assassinato da mãe é compreendida como a motivação para ter cometido o suicídio “aos 80 e poucos anos”.¹⁹² O paradeiro do assassino de Isabel Maria da Conceição sempre foi desconhecido em Guaraciaba do Norte e Reriutaba, e o filho nunca mais voltou a ver o pai. A crença na santidade de Isabel Maria: “[...] nasceu logo depois de sua morte”.¹⁹³

Na entrevista do Padre Emídio ao Jornal *O Povo*, observamos que sua cordialidade e compreensão ao falar a respeito de Isabel Maria da Conceição é determinada pela sua proximidade com a devoção. Acompanhou indiretamente os pagamentos de promessas via

¹⁸⁸ “O destino na ladeira das Pedras”. *Jornal O Povo*. Caderno Especial: Santificados II. 14 de maio de 2011. p.1. Autor Cláudio Ribeiro.

¹⁸⁹ *Ibidem*.

¹⁹⁰ “O destino na ladeira das Pedras”. *Jornal O Povo*. Caderno Especial: Santificados II. 14 de maio de 2011. p.1. Autor Cláudio Ribeiro.

¹⁹¹ *Idem*.

¹⁹² *Ibidem*.

¹⁹³ *FOLHA.Com*. Cotidiano. 8 de Março de 2003. “Protetora das espancadas é venerada no CE”. Kamila Fernandes da Agência Folha, em Guaraciaba do Norte (CE).Dados disponibilizados no site C:\Documents and Settings\Usuário\Desktop\santa isabel\Folha Online - Cotidiano – “Protetora das espancadas é venerada no CE” - 8-3-2003.mht.

intenções de missas em homenagem à santa popular, as procissões à capela e o vislumbre dos diversos ex-votos existentes em seu interior, por fim, foi testemunha ocular da construção da devoção. Além disso, foi o confessor do filho de Isabel.

Ao reconhecer o poder milagroso da santa e o extraordinário no retorno do menino a Guaraciaba do Norte, o pároco proporcionou a sua opinião particular, que se opõe, nas entrelinhas, ao seu discurso à instituição a qual pertence. A Igreja Católica, de forma geral, desconsidera e reprova as práticas populares e os cultos, como o que ocorre a Isabel Maria da Conceição. Devoções geralmente compreendidas como credices, fruto da ignorância do povo, afinal, segundo Solange Ramos de Andrade: “a Igreja católica arroga para si a capacidade divinamente orientada, de discernir, de tempos em tempos, se esta ou aquela pessoa está entre os eleitos”.¹⁹⁴

O Padre Raimundo Nonato Lúcio, que foi vigário de Guaraciaba do Norte durante oito anos, por sua vez, afirmou à *Folha de São Paulo*, que acredita “que ela seja santa”.¹⁹⁵ Indicando-nos que é outro sacerdote que credita credibilidade à imagem da santa, pontuando que partilhou de uma convivência pacífica e respeitosa com o culto popular na cidade.

Opinião que não é preponderante, na mesma reportagem publicada em 2003, que foi intitulada de *Padres da cidade divergem sobre a santidade*, o Frei Gerardo, que era um dos responsáveis pela paróquia de Guaraciaba do Norte desde 2001, relatou sua discordância ao culto a Isabel Maria da Conceição e a “dúvida da possibilidade de milagres intermediados por santos populares”.¹⁹⁶

Conforme Muniz, os pontos de vistas dos homens estão “[...] mergulhados em seu cotidiano”, quando percebem que “fazem parte de algo mais grandioso, que são peças em uma engrenagem social complexa”. Por essa razão, a compreensão sobre o julgamento dos padres sobre o culto popular devem ser entendida enquanto uma verdade relativa ao tempo, lugar e contexto.¹⁹⁷ Desse modo, evidenciamos que o tempo em que os padres conviveram com o culto determinou as opiniões positivas ou negativas sobre a devoção a Isabel Maria da Conceição.

¹⁹⁴ ANDRADE, Solange Ramos de. A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir. Projeto História, São Paulo, n.37, p. 237-260, dez. 2008. p. 242.

¹⁹⁵ *Padres da cidade divergem sobre a santidade*. Folha de S. Paulo. Cotidiano. São Paulo, Sábado, 08 de março de 2003. Vide site: www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0803200313.htm. Acessado em 27/12/2010.

¹⁹⁶ Idem.

¹⁹⁷ JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. “No Castelo da História só há processos e metamorfoses, sem veredicto final”. In: *História: A Arte de inventar o passado*. Ensaio de teoria da História. EDUSC (s/d., p.72).

No julgamento popular acerca da santidade da santa canonizada pelo povo, os critérios avaliados são diferentes. É a sensibilidade com a sua morte, interpretada como impiedosa e sofrida, que a dignificou.

Rosa Fontenelle Sousa acredita que a santidade da mulher reside no fato que “ela foi muito sofrida, o marido judiou muito com ela até que matou [...]”¹⁹⁸. Na interpretação de Tereza, o sofrimento da morte e o abandono do corpo a salvaram: “ela sofreu muito, eu sei que o marido dela jogou ela lá em baixo do abismo”.¹⁹⁹

A morte sofrida é a única versão e interpretação sobre o fim de Isabel Maria da Conceição. A senhora Alice Maria de Mesquita considerou a morte como um martírio: “Me contaram que [...] ela morreu na era de vinte. Tinha sido o marido dela que fez isso. [...] eu sempre ouvia falar que ela foi muito martirizada, foi sofrida, ela é o martírio de Jesus. O que salvou ela [...] o sofrimento dela”.²⁰⁰

A entrevistada é católica, condição percebida pela associação da morte de Isabel Maria da Conceição à de Jesus Cristo, refletindo que a salvação e a consagração para a santidade está no martírio. O martírio compreendido na morte de Jesus é apresentado pela sequência da traição do apóstolo Judas; a *via crucis*, quando foi chicoteado, humilhado, insultado, coroado de espinhos, julgado e condenado a morte; e, por fim, crucificado).

De acordo com Solange Andrade Ramos, a concepção inicial do mártir e, portanto, da primeira modalidade de santo, está determinada na defesa da fé cristã, quando sujeitos comuns entregaram a vida pela sua crença em Jesus Cristo.²⁰¹ A santidade dos mártires consistia em perceber que sua morte era um verdadeiro testemunho de fé, assistido pela comunidade que viu “[...]um dia, sua morte exemplar. O martírio era o sacrifício perfeito e implicava em perfeição espiritual alcançada”²⁰², adquirindo como recompensa a santidade.

A autora acrescentou que num segundo momento a concepção de martírio foi ampliada na religiosidade católica, e assim: “[...] uma morte violenta” derivada “de uma doença grave ou um crime atroz” passou a ser considerado martírio”. Solange Andrade

¹⁹⁸ SOUSA, Rosa Fontenelle de. 64 anos, doméstica. Residente na Rua Francisco Eusébio, S/N, bairro Cidade Alta em São Benedito, Ceará. Entrevista realizada em fita K7 em sua casa no dia 02/06/2013 as 14:00 h.

¹⁹⁹ Realizada de 02/06/2013 as 13:00 h.

²⁰⁰ MESQUITA, Alice Maria de. Casada, 77 anos, aposentada. Residente na Rua Maestro Vicente Marques nº 779 em Guaraciaba do Norte, Ceará. Entrevista realizada em sua residência no dia 07 de Maio de 2014.

²⁰¹ “Dentre os modelos de santidade predominantes na história do catolicismo, o destaque é dado à primeira modalidade de santo, a do mártir, aquele que morreu defendendo a fé cristã, em meio às perseguições realizadas contra um cristianismo emergente”.

²⁰² ANDRADE, Solange Ramos de. A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir. Projeto História, São Paulo, n.37, p. 237-260, dez. 2008. p. 241.

Ramos concluiu que: “a relação *sofrimento/santidade* é utilizada há muito tempo para justificar a ideia de purificação, presente no sofrimento”.²⁰³

As circunstâncias da morte de Isabel Maria da Conceição ofereciam algumas aproximações ao martírio de Jesus pela crueldade e frieza do assassino quando fora encurralada numa armadilha, espancada, humilhada pela acusação infundada de traição, condenada pela desconfiança do marido, esfaqueada, e o corpo supliciado jogado no precipício.

A interpretação da morte violenta e cruel está envolvida pela compreensão da morte súbita, repentina, prematura. Philippe Ariès expõe que durante milênios “a morte súbita era muito temida, não só porque nela não cabia arrependimento, como também porque privava o homem de sua morte”.²⁰⁴ Sobre o assunto, analisando os testamentos na Bahia do século XIX, o autor João José Reis inferiu que: “A boa morte significava que o fim não chegaria de surpresa para o indivíduo [...]”.²⁰⁵

Acreditamos que a identificação das mulheres com Isabel Maria da Conceição está emaranhada pelo *arquétipo da mãe*, que cuida do lar (espaço físico), dedicada à família. Conforme o autor Carl Gustav Jung, os atributos do *arquétipo da mãe* são principalmente o “maternal”: simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento”.²⁰⁶

Cada devota se vê na dona de casa, mãe e esposa acusada injustamente de traição, assim crer na santa popular é também desejar um destino diferente ao de Isabel Maria da Conceição. Seu sofrimento serviu como exemplo para o *não sofrer*: é como se esta mulher morresse para livrar todas as mulheres do mesmo sofrimento. Para o Padre Emídio, Isabel Maria da Conceição é o símbolo da libertação feminina:

Primeiro, a libertação do sofrimento silencioso. O povo se identifica com aquele sofrimento e com o suspiro de liberdade que aconteceu[...]. Ela foi um suspiro de liberdade diante de uma cultura machista. E há uma libertação maior, que Isabel e os santos do povo significam.²⁰⁷

²⁰³ Idem.

²⁰⁴ ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro. 2003.p. 231.

²⁰⁵ REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 92.

²⁰⁶ O autor define como arquétipo: “O arquétipo é um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que *uma facultas praeformandi*, uma possibilidade dada a priori da forma da sua representação”. JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 91-92.

²⁰⁷ “O destino na ladeira das Pedras”. *Jornal O Povo*. Caderno Especial: Santificados II. 14 de maio de 2011. p.1. Autor Cláudio Ribeiro.

Na interpretação do Padre, há duas libertações. A primeira seria a da mulher que sofreu do cônjuge, antes no âmbito privado, reduto da casa, padecimento silencioso e silenciado, desconhecido. Ao cortar o cabelo sem a permissão do marido, Isabel Maria da Conceição se libertou das ordens do marido, impôs a sua posse sobre seu corpo e destino. Mas do que um suspiro, a situação forjou, com sangue derramado, um desejo de liberdade do *ser mulher*.

O cabelo cortado não teceu uma mudança na rotina da esposa, quebrou um padrão de comportamento, um símbolo da contestação. Uma liberdade que custou sua própria vida. O seu sofrimento, de privado, tornou-se público. A dona de casa morta pelas fachadas reviveu nas memórias sobre a história da mulher que ousou se opor ao marido, eis que é vitoriosa.

Comprendemos que a segunda libertação, sugerida pelo Padre Emídio, está referida aos santos do povo, como Isabel Maria da Conceição. Trata-se da liberdade de culto, livre dos domínios da Igreja Católica. Uma religiosidade rica pelas práticas e vivências da fé no poder miraculoso do santo popular.

Situação que reflete “a ordem efetiva das coisas”, que é “justamente aquilo que as táticas populares desviam para fins próprios”²⁰⁸, o fim da fé é a crença que seu pedido será atendido, é a necessidade dos devotos que cria a ordem da sua crença na santa popular. Os santos populares feitos pelas mãos e precisões do povo e consagrados e reconhecidos pelos seus milagres. Conforme Solange Ramos de Andrade, “para o devoto, o milagre é como o oxigênio de sua religiosidade. Sem este, o santo definha e morre”.²⁰⁹

Outras santas populares também foram criadas, constituídas a partir de sua morte violenta. Vera Irene Jurkevics analisou o caso da santidade popular de Maria da Conceição Bueno ou apenas Maria Bueno. A mulher de cor parda foi assassinada em Curitiba no dia 30 de janeiro de 1893. Maria Bueno foi degolada na Rua Campos Gerais, o periódico ainda indicou a condição social da mulher, que seria de “vida alegre”. O assassino, o militar do 8º Regimento de Cavalaria, o paraibano Ignácio José Diniz, “amasiado com a infeliz Maria”, o réu não foi condenado, constando no processo a falta de provas”.²¹⁰

Segundo Vera Irene Jurkevics, as circunstâncias do crime foram um “fio condutor para o entendimento da construção de sua devoção popular”. A autora assegurou que Maria

²⁰⁸ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p.88.

²⁰⁹ ANDRADE, Solange Ramos de. *A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir*. Projeto História, São Paulo, n.37, p. 237-260, dez. 2008. p. 253.

²¹⁰ JURKEVICS, Vera Irene. *Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. Tese de doutorado, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. p. 154-155.

Bueno não foi “a primeira ou a única vítima de crime passional na cidade de Curitiba”, mas que o requinte de crueldade ao qual fora vítima e a impunidade do assassino contribuíram para a sua santificação popular.²¹¹

A historiadora Sandra Jatahy Pesavento analisou o imaginário em torno de Maria Degolada, considerada santa popular. Maria Francelina tinha 21 anos e era loura, dita como alemã, e era pobre. Segundo a autora, “uma mulher do povo degolada pelo amante, o brigadiano Bruno Soares Bicudo, tipo indiático, analfabeto, de 29 anos, em 12 de novembro de 1899”. O fato era mais um crime “passional na velha cidade de Porto Alegre do século XIX [...]”. O assassino fora julgado e condenado a 30 anos de prisão celular, convertidos em prisão com trabalho.²¹² Conforme a autora, a devoção a Maria Degolada surgiu porque “a população ficou desolada diante do bárbaro crime e começou a ir até o local onde ela foi assassinada”.²¹³

Maria do Carmo, de São Borja, Rio Grande do Sul, segundo o antropólogo gaúcho Antonio Fagundes, já era cultuada nos anos 30. Segundo o autor, era prostituta, e por causa de ciúmes foi esquartejada, e seu corpo foi encontrado numa campá, meio devorado pelos cães. Não se soube quem era o assassino.²¹⁴

Os fatos que uniram Isabel Maria da Conceição a Maria Bueno e a Maria do Carmo foram a violência das mortes e a impunidade dos assassinos. A Maria Degolada, sua semelhança reside também na motivação do crime, o ciúme. Na busca de similaridade entre os casos, observamos uma linha temporal muito próxima dos assassinatos destas mulheres. Os crimes ocorreram entre o final do século XIX e o início do século XX, fazendo-nos refletir sobre a mentalidade masculina da época sobre a traição e o ciúme.

A traição da mulher e o assassinato desta pelo marido ou amante é um tema presente na mentalidade deste período. Segundo Mary Del Priore, no início do século: “o cumprimento dos papéis” consistia em “– ser bom marido e devotada esposa. Conduta dominadora e virtuosa do homem. E castidade e submissão da mulher. Se os valores tradicionais fossem ameaçados, o marido reagia”.²¹⁵

²¹¹ Idem. p. 163

²¹² Uma das versões analisadas pela autora é a de que o desenlace trágico de Maria Degolada, foi motivado por rumores de traição. PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Maria degolada: a moça alegre que virou Santa”. In.: *Os Sete Pecados da Capital*. São Paulo: Hucitec, 2008. p.345.

²¹³ Idem. p 355.

²¹⁴ SÁEZ, Oscar Calavia. *Fantasma falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. p.32.

²¹⁵ PRIORE, Mary Del. *Matar para não morrer*. A morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis. Editora Objetiva. p.12. ISBN 978-85-390-0027-2.

Sobre a traição da mulher, além dos exemplos dos crimes expostos de Maria Degolada e Isabel Maria da Conceição, outra possibilidade para a apreciação da questão, pode ser percebida na literatura brasileira que abordou o período. A exemplo, o livro do autor Jorge Amado, *Gabriela Cravo e Canela*²¹⁶, onde o escritor apresentou a estória de um trágico fim de uma traição. Trata-se do romance extraconjugal de Dona Sinhazinha Guedes Mendonça, mulher de preceitos católicos e esposa do Coronel Jesuíno Mendonça, rico fazendeiro em Ilhéus na Bahia, com o cirurgião-dentista Osmundo Pimentel.

Ao descobrir que estava sendo traído, o Coronel pegou os dois em flagrante, atingindo-os com dois tiros no consultório do odontólogo. Assassinato justificado pela compreensão de que a:

honra de marido enganado só com a morte dos culpados podia ser lavada. Vinha dos tempos antigos, não estava escrita em nenhum código, estava apenas na consciência dos homens, deixada pelos senhores de antanho, os primeiros a derrubar matas e a plantar cacau. Assim era em Ilhéus, naqueles idos de 1925”.²¹⁷

O inusitado desfecho é a condenação do Coronel: “Pela primeira vez, na história de Ilhéus, um coronel do cacau viu-se condenado à prisão por haver assassinado esposa adúltera e seu amante”.²¹⁸

Situação diferente da que observamos no crime de Maria Degolada, quando o militar, autor do crime, obteve uma pena branda. Impondo que a justiça ainda estava sujeita a critérios aliciadores vindo com o poder social e econômico do julgado.

Mas, aqui em 1925, no Brasil retratado por Jorge Amado, matar a mulher já é um crime sujeito a pena jurídica, e o autor concedeu a prisão a Jesuíno, mesmo este sendo um coronel. Estaria Jorge Amado protestando contra a impunidade destes casos de assassinatos a mulheres?

O grande escritor Machado de Assis, em seu livro *Dom Casmurro*, escrito por volta de 1890 também intrigou os leitores com a suposta traição, suposta, visto que o autor não apresentou um fato concreto que comprovasse a mácula à honra do personagem Bentinho. Entretanto, a ideia das entrelinhas do discurso é que a personagem Capitu traiu seu marido. Embora o livro busque retratar o período anterior ao sugerido aqui, visto que abordou os anos de 1857 a 1875, podemos compreender que o autor estava mergulhado pela mentalidade da mudança do século XIX ao XX.

²¹⁶ Concluído em Petrópolis, Rio de Janeiro, em maio de 1958, o romance teve sua 1ª edição pela Livraria Martins Editora, São Paulo, 1958, com 453 páginas, capa de Clóvis Graciano e ilustrações de Di Cavalcanti.

²¹⁷ AMADO, Jorge. *Gabriela Cravo e Canela*. 1ª edição. Livraria Martins Editora, São Paulo, 1958. p. 21.

²¹⁸ Idem. p. 429.

O escritor Euclides da Cunha quis lavar a honra com sangue ao tentar matar Dilermando de Assis, o amante de sua esposa Dona Saninha ou Ana Emília da Cunha em agosto de 1909, mas acabou morto pelo rival. Conforme Mary Del Priore: “a honra matou mais do que a peste”²¹⁹. A autora apresenta que a honra aqui compreendida “é o estado moral que decorre da imagem que os homens têm de si e que lhes inspira ações temerárias. Mas, é também um meio de representar a moral, o respeito e o valor dos outros”.²²⁰

Pela história dos crimes de Maria Degolada e Isabel Maria da Conceição e pela literatura aqui apresentada, podemos apontar que a mentalidade masculina da época sugere e desenha um perfil feminino propenso a trair, a desonrar a si e ao homem, cabendo a este a reação que o aprouver. Isabel Maria da Conceição viveu no tempo destas diversas mulheres reais e ficcionais, e partilhou da consequência da mentalidade masculina de um período. A sua contraordem foi cortar o cabelo sem a permissão do seu marido, no contexto, seu dono e senhor.

A simbologia do cabelo sempre esteve presente no mundo cristão. A força física do temido Sansão provinha de seus cabelos, e Dalila, ao cortá-lo, *destruiu/conteve* mesmo que temporariamente a força, e assim a diferença do corajoso homem, que ficou fraco. Maria Madalena enxugou os pés de Cristo com seus longos cabelos, situação que a dignificou e contribuiu para sua santificação. Por sua vez, a santa popular de Guaraciaba do Norte, Isabel Maria da Conceição, ao cortar os seus cabelos perdeu a dignidade de mulher honesta diante os olhos do marido.

Isabel Maria da Conceição é compreendida como o símbolo da libertação das mulheres em Guaraciaba do Norte e arredores, e lembrada principalmente pela imagem de intercessora das súplicas dos desprovidos. É na cidade o ícone maior na luta contra a violência doméstica contra mulher, antecedendo ao amparo oferecido pela promulgação da Lei Maria da Penha, criada no Brasil em 2006 para a proteção as mulheres.

A Lei nº 11.340/2006, nomeada de Maria da Penha, foi sancionada no dia 7 de agosto de 2006, e entrou em vigor dia 22 de setembro do mesmo ano. A referida lei ganhou esse nome em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, biofarmacêutica cearense que foi casada com o professor universitário Marco Antonio Herredia Viveros, que tentou assassiná-la por duas vezes.

²¹⁹ PRIORE, Mary Del. *Matar para não morrer*. A morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis. Editora Objetiva. p.155. ISBN 978-85-390-0027-2.

²²⁰ Idem.

A lei criava mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do artigo 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar”.²²¹ Apesar da criação da lei, segundo o Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, constatou-se que não houve influência capaz de reduzir o número de mortes, pois as taxas permaneceram estáveis antes e depois da vigência da nova lei.²²²

Os assassinatos contra mulheres continuaram ocorrendo em Guaraciaba do Norte. E Isabel Maria da Conceição, lembrada na luta contra a violência à mulher, pode ser observada na página do Ministério da Justiça do Ceará, que publicou trechos de um julgamento ocorrido no dia 20/6/2011, em Guaraciaba do Norte. O desfecho do crime construiu semelhanças com o sofrido por Isabel Maria da Conceição, embora o final tenha sido diferente, pois o réu, de nome Océlio Rodrigues Loiola, foi julgado e,

Condenado, dia 01/06, pelo assassinato de sua esposa, Kelânia Noronha dos Santos, e por lesionar sua filha, em 2009, à época com seis anos de idade, à pena de 17 anos e oito meses de reclusão. O júri ocorreu na cidade de Guaraciaba do Norte, com participação e comoção popular, sendo, inclusive, um dos julgamentos mais longos daquela comarca.²²³

Kelânia Noronha dos Santos foi vitimada com aproximadamente “[...] mais de 70 facadas”.²²⁴ A única testemunha, a filha do casal, de apenas seis anos, também foi “lesionada” pelo pai, mas não foi a óbito. O réu: “[...] alegava que matara por ter sido supostamente traído pela esposa”.²²⁵

²²¹ ARAÚJO, Marcela Cardoso Schütz de; SCHÜTZ, Hebert Mendes de Araújo; DIAS, Fernanda Martins. A aplicabilidade da Lei Maria da Penha na proteção da violência contra a mulher. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XV, n. 96, jan 2012. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11065&revista_caderno=3>. Acesso em jan 2015.

²²² Ipea revela dados inéditos sobre violência contra a mulher. Publicado em 19/09/2013. Disponível no site: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&id=19873.

²²³ “Assassino é condenado em Guaraciaba do Norte”. Notícias. Ministério Público do Estado do Ceará. Procuradoria Geral da Justiça do Ceará. 20/6/2011.

²²⁴ Idem.

²²⁵ Ibidem.

Segundo o promotor de justiça responsável pelo julgamento do caso Venusto Cardoso, a condenação do réu: “[...] é um marco no combate à violência contra a mulher, sendo o resultado do julgamento a vitória da própria justiça e de toda sociedade”.²²⁶

De acordo com a promotora de Justiça Ana Beatriz:

Há um paralelo entre este caso e o conhecido assassinato da mártir de Guaraciaba do Norte, ocorrido no ano de 1929, no local conhecido como Ladeira das Pedras. A história relata que Isabel Maria da Conceição foi esfaqueada pelo marido no dia 11 de outubro de 1929, e jogada ladeira abaixo, na frente de seu filho, pelo fato de ser formosa e ter naquele dia cortado o cabelo, o que levou o marido a desconfiar de traição. Depois do assassinato, Raimundo, o autor, foi preso; mas fugiu da cadeia. Não souberam mais dele. Antônio Raimundo da Silva, que testemunhou o assassinato da mãe, suicidou-se aos 80 e poucos anos.²²⁷

Passados os oitenta anos do assassinato de Isabel Maria da Conceição, a insurgência de um novo crime contra uma mulher induzido por ciúme comovia os interlocutores, a violência contra a mulher ainda persistia na cidade. O esposo de Isabel Maria da Conceição, Antônio Raimundo Nonato da Silva, que não passou por um júri, embora o crime também tivesse conquistado a “comoção popular”, a sua prisão foi temporária, visto que logo em seguida fugiu, conquistando ilicitamente a liberdade. Diferentemente, Océlio foi condenado exemplarmente para que outros não praticassem o mesmo ato.

Na descrição da condenação do réu Océlio Rodrigues Loiola, a representação da figura do assassino sugeria que ali também era julgado o réu Antônio Raimundo Nonato da Silva, o ausente fugitivo. A justiça era feita ao assassinato de Kelânia Noronha dos Santos, e em mesma medida, buscava-se reparar a injustiça feita com a impunidade do caso de Isabel Maria da Conceição.

A história das duas mulheres entrelaçavam-se, sugerindo a indignação popular contra a violência a que as mulheres estão sujeitas no cotidiano e um questionamento indireto sobre os direitos das mulheres, expondo a justiça como responsável pelo bem-estar das mulheres.

Afinal, como compreender que no espaço que consagrou Isabel Maria da Conceição como *a santa das mulheres espancadas e traídas* outros corpos de mulheres tivessem no solo o sangue derramado, alvejados pela insensatez do ciúme?

²²⁶ “Assassino é condenado em Guaraciaba do Norte”. Notícias. Ministério Público do Estado do Ceará. Procuradoria Geral da Justiça do Ceará. 20/6/2011. Vide: www.jusbrasil.com.br/topicos/1576983/guaraciaba-do-norte ou acesse mp-ce.jusbrasil.com.br/noticias/2742208/assassino-e-condenado-em-guaraciaba-do-norte. Fomos ao Fórum de Guaraciaba do Norte, localizado na Rua Padre Bernadino memória, 322, a procura do processo sobre este caso, fomos informados na recepção que o mesmo se encontrava em segredo de justiça, por ter o advogado do réu Océlio Rodrigues Loiola recorrido da sentença.

²²⁷ Idem.

No próximo item discutiremos em que momento a santa popular recebeu esta denominação específica de santa das mulheres “espancadas e traídas” e como a vivência na crença de seus milagres ocorre no cotidiano.

2.2 A santa das mulheres espancadas e traídas: a construção de um símbolo

Após a morte de Isabel Maria da Conceição, as primeiras manifestações de fé se deram no lugar do assassinato. Acender velas para a sua alma era um sinônimo de piedade. No início, uma cruz, marcava o lugar de morte. Um símbolo sempre presente às margens de estradas e precipícios, usados para assinalar a morte de algum sujeito vitimado por acidente de trânsito.

Geralmente a própria família é a responsável por colocar a cruz, vista na forma de madeira e outras vezes de cimento e concreto. Compreendemos que a cruz é o símbolo maior do martírio de Jesus e também anuncia sua salvação. Para os mortos, a cruz sinaliza a sua passagem do aquém para o além. No estudo sobre a devoção a Isabel Maria da Conceição, a cruz é o fio que ajudou a tecer os rastros da santificação popular. O passado sobre Isabel Maria da Conceição está baseado numa massa de fragmentos e de ruínas.²²⁸

A cruz de Isabel Maria da Conceição à beira da estrada e do precipício da serra atraiu muitos curiosos que ansiavam conhecer o lugar onde ela foi assassinada, circunstância que criava um reviver do fato e uma propagação oral sobre os últimos momentos da vítima. A comoção e a piedade associadas à fé de que aquela mulher sofredora poderia fazer milagres incentivou aqui as primeiras promessas.

Observamos que no caso de Isabel Maria da Conceição, as narrativas sobre seus últimos instantes fundaram a importância desse espaço para seus devotos. Na cruz, nenhuma inscrição: as narrativas orais se encarregavam de expressar seu significado.

De semelhante modo, o culto a Maria Degolada em Porto Alegre surgiu na cruz erguida no lugar onde esta outra Maria foi morta. Segundo Sandra Jatahy Pesavento, “[...] muitas pessoas começaram a acender velas para esta que passaram a chamar de Maria Degolada e que deu nome ao local”.²²⁹ Maria Bueno teria sido enterrada em cova rasa no

²²⁸ GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d’ Aguiar e Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.7.

²²⁹ Conforme a autora “Na sequência desta escolha, que se consagrou, um oratório foi erguido, tornando-se lugar de peregrinação dos crentes e devotos, a acender velas e rezar, demandando a proteção da assassinada”. Vide:

lugar de sua morte, que também foi marcado por uma cruz. Posteriormente, em 1893, seus restos mortais foram levados para os fundos do Cemitério Municipal, espaço que abrigou a devoção à santinha de Curitiba.²³⁰

Os restos mortais de Isabel Maria da Conceição têm paradeiro incerto. Alguns entrevistados asseguravam, informalmente, que ela estaria sepultada no Cemitério Municipal de Guaraciaba do Norte, o mesmo consta também na oração a Isabel. Entretanto, em nossa pesquisa de campo no cemitério não encontramos nenhum túmulo e nem ao menos uma inscrição nos livros de registros sobre o seu sepultamento. Teria sido sepultada em cova rasa como Maria Bueno?

O corpo encoberto²³¹ deu espaço a uma devoção aberta no local do crime. Assim, a ausência do lugar preciso do sepultamento do corpo de Isabel Maria da Conceição contribuiu para que sua devoção se expressasse na cruz.

Posteriormente, neste espaço, foi construída uma pequena Capela para a sua devoção (não temos dados sobre a data e os responsáveis pela construção). Foi noticiado no dia 08 de março de 2003, por Kamila Fernandes, pelo jornal *Folha de São Paulo*, em uma matéria intitulada “Protetora das espancadas é venerada no CE”, que:

Moradores de um município do interior do Ceará veneram uma santa popular, protetora das mulheres traídas e espancadas. O culto a Isabel Maria da Conceição, conhecida como finada Isabel, é feito numa pequena capela na beira da estrada que liga Guaraciaba do Norte a Reriutaba, na serra da Ibiapaba, a 350 km de Fortaleza, local onde ela teria sido morta pelo marido, em 1929.²³²

A mulher morta pelo marido, Isabel Maria da Conceição, passou à santa popular. O jornal especifica a particularidade da santa: protetora das mulheres sofredoras acometidas pela

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Maria degolada: a moça alegre que virou Santa”. In.: *Os Sete Pecados da Capital*. São Paulo: Hucitec, 2008. p.355.

²³⁰ JURKEVICS, Vera Irene. *Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. Tese de doutorado, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. p. 161.

²³¹ A autora analisou a construção do sebastianismo em Portugal nos séculos XVI e XVII, conferindo que a ausência do corpo do rei D. Sebastião favoreceu para a crença de que o rei estaria vivo. Sobre o fato que acometeu o sumiço de seu corpo, a autora escreveu que: “D. Sebastião jogou tudo na batalha de Alcácer Quibir e perdeu, talvez, mais do que tinha. Perdeu o exército. [...] a vida. [...] o reino. Desaparecido o rei sem deixar herdeiros, pois não se casara, Portugal foi anexado à Espanha e teria que aguardar sessenta anos para recobrar sua independência. Mas o corpo do rei jamais seria realmente encontrado ou, pelo menos, muitos se recusaram a crer que estivesse morto. D. Sebastião, rei desejado, passou a ser Sebastião, rei encoberto[...]”. Vide: HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado. A construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 12.

²³² *FOLHA.Com*. Cotidiano. 8 de Março de 2003. “Protetora das espancadas é venerada no CE”. Kamila Fernandes da Agência Folha, em Guaraciaba do Norte (CE).

traição ou espancamento do cônjuge, título presente na tradição oral sobre a personagem e na oração dedicada à santa. Entendemos que o título surge da condição da morte de Isabel Maria.

Ainda sobre a matéria jornalística sobre Isabel Maria da Conceição, observamos que o centro da abordagem foi a devoção a Isabel Maria da Conceição em outros âmbitos culturais e geográficos. Na fotografia que abre a matéria, consta a pequena Capela, à sua frente vê-se um homem ajoelhado em direção ao altar da capela, provavelmente pagando uma promessa. Ainda avista-se uma mulher que segurava um ex-voto, e uma criança, supostamente filho do casal.

Ao lado da fotografia, a inscrição de que: “Devotos visitam a capela de finada Isabel, protetora das traídas”.

Figura 9 – Capela de Isabel Maria da Conceição



Fonte: Jarbas Oliveira/Folha Imagem.
03 de Março de 2003.

É a única imagem que encontramos da pequena Capela. A cena publicada nos sugere uma reflexão: a devoção que surgiu a partir de 1929, chegou aos dias atuais pela relação familiar observada no culto a Isabel, trata-se de uma herança imaterial de uma prática devocional.²³³

²³³ O historiador Geovani Levi explicou que o método de exorcismo utilizado por Giovan Battista Chiesa em Santena na Itália, e o seu “poder espiritual do exorcista não veio do nada. Chiesa também é um herdeiro. De seu pai, Giulio Cesare, recebeu uma “herança imaterial” que tentou interpretar a seu modo. Esta herança existe, mas não é separada de uma prática social que lhe empresta corpo e eficácia”. Os filhos dos devotos seja de Isabel Maria da Conceição ou de qualquer outro santo popular passam a ter contato com a devoção através das orações, súplicas ou agradecimentos intencionados pelos seus pais aos seus santos. Além disso, tomam conhecimento dos fragmentos biográficos do sujeito, e presenciam muitas vezes os pagamentos de promessas nos espaços da devoção. Entretanto, a forma como vivenciaram a sua devoção será também particular, pois estará sujeita a sua interpretação, e a sua prática de se relacionar com o santo poderá ser

O filho que acompanhou a promessa feita pela mãe ou pelo pai a Isabel Maria da Conceição tende a seguir a mesma direção no futuro, situação também percebida nas demais devoções estudadas nesta pesquisa. Os pais levam consigo os filhos na visitação aos lugares de sua devoção, no caso, dos santos populares, ao túmulo ou lugar em que foram mortos. Sabemos que o culto é feito também no ambiente privado, na casa. O devoto é o veículo que transmite, além da graça alcançada, os fragmentos da trajetória do referido santo. Se o pagamento da promessa é a experiência concreta, “a prova” de que a santa faz milagre, a descrição deste milagre pelos devotos são a chama que alimenta o fogo devocional.

O jornal prosseguiu afirmando Isabel Maria da Conceição como milagreira na região. Pequenas entrevistas sobre as graças alcançadas pela intercessão da santa foram abordadas:

Entrevista 1 (ordem apresentada no jornal):

Maria Souza Nascimento, conhecida como dona Maura, é catequista da igreja de Guaraciaba do Norte e considerada pelos fiéis a rezadora oficial da capela de finada Isabel. Ela mesma já fez cinco promessas, uma delas para curar um sobrinho, que "estava no mau caminho". Ela diz que, depois da oração, ele voltou para casa e melhorou. Quase todos os dias pela manhã, dona Maura segue em caminhada de sua casa até a capela, um percurso de dois quilômetros, para rezar o terço a pedido de outras pessoas.

Entrevista 2:

“Minha mãe fez promessa para a finada Isabel curar meu pai, para ele parar de beber. Depois disso, ele nunca mais bebeu, até morrer”, contou a aposentada Altair Fernandes, 70.

Entrevista 3:

Eliseu Félix Neves, 35, dono de um botequim na comunidade de Bananeiras, em Guaraciaba do Norte, ainda "deve" uma promessa a Isabel. Segundo ele, todos os pedidos que já fez foram atendidos, inclusive a cura de uma filha, hoje com nove anos, que, em 1999, sofreu um traumatismo craniano depois de um acidente de carro. "Ela foi operada e hoje está aí, inteirinha, graças à força da santa", disse. Como agradecimento, ele pediu que um artesão fizesse um ex-voto que representasse a cabeça ferida da menina.²³⁴

diversa. Vide: LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Tradução Cynthia Marques de Oliveira. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 32.

²³⁴ FOLHA.Com. Cotidiano. 8 de Março de 2003. “Protetora das espancadas é venerada no CE”. Kamila Fernandes da Agência Folha, em Guaraciaba do Norte (CE). Dados disponibilizados no site C:\Documents and Settings\Usuário\Desktop\santa isabel\Folha Online - Cotidiano – “Protetora das espancadas é venerada no CE” - 8-3-2003.mht.

Não é dito onde e em quais circunstâncias foram realizadas as entrevistas. Entretanto, decidimos analisá-las. Nosso intuito em abordá-las é perceber como a santa popular é descrita e quais milagres são mencionados.

Observamos que Isabel Maria da Conceição é nomeada de *finada Isabel* na primeira e segunda, e como *santa* na terceira entrevista. As duas nomeações possuem distintas interpretações. “Finada” é a pessoa falecida, cuja vida já findou, portanto uma finada.

O termo “finado” aproxima o devoto também da santa, do seu cotidiano, expondo que era uma pessoa comum, findou-se como todos, entretanto, impondo que a sua diferença reside na sua condição de milagreira. O atributo santa, já considerada a imagem da mulher que foi consagrada e que está salva ao lado de Deus, atendendo aos pedidos do povo, era um ser distinto, sagrado.

A descrição das promessas indica uma concepção sobre como é compreendido o milagre na vida destes devotos. Trata-se de um conceito aberto a múltiplas interpretações. Marília Schneider compreende como milagre a última esperança diante das dificuldades terrenas.

Conforme Marília Schneider, “é realmente difícil avaliar o grau de sofrimento e mesmo de gravidade em tantos e tão variados problemas que levaram aquelas pessoas a procurar recursos no sobrenatural”²³⁵. Assim, o milagre pode ser a cura de uma doença, a solução de um desemprego, entre outros.

Nos exemplos de promessas publicados no jornal, é possível observar que tanto a cura da menina vitimada por um traumatismo craniano ao homem que abandonou o vício da bebida, e até a saída do mau caminho do sobrinho de Dona Maura foram interpretados como um milagre. Confiamos que é a necessidade do devoto que fabrica o sentido do milagre. O pedido pode ser para si ou para o conhecido, amigo, parente. O milagre é a realização do inalcançável para o devoto.

A primeira entrevista citou que a catequista Maria Souza Nascimento visita com frequência a Capela para rezar, seja em forma de agradecimento seja para fazer mais um pedido de graça. Questão que apresenta como é estreito o limite entre o culto popular e oficial entre os devotos, a fé se mescla pelas necessidades de uma intervenção sobrenatural.²³⁶

²³⁵ Vide: SCHNEIDER, Marília. *Memória e história* (Antoninho da Rocha Marmo). São Paulo: T. A. Queiroz, 2001. p. 68.

²³⁶ Nossa reflexão sobre a fronteira transposta pelo devotos está baseada na análise feita pelo historiador Carlo Ginzburg sobre um processo de feitiçaria na Itália, quando percebeu que: “[...] A convergência da religião ortodoxa e da religião demoníaca. Sobre um mesmo plano de religiosidade elementar mostra, com uma clareza totalmente luminosa, como podia ser estreito o limite que as separava no ânimo dos fiéis, especialmente em zonas rurais onde a fé religiosa frequentemente se mesclava com elementos supersticiosos

A visitação da senhora indicou ainda que não há uma data específica para a devoção, todo dia é dia de pedir e agradecer. Questão apontada também pelo jornal, quando mencionou que:

Não há uma data fixa de romaria. Caminhadas acontecem esporadicamente, sempre que alguém precisa, iniciando da sede de Guaraciaba do Norte, a oito quilômetros da capela. Diariamente, porém, fiéis soltam fogos de artifícios em frente à capela para homenagear finada Isabel.²³⁷

Apesar da nomeação de *santa das mulheres espancadas e traídas*, a devoção a Isabel Maria da Conceição não está restrita ao público feminino. Assim como vimos no início do capítulo um homem pagando promessa, 20% dos devotos são homens. Segundo o jornal *Folha de São Paulo*, “[...]a finada Isabel tem também fiéis homens. Eles fazem pedidos variados, como de emprego e de dinheiro”.²³⁸

Das promessas realizadas por homens, descritas pelo mesmo jornal merece, destaca-se uma em particular. Primeiro sobre o questionamento do devoto sobre a condição de Isabel. Segundo pela forma como a promessa foi paga. Curado de um câncer (o jornal não especificou que tipo de câncer seria), o senhor Francisco Mendes Bezerra, 78 anos, mencionou as similaridades e diferenciação entre a santa popular, Madre Teresa de Calcutá e a irmã Dulce:

Não sei se ela é santa, mas acho que é como a Madre Teresa de Calcutá e a Irmã Dulce, que, pela vida que tiveram, têm uma alma milagrosa”, disse o comerciante Francisco Mendes Bezerra, 78. Bezerrinha, como é conhecido, chorou ao falar que acredita que a fé na alma de Isabel o ajudou a se curar de um câncer. Para agradecer, mandou rezar uma missa em frente à capela, há quatro anos.²³⁹

A questão aborda que por não ser institucionalizada, a figura de Isabel Maria da Conceição deveria ser denominada apenas de alma milagrosa, que seria um intermediário entre o morto comum e o santo, embora este também conceda milagres. A nomeação, seja de

ou mesmo resíduos pré-cristãos”. No caso da devoção a Isabel os elementos mesclados do culto católico oficial ao santos pode ser observado nos pagamentos de promessas: intenções de missas na Igreja Matriz de Guaraciaba do Norte, atribuir ao filho ou filha o nome da santa, a oração à santa popular. Vide: *Mitos, Emblemas, Sinais*. Morfologia e História. 2ª edição. Tradução: Frederico Carotti. – São Paulo: Companhia das letras, 1989. p.33.

²³⁷ *FOLHA.Com*. Cotidiano. 8 de Março de 2003. “Protetora das espancadas é venerada no CE”. Kamila Fernandes da Agência Folha, em Guaraciaba do Norte (CE). Dados disponibilizados no site C:\Documents and Settings\Usuário\Desktop\santa isabel\Folha Online - Cotidiano – “Protetora das espancadas é venerada no CE” - 8-3-2003.mht.

²³⁸ Idem.

²³⁹ Ibidem.

santa ou de alma milagrosa, não interferiu na fé do devoto de que fora curado graças ao seu auxílio.

O agradecimento foi peculiar, a celebração de uma missa em frente à Capela no ano de 1999, celebrada pelo Padre Raimundo Lúcio. É dito no jornal que a missa celebrada foi em ação de graças pela cura de Francisco Mendes Bezerra. Em entrevista ao jornal, o Padre comentou que “Os médicos já o tinham desenganado, então ele se apegou muito à finada Isabel e melhorou. Que eu saiba, a melhora não foi atribuída a remédios”.²⁴⁰

A intercessão da *alma milagrosa* foi a responsável pela cura, acredita todos os envolvidos na promessa: o curado e o padre. Pela celebração, observamos como a religiosidade popular se serve dos rituais que são da religiosidade oficial; ao celebrar a missa em homenagem a Isabel Maria da Conceição, a prática recebeu outro sentido, o agradecimento à alma milagrosa, e não somente uma missa em ação de graças, como fora mencionado inicialmente. Alimentava a imagem de milagreira.

A intenção de missas para a alma de Isabel Maria da Conceição como pagamento de promessas é rito presente na devoção à santa, como observamos na visita à secretaria paroquial da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Prazeres de Guaraciaba do Norte, no dia 01 de abril de 2013. A secretária Maria do Carmo de Araújo Carvalho comentou que durante vários dias do ano devotos vão intencionar missas para ela.

Compreendemos que a intenção de missa rendida por um devoto a Isabel Maria da Conceição é um dos veículos que ajudaram na difusão da sua memória de milagreira, sobrevivendo na Igreja Católica, um espaço institucional. A intenção de missa dos devotos à santa popular é uma *bricolagem*, uma forma de usar uma celebração para um fim diferente do que ela representa de fato. Os devotos estão utilizando seus interesses próprios, o do pagamento de uma promessa.²⁴¹

Além disso, é mais um documento escrito sobre a santa, uma hagiografia que vai sendo fabricada pela fé dos devotos.²⁴² Uma intenção de missa não é o fim do pagamento da

²⁴⁰ *Padres da cidade divergem sobre a santidade*. Folha de S. Paulo. Cotidiano. São Paulo, Sábado, 08 de março de 2003. Vide site: www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0803200313.htm. Acessado em 27/12/2010.

²⁴¹ Nossa reflexão está baseada no que Michel de Certeau considerou como bricolagem ao analisar o *uso e o consumo* dos sujeitos do sistema cultural e econômico ao qual estão inseridos, exemplificando a questão com a colonização espanhola, segundo o autor “[...] muitas vezes esses indígenas faziam das ações rituais, representações ou leis que lhes eram impostas outra coisa que não aquela que o conquistador julgava obter por elas. Os indígenas as subvertiam, não rejeitando-as diretamente ou modificando-as, mas pela sua maneira de usá-las para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não podiam fugir.” CERTEAU, Michel de. Introdução Geral. In: *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 39.

²⁴² Na pesquisa de mestrado sobre a devoção ao João das Pedras em São Benedito constatamos que as intenções rendidas a ele na Igreja Matriz de São Benedito: “Além de observar o valor das intenções na difusão da

promessa, representa um dos passos. O devoto deverá assistir a celebração na qual o nome da santa será mencionado, este é o momento que significa que a promessa foi paga.

Interessante que nas marcações a menção atribuída é a de Finada Isabel, como podemos vislumbrar na imagem abaixo, na terceira linha das intenções do dia 03/02/2013:

Figura 10 – Fotografia realizada no dia 01 de Abril de 2013, na secretaria paroquial da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres em Guaraciaba do Norte

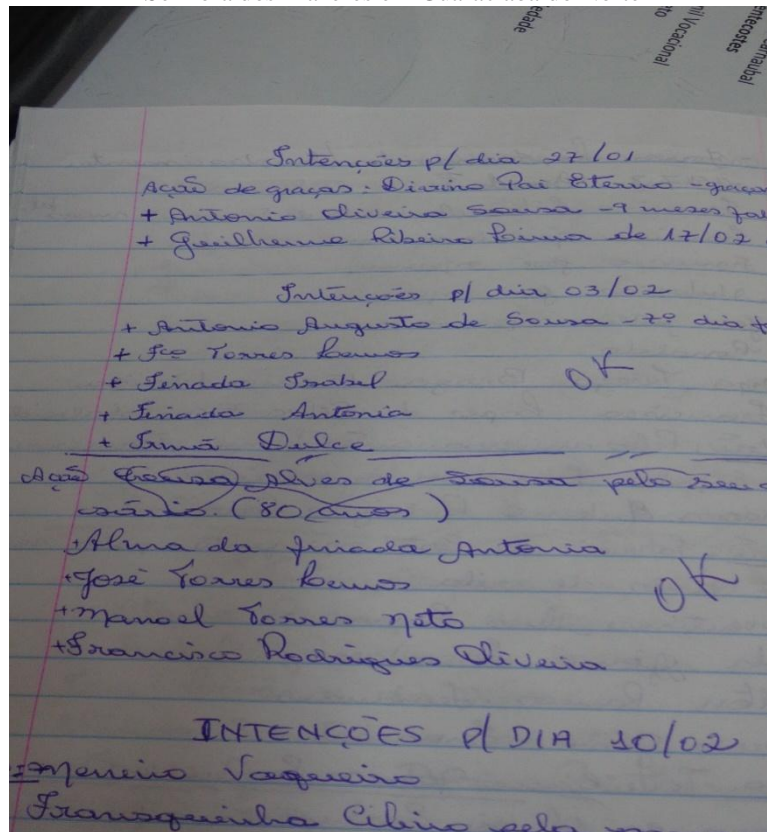


Foto: Michelle Ferreira Maia.

As promessas incentivadas pela necessidade de cura são as mais presentes, e os pagamentos foram vislumbrados pela reportagem:

Vidros de remédio vazios são deixados no altar enfeitado com flores artificiais velhas. Os fiéis levam ex-votos (esculturas em madeira que representam uma parte do corpo curada), roupas, fotos, velas e fogos de artifícios para agradecer as graças que acreditam ter alcançado por intermédio da "alma da santa".²⁴³

memória de milagreiro de João, o que me atraiu a atenção foi testar que, diante da ausência de documentos escritos, João das Pedras está desta vez por escrito na Igreja, que não o aceita como santo." Vide: MAIA, Michelle Ferreira. *Lembrança de Alguém: A construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras*. Fortaleza-CE: Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará. 1ª ed., 2010. p. 106.

²⁴³ FOLHA.Com. Cotidiano. 8 de Março de 2003. "Protetora das espancadas é venerada no CE". Kamila Fernandes da Agência Folha, em Guaraciaba do Norte (CE). Dados disponibilizados no site C:\Documents and Settings\Usuário\Desktop\santa isabel\Folha Online - Cotidiano – "Protetora das espancadas é venerada no CE" - 8-3-2003.mht.

A escolha do ex-voto sempre passa pela referência ao que foi pedido à santa. Os relacionados à cura de doenças são representados em grande parte pelos ex-votos de madeira que simbolizam o lugar preciso da doença. Objetos fabricados por artesãos da região, adquiridos pela fé. A sua feitura indica que a graça foi alcançada; é o penúltimo passo para agradecer à santa:

“A gente pede pelo amor de Deus para a pessoa fazer a escultura, senão a promessa não dá certo. Não pode pagar para fazer nem comprar uma peça pronta”, disse Maria Barreto da Silva, 50, outra devota de Isabel. Cabeças e pernas são os ex-votos mais numerosos deixados na capela.²⁴⁴

A reportagem apresentou um pequeno trecho da oração feita para que os devotos rezassem pedindo graças a Isabel Maria da Conceição:

A história da morte de Isabel é narrada em uma oração distribuída aos 30 mil habitantes de Guaraciaba do Norte há dois anos, em homenagem ao centenário do nascimento dela. "Valei-me, na vossa condição de protetora que fostes escolhida pelas esposas espancadas e mulheres traídas, na minha aflição, alcançando-me a graça de que tanto necessito", diz um trecho da oração. O autor do texto é desconhecido.²⁴⁵

O trecho da oração publicada pelo jornal legitimava a denominação de Isabel Maria da Conceição como protetora das mulheres espancadas e traídas. A oração completa está exposta na nova Capela, inaugurada em 2004. O texto é de autoria desconhecida, como foi relatado, e mesmo na Capela não há nenhuma menção ao inventor, fato que comprovamos com a nossa pesquisa de campo em Guaraciaba do Norte. Na oração que foi impressa e distribuída aparece apenas as iniciais do seu autor ou autora, quando se lê no fim do verso a seguinte inscrição: “Reprodução Proibida! Direitos reservados a M.D.C”. Acreditamos que o anonimato da autoria deva estar relacionado com a própria feitura da promessa e de seu pagamento.

Assim, a oração foi construída como ex-voto para agradecer à santa. Os dados que indicam isso são observados no fim do verso do impresso:

Rezar 3 Ave Marias em Ação de Graças.
Por uma graça alcançada
Centenário do Nascimento de Isabel Maria da Conceição
(1901-2001), assassinada em 11/10/1929

²⁴⁴ Idem.

²⁴⁵ Ibidem.

A oração nos possibilita observar como a imagem de santa milagrosa de Isabel Maria da Conceição percorreu os diversos espaços: a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres de Guaraciaba do Norte, a Capela, as casas de seus devotos e as mãos dos condutores da oração.

Compreendemos que o objetivo da oração era divulgar e difundir a fama de milagreira de Isabel Maria da Conceição. A data escolhida para a sua distribuição era simbólica, a comemoração do centenário de nascimento da santa popular, em 2001.

O retângulo de papel onde foi escrita a oração mede 7 cm de largura por 10 cm de comprimento; apresenta ao leitor, na frente, a imagem de Isabel Maria da Conceição; no verso, a oração. Antes da representação, o nome da santa em destaque, e abaixo a inscrição de *Protetora das Esposas Espancadas e das Mulheres Traídas*. Na parte inferior, lê-se: *Mártir de Guaraciaba do Norte*.

Figura 11 – Oração à Isabel Maria da Conceição



Fonte: Doação dos devotos. Acervo de Michelle Ferreira Maia.

Na imagem, Isabel Maria está representada de cabelo curto, o que põe em destaque a causa de seu martírio. Os contornos do corpo estão restringidos pelo dorso, colo e pescoço. A magreza da carne é coberta pela blusa azul celeste, que propõe um ser frágil e indefeso. A mulher está de mãos postas e cruzadas, segurando com precisão o terço. Seus olhos

contemplativos estão a presumir certa tristeza e melancolia, mas no fim também incita a esperança. As árvores, ao redor da mulher, completam o cenário, e pode suscitar, ao olhar de estrangeiros, a representação apenas de um lugar bucólico. De fato, compõe-se de uma realidade ausente, preterida, para representar a desconhecida mulher.²⁴⁶

O retrato vai de encontro a construir uma imagem que eleve a figura da esposa fiel, mãe dedicada, mulher devota, e inocente vítima. A representação não é espontânea ou inocente, procurando controlar e disciplinar o corpo de Isabel Maria da Conceição, revestindo-a de pureza e santidade. Sua veste cumpre com exatidão o dever de tornar o seu corpo dócil.²⁴⁷ A mesma imagem será encontrada no interior da Capela, é a única representação da santa aos seus devotos.

No verso, lê-se a oração:

Prece à Isabel

Protetora das esposas espancadas e das mulheres traídas Mártir de Guaraciaba do Norte

Nascestes na terra abençoada de Nossa Senhora dos Prazeres, Guaraciaba do Norte, em cujo solo teus restos mortais repousam eternamente.

Eras pura e superior e, pelos simples fato de ter cortado o cabelo, o inimigo incutiu o ciúme na mente e no coração de teu marido, que tiranicamente interrompeu tua vida terrena e tua mocidade, na presença do filho único, fruto do teu amor e fidelidade ao Santo Sacramento do Matrimônio.

Lembramos teu pioneirismo nos direitos da mulher, tua fé e o amor incondicional que fez com que concedesse a graça da liberdade ao teu algoz.

Valei-me, na tua condição de protetora que foste acolhida pelas esposas espancadas e mulheres traídas, na minha aflição, alcançando-me (dizer a graça) _____ que tanto necessito.

Quando teu corpo tombou, em meio à rica flora da Ibiapaba, te tornastes mártir daquele que mais amaste na Terra ainda o perdoaste. Que tua luz nos ajude na conversão de meu _____ (esposo, companheiro, filho, genro) e que, um dia, possamos vê-lo recuperado, professando a fé e o amor de Cristo Nosso Senhor, por tua valiosa intercessão. Assim seja!

A oração está dividida em dois momentos. O primeiro aborda o ciúme e a acusação de traição, enumerando os presentes na cena do crime. Uma apresentação hagiográfica

²⁴⁶ GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo. Companhia das Letras, 2001. p. 85.

²⁴⁷ Compreendemos que a composição da representação houve “[...] um controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. Afinal, objetivava-se retratar uma mulher comum que alcançou a santidade. Além disso, buscava apresentar a figura de um mulher, mártir inocente. Circunstâncias que forja uma imagem ideal, mesmo que esta seja diferente ou conflituosa com a Isabel Maria da Conceição no real. Vide: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 14ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p.126.

explicando a origem de sua santidade, para isso é lembrado seu martírio. O segundo momento descreve os passos para a feitura do pedido a Isabel Maria da Conceição, *protetora e mártir*. Exaltando ainda a bondade da santa ao ter perdoado o seu algoz, Condição que criou um perdão imaginário ao marido. Por fim, é dito que a graça será alcançada pela sua *intercessão*. Compreendemos que a mulher desconhecida saiu mais uma vez do anonimato e da oralidade, ocupando seu espaço por escrito através da oração impressa pelos seus devotos. O papel assumido pela oração era elevar e proclamar a santidade de Isabel, era um símbolo da devoção.²⁴⁸

A fotografia e oração de Isabel Maria da Conceição assumiu o papel de objeto devocional, além de ser uma referência sobre a morte da santa para os devotos, assim foi para a devota Alice Maria de Mesquita:

Eu tinha muita vontade de adquirir o retrato dela. [...] foi e o motorista me deu [...], [...] eu conversando mais ele, [...] disse que tinha muita fé na santa Isabel, queria arranjar o retrato dela. Ai disse: - pois eu vou lhe dá um que eu tenho. Tirou do carro e me deu. E já faz muito tempo que eu tenho o retrato [...], sempre pra mim fazer um grande e ainda não deu certo, eu queria assim de um palmo. Tá marcado naquele retratim, [...] tudo que aconteceu com ela, a oração você lê, mas eu não gravo.²⁴⁹

As orações e retratos são um veículo para propagar a vida dos santos institucionais e populares. No estudo sobre a devoção ao menino Antônio da Rocha Marmo, Marília Schneider concluiu que os retratinhos e as orações sobre o menino santo serviram para “difundir amplamente a fama do ‘milagroso Antoninho Marmo’.”²⁵⁰ Aos que necessitavam de auxílio, o retrato ou a oração eram suporte fundamental para a feitura de novas promessas, orientando sobre a vida do “servinho de Deus”.²⁵¹

²⁴⁸ Segundo Jacqueline Hermann “Para compreender o sentido da produção de um texto escrito, seja para o seu autor, seja para o seu eventual público, [...] é preciso uma operação delicada de reconstrução do processo que conjugou a necessidade da escritura, num momento em que seu “valor” como discurso autônomo ainda se construía, com o papel que a mensagem elaborada poderia ter, tanto para o produtor do texto como para os seus prováveis leitores e/ou ouvintes”. O valor construído pelo devoto inicialmente ao escrever uma oração à Isabel Maria da Conceição e publicá-la era difundir o milagre alcançado pelo intermédio da santa. Para os ouvintes ou leitores, devotos, a interpretação e os valores seriam diversos. Desde a compreensão de que a oração era um fragmento biográfico sobre a santa, o vislumbre da única imagem desta, e o veículo para a feitura de novas promessas. Vide: HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado*. A construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII). São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 41.

²⁴⁹ MESQUITA, Alice Maria de. Casada, 77 anos, aposentada. Residente na Rua Maestro Vicente Marques nº 779 em Guaraciaba do Norte, Ceará. Entrevista realizada em sua residência no dia 07 de Maio de 2014.

²⁵⁰ Durante a pesquisa a autora encontrou duas versões da oração ao menino Antoninho da Rocha Marmo. A primeira de 1941. A segunda versão de 1980. Ambas ressaltava as virtudes do menino. Embora, apenas a primeira feita em prol da abertura do processo para a beatificação de Antoninho. Vide: SCHNEIDER, Marília. *Memória e história* (Antoninho da Rocha Marmo). São Paulo: T. A. Queiroz, 2001. p.60-153-154.

²⁵¹ Idem. p. 60.

Vera Irene Jurkevics, analisando o caso da santa popular de Curitiba, citou o hino feito em homenagem a Maria Bueno, um dos diversos mecanismo utilizados para propagar a sua devoção. A autora comentou que o hino pretendia associar a figura da mulher à da mãe de Jesus, usado para a feitura de promessas e louvor à santa: “Maria, Maria, Maria, Maria da Conceição. Volve os teus olhos e atende. O teu povo em oração!”.²⁵²

Encontramos a devoção a Isabel Maria da Conceição em 2010 já estruturada na Capela reformada.

Figura 12 – Capela reformada



Fonte: Foto de Diassis Lira.²⁵³

²⁵² JURKEVICS, Vera Irene. *Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. Tese de doutorado, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. p. 179.

²⁵³ Fotos retiradas do site Reriutaba. Notícias.Com. Link: reriutaba.com/galfinisabel/finada_isabel.htm.

Figura 13 – Localização da Capela



Fonte: Foto de Diassis Lira.

Foi inaugurada em 2004, por iniciativa da União dos Conterrâneos e amigos de Guaraciaba do Norte (UNICA) e Instituto de Desenvolvimento Socioeconômico Cultural de Reriutaba (INEDER), nomes que estão expostos na placa de sua inauguração no interior da Capela, como podemos observar na fotografia abaixo:

Figura 14 – Fotografia da placa no interior da Capela de Isabel Maria da Conceição



Fonte: foto realizada por Michelle Ferreira Maia em novembro de 2012.

A construção contou com o apoio financeiro do Deputado Estadual do Ceará José Teodoro Soares: “[...] o deputado Professor Teodoro foi o responsável pela construção da capelinha da “finada Isabel”, local de romaria na descida de Guaraciaba para Reriutaba”.²⁵⁴

²⁵⁴ *Guaraciaba do Norte Professor Teodoro visita distrito de Várzea dos Espinhos. Jornal Correio da Semana, Sobral, Ceará. 29/12/ 2009, p.1. Autor Felipe Mendes.*

À beira do precipício e com as marcas dos devotos, assim encontramos a Capela de Isabel Maria da Conceição em 2012. Logo percebemos ao redor da calçada as velas que ali foram acesas, as ceras estavam esparramadas sob o chão. A Capela é maior se comparada à primeira. Observamos que no lugar foi construída uma ordem física. O recinto está distribuído entre o altar, a parte de pôr os ex-votos, e ainda se veem bancos de cimento para que os fiéis façam suas preces e seus agradecimentos sentados, se assim preferirem, abrigados do sol ou da chuva.

O interior da Capela dava continuidade à cor branca dos lados externos. Os pilares abertos nas laterais indicavam a entrada e saída de quem ao recinto quisesse adentrar, além da entrada principal. É o lugar de maior visibilidade da devoção, aqui a construção sobre a santidade de Isabel Maria da Conceição foi “[...] pensada, dada a ler”.²⁵⁵

Mesmo sendo em homenagem a Isabel Maria da Conceição, não há retrato dela exposto no altar. Observamos que a distribuição dos objetos (quadros, placa de homenagem, o retrato de Isabel Maria da Conceição) na Capela assinalou a diferença entre a imagem da milagreira Isabel Maria da Conceição aos santos institucionalizados.

Uma estratégia de apresentar para os frequentadores a condição da mulher, que é mártir, mas não é santa oficial. Aqui a construção do real se utilizou de um discurso que não é neutro. Buscou ordenar a devoção, autorizando uma concepção sobre a outra.²⁵⁶ Por essa razão, no altar avistam-se imagens de santos católicos nos formatos de gesso ou resina: Nossa Senhora Aparecida, das Graças, Nosso Senhor do Perpetuo Socorro, São Francisco de Assis, Santo Antônio. A imagem de Padre Cícero destoa como único santo popular diante dos demais. O encontro entre a religiosidade oficial e popular. Assim como os seguidores de devoções a santos e santas populares praticam os cultos oficiais da igreja católica, da mesma forma a igreja católica é ativa em ocupar com os símbolos oficiais institucionalizados os espaços criados pela devoção popular. A exemplo, a própria composição física da Capela da Isabel Maria da Conceição e a presença de um padre celebrando missa neste lugar. Uma cruz de madeira, fitas com nomes de santos, jarros com flores de plásticos rodeiam as imagens. Nota-se ainda um ex-voto de madeira em forma de cabeça próximo aos santos, as marcas das ceras de velas antes acesas podem ser observadas; logo acima do altar havia quadros

²⁵⁵ CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2ª Edição. Memória e História. DIFEL. P. 16-17.

²⁵⁶ Sobre as percepções do social Roger Chartier assegurou que “não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”. Idem. p. 17.

reverenciados de santos católicos. À esquerda do quadro de Santo Expedito está a Padroeira da cidade de Reriutaba, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, seguida de Santo Expedito, de Jesus crucificado e de Nossa Senhora dos Prazeres, padroeira da cidade de Guaraciaba do Norte. Abaixo do altar foi construído um depósito para os ex-votos, que encontramos desordenadamente amontoados.

Figura 15 – Fotografia do altar da Capela da Isabel Maria da Conceição



Fonte: foto realizada por Michelle Ferreira Maia em novembro de 2012.

Figura 16 – Fotografia das prateleiras posicionadas nos lados do altar de Isabel Maria da Conceição (esquerda e direita respectivamente)



Fonte: foto realizada por Michelle Ferreira Maia em novembro de 2012.

Além das velas, vê-se também, na imagem direita, a presença de um ex-voto de madeira e uma vassoura de palha. Esta indica os cuidados de algum devoto com o local. As velas são objetos bastante utilizados tanto para pedir quanto para agradecer uma graça à santa. Diante dos lugares de devoção aos milagreiros, as velas acendidas, assim como suas ceras derramadas, são os sinais mais presentes no culto. As chamas e as ceras deixadas também inscrevem a fé do devoto no seu santo de devoção.

Os ex-votos que encontramos parecem ser do ano de 2012. Os ex-votos de madeira em suas diversas formas estavam ocultos embaixo do volumoso material de roupas. Nós os retiramos e colocamos no chão, próximo ao altar. Um dos pagamentos mais presentes nestes espaços de devoção são os ex-votos de madeira. Anônimos, eles representam a parte do corpo para a qual foi pedida uma graça.

Em muitos ex-votos a parte enferma é destacada, por uma cor distinta à da madeira. Na figura abaixo, os ex-votos na forma de seio estão marcados logo no bico do peito pela cor vermelha, insinuando que no seio havia a enfermidade. Outro ex-voto na forma de pescoço mostrava uma linha vermelha no meio, indicação do lugar afetado pela doença. Do lado direito, uma cabeça apresenta de cor laranja o contorno de um rosto, e pintado de forma mais expressiva o nariz. Os demais ex-votos em forma de perna, mão e cabeça seguem o padrão de expor somente a forma do membro do corpo agraciado pela cura.

Figura 17 – Fotografia dos ex-votos exposto na Capela de Isabel Maria da Conceição



Fonte: foto realizada por Michelle Ferreira Maia em Novembro de 2012.

Além dos ex-votos de madeira, peças de roupas femininas (vestido, saia, blusas, camisola) e também masculinas (blusas) e lençóis. Um número considerável de calcinhas femininas também foi encontrado. Estes ex-votos são mais enigmáticos e não permitem traçar um vínculo direto com a enfermidade do devoto. Como os outros, estes também não possuem nenhuma identificação. Aliás, o enigma e o mistério dos objetos indicam que o devoto quer expor apenas o seu pagamento de promessa, e não expor sua identidade civil, nem seu paradeiro ou condição social.

Se para o visitante os objetos na Capela de Isabel Maria da Conceição estão sem identificação, para o devoto o pagamento da promessa é um pacto-trato particular com a figura da santa. Além das roupas, outras insígnias da fé compunham o acervo de ex-votos presentes na Capela durante nossa visita. Garrafas pet contendo água, talas de gesso, caixas de remédios, como Cimecort, Digestil, Menoxito, Carbolitlum, Teflan, algumas até com comprimidos na cartela. Estes ex-votos apresentam que, em demasia, os pedidos à santa são recorridos motivados pelas doenças do corpo.

Figura 18 – Fotografia dos ex-votos na Capela de Isabel Maria da Conceição



Fonte: foto realizada por Michelle Ferreira Maia em novembro de 2012.

Figura 19 – Fotografia dos ex-votos na Capela da Isabel Maria da Conceição



Fonte: foto realizada por Michelle Ferreira Maia em novembro de 2012.

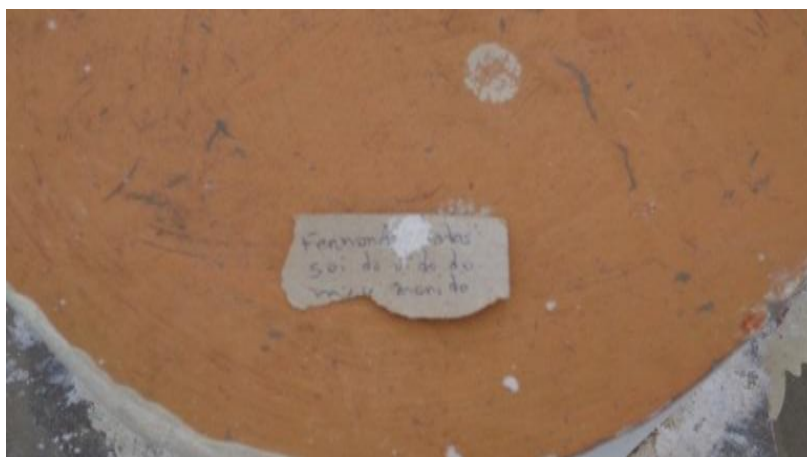
A santa popular, vitimada pelo esposo por ter cortado o cabelo, também recebeu em seu espaço de devoção um emaranhado de cabelo como forma de pagamento de promessa. Mesmo escondido por baixo de outros ex-votos, a sua presença estava intrinsecamente associada com a morte de Isabel Maria da Conceição.

Figura 20 – Fotografia dos ex-votos na Capela da Isabel Maria da Conceição



Fonte: foto realizada por Michelle Ferreira Maia em novembro de 2012.

Figura 21 – Fotografia dos ex-votos na Capela da Isabel Maria da Conceição



Fonte: foto realizada por Michelle Ferreira Maia em novembro de 2012.

O bilhete registra o pedido de uma devota a sua rival para que se afaste do seu marido, para talvez assim livrar seu matrimônio. A devota anônima escreveu num pedaço de papel: “Fernanda [parte ilegível com marca de corretivo] sai da vida do meu marido”. Aqui Isabel era mais uma vez legitimada como a santa das mulheres traídas.

Observamos que, em sua maioria, os pagamentos de promessas buscam a cura para os males do corpo. Foi encontrado em meio aos ex-votos depositados debaixo do altar receita médica, também diagnósticos, eram os únicos materiais que apresentavam alguma identificação, deixados na Capela pedindo saúde. Na primeira imagem, lê-se a prescrição de uma medicação, e na imagem seguinte, um exame.

Figura 22 – Fotografia dos ex-votos na Capela da Isabel Maria da Conceição

Prefeitura de Sobral
RECEITUÁRIO CONTROLE ESTATAL
 IDENTIFICAÇÃO DO EMITENTE
FUNDO MUNICIPAL DE SAÚDE DE SOBRAL
 Rua Viriato de Medeiros, 1205 - CEP: 62.011-060
 Sobral - Ceará - UF: CE

1ª VIA - FARMÁCIA / 2ª VIA - PACIENTE
 Paciente: *[Handwritten Name]*
 Endereço: *[Handwritten Address]*
 Prescrição: *[Handwritten Prescription]*

IDENTIFICAÇÃO DO COMPRADOR
 Nome: *[Handwritten Name]*
 Endereço: *[Handwritten Address]*
 UF: *[Handwritten State]*

ASSINATURA E IDENTIFICAÇÃO DO EMITENTE
 José Eduardo A. Ziegler
 CRM/CE: 3798
 CPF: 203.822.717-7

ASSINATURA DO FARMACÊUTICO DATA

USO EXCLUSIVO PARA UNIDADE DE SAÚDE DA PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL
 CARTA Nº 344/08

Fonte: foto realizada por Michelle Ferreira Maia em novembro de 2012.

Figura 23 – Fotografia dos ex-votos na Capela da Isabel Maria da Conceição

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE SOBRAL
**ELETROENCEFALOGRAFIA DIGITAL
 MAPEAMENTO CEREBRAL**

Miguel Rodrigues Costa
 Convênio: Contr/475415

2012/11/09
 Endereço: *[Handwritten Address]*
 UF: *[Handwritten State]*

Prça Monsenhor Eudálio, 419 - CEP 62020-888 - Sobral - Ceará
 ☎Fone (86) 3577-1950 - ☎Fax (86) 3613-1908
 CNPJ 07.818.313/0001-06 - CGF 06.322.262-0

Fonte: foto realizada por Michelle Ferreira Maia em Novembro de 2012.

Finalmente, à direita do altar encontra-se a imagem de Isabel Maria da Conceição e a oração.

Figura 24 – Fotografia de Isabel Maria da Conceição



Fonte: foto realizada por Michelle Ferreira Maia em novembro de 2012.

Figura 25 – Fotografia da Oração a Isabel Maria da Conceição



Fonte: foto realizada por Michelle Ferreira Maia em novembro de 2012.

A senhora Alice Maria de Mesquita fez uma promessa para o restabelecimento da saúde de sua filha Marlene que seria paga na Capela de Isabel Maria da Conceição. Dona Alice nos confia sua rotina de orações aos santos:

Eu acendo vela para o Pai Eterno, e eu assisto a missa, a novena do Pai Eterno de tardzinha, e a água eu boto lá pra benzer, e não é a fé, Que eu tenho? Tudo vai com a fé! Me pego com tudim, [...] eu rezo pra todos os

meus santinhos, que eu tenho é muito, tenho Jesus Coroado, tenho Nossa Senhora Aparecida bem grandona.²⁵⁷

Procuramos descobrir a relação da devota com Isabel Maria da Conceição:

Michelle: Quando começou sua devoção com a Isabel Maria da Conceição?
Dona Alice: [...] eu sabia que ela obrava milagre, [...] muita gente dizia [...]. Eu me peguei com ela para ficar boa, [...] da minha cabeça, que eu sentia muita dor de cabeça. E todo pedido, que eu peço, [...] ela me favorece. Às vezes até pra enfiar uma agulha [...]: me valha minha santa Isabel para enfiar esta agulha! Ai eu enxergo, eu enfio direitinho.[...] eu gosto muito dela.²⁵⁸

Dona Alice indica que Isabel Maria da Conceição é “santa Isabel” de suas preces, a quem pede para solucionar as agruras da curta e já dificultosa visão, e para se livrar das dores de cabeça. Mas além destas necessidades cotidianas, precisou suplicar o auxílio da santa para a cura de sua filha Marlene, que foi submetida a uma cirurgia de retirada de útero. Marlene sofreu complicações durante a cirurgia que agravaram seu quadro, necessitando, depois disso, ser submetida novamente a outra operação, como nos conta Dona Alice:

[...] eu fiz pela Marlene que ela ia fazer operação de útero.[...] foi em Ubajara [...] a cirurgia [...], [...] ela, quase morreu, deu hemorragia, ai costuraram. [...] eu fiz que se ela ficasse boa, fizesse a outra operação de novo, [...] prometi [...] rezar o terço e acender um maço de velas lá na Capela. Eu ainda tenho que ir lá com ela. E em cima da mesma ela fez em Sobral. [...] ela ficou boa graças a Deus, não sentiu mais nada [...].²⁵⁹

Para Dona Alice, o restabelecimento de Marlene, após as duas cirurgias, é graças ao pedido feito a Isabel Maria da Conceição. Em agradecimento, o prometido era mãe e filha irem até o espaço de devoção levar “um maço de velas” e “rezar o terço”. Mesmo passados dois anos de cirurgia da filha, Dona Alice assegurou que a promessa não havia sido paga. A desculpa para o descumprimento do prometido se devia à dificuldade de acesso à Capela de Isabel Maria da Conceição:

Acredita que eu ainda não fui, pra levar o maço de velas [...] com a Marlene, sabe por quê?[...] eu tenho medo de ir só, [...] lá é muito perigoso pra gente andar [...], assim uma ou duas pessoas [...]. Porque é fora da rua, é [...] na subida da ladeira. [...] na cruz da finada Isabel anda muita gente, mas eu não sei qual é o dia [...], [...] diz que mais é dia de segunda-feira.²⁶⁰

²⁵⁷ MESQUITA, Alice Maria de. Casada, 77 anos, aposentada. Residente na Rua Maestro Vicente Marques nº 779 em Guaraciaba do Norte, Ceará. Entrevista realizada em sua residência no dia 07 de Maio de 2014.

²⁵⁸ Idem.

²⁵⁹ Ibidem.

²⁶⁰ MESQUITA, Alice Maria de. Casada, 77 anos, aposentada. Residente na Rua Maestro Vicente Marques nº 779 em Guaraciaba do Norte, Ceará. Entrevista realizada em sua residência no dia 07 de Maio de 2014.

Como a localização da Capela de Isabel Maria da Conceição é na serra, distante da cidade de Guaraciaba do Norte, inspira cuidados, pelo deserto de pedestres, e por estar próxima ao abismo. Motivos sempre indicados como justificativa para não ir sozinho ao espaço.

A santa da ladeira das pedras é uma:

[...] alma [...] milagrosa [...], ela tá no céu, tá obrando milagre. Quem tiver fé [...], nela.[...] se pegar com [...] fé. Porque qualquer santo vale a gente, assim a gente tenha fé. [...] porque tudo vai com a fé. O povo não tendo fé, até Deus mesmo não socorre. Porque se a pessoa não tiver fé nele não vive.²⁶¹

Muitos costumam se dirigir a Isabel Maria em momentos difíceis, pedindo sua proteção. Quando a terra não oferece alento, o céu se reveste de brandura e calma, apontando possibilidades dos poderes dos santos e de Deus. E o povo clama ao santo de sua estima, buscando apoio, confessando sua confiança no sagrado. A promessa é feita com o santo que concedeu, anteriormente, uma graça a alguém. Os milagres são a apresentação do poder do santo.²⁶²

E várias são as formas de agradecimento: além das caminhadas até a capela, o nome dela é oferecido para consagrar às filhas, como é o caso de Télia Bandeira Vale²⁶³, nascida em Reriutaba, que tem uma filha com o nome de Isabel, devido a uma graça alcançada no momento de um acidente quando estava grávida.

Analisamos como a construção da imagem de Isabel Maria da Conceição como santa foi sendo tecida desde a sua morte. Acontecimento que dele nasceram desejos de milagres e de salvação.²⁶⁴

A santa popular Isabel Maria da Conceição não possui um acervo com seus pertences pessoais na Capela: roupas, objetos ou retratos de sua vida familiar. Suas relíquias são os ex-votos. Objetos que dão sentido religioso ao espaço, indicando a presença, a ida e vinda dos devotos, pagando promessas.

²⁶¹ MESQUITA, Alice Maria de. Casada, 77 anos, aposentada. Residente na Rua Maestro Vicente Marques nº 779 em Guaraciaba do Norte, Ceará. Entrevista realizada em sua residência no dia 07 de Maio de 2014.

²⁶² O poder do santo é vislumbrado pelo milagre e principalmente como este é visto e interpretado pela sociedade que o assiste, como adverte Régis Lopes Ramos: “A crença, portanto, possui uma fundamentação no que é visto, ou melhor, na forma pela qual certos acontecimentos são percebidos”. RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O verbo encantado**: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí: Unijuí, 1998. p. 25.

²⁶³ VALE, Télia Bandeira. Doméstica, casada, 45 anos. Residente na Rua Mons. Eurico, s.n. Centro, Guaraciaba, Ceará. Entrevista realizada no dia 20 de julho de 2011.

²⁶⁴ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. 15ª. ed. Graal. p. 22.

CAPÍTULO III JOÃO DAS PEDRAS: O LADRÃO QUE VIROU SANTO EM SÃO BENEDITO

Não são só os ladrões os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa: os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. [...] o ladrão que furta para comer, não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera.²⁶⁵

Padre Antônio Vieira

Neste capítulo analisamos o processo de santificação popular de João das Pedras, em São Benedito, iniciado a partir de sua morte, ocorrida no dia 4 de abril de 1978, provavelmente. Consideramos a devoção dedicada a este ‘santo’ espontânea, em sua formação, uma vez que não sofreu interferência da família do finado.

3.1 O Crime e a Salvação: *o ladrão que roubava dos ricos para dar aos pobres*

João das Pedras viveu em São Benedito, nas décadas de 1960 e 1970. Era um ladrão quase comum, não tivesse ele a atribuição de roubar dos ricos para dar aos pobres, como consta na tradição oral daquela cidade. Não há nenhuma nota jornalística sobre sua vida nem sobre sua morte.

Nosso propósito, neste capítulo, é buscar compreender como se deu a transformação do ladrão em santo popular. De que forma sua vida pregressa influenciou para que a devoção a ele fosse aceita ou rejeitada em São Benedito. Qual a identificação dos devotos com o santo? Como e onde é vivenciada a devoção?

²⁶⁵ VIEIRA, Antônio. *Sermão do Bom Ladrão*. São Paulo: Princípio, 1993, p. 10.

Nossa primeira hipótese: a devoção a João das Pedras está associada à sua morte trágica que não somente anuncia sua santidade para os devotos como também o incrimina, para os que se opõem à devoção, visto que foram os roubos por ele praticados que o conduziram à morte. Foi na tentativa de roubar a casa de número cento e oitenta, do senhor Epifânio Rodrigues, situada na rua Firmino da Costa, no bairro Cruzeiro, em São Benedito, que João das Pedras morreu eletrocutado. A morte foi considerada trágica, porquanto fôra ele vítima de uma armadilha. Tratou-se, desse modo, de morte premeditada, cujos responsáveis pela instalação da fiação elétrica nunca foram punidos.

Além de ter sido eletrocutado deliberadamente, o corpo carbonizado de João das Pedras foi ainda amarrado por uma corda num varão de madeira; numa das extremidades, pelos pés, e na outra, pelas mãos. E assim foi carregado, em cortejo, do local onde morreu até o centro da cidade, num atitude propositada para humilhá-lo e desrespeitá-lo, mesmo já sem vida. Este fato é outro elemento que desperta nos devotos a esperança de que aquele sofredor possa operar milagres.

Nas entrevistas que nos foram oportunizadas realizar, João das Pedras foi considerado vítima, mesmo que tenha sido um bandido. Na nossa análise, a forma singular de morte impingida ao ladrão foi tida pelos contemporâneos como o evento que redimiu a vítima de suas práticas ilícitas e favoreceu a sua salvação. Os discursos sobre sua morte não somente o elevam à categoria de vítima como também fazem uso dos termos sofrimento, punição, perdão e arrependimento, que dão indícios da piedade que o fato despertou numa grande parcela da população.

Nossa segunda hipótese: para os devotos, os furtos cometidos por João das Pedras constituíram-se em sinais de sua virtude. Nossos entrevistados afirmam que ele foi um ladrão singular, porque roubava dos ricos para doar aos pobres. A finalidade dos furtos foi seu alívio, sua defesa e salvação. Assim, João das Pedras, um sujeito à margem da sociedade passou a “santo” mais venerado em São Benedito. Ele se tornou campeão das intenções de missas e seu túmulo, no cemitério da, tem sido o mais visitado no desde sua morte, em 1978.

Do passado de João das Pedras, colhemos poucos fragmentos, por intermédio do testemunho de familiares, contemporâneos e devotos. Dele, não localizamos sequer nenhum documento, tal como certidão de nascimento, carteira de identidade e de trabalho e, nem mesmo, certidão de óbito. Os primeiros foram destruídos por num incêndio à casa de

Francisca Ferreira Gomes,²⁶⁶ sua avó. A certidão de óbito não foi requisitada pela mãe, Maria Ferreira Gomes, visto que, segundo ela, o filho – “um ladrão, foragido” – não fazia jus a esse direito.

Do nascimento à infância e à adolescência, a vida de João das Pedras é de um sujeito comum. De origem humilde, nasceu João Ferreira Gomes,²⁶⁷ no município de Graça, Ceará. Alinhado, posteriormente, de João das Pedras, era o filho primogênito de Maria Ferreira Gomes, mãe solteira, e de Antônio Amaro. João era o único homem da família, e tinha como irmãs Graça, Raimunda, Maria do Carmo e Antônia. Todos residiam com a avó materna, Francisca Ferreira Gomes, parteira e rezadeira na cidade.

A alcunha ‘das Pedras’ foi atribuída aos membros da família por residirem na periferia do município Graça, explicou Maria Ferreira Gomes: “[...] ele tinha esse apelido (João das Pedras), sabe por quê? Porque nós morava lá no Graça. E nós [...] só pisava na pura pedrinha [...]. E ele, João, nasceu [...] lá onde tinha esse pedregueiro”.²⁶⁸ A família mudou-se para São Benedito quando João das Pedras não tinha ainda dez meses. “Criei essa minha menina tudim aqui. Cheguei com minhas menina tudo pequena [...]”,²⁶⁹ recordou a mãe.

João das Pedras saiu do anonimato na adolescência, quando começou a sua trajetória de furtos. Sua mãe afirmou desconhecer a origem da vida marginal do filho: “não sei como foi que se deu aquele destino”.²⁷⁰ Maria das Graças Marques, irmã de João das Pedras, relatou que o irmão começou a roubar na adolescência, por culpa das más companhias: “Depois dos quinze anos ele começou, acompanhado de certas pessoas, que ele começou entrar nesse erro [...]. Ele passava pouco tempo em casa”.²⁷¹

Em São Benedito, quando já adulto, João começou a ser conhecido como *o ladrão que roubava dos ricos para dar aos pobres*. “Ele nunca ofendeu ninguém. [...] ninguém

²⁶⁶ A casa da senhora Francisca Ferreira Gomes, ou Francisca das Pedras, avó de João das Pedras, foi incendiada pelo vizinho Expedito Cratiú, cuja esposa recebera abrigo na casa. Francisca foi a única vítima do incêndio e morreu dias depois. Na ocasião, destruíram-se todos os pertences do neto já falecido, inclusive os documentos. O responsável pelo incêndio não foi punido.

²⁶⁷ João pode ter nascido em 1943, já que sua mãe nasceu em 30/03/1930 e lhe teria dado à luz aos 13 anos, aproximadamente. Não há nenhum indício, porém, quanto ao mês e ao dia do nascimento dele.

²⁶⁸ GOMES, Maria Ferreira. Casada. Entrevista realizada em sua residência no sítio Pimenteira, em São Benedito, no dia 1º/06/2003. Maria estava com 73 anos.

²⁶⁹ Id.

²⁷⁰ Ibid.

²⁷¹ GOMES, Maria das Graças Marques. 53 anos. Dona de casa. Entrevista realizada no dia 12/02/2005, em sua residência, no sítio Pimenteira, em São Benedito.

ouviu falar que ele fizesse mal a moça nenhuma, e nem nada no mundo. Era só esse negócio que ele fazia: tirava de quem tinha e dar a quem não tinha”.²⁷²

A imagem de João das Pedras foi sendo construída na tentativa de diferenciá-lo dos demais ladrões da época, em São Benedito. Foi mesmo comparável a Robin Hood. Segundo Otalício Viana, João das Pedras “[...] era um rapaz humilde, tipo um Robin Hood, roubava dos ricos pra ajudar os pobres”.²⁷³

Robin Hood é o exemplo, a imagem do ladrão maior e mais conhecido através dos filmes, livros, revistas em quadrinhos e até mesmo dos livros didáticos. Hobsbawm afirma que o ladrão inglês “é aquilo que todos os bandidos camponeses deviam ser”.²⁷⁴ Na análise de Otalício Viana Soares, Robin Hood – personagem inglês, nobre por nascimento e atitudes – e João das Pedras, sem nobreza, conforme a acepção europeia do termo, eram semelhantes, já que ambos roubavam dos ricos para dar o que fora roubado aos pobres.

Outra característica singular em João das Pedras era sua maneira de agir sem ser percebido. Um quê de ‘invisibilidade’ o acompanhava, segundo seus devotos, nos seus furtos e na redistribuição do que furtara:

Disse que ninguém via, né? Parece que era uma oração forte que ele tinha. Ele entrava numa casa, num tinha nada na casa, ele ia nas lojas, chegava lá, tirava cuberta, pegava aqueles pano velho que a pessoa tinha e jogava tudo fora. Quando a pessoa acordava, tava imbruiada num pano bonito, num lençol [...] era o João das Pedras, disse que ele fazia muita caridade.²⁷⁵

Em São Benedito, muitos creem que a invulnerabilidade de João das Pedras advinha de uma oração, envolta em panos, dada por sua avó, Francisca Ferreira Gomes, que lhe recomendara tê-la sempre com ele, junto ao corpo, porque ela o livraria de todo mal. Em todo caso, João foi reconhecido pelo povo como bom ladrão, como ladrão nobre. Confiar nele teria fundamento, por ser considerado invulnerável e eficiente no que praticava: roubava sem que os outros vissem ou percebessem seus gestos e modo de agir. O ladrão, herói dos pobres, não deixava rastros. Eric J. Hobsbawm, em seu estudo sobre o banditismo, escreveu a respeito da imagem do ladrão nobre: “[...] seu papel social como sua relação com os camponeses comuns

²⁷² SILVA, Francisca Roberta da. 54 anos. Aposentada. Residente na Rodovia da Confiança Norte, São Benedito. Entrevista realizada em sua residência no dia 19/03/2004.

²⁷³ SOARES, Otalício Viana. 22 anos. Residente no Sítio Lagoa. Auxiliar de escritório do Cartório Amaral do 2º Ofício. Entrevista realizada no dia 02/02/2005, no Cemitério de São Benedito.

²⁷⁴ HOBBSAWM, op. cit., p. 53.

²⁷⁵ ASSIS, Francisca das Chagas. 60 anos. Funcionária pública, residente na rua Monsenhor Custódio. Entrevista realizada em sua residência, em São Benedito, no dia 19/03/2004.

[...] é [...] aquele que corrige os erros, que dispensa a justiça e promove a equidade social. Sua relação com os camponeses é de solidariedade [...]”.²⁷⁶

Embora o autor defenda que o ladrão nobre surge no espaço campesino, salienta que podemos definir e distinguir o ladrão comum do ladrão considerado nobre pelo povo, por preencher certas características, dentre as quais a invisibilidade. Este ladrão “[...] é pelo menos em teoria – invisível e invulnerável”. A invisibilidade passa a ser compreendida pelas formas como esse ladrão escapa ou se esconde, seja em suas investidas ou fugas; e a invulnerabilidade, por sua vez, como o poder de vencer as intempéries vindas com o desejo daqueles que o querem morto.²⁷⁷

Vale lembrar outro episódio do Nordeste brasileiro. Acredita-se que Lampião “aparecia onde ninguém o esperava, e sumia-se com a mesma rapidez, sem deixar rastro”.²⁷⁸ O rei do cangaço escapuliu de diversas investidas de volantes, de bandos. Exemplo disso foi ter saído com vida de Mossoró, em 13 de junho de 1927.

Nesse sentido, Maria Isaura Pereira de Queiroz escreveu que “para as gentes do Nordeste, Lampião era invencível, era curado de cobra, tinha o corpo fechado para bala e punhal, tinha parte com Deus e com o diabo”.²⁷⁹ Em folhetos de cordéis e em canções constam que Lampião teria sido benzido, abençoado para sua graça e sorte por um pai de santo.²⁸⁰ Acredita-se que o cangaceiro rezava antes de deitar-se. Francisco Régis Lopes afirmou que “A devoção não elimina a violência [...] ter a violência como profissão não elimina a devoção. Basta lembrar que Lampião e outros cangaceiros eram devotos de Padre Cícero”.²⁸¹

A oração que João das Pedras levava consigo e que, supostamente, o tornara invulnerável tem no caso do cangaceiro Jararaca uma analogia. Prestes a ser enterrado vivo,

²⁷⁶ HOBBSAWM, E. J. O ladrão nobre? In: *Bandidos*. Donald Magalhães Garschagen (Trad.). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976, p. 40.

²⁷⁷ Segundo o autor, a ‘imagem’ do ladrão nobre pode ser sintetizada em nove características. Idem.

²⁷⁸ ALMEIDA, Felon. *Jararaca: o cangaceiro que virou “santo”*. Recife: Guararapes, 1981, p. 25. (Cadernos Guararapes, 1).

²⁷⁹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Os cangaceiros*. Tradução da autora. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 120.

²⁸⁰ Em nota de rodapé, Eric J. Hobsbawm comenta: “Uma Canção a respeito de Lampião esclarece, como de costume, a questão. O bandido foi tratado por um pai-de-santo com a magia africana que, como todos sabem, é a mais forte, para torná-lo invulnerável a armas de fogo e à arma branca; mas o milagreiro também recomendou que, em caso de necessidade, apelasse a ‘São Pernas, São Vigilante, São Fuzil, São Desconfiança, São Cuidado’, etc.” (HOBBSAWM, op. cit., p. 48).

²⁸¹ Francisco Régis Lopes acrescenta que a relação dos cangaceiros com as orações, patuás, devoção “[e]ra uma religiosidade que se fazia em íntima relação com as táticas de proteção”. RAMOS, Francisco Lopes. “Narrativa em fogo cruzado: Padre Cícero, Lampião e a Guerra de 14”. *Trajeto* – Revista de História UFC, Fortaleza, v. 2, n. 3, 2002, p. 160).

ele teria pedido que lhe tirassem do pescoço o amuleto que levava, para que pudesse morrer. Kesia Cristina França Alves cita a respeito a entrevista concedida por D. Julieta:

[...] aí antes de morrer levaram ele pra enterrar vivo. Aí quando chegou lá, antes de entrar no cemitério, ele pediu pra tirar uma oração que ele tinha no pescoço, que senão não morria. Tiraram a oração e enterraram ele ainda morrendo. A oração no pescoço, com poder de guardar a vida, é o amuleto, a proteção mágica da qual é revestido o herói.²⁸²

Essa proteção mágica, de acordo com Hobsbawm, tem uma dimensão real. Para ele, “a invulnerabilidade dos bandidos nem sempre é simbólica”.²⁸³

João das Pedras não roubava na redondeza de sua casa, no sítio Pimenteira, onde as demais famílias eram pobres como a sua. Esse fato pode ter-lhe angariado confiança, simpatia e, quem sabe, apoio dos vizinhos. Conforme Eric Hobsbawm, são dois os motivos principais que impedem o bandido de roubar dos pobres: “Se ele tira dos ricos para dar aos pobres, é outra coisa; exceto, é claro, na medida em que ele não se pode permitir tirar dos pobres do lugar, para que conserve seu apoio contra as autoridades. E afinal, pouco há para se tirar deles. Não resta dúvida de que às vezes os bandidos dão aos pobres”.²⁸⁴

Francisco Arruda Maia, ex-policial, relatou que as prisões de João sempre foram motivadas pelos furtos:

[...] Eu mesmo fui um dos policiais que passei muitas noites acordado à procura dele, né? Ele fazia os roubos e se escondia dentro do mato, né, passava a noite atrás dele pra ver se a gente o encontrava, [...] nós procurava muito. O pessoal tinha medo dele, não que ele tivesse o coração de ofender ninguém. Nesse ponto aí, ele fazia os roubos dele, mas ele nunca [...] matou ninguém, nunca feriu ninguém. Ele entrava dentro da casa duma pessoa e, quando o pessoal acordava, o que ele fazia era fugir, saía correndo, mas ele nunca tentou agredir ninguém, né. [...].²⁸⁵

Vemos no depoimento acima como o policial Francisco Arruda Maia participa da construção da imagem do ‘bom ladrão’. Como afirma Hobsbawm, o “bandido nobre nunca

²⁸² ALVES, Kesia Cristina França. *O santo do purgatório: a transformação mítica do cangaceiro Jararaca em herói*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal, 2006, p. 64-65.

²⁸³ Acerca da crença na invulnerabilidade dos bandidos, Hobsbawm assegura que “quase invariavelmente ela se deve à magia, que reflete o interesse das divindades em seus negócios. Os bandidos do sul da Itália portavam amuletos bentos pelo Papa ou pelo Rei, e consideravam-se sob a proteção da virgem [...]. É isto que torna os ladrões invisíveis e invulneráveis, que paralisa suas vítimas ou as faz dormir, e lhes permite fixar, por adivinhação, o lugar, o dia e a hora de suas atividades – mas que também lhes proíbe modificar o plano depois de determinado por inspiração divina” (HOBSBAWM, op. cit., p. 47).

²⁸⁴ HOBSBAWM, op. cit., p. 40.

²⁸⁵ MAIA, Francisco Arruda. 64 anos. Policial militar aposentado. Residente no bairro Papicu, em Fortaleza, Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 09/05/2005. É conhecido por muitos, em São Benedito, como sargento Maia.

mata, a não ser em legítima defesa ou vingança justa”.²⁸⁶ Joaquim Crescença, ex-carcereiro da delegacia municipal de São Benedito, afirma que João das Pedras não era como os ‘outros’ presos: “Era só ele mesmo. Os outros era de crime, né. De coisa [...] mas [...] que [...] só o que era mais atacado era ele lá nesse negócio de roubo, furto, tinham mais medo, nera? Era dele! Por causa de roubo. Mas sobre crime não, tinham os outros criminosos”.²⁸⁷

A boa índole do ladrão consiste em ele não ter praticado nenhuma agressão contra suas vítimas. Nas narrativas sobre João das Pedras, além de se afirmar sua virtude de roubar para dar os pobres, consta também o fato de ter preservado sempre a vida das vítimas, o que o tornava um ‘bom ladrão’.

Francisca das Chagas diz que João das Pedras era zeloso e protegia as mulheres sozinhas. No exemplo abaixo, ele é destacado como protetor de uma viúva e de suas filhas, que viviam em situação muito vulnerável e expostas aos homens de má-fé:

Exemplo 1 – A viúva e suas filhas carentes de proteção:

[...] tinha uma mulher viúva que tinha duas filhas, aí os caboclos queriam pegar ela. Disse que tavam combinando pra quando fosse de noite invadir a casa da mulher, da viúva. Ele soube, quando foi de noite ele foi lá pastorar, quando eles chegaram, ele disse:

– Olhe, vocês não vão fazer nada nem com a pobrezinha da viúva e nem com as moças.

[...] ele passou foi a noite, quando foi no outro dia, foi dizer à mulher que se mudasse daquela casa que era esquisito pra ela, que tinha uns caras que queriam invadir a casa. Ele era bom, é por isso que eu digo que ele era muito caridoso [...].²⁸⁸

O centro da narrativa é o ladrão que salvou a honra e integridade física das mulheres que poderiam ter padecido nas mãos dos caboclos. João sacrifica-se a “passar a noite todinha ao redor da casa”. Ele, como um Robin Hood, insiste em ações moralmente positivas, como roubar [...]; mais que isso, porém, insiste nos atributos padrões do cidadão que obedece ao sistema ético”.²⁸⁹

Os exemplos sobre a índole boa do ladrão são diversos. A linha descritiva sempre busca ressaltar a sua notável ação:

²⁸⁶ HOBSBAWM, op. cit., p. 38.

²⁸⁷ CRESCENÇA, Joaquim. 83 anos, aposentado, residente no sítio Pimenteira em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência, no dia 19/03/2004. Seu Joaquim foi carcereiro da Delegacia Municipal de São Benedito e acompanhou muitas das prisões de João das Pedras.

²⁸⁸ ASSIS, Francisca das Chagas. 60 anos, funcionária pública, residente na rua Monsenhor Custódio. Entrevista realizada em sua residência, em São Benedito, no dia 19/03/2004.

²⁸⁹ HOBSBAWM, op. cit., p. 44.

Exemplo 2 – Companhia das mulheres pela estrada

Ele vinha vindo e as mulheres iam pra igreja pra santa missa. E vinham com medo do João das Pedras. E subiu junto com elas. Quando chegou lá no Cemitério, ele ia entrar para o Chora, porque tinha um comércio pra lá, aí quando chegou e despartou dela, disse:

– Dona, o João das Pedras é eu. Mas eu não bulo com ninguém não [...]. Depois elas contaram a história por aqui, que muita gente soube.²⁹⁰

Compreendemos que as narrativas sobre o passado estão emaranhadas pela representação de João das Pedras no presente, considerado santo popular. As menções sobre ele ressaltam a bondade de suas ações. No modo pelo qual essas narrativas se configuram, João das Pedras sempre tinha a preocupação de ajudar quem necessitava. Nenhum outro ladrão da cidade de São Benedito recebeu essa denominação, apenas João. Todas as narrativas confirmam que João das Pedras roubava dos ricos para dar aos pobres, mesmo por meios duvidosos, merecendo o perdão pelo delito cometido.²⁹¹

Aos poucos, essa característica da imagem de João das Pedras é associada à de protetor das mulheres. A senhora Maria da Conceição Lopes acrescentou que os comentários sobre suas ‘caridades’ eram constantes em São Benedito:

Exemplo 3 – A mulher de resguardo

Surgia muita história dele. As mulheres mesmo conversando, aí elas diziam que tinha uma mulherzinha que tinha ganhado menino aí pra banda da Lagoa, e disse que ele chegou, ela de resguardo, no escuro sem ter o que cumê. E ele entrou numa bodega, pegou o gás, pegou arroz, fosco. Quando chegou lá, butou o gás na lamparina e deixou tudo cheinha. Quando ela viu, ela quase morre de medo. Ele disse, pediu que ela não ficasse com medo não, que ele era o João, [...] que chamavam João das Pedras, ele não ia fazer nada com ela, só tava ajudando.²⁹²

Exemplo 4 – A mulher de resguardo

Entrou numa casa, chegou numa casa, tinha uma mulher de resguardo, aí ela tava falando para o marido dela que não tinha o que comer. [...] Tinha uma

²⁹⁰ OLIVEIRA, Vicente Paula de. 94 anos. Aposentado. Entrevista realizada em sua residência no dia 03/04/2004 em sua residência no sítio Pombal em São Benedito.

²⁹¹ Construir uma imagem sobre o outro é também construir uma imagem sobre nós, crenças, afeições, repugnâncias, aversões, simpatias, pois “enquanto os historiadores estão interessados em reconstruir o passado, os narradores estão interessados em projetar uma imagem. Portanto, enquanto os historiadores muitas vezes se esforçam por ter uma seqüência linear, cronológica, os narradores podem estar mais interessados em buscar e reunir conjuntos de sentidos, de relacionamentos e de temas, no transcorrer de sua vida” (PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida: funções do tempo na História Oral”. In: FENELON, Déa Ribeiro et. al. (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’Água, 2004, p. 300).

²⁹² LOPES, Maria da Conceição. 54 anos, lavadeira, residente no bairro da Cachoeira. Entrevista realizada em sua residência, no dia 01/06/2003.

vizinha que era rica e tinha um bocado de capão gordo no chiqueiro esperando ganhar neném; e ele ouviu a conversa do casal. À noite ele voltou, foi lá no chiqueiro da vizinha, aí trouxe dois capão, e deixou lá dentro da casa na cozinha do vizim, pra mulher que tava de resguardo e não tinha o que comer. Então, quando meteram os pés de manhã, que ele deu fé, disse:

– Mulher, tem dois capão aqui.

– E esse capão veio de onde?

– Não sei. O que nós faz?

Ora, se ta aí, se as porta tavam fechada. Foi Deus que mandou, mate um pra comer, que eu tô com fome.

Depois a dita mulher que foi roubada os capão descobriu que tinha sido ele que tinha levado, e que os capão tava na casa da mulher e a mulher já tinha matado um. Quando o cara descobriu, foi deixar o outro capão. E a mulher (a dona do capão) disse:

– Não é meu, se amanheceu o dia lá, o capão é seu, pode comer, eu lhe dou de todo coração.

Sempre as histórias que eu ouvia falar dele sempre eram uma história bonita. Não tinha história triste de ele matar ninguém, fazer mal a ninguém. Era uma pessoa que, que roubava para ajudar [...].²⁹³

As mulheres são o centro das narrativas. Elas são as necessitadas em cujo auxílio acode João, seja doando-lhes alimento ou proteção da honra. Isto permite fazer duas observações. Primeiro, que a centralidade das mulheres nas ‘caridades’ de João das Pedras está certamente relacionada ao sentimento materno. O ladrão que morreu eletrocutado poderia ser o filho de qualquer uma daquelas mulheres. Então, os devotos do ladrão destacam os feitos dele, humanizando-o. Se praticou o crime de furtar é porque alguém precisava de sua ajuda. A doação do ladrão é uma reação contra a omissão dos demais frente à falta de comida, ao frio e à exposição das mais vulneráveis à agressão: mulheres sozinhas, viúvas e suas filhas.

A segunda observação é que, se em vida, o ladrão em foco zelava pelo bem-estar dessas mulheres, depois de morto seu zelo continuará. São as mulheres que mais cultuam o milagreiro: casadas, solteiras, filhas, mães, avós visitam o seu túmulo no dia de finados; são elas que mais recorrem à sua proteção. Foram estas mulheres que deram início e que propagaram a devoção a João das Pedras.

Durante toda a pesquisa, não encontramos alguém que tivesse, de forma direta, recebido uma ‘ajuda’ ou ‘auxílio’ de João. É como se estas pessoas tivessem deixado de

²⁹³ CARVALHO, Maria Aparecida de Matos. 53 anos. Agente de saúde. Entrevista realizada em sua residência, na Rodovia da Confiança Norte, em São Benedito, no dia 07/03/2005.

existir no real, no cotidiano, para serem reais no plano narrativo, sem nome e sem endereço. É sempre alguém que ouviu falar de alguém. Nenhum dos nossos entrevistados foi ‘beneficiado’ por um furto. Os vitimados pelos furtos também sumiram no anonimato, salvo pouquíssimas exceções, no entanto os roubos para o bem dos pobres não perderam seu significado e continuam a ser transmitidos nas falas cotidianas e nas narrativas mais carregadas de motivos míticos. Destacamos a seguir uma das mais singulares.

Trata-se de uma velhinha que morava sozinha, em condições precárias: sem cobertor, num lugar frio como São Benedito, com fome e abandonada por todos. O nosso interlocutor, o senhor Orácio Pedro, afirmou que João das Pedras fora o único a tentar mudar aquela realidade:

Exemplo 5 – A velhinha necessitada e abandonada

Uma vez um criatura me contou uma história que lá na Pimenteira tinha uma velha [...], carente, pobrezinha que nada possuía. Então, ele chegou lá, não se identificou que ele era o João das Pedras. Mas que ele vendo aquela pobreza, aquela carência daquela coitadinha sofredora. [...] saiu à noite, [...] quando foi no outro dia, já chegou na casa dela com um bocado de roupa pra ela [...], quando foi no mesmo dia, ele levou as roupa, quando foi à noite, ele foi lá e encontrou ela dormindo no chão, ele armou a rede que levava e pegou ela e deitou ela na rede e imbruiu e foi embora. Quando foi nos outros dias, no terceiro dia, ele vai lá, chega [...], ela tava naquela vivência [...], contando:

– Meu filho, aqui não tem nada pra cumê e nem pra fazer, nada pra você.

Então, ele disse:

– Olha, é isso mesmo, a senhora não tem o que cumê mais [...] Lá na lagoa tem um noivado muito grande, é muita cumidinha [...] Mataram gado, porco, cabrito, uma festa muito grande, esse noivado lá de fulano de tal. Que eu não vou dizer quem é, que eu ouvi falar.

Então, ela disse:

– Ah, é tem esse noivado lá mesmo?

Ele disse:

– Tem.

[...] Ele saiu, quando foi mais tarde, chegou e [...] fez a diligência dele: entrou [...] na casa do noivado, roubou a carne e tudo e trouxe pra velhinha. [...] Entregou à velha e foi embora. [...] Quando foi no quarto dia, ele voltou lá, na casa da velhinha, chegou lá a velhinha disse:

– Ô meu filho, mais eu cumi tanto, [...] bem. Que nesses dias parece que Deus nossinhô andou aqui, parece que Jesus Cristo andou aqui. Eu tava durmindo no pé da parede deitada quando acordei tava dentro duma rede tão bem imbruiada com uma cubertona boa, e a rede tão boa, meu filho, que tá ali, não sei quem trouxe essa rede. Noutros dias, tava com fome o criatura

trouxe bastante cumida, carne à vontade, cumi à vontade e ainda tem até carne pra cumê [...].

Ele foi e disse:

– Olha, a senhora sabe quem foi que andou aqui foi o João das Pedras, eu sou ele.

A velhinha tomou aquele susto, assustou-se dele falar aquilo e disse:

– Você é que é o João das Pedras?

– É, mas, velhinha, não tenha medo de mim não, que eu não vou fazer nada com a senhora e nem faço nada com pessoas do seu tipo e nem roubo nada de vocês.²⁹⁴

No fim, tudo se resolve: a fome e o frio são problemas superados. Além disso, assentada no chão da tradição oral, a história da velhinha se assemelha a outras narrativas populares, quando também os acertos de contas, prendas, punições são vividos somente no fim.²⁹⁵ A articulação e a sequência final da narrativa da velhinha podem ser observadas na estória do primo pobre e do primo rico, abordada por Beth Rondelli. Também nesta, é no fim que o primo rico fica pobre e se torna empregado do primo que antes fora pobre e se tornou rico – uma mudança de condição.

O sentimento de compaixão tributado a João das Pedras não se expressa apenas na sua índole de bom ladrão, mas também na distinção de seu papel de protagonista em prol do bem, na luta entre o bem e o mal, o certo e o errado, a fartura e a precariedade, a festança e a solidão, a falta de interesse e a preocupação. Compreendemos que os entrevistados expressaram em suas descrições sobre a vida de João das Pedras a sua concepção de vida, pois, como bem afirma Yara AunKhoury, “ao narrar, as pessoas estão sempre fazendo [...] numa relação imbricada com a consciência de si mesmos, ou daquilo que elas próprias aspiram ser na realidade social”.²⁹⁶

As mulheres beneficiadas pelos furtos de João das Pedras são sempre passivas, na ação descrita pelos entrevistados: a mulher de resguardo sem comida e sem a presença do marido; a viúva desamparada pela perda do cônjuge se tornara, com as filhas, um alvo fácil para os infratores desonrosos; a outra mulher de resguardo, mesmo com a presença do esposo, padece ao lado dele, saciando sua fome somente com os ‘capões’ dados por João.

²⁹⁴ SOUSA, Orácio Pedro. 72 anos, agricultor aposentado, residente no sítio Ingazeira, em São Benedito, Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 22/05/2004.

²⁹⁵ RONDELLI, op. cit., p. 86.

²⁹⁶ KHOURY, Yara Aun. “Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história”. In: FENELON et. al., op. cit., p. 131).

Como nas estórias de trancoso analisadas por Beth Rondelli, o papel dado à mulher é diferenciado: “Enquanto o herói masculino se movimenta e vive aventuras [...], a mulher permanece encantada ou imóvel [...]. Enquanto o homem age, a mulher espera [...]”.²⁹⁷

Todas as mulheres citadas nas entrevistas que realizamos apresentam como únicas reações o espanto, a surpresa e a gratidão pelos artigos do furto que lhes beneficiaram. Somente a velhinha quebrou a passividade conseguindo, como o João, ser também protagonista da narrativa. A figura de ‘herói dos pobres’ não esconde que, de um lado, João das Pedras não deixa a sua pobreza, não se torna rico e nem pretende acumular riqueza, assim diferindo das estórias de trancoso analisadas por Beth Rondelli, nas quais os heróis transitam entre a pobreza e a riqueza, sendo esta última seu destino e recompensa final.²⁹⁸

Além disso, o furto de João das Pedras rende para as pessoas beneficiadas por ele apenas a superação temporária de sua necessidade. Nenhum dos agraciados deixa a pobreza, apenas vive uma satisfação efêmera; a fome, o frio e a proteção logo retornam. Entendemos, que nisso radicava a identificação com João: ele é ladrão para os pobres, mas é também pobre.

Podemos observar que as narrativas se entrelaçam na construção da percepção da dualidade das vivências humanas: no ser, ter ou sentir. Descritos oralmente por antagônicos sinônimos: riqueza x pobreza, honestidade x desonestidade, sociedade idealizada x sociedade desigual, sensibilidade x indiferença, compaixão x desprezo.

João das Pedras é o ladrão ideal. O roubo real não precisa ter concretamente acontecido, basta crer que ele existiu num dado momento em algum lugar. Acreditar no ladrão dos pobres é perceber que “os pobres necessitam dele, pois ele representa a justiça, sem a qual, como observou Santo Agostinho, os reinos não passam de um imenso roubo”.²⁹⁹ João é o ladrão permitido ou simplesmente aceitável e compreendido, posto contra o poder e os poderosos, bravo, astucioso e determinado.

De acordo com Hobsbawm, a situação social do bandido é sua ambiguidade “[...] Ele é um marginal e um rebelde, um homem pobre que se recusa a aceitar os papéis normais da pobreza, e que firma sua liberdade através dos únicos recursos ao alcance dos pobres, a força, [...]. Isto o aproxima dos pobres: ele é um deles também [...]”.³⁰⁰

²⁹⁷ RONDELLI, op. cit., p. 7).

²⁹⁸ Id.

²⁹⁹ Ibid. p. 36.

³⁰⁰ Ibid., p. 86. João das Pedras é pobre, eis aqui porque sua ‘luta’ configurada nos furtos é vista como uma oposição aos ricos.

João das Pedras é assim construído em meio à insatisfação em relação à realidade que cerca cada um dos nossos entrevistados. O senhor Orácio sustenta, em toda sua argumentação, a indicação de que João e seus roubos são a vivência do evangelho:

E eu digo uma coisa: por aquele tempo do João das Pedras, [...] vivia aquilo que Cristo exige da pessoa: amar uns aos outros, assim como eu vos amo. Jesus Cristo ama o próximo. O próprio Jesus Cristo diz: Tudo aquilo que fizer à alma dos meus pequeninos não é a ele que faz, é a mim que farei. Então, tudo isso ele fazia pelos pobres, pela pobreza. [...] No meu modo de pensar, ele fazia o que Deus exige de cada um de nós: amai ao próximo como a ti mesmo; Pai Nosso, aquele que dá o pão àquele que necessita. E Cristo veio ao mundo foi pra amar e servir, e não foi pra ser amado e nem ser servido. E ele fez também isso pra não ser servido, porque ele fazia o roubo e levava e entregava àqueles pobres, sem também utilizar, sem saciar daquilo que ele entrava em sacrifício pra roubar. [...] Ele fazia essas coisas assim no meu modo de pensar, ele fazia melhor do que aqueles que viviam com o livro da vida na mão, com a bíblia. [...] E ele [...] vivia o evangelho vivo sem conhecer a bíblia, ele na vida da ignorância, mas vivia na vida da imprudência pelos pobres, prudente pelos pobres, pela pobreza [...].³⁰¹

Beth Rondelli, observando que nas estórias de trancoso havia semelhanças com passagens bíblicas, interpretou que seus contadores “com isso formam concepções distanciadas dos cânones doutrinários do catolicismo oficial”.³⁰²

A aceitação do ladrão dos pobres está fincada num terreno que tem, como santo padroeiro, São Benedito, aquele santo que no convento escondia, nos bolsos e nos baldes que deviam conter água, comida para dar aos pobres sem que seus superiores soubessem.³⁰³ Creio ser este um fator que também indiretamente favoreceu para a condescendência com que são vistos os roubos de João das Pedras.

João das Pedras foi punido diversas vezes com prisão pelos furtos praticados. O expolicial Francisco Arruda Maia foi o que mais atuou dando voz de prisão a João:

Fui um policial que trabalhei muitos anos [...] do destacamento de São Benedito e na delegacia [...] nessa época, os delegado tudo era militar [...]. Eu tenho muitas recordações, lembranças de João das Pedras. Ele [...] tinha um coração muito bom, mas tinha, lamentavelmente, essa profissão de desejar as coisas alheias [...]. [...] a gente tava atrás dele, prendia; com

³⁰¹ SOUSA, Orácio Pedro.

³⁰² RONDELLI, op. cit., p. 118.

³⁰³ A cidade de São Benedito tem como padroeiro o santo de que recebeu o nome. A imagem teria sido trazida para ser cultuada no antigo Arraial Árabe pelo índio Jacó, este último considerado pela historiografia local como sendo o fundador da cidade. Em torno da imagem do santo a devoção em si teria sido responsável por ter a cidade crescido (BRANDÃO, José Hudson. Padroeiro da cidade. In: *São Benedito, dos tabajaras ao terceiro milênio*. Fortaleza. Ed. Livro Técnico, 2000, p. 13-16).

pouco mais, ele se soltava. Ele tinha muita facilidade assim de fugir dentro da cadeia, do presídio certo. Ele cavava um buraco, fugia, pulava o muro. Tornava a atuar novamente [...]. Coitado, acho que pra ele era o único meio de vida que ele achava, de sobreviver era roubando, tirando do seio da população.³⁰⁴

Os vizinhos da família do João das Pedras davam conta tanto das fugas quanto das prisões de João das Pedras. Francisca Roberta da Silva aponta a facilidade que o preso tinha de sair da delegacia, indicando também que ele era açoitado na prisão:

Perseguido muito ele era, levavam ele, açoitavam ele, faziam judiação com ele. Ele fugia das cadeia, entrava dentro das casas, o povo não via, ele saía e ia embora, a vida dele era assim. Aqui mesmo na Pimenteira ele foi [...] às vezes ele passava dez dias, passava cinco, passava quinze, era assim. Aí ele saía, não precisava ninguém tirar ele não, ele mesmo saía. Iam atrás dele e não achavam, quando dava certo para achar, botavam ele de novo.³⁰⁵

João das Pedras foi transferido diversas vezes da delegacia municipal de São Benedito para a Colônia Agrícola Amanari, em Maranguape, região metropolitana de Fortaleza:

[...] A maioria, quando prendiam ele, mandavam pra Fortaleza. Para um tal de Amanari. E ele lá dava um jeitinho lá, e não sei o que era que fazia lá [...] e vinha embora. Não sei se era a polícia que soltavam ou era ele que arrumava um meio lá. Eu sei que dessa vez que ele disse, ele mesmo disse a mim que tinha ido, tava preso, aí a polícia botaram ele pra trabalhar. Eles foram lá por mato trabalhar e lá pro trabalho ele pediu para beber uma água e de lá ele escapuliu, veio embora.³⁰⁶

Os roubos são compreendidos como ‘ajuda’ aos pobres, aos olhos de muitos sambeneditenses. Para a família de João, o roubo é sinônimo de problemas, objeto de discussão e desarmonia familiar. A família assegurou que não desfrutava dos furtos, então tinha que suar trabalhando para manter a casa. Nas palavras de Raimunda Marques: “eu [...] mais minha irmã (Graça), [...] quando a mamãe tava doente, trabalhava pra sustentar a casa”.³⁰⁷

³⁰⁴ MAIA, Francisco Arruda. 64 anos. Policial militar aposentado. Residente no bairro Papicu, em Fortaleza-Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 09/05/2005. É chamado de sargento Maia por muitos em São Benedito.

³⁰⁵ SILVA, Francisca Roberta da. 54 anos. Aposentada. Residente na Rodovia da Confiança Norte em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência no dia 19/03/2004 em sua residência.

³⁰⁶ CRESCENÇA, Joaquim.

³⁰⁷ Ibid.

João gera muitas contradições. A diferença de interpretações surge dentro de casa. Antonia Ferreira de Lima é a única defensora dos roubos do irmão e critica a forma como ele foi morto. Para ela, seu irmão era o ladrão dos necessitados:

Fizeram isso para ver se acaba o roubo no mundo. Porque parece que era só ele que roubava, e agora vivem no mundo da droga, tanto ladrão. A dona Ritinha me disse que ele entrou na casa mais rica dum homem do pé de serra, aí passou numa casa, tinha só uma velhinha dormindo no chão sem ter um lençol pra se embrulhar e uma rede. Ele entrou abriu o guarda-roupa desse senhor homem que era muito bem de vida, tirou uma rede e um cobertor e deu para a velhinha dormir. Quando ele chegou na casa da velhinha, ela ficou assustada, porque o João das Pedras, o povo tinha o maior medo dele.

– Não, vó, se acalme, eu só faço o bem, eu não faço o mal. T’aqui uma rede que eu trouxe para você e um lençol para você se embrulhar. E o que você tem para comer amanhã?

– Ô, meu filho, eu não tenho nada.

– Pois amanhã de manhã, quando você se acordar, a casa vai está cheia de coisa para você comer.

E assim fez. Acho que é por isso que obra milagre muito. Ele nunca matou ninguém para roubar. Ele tirava de quem tinha para dar a quem não tinha.³⁰⁸

João das Pedras trouxe orgulho ou pelo menos uma satisfação compensatória para suas parentas diante dos vizinhos, diante da sociedade de São Benedito como um todo, pois hoje “ele obra milagre”. Como compreender nesta família o peso da presença ou o da ausência de João das Pedras?

A Dona Ritinha do seu Joaquim Marques, outro dia eu estive conversando com ela. E ela me perguntando de qual família que eu era. Eu disse. E ela disse assim:

– Pois você é de uma família muito bem querida, principalmente pelo finado João, porque além dele ter sofrido muito quando era jovem, porque as polícias perseguiam muito ele. Para você vê que as policias perseguiam muito ele, que qualquer roubinho era ele.

E ela dizendo que a maioria hoje em dia tá. Ele já morreu, já tá salvo pelas mãos de Deus, e hoje é tanto malandro no meio da rua, maconheiro e tudo enquanto. E ela disse que morava no pé de serra, na casa do pai dela, ele entrava lá, ele passava por debaixo das redes e não mexia com seu ninguém.³⁰⁹

³⁰⁸ LIMA, Antonia Ferreira de.

³⁰⁹ Id.

A prática dos furtos livrou João das Pedras do anonimato, mas foi sua morte, em particular, que possibilitou ao ladrão mudar de condição, e ser considerado santo. Nem as prisões ou perseguições impediram que João das Pedras continuasse roubando, prática que manteve até a sua morte, em 4 de abril de 1978.

Foi justamente na tentativa de furtar a casa do senhor Epifânio Rodrigues que, finalmente, os furtos de João das Pedras acabaram. Segundo o Padre João Batista Rodrigues, um dos filhos do senhor Epifânio, é incompreensível porque a casa da família era o alvo de tentativa de roubos por parte do João das Pedras. A sua descrição da residência questiona indiretamente que as vítimas do ladrão tenham sido sempre os ricos, como se costuma afirmar: “Eu não sei por que a casa lhe chamava tanta atenção, se era uma casa tão simples e tão humilde. [...] A casa não era murada nem cercada. [...] A nossa era o alvo, era cobiçada não sei por que, não tinha nada de valor, só se fosse nós”.³¹⁰

De acordo com o Padre João Batista Rodrigues, que na época do ocorrido tinha 11 anos, a residência da família carecia de segurança:

Em casa, [...] na época, moravam três irmãos [...] Como dois estavam saindo e ia ficar só, eu que era mais novo. Então, por uma questão de segurança, meu irmão tava viajando pro Rio e colocou essa questão da eletricidade não para matar, mas para dar choque. [...] Ela [a cerca] teria de ter permissão, se fosse uma fiação, é [...] vamos dizer, assim, que corresse mais perigo. Como não corria muito perigo, foi uma coisa alternativa, caseira, feita em casa mesmo pelo meu irmão. Então ninguém pediu a Coelce [Companhia Energética do Ceará] nem a alguma lei, alguma coisa assim. Que era só um fio, não eram dois, era só um fio que [...] passando a janela e a porta da cozinha; passava assim, quando passava nessa porta e a janela, acabava aqui. Não sei por que ele tinha esta inclinação, essa vontade mais pela janela.

A fiação se fazia necessária não só por causa da saída dos irmãos, mas também por causa de uma tentativa de furto:

Não suspeitava que seria ele [João das Pedras] e ele estava [...] indo acompanhado, porque a gente percebia ao redor da casa [...] alguns barulhos estranhos não só de uma pessoa, mas de outras pessoas, inclusive no dia que ele morreu. [...] Um dia anterior que eles foram, ainda conseguiram mexer no ferrolho. Aí foi que nós acordamos, [...] acendemos a luz, acho que foram embora.³¹¹

A consequência da fiação foi além da expectativa da família Rodrigues, como consta no relato do Padre João Batista:

³¹⁰ RODRIGUES, João Batista. 38 anos. Sacerdote. Entrevista realizada na secretaria paroquial de São Benedito, no dia 02/10/2005.

³¹¹ Id.

Se uma pessoa vai à sua casa uma hora da manhã armado com duas facas, [...] alicate. Quer dizer, será se essa pessoa ia com inclinação para o bem? Talvez se fosse levando alguns terços, talvez fosse, mas armado a unhas e dentes [...] Eu acho muito difícil a gente analisar se uma pessoa dessa estava com o coração voltado para o bem. Então ele morreu dessa forma, né: com facas amoladas dos dois lados, com alicate, com chave de fenda. [...] Ele foi num período que deu uma chuva, [...] no período de inverno, de pés descalço e armado com muitos instrumentos, então aquilo, é, a descarga elétrica foi muito forte. [...] Se ele tivesse ido como nós normal, calçado e tudo, tinha dado um choque e acabou. [...] Mas como ele foi sobrecarregado [...] desses instrumentos, talvez foi o que dificultou [...]. Talvez uma hora da manhã, uma e meia [...] acordamos pelo um grito estridente. [...] Então a figura do João das Pedras [...] todo mundo conhecia, temia, morreu, morreu daquela forma de choque elétrico.³¹²

João das Pedras morreu com o impacto dos *volts* no próprio local, aos 35 anos de idade.³¹³ Se havia comparsa, a questão é que João das Pedras foi o único que tocou no fio. A partir de então, a história de que o ladrão havia sido vítima de uma armadilha tomou conta das narrativas sobre o assunto. Segundo essa história, ele foi esperado, capturado e morto: caiu na armadilha da fiação elétrica.

A morte de João das Pedras está, pois, associada à propriedade privada, como no caso do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, que morreu defendendo a posse de sua fazenda Xavier, em Crateús. O Dr. Olavo Cavalcante Cardoso morreu defendendo o que era seu. Ao contrário, João das Pedras era o invasor/infrator que entrou na casa do outro e caiu vitimado pela fiação elétrica que defendia a propriedade da família Rodrigues.

Por outro lado, as mortes de João das Pedras e do Dr. Olavo têm em comum com a de Isabel Maria da Conceição a impossibilidade de defesa das vítimas. João das Pedras não pôde fazer nada contra a descarga elétrica; o Dr. Olavo, nada contra os golpes de facas e foices; Isabel Maria da Conceição, nada contra a ação certa de seu esposo.

No caso de São Benedito, a defesa da propriedade é feita por uma família de agricultores; eles defendem seu patrimônio: bens materiais (a casa) e bens imateriais (a vida). Nessa empreitada, a família Rodrigues muda da posição de vítima para a de carrasco, porque a ‘armadilha’ que apenas deveria lhe defender causa a morte daquele que era considerado um agressor da propriedade.

³¹² Ibid.

³¹³ Não dispomos da certidão de óbito de João das Pedras, pois seus familiares não solicitaram a emissão do documento. Ele morreu em 1978, com aproximadamente 35 anos.

A fiação foi posta como uma ratoeira que, deixada num canto escuro é acionada ao mínimo toque do rato na isca. Como a intenção de quem arma a ratoeira, quem armou a fiação não queria capturar vivo, mas morto. Essa forma de fazer a fiação é questionada por muitos em São Benedito, como consta na fala da senhora Francisca Muniz:

Na casa desse senhor, que ele morreu, [...] eles fizeram armadilha pra pegar, pra saber quem era. Mas, [...] foi com mau intenção, [...] eles bem tinham conhecimento que era um fio elétrico: quem toca no fio elétrico acaba morrendo. Por que eles não procuraram ver de outro jeito? [...] mas eu não gostei nem um pouco, eu acho que foi feito com maldade.³¹⁴

A morte trágica sem possibilidade de defesa foi um dos principais motivos que alimentou a construção de João das Pedras como santo. Se ele tivesse morrido de morte natural, sua história pós-morte poderia ser outra e ele provavelmente não teria chegado a se tornar objeto de devoção popular.

Mesmo no contexto de sua morte trágica, os devotos contam com o fato de João das Pedras ter tido oportunidade de se arrepender na hora da morte. Segundo a senhora Francisca Muniz: “Ele pode ter demorado a morrer, ter-se arrependido e Nosso Senhor ter feito dele pra outra vida uma grande pessoa”.³¹⁵

Além disso, a comoção pela morte do ladrão reside na interpretação de que sua vida e sua morte foram sofridas. Nisso acredita a senhora Francisca das Chagas:

[...] ele foi tão sofredor, só a morte [...] Na hora da morte, acho que ele se arrependeu de alguma coisa. (Com a voz trêmula, a entrevistada prossegue.) É porque foi uma morte [...] a pessoa morrer dum choque. Olhe, a pessoa tá passando ferro assim numa roupa, aí toma um choque, é uma coisa tão ruim. A pessoa morrer com aquele choque, pegando choque toda hora. Acho que deu tempo ele se arrepender.³¹⁶

A identificação com João das Pedras parte da concepção do sofrimento: o sujeito que sofre na hora da morte. De fato, o fio que o matou foi o símbolo que o salvou. Oscar Calavia Sáez traz, no fim de seu livro *Fantasma falados*, a morte de Jandira dos Santos que ateou fogo a sua roupa em 23 de agosto de 1934, em Campinas, São Paulo – a prostituta que decidiu dar cabo da própria vida por ter sido abandonada e desprezada por um amor. Após sua morte, a prostituta opera milagres e é considerada santa popular, cultuada por prostitutas e por outros

³¹⁴ NASCIMENTO, Francisca Muniz do.

³¹⁵ Id.

³¹⁶ ASSIS, Francisca das Chagas.

setores da sociedade de Campinas que se identificaram com o abandono de Jandira e se sensibilizaram por causa da forma como Jandira veio a falecer.

O autor defende que o fogo que a queimou e causou sua morte, atrelado a outros fatores, salvou-a, tornou-a santa diante dos olhos horrorizados que vislumbraram o acontecido: “A morte entre labaredas é assim uma espécie de ritual que converte Jandira a uma deusa local, e sugere sua proximidade a magias ilegítimas. Nada melhor do que o fogo para vestir uma prostituta sobrenatural”.³¹⁷

Padre João Batista narra que, após ouvirem o grito, foram com a lamparina em mão verificar o que ocorreu:

Nosso quintal muito plantado de bananeira, laranja, essas coisa, então ficava um clima muito fechado para você sair e quando foi uma certa hora, mais ou menos umas três e meia pras quatro hora, foi que nós ainda tivemos a audácia e a coragem de sair com lamparina, mas com medo. [...] quando nós saímos, percebemo ele [...] deitado no chão. [...] E depois esperamos chegar de manhã [...] e alguém sugeriu que seria bom meu pai sair [...], como de fato ele saiu, e tudo foi resolvido de forma muito prática. [...] Meu pai saiu durante um dia de manhãzinha, logo antes que a coisa chegasse à tona. Ele saiu pro sítio do meu tio, depois voltou, à noitizinha,³¹⁸

O corpo de João das Pedras permaneceu até o amanhecer, quando então passou a ser foi visto por muitos curiosos. Pouco a pouco a notícia sobre sua morte se espalhou na cidade:

Eu fui buscar umas plantas e aí de volta soube que ele tava morto lá naquele ponto e eu fui olhar. Já tinha muita gente. Chegou outro rapaz e disse que era João das Pedras mesmo, que ele mandasse dizer pra mãe dele vim buscar ele, que tava morto ali [...] Viraram ele e reconheceram que era o João das Pedras, ele foi eletrocutado na porta da cozinha, em cima duma ruma de pedra. [...] Eu vi a cesura debaixo do braço direito, aonde o fio pegou, parece que ele ia com a mão levantada, e o fio veio e se localizou debaixo do braço, foi aí que ele caiu, [...] desligou o fio, o fio ainda tava no lugar, ele tava eletrocutado pelo fio elétrico.³¹⁹

Alguns acreditavam que João das Pedras, assim como Lampião, tinha o corpo fechado e era invencível, sujeito apenas à lei de Deus, que o condenaria a uma morte morrida. João das Pedras teria o corpo fechado pelas orações feitas por sua avó Francisca Ferreira Gomes, e somente a posse da oração de São Jorge lhe possibilitava fugir da cadeia e entrar e sair das casas sem ser notado. Portanto, eram práticas envolvidas pelo sobrenatural: “[...] Ele

³¹⁷ SÁEZ, Oscar Calavia. *Fantasma falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996, p. 187. Na morte de João das Pedras, o choque se reveste de fogo em forma de cargas elétricas despachadas ao ladrão.

³¹⁸ RODRIGUES, João Batista.

³¹⁹ SANTANA, Nilo Paula. 76 anos. Aposentado. Entrevista realizada em sua residência, no Sítio Pombal, em São Benedito, no dia 03/04/2004.

fugia das cadeias, entrava dentro das casas, e o povo não via, ele saía, ia s'imbora, a vida dele era assim. Que sempre a avó dele me falava: ela disse que, enquanto ela pudesse rezar direito – porque ela já morreu muito velha –, ele não ia pego [...]”.³²⁰

Maria Isaura Pereira de Queiroz elucidou que a cabeça de Lampião, exposta em Santana de Ipanema, em Alagoas, atraiu curiosos de diversos lugares porque queriam ver o famoso e temido cangaceiro morto, dentre os demais, que também foram surpreendidos pela força volante: “As cabeças dos onze cangaceiros foram arrumadas nas escadarias da igreja Matriz, na Praça do Monumento, e ali ficaram expostas à curiosidade pública. Gente de todo estado de Alagoas correu para vê-las, e, mesmo vendo, não acreditava no que via. Ninguém acreditava que ele viria a morrer de morte matada, e sim que só morreria de morte morrida”.³²¹

João das Pedras é diferente do temido cangaceiro. As várias características que o distinguem de Virgulino Ferreira dizem respeito aos crimes praticados, ao período a que pertencem e à repercussão escrita, imagética e oral de suas histórias de vida e morte no contexto local ou nacional. Entretanto, a crença em amuletos e pactos com o sobrenatural para manter a sobrevivência é um fator que os torna próximos, idealizados. João das Pedras, para aqueles que acreditam ter sido ele protegido por São Jorge, também era o bandoleiro invencível que fugia misteriosamente dos lugares em que fora preso.

O ladrão era conhecido, principalmente, pelo que dele falavam quando mencionavam os furtos, as prisões e as fugas, e não por sua descrição corporal. Poucas pessoas viram-no de perto. João das Pedras vivo induzia sempre à imaginação e idealização de sua figura:

Inclusive a gente, eu nunca tinha nem visto, né, na minha porta. Eu nem conhecia, só ouvia é comentários que era uma pessoa violenta, assim no sentido de tinha poder. Disse que abria a porta com uma oração, ia nas irmãs, trocava até os lenços das cabeças dela, você tá entendendo, dormindo. Essas coisas assim. E que tinha sido preso num presídio de segurança máxima em Fortaleza, mas tinha conseguido fugir. Outra, eu conheço muito pouco assim da vida dele quando vivo.³²²

Foi após a morte que o rosto desconhecido pôde ser visto por muitos. O destacamento policial de São Benedito concordou com o fim dado a João das Pedras, posicionamento que combinava com a ausência de qualquer tipo de ação judicial contra o

³²⁰ SILVA, Francisca Roberta da. 54 anos. Aposentada. Residente na Rodovia da Confiança Norte, São Benedito. Entrevista realizada em sua residência no dia 19/03/2004.

³²¹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Os cangaceiros*. Trad. da autora. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 120.

³²² RODRIGUES, João Batista.

proprietário da casa. O senhor Epifânio Rodrigues não foi sequer convocado a prestar depoimento na delegacia municipal. Esse fato parece murmurar-se nas palavras da irmã de João das Pedras, Maria das Graças: “A gente ficou muito chocado, porque não teve providência nenhuma. Uma que ele era fugido da polícia, não tinha sossego, e então a gente não podia tomar providência nenhuma por ele. Entreguemo nas mãos de Deus, que Deus é que faz o julgamento”.³²³

A trama indicava que, além de vítima do fio elétrico, João das Pedras ainda careceu da justiça dos homens que não indiciaram legalmente os responsáveis pela fiação clandestina. A justiça feita foi a divina que, conforme a senhora Francisca Muniz, foi apresentada pela condição de João das Pedras:

Eu sei que [...] ele foi eletrocido, morreu! E todo mundo aqui, em São Benedito, ficou muito sentido, muito magoado, porque ele não fazia mal a ninguém. O povo tinha medo, mas ficaram e ficou mesmo duma maneira muito triste. Todo mundo admirava, né, a cidade ficou triste. Todo mundo comentava, e ele era desse jeito, mas como nunca ninguém recebia maldade dele, só susto, né, e tudo. Ele ficava muito tempo no mato, né, às vezes, a polícia procurava, custava encontrar ele no mato. Não sei, não, acho que diz que “Deus escreve certo por linhas tortas”. Essa aí foi uma bem torta numa linha bem certa, a vida do João das Pedras. Sei que é uma alma muito milagrosa. Por este motivo Nosso Senhor pode até ter se compadecido dele, e ser ele hoje o que ele é, porque do estribo ao chão, Deus dá a salvação [...].³²⁴

A morte de João das Pedras desencadeou uma piedade pública, porque ele foi o único ladrão da cidade a morrer no ato de tentativa de um furto e pelo sentimento de culpa da população por não ter intervindo quando a família Rodrigues, além de não se responsabilizar pela morte, profanou o corpo do morto, humilhando-o no já mencionado ‘cortejo’, como o próprio padre João Batista reconhece. Para ele, a forma como João das Pedras foi retirado da residência fugiu às rédeas de sua família:

A forma como ele foi trazido... talvez isso foi muito desagradável para muitas pessoas. [...] No momento, a minha mãe não tinha [...] reações. [...] Porque nunca tinha acontecido isso em casa e ela ficou, no quarto, desesperada. Então, quando chegaram, alguém que conheceram, essas pessoas foram muito hostis, muito brutas em dizer:

– Não, leva de qualquer jeito!

– É, é um ladrão!

³²³ GOMES, Maria das Graças Marques.

³²⁴ NASCIMENTO, Francisca Muniz do.

Você tá entendendo? Alguém sugeriu: podia vir até arrastano, e então pegaram... pegaram acho que foi um pau, uma coisa lá e impiduraram as duas mãos e os pés e trouxeram ele impidurado. Quer dizer: ninguém, ninguém teve ação de pedir uma rede e nem ninguém teve ação de oferecer uma rede aqui na rua, na nossa rua, e cheio de gente. Foi a vinda cruel? Foi, né. Foi desagradável, não é? Talvez, foi até desumano, né. Mas, naquele momento, foi motivado por muita gente [...] não que a pessoa ia ceder por isso também, não é? Mas foi por muita gente: que não precisava, que podia trazer de qualquer jeito, era um ladrão! [...] Inclusive o pessoal do seu, na época, o pai do Antônio Glória, seu Glória, acho que ele tomava parte de alguma função de justiça. Ele mesmo foi o próprio a dizer:

– Não!, leva de qualquer jeito, é o João das Pedras. Todo mundo tinha vontade que esse cara morresse, que desse um fim a ele.

Quer dizer [...] essa ação do povo, apesar de desumana, mas foi aplauso.³²⁵

O senhor Raimundo Pereira relatou que viu João das Pedras sendo “carregado como um porco”:

Então, aconteceu uma coisa que, quando eu vim fazer um programa aqui na rádio, que há vinte e oito anos eu canto aqui, e vim fazer o programa aqui na rádio, e me encontrei com o pessoal levando ele [...] eram poucas pessoas levando ele como quem leva um porco: amarrado, viu?, pelo corpo todo, com cordas enrolando o pescoço dele e dimpidurado naquele pau. Eu me assombrei de ver uma arrumação daquela e o pessoal levando ele como que fosse... como que não fosse cristão, como que fosse um porco, viu? Ele era gordo, bem forte, e aquelas cordas quase cortando o corpo dele, viu? [...] Eu sei que o corpo [...] ia amarrado àquelas cordas e ia dimpidurado [...]. Justamente foi a última cena que eu posso dizer que vi e ouvi dele, foi que encontrei ele na metade do camim [...] naquela situação, onde eu fiquei muito horrorizado com aquilo, que quase não faço nem o programa (na Rádio Planalto de São Benedito), aqui, de contrariado de ter visto uma marmota daquela. Toquei no assunto do que eu vi na passagem: que tinha encontrado ele naquela situação, amarrado, dimpidurado, [...] como quem leva um porco [...].³²⁶

O Senhor Raimundo Pereira não foi o único que falou sobre o cortejo. Nas entrevistas percebemos que, mesmo sem ser perguntado, este assunto era central nas narrativas, sempre apresentado com um discurso semelhante, no qual compara João a um animal, especificamente um porco. A senhora Maria da Conceição Lopes comentou que o então pároco de São Benedito, Otalício Carneiro, questionou o ato:

Trouxeram de lá como quem traz assim um bicho bruto. Butaram um pau, amarraram os pés dele assim e as mãos e o corpo dele assim impidurado, como quem traz assim um bicho bruto. Até o monsenhor reclamou. O monsenhor morava ali naquela casa que o padre Antônio mora. Ele

³²⁵ RODRIGUES, João Batista.

³²⁶ PAIVA, Raimundo Pereira.

reclamou. Não era para fazer aquilo ali, não, que aquilo ali... ele era um ele era filho de Deus, ele era humano. Ruindade, foi ruindade!³²⁷

A intenção era impingir a humilhação pública a João das Pedras. O silêncio sobre quem carregou o corpo daquele jeito induz-nos a crer que as duas pessoas ainda estão vivas e moravam em São Benedito. João das Pedras tinha, de um lado, as mãos cruzadas unidas pela corda, com um nó na madeira. Os pés seguiam a mesma arrumação. Mesmo com os nós firmes que apertavam as mãos e os pés, os arrumadores, vislumbrando a possibilidade de a condução não resistir até seu destino final, viram-se na necessidade de amarrar e prender também a cabeça. Um condutor na frente e outro atrás levavam o defunto.

A captura, prisão, condenação e morte dos ladrões, bandoleiros e cangaceiros finalizaram através de práticas como essas numa exposição pública. O trajeto de João das Pedras, do privado para o público, assim como a profanação de seu corpo vivo e morto, chegava a um desenlace comum, pois já fora também o de outros bandoleiros, em diferentes épocas e circunstâncias. Não podemos esquecer, por exemplo, que Cabeleira, o bandoleiro matador, é executado, enforcado, em praça pública.

O julgamento e a execução pública, tão comuns no período colonial brasileiro, foram abordados por Franklin Távora na narrativa da morte do bandoleiro pernambucano Cabeleira:

No instante, aos olhos da multidão profundamente abalada, a cena transformou-se como por oculto maquinismo. O infeliz mancebo, que, mal acabara de falar sido rudemente impelido do estrado para o vácuo, pendia da corda assassina, tendo sobre os ombros o carrasco que apertava com as mãos cobardes o laço sufocante. Cena bárbara que enche de horror a humanidade, e cobre de vergonha e luto, como tantas outras, a história do período colonial.³²⁸

Em 1927, o cangaceiro Jararaca foi morto com um golpe na nuca e uma perfuração na garganta, sangrado vivo na beira de sua cova. A perversidade daquele assassinato revela que, para os articuladores da atrocidade, o corpo do cangaceiro não precisava de dignidade, respeito nem piedade.

Lampião atacou Mossoró, no Rio Grande do Norte, em 13 de junho de 1927. O rei do cangaço saiu ileso de sua investida. Porém, esse não foi o caso de José Leite Santana, o Jararaca. Capturado e levado a uma cela da cadeia municipal, daqui só sairia para sua casa

³²⁷ LOPES, Maria da Conceição.

³²⁸ TÀVORA, Franklin. *O Cabeleira*. Biografia, introdução e notas de M. Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: Ediouro, [s. d.], p. 106.

final: a sepultura que havia sido preparada pelo capitão Abdon: “À meia-noite do dia 18 de junho de 1927, Homero parou o seu automóvel ao lado da cadeia de Mossoró, de onde saíram e tomaram assento no veículo Jararaca (com as mãos amarradas), três soldados e o próprio delegado. Primeiro, foi uma coronhada na nuca. Em seguida, uma estocada com arma branca em plena garganta do prisioneiro [...]. Jararaca foi sangrado, de maneira bárbara, fria e covarde [...]. [...] só quando ressoou pelo cemitério de Mossoró, aquele berro lancinante foi quase urro, partido da garganta de um animal ferido de morte”.³²⁹

O corpo de Lampião também foi alvo de profanação. Degolado, sua cabeça foi exposta em diversos lugares, para expressar o sentimento de vitória e de vingança de seus inimigos. A vingança provoca o desejo de ver pequeno, indefeso, humilhado, repartido em pedaços aquele que antes fora grande.

Lampião, o valente e temível cangaceiro, teve, com sua cabeça cortada, sua moral desmoralizada. O mito sem corpo e a cabeça solitária punham em foco a fragilidade de um corpo que padecia diante de seus algozes, que o transferiam de um lugar a outro pelo puro prazer de expor os restos dos restos mortais do maior cangaceiro do Brasil:

Também foram degolados os demais cangaceiros, e todos os corpos foram atirados no fundo de um riacho, que então estava seco. As cabeças foram colocadas em latas de querosene com água de sal grosso. [...] De Santana do Ipanema, as cabeças foram conduzidas em caminhão para Maceió, onde chegaram a 31 de julho e ficaram no quartel da polícia, na praça da Cadeia, até o outro dia, sendo levadas, às 22 horas, para o necrotério da Santa Casa de Misericórdia, para exame médico-legal. Levadas mais tarde para Salvador, as cabeças dos cangaceiros foram mumificadas pelo processo egípcio e passaram ao acervo do Museu Nina Rodrigues, do Instituto Antropológico e Etnográfico da Bahia”.³³⁰

O corpo de João das Pedras foi profanado tanto pela ação quanto pelas palavras. Foi o que mencionou senhor Luiz Antonio de Sousa:

Nesse dia, eu fui à feira. [...] tava o comentário. O pessoal comentando da morte do João das Pedras. E eu segui até o local que aconteceu o fato e de lá eu me deparei com o povo amarrando ele. É tipo como se amarra um animal pra trazer, um porco, uma coisa. Vindo de lá pra cá, o povo vinha fazendo aquele barulho, por ele ser... ele era ladrão, e aí o pessoal esculhambava ele, dizia palavrão, zombava [...]:

– Aonde é que tu ainda vai roubar? Tu ainda vai roubar?

³²⁹ ALMEIDA, Felon. *Jararaca: o cangaceiro que virou 'santo'*. Recife: Guararapes, 1981, p. 82-85 (Cadernos Guararapes, 1).

³³⁰ QUEIROZ, op. cit., p. 119-121.

O que eu me lembro mais era isso. Alguns adultos que vinham trazendo, [...]. Acompanhei o cortejo de lá no Cruzeiro, aonde aconteceu, até chegar na frente da antiga farmácia que era do Bezerrinha, que na época já não funcionava mais como farmácia, na esquina, e de lá eu fui embora.³³¹

Foi aproximadamente um quilômetro e oitocentos metros percorridos. O cortejo percorreu o bairro do Cruzeiro até a esquina da rua Deputado Vicente Ribeiro, onde fica, atualmente, o Cartório do 1^o Ofício.

A mãe de João das Pedras finalmente foi avisada onde estaria o corpo do filho. Ela recorda:

Quando nós chegamos lá, tava aquele povão no meio do beco. [...] tava lá no meio da rua, tinham butado ele lá. O pessoal chegaram:
 – Dona Maria, dona Maria, é seu filho mesmo? A senhora está conhecendo?
 Eu passei até um carão.
 Eu disse:
 – Tô, que ninguém não é doido, quem não conhece o filho da gente?³³²

Maria Ferreira Gomes chegou atrasada e não presenciou a forma como João foi preso ao varão de madeira. Do local, o corpo seguiu na carroceria de um caminhão com destino a sua casa, localizada em frente ao Hospital Geral Doutor Bueno Banhos:

[...] Aí foram arrumar outro, um carro grande. Ele veio no carro da finada Raimundinha Belém. Deus tenha ela! Viemos para casa. Esse carro vinha lotado de gente daí. E o povo acompanhando de trás, acompanhando de pé. Menina, naquela subida, do alto da pista até lá em casa, parecia um dia de feira, foi o dia todim.³³³

O corpo de João das Pedras livre das cordas que o seguravam agora carecia de caixão:

Butaram numa porta, [...] umas cadeiras assim dum lado e do outro. A gente era muito pobre e não tinha como comprar um caixão. E foi... ele foi se enterrar no caixão das almas, que é aquele [...] que, chega lá no cemitério, bota o corpo dentro da cova, e o caixão volta para a igrejinha do cemitério.³³⁴

³³¹ SOUSA, Luiz Antonio. 37 anos. Professor de História do Colégio Ministro Antônio Coelho. Residente no Quadro São Francisco. Entrevista realizada dia 02/11/2004 no cemitério de São Benedito.

³³² GOMES, Maria Ferreira.

³³³ Id.

³³⁴ GOMES, Maria das Graças Marques.

Desde o Brasil Colonial o caixão era objeto de distinção social. O caixão, segundo João José Reis, foi por muito tempo, no Brasil, transporte de poucos. Na Bahia, por exemplo, o uso do caixão foi difundido apenas “ao longo do século XIX, mas até 1836 ainda predominava o esquife”.³³⁵

Em São Benedito, o caixão das almas se configurava num objeto de pagamento de promessas: o sujeito fazia um pedido às almas e, quando a graça era concedida, o solicitante deixava no interior da capela um caixão que serviria para conduzir o corpo dos defuntos que, de um modo geral, não possuíam caixão: “[...] Chamam caixão das almas: [...] aquele caixão no cemitério, quando a pessoa morria e não tinha condição de comprar um caixão, [...] iam buscar [...] lá no cemitério, e aí butava a pessoa dentro e enterrava, butava o caixão lá de novo”.³³⁶

Quando o caixão das almas chegou à casa de dona Maria, o corpo de João das Pedras deixou de ser amparado pela porta da casa, porque foi removido, na presença de todos e com o auxílio de uns, para nele descansar por algumas horas, vestido de mortalha branca. A casa apertada pela presença dos presentes: “No dia do velório, muita gente. A casinha da minha mãe muito pequena, mas ficou lotada mesmo. O físico dele [...] normal mesmo, não tava muito parecido com ele, porque ele tinha morrido à noite [...]”.³³⁷

A cova foi doada por um primo de Maria Ferreira Gomes. João, após a morte, foi quem veio a carecer de doações e piedade. O último cortejo de João das Pedras seguiu até o cemitério municipal de São Benedito, com o corpo inchado no caixão descoberto, segundo informou sua irmã, Maria das Graças:

E quando foi à tarde, fomos fazer o enterro dele. Bastante movimentado, muita gente, não faltou gente no enterro dele. [...] O caixão foi destampado, ele foi como um anjo, muita flores em cima. Muita, muita gente mesmo acompanhando. Amigos que não eram amigos, que eram inimigos, tudo acompanharam o enterro dele, foi muito bonito [...]. [...] não tamparam o caixão, porque ele inchou a barriga e então a tampa do caixão era muito rasinha e não dava para tampar, e então levaram a tampa dum lado e levaram ele descoberto mesmo.³³⁸

Ao morto, foi celebrada a missa de sétimo dia na Igreja Matriz de São Benedito pelo Padre Otalício:

³³⁵ REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 150.

³³⁶ ASSIS, Francisca das Chagas. 60 anos, funcionária pública. Residente na rua Monsenhor Custódio, em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência, no dia 19/03/2004.

³³⁷ GOMES, Maria das Graças Marques.

³³⁸ Id.

A missa de sétimo dia dele foi muito bonita. É!... muitos amigos dele [...] na missa, choraram muito. O padre Otacílio [...] falou muito [...]. Porque no dia que ele morreu, foi muito judiado no meio da cidade, então o padre Otacílio falou muito sobre isso [...]. Eu não esperava que fosse tanta gente e muita gente assistiu à missa e foi muito bonita. Eu não gosto nem de pensar no momento, pra mim que estou vendo, mas foi um momento de tristeza que a gente tava sentindo.³³⁹

A cidade estava livre do ladrão, porém João das Pedras estaria presente em São Benedito, a partir de então, como santo milagroso: seu nome passou a ser proferido nos vários recantos da cidade e o medo que ele despertava nas pessoas dera lugar às súplicas por sua proteção. No fim, o sofrimento trouxe a recompensa. Uma tríade católica: arrependimento, julgamento, recompensa. Assim acredita o senhor Raimundo Pereira Paiva:

Eu acho que é por essa [...] dele ter sido consagrado como mártir, viu? Porque, justamente, ele que era pecador, ele fazia essas coisa, entrava dentro das casa alheia e levava alguma coisa que podia levar e tudo mais. Mas ninguém pode julgar o bom como bom e nem o ruim como ruim. Aí, ele pode ter se tornado um mártir, né? Porque a primeira coisa é que morreu do jeito que morreu, eletrizado [...]. Aí só pode ter sido um mártir, e pode até obrar um milagre, viu?³⁴⁰

Sua morte trágica, a humilhação a que seu corpo foi submetido, a indignação da população pela impunidade dos culpados pela tragédia e a não realização de um enterro digno, dada a carência extrema, motivaram o surgimento da devoção a João das Pedras, cultuado como santo popular. Se de um lado os furtos, interpretados como caridade, concederam ao bom ladrão o reino das graças, por outro, sua condição de ladrão impede que ele seja reconhecido como ‘santo’ por muitos sambeneditenses, principalmente pelos representantes do clero e da elite local. Para muitos, essa posição de que João das Pedras é santo não se sustenta, visto que a maioria dos devotos confessos é pobre; os ricos recorrem a João das Pedras de forma velada, em silêncio, na surdina.

³³⁹ Ibid.

³⁴⁰ PAIVA, Raimundo Pereira.

3.2 Ele é muito milagroso: *as velas correm do túmulo para o chão*

Entendemos que o povo se entregou à devoção a João das Pedras ao reinterpretar seu passado pelo crivo da imagem do bom ladrão que morreu eletrocutado e que teve seu cadáver humilhado e vilipendiado publicamente. Para o povo, estes últimos episódios só podem ter redundado no perdão e na salvação do bom ladrão. Os devotos de João das Pedras são semianalfabetos. Entre as expressões de sua fé, ouvem-se: cuidar do túmulo do bem-feitor, providenciar velas e outros ex-votos, marcar o nome do ex-ladrão nas intenções de missas e propalar sua fama de santo milagreiro da cidade.

A família de João desconhece como começou a devoção. Maria das Graças, sua irmã, lembra ter escutado, pela emissora de rádio Planalto AM, ouvintes do programa *A hora do anjo*, apresentado às seis da tarde, agradecerem a João por ter-lhes atendido:

Depois de [...] eu não tenho nem ideia, assim, quando foi que começou, pode ter sido uns dez ou cinco, eu não sei quando foi não. Começou o pessoal, assim, na rádio, colocava aquelas graças alcançadas pra ele. Mas eu não lembro a data, sempre assim, a gente não ficava bem ativa para ter tudo em dia, para, no dia que precisasse, a gente tá com tudo gravado. Às vezes, ninguém nem prestava muita atenção, deixamos passar. Era a Rádio Planalto, eu não lembro o programa, mas eu tenho na memória que o animador é o mesmo d'*A hora do anjo*, acho que era, parece, Macário Martins.³⁴¹

As primeiras manifestações de piedade se deram no lugar onde ele morreu, na casa do senhor Epifânio Rodrigues, precisamente no quintal da casa, como salienta o padre João Batista:

[...] depois de uns cinco, seis dias, alguém queria acender alguma vela, alguma coisa, no local, mas como era na cozinha, que hoje é um quarto [...] sugerimos:
– É... não seria melhor a senhora acender lá no cemitério, no túmulo dele? Pronto, não tinha nenhuma reação.³⁴²

As velas simbolizam a compaixão do povo, sua oração pelo ladrão morto. João carecia de luz para clarear seu caminho. O povo queria ajudá-lo a prosseguir. No entanto, é João que vinha ao encontro da necessidade das pessoas.

³⁴¹ GOMES, Maria das Graças Marques. 53 anos, dona de casa. Entrevista realizada no dia 12/02/2005, em sua residência, no Sítio Pimenteira, em São Benedito.

³⁴² RODRIGUES, João Batista. 38 anos, sacerdote. Entrevista realizada na secretaria paroquial de São Benedito, no dia 02/10/2005.

Segundo os devotos, o primeiro milagre operado por João das Pedras foi “a transformação de sua cova em túmulo”. A construção do túmulo teria sido o primeiro pagamento de promessa a João das Pedras, por uma pessoa anônima. A mãe de João das Pedras comenta a transformação sigilosa.

Ela, Maria Ferreira Gomes, foi informada pelo pedreiro Expedito Jorge acerca da modificação:

Um dia eu ia para a rua e eu encontrei um homem. Ele é meu conhecido demais.

– Dona Maria, a senhora sabe de uma coisa?

– Uma mulher acolá fez um voto com a alma do finado João, e foi valida. E aí ela mandou fazer um tumbo lá no lajão dele.

Eu disse:

– E foi?

Ele disse:

– Foi.

Eu disse:

– Ô, Expedito – o nome dele é Expedito Jorge – me diz.

Ele disse:

– Não, não vou dizer, não. A senhora vai saber por boca dos outros. Porque essa pessoa fez, mas pediu pra eu não dizer pra ninguém, eu tô dizendo pra você, porque é mãe.

Aí, um dia, eu fui no cemitério, tava mesmo o tumbo lá feito. De lá pra cá, o povo continuaram, continuaram, continuaram.³⁴³

O pedreiro responsável pela construção, Expedito Jorge, mesmo passados tantos anos, não quebrou o silêncio sobre o nome da mulher responsável pela origem da construção tumular:

Foi uma senhora que mandou eu fazer. [...] Ela pediu que eu nunca dissesse quem era quem tinha mandado. [...] quando foi um dia, chegou uma senhora lá [...] Eu tava fazendo o tumbo, e disse:

– Fulana, [...] fulano disse que tinha feito o túmulo do João das Pedras.

Eu fiquei calado, porque não ia responder. No caso, tinha sido daqui de dentro da rua, uma família pobre que mandou fazer. Foi uma família pobre.

[...] Ela tinha alguma promessa a fazer e então mandou eu fazer esse tumbo lá. Só uma gaveta. Eu fiz por vinte cruzeiro naquele tempo. A mulher me conhecia, então, quando ela fez, ela pediu pra eu nunca dizer pra ninguém, e eu nunca disse. Eu tô dizendo agora. A pessoa ainda mora aqui, em São Benedito. Lá só tinha a cova e o terreno limpo, aí eu fiz o tumbo só de uma gaveta, aí chegaram e botou ele dentro. Só fiz a cruz e fiz uns enfeites para a cruz. Eu nunca falei nem para a mãe dele.³⁴⁴

³⁴³ GOMES, Maria Ferreira. Entrevista realizada em sua residência, no Sítio Pimenteira, em São Benedito no dia 1^o/06/2003.

³⁴⁴ COUTINHO, Expedito Jorge. 78 anos. Pedreiro aposentado. Residente na travessa Francisco Cavalcante, em São Benedito. Entrevista realizada no dia 03/01/2008.

A misteriosa construção passou a ser o altar do santo, um monumento para João das Pedras. Segundo seus devotos, isto perpetua a sua imagem de ladrão que concede milagre.

O túmulo é um espaço de memória, nele se “[...] inscrevem os signos, carregados de significação porque resultantes da memória dos homens, [...]”.³⁴⁵ Nele se inscrevem também a história de vida e morte de João das Pedras, bem como outras memórias e histórias. Segundo Henrique Sérgio de Araújo Batista, nessa possibilidade “de se criar e recriar uma história reside o encantamento do monumento e, para que tal aconteça, necessita da participação do visitante”.³⁴⁶ A participação dos visitantes, neste caso, é vislumbrada nos pagamentos de promessas.

Em fevereiro de 2003, fotografamos o túmulo de João das Pedras pela primeira vez, cuja cerâmica que o reveste apresenta-se quase totalmente escondida pela fumaça das velas. Continha alguns ex-votos que se amontoavam desordenadamente, na maioria madeiras em forma de braços, cabeças, mãos, pés, coroas de flores, além de garrafas com água, imagens de santos, terços.

No túmulo não constava o nome de João das Pedras. A cruz preta na cabeceira tumular e a cerâmica permaneciam as mesmas, como o senhor Expedito Jorge as fez – constatação feita durante a entrevista com o pedreiro. O túmulo de João das Pedras fica precisamente do lado esquerdo do cemitério de São Benedito, seguindo ao lado da capela de São Miguel. A cor do túmulo foi enegrecida pelas chamas das velas.

A mudança de cova para túmulo também contribuiu para a propagação da imagem do milagreiro. O túmulo pode não ter sido o primeiro pagamento de promessa nem indicar a primeira graça alcançada, no entanto tornou-se a referência espacial da devoção a João das Pedras. Sobre essa estrutura, os devotos vão fazendo algumas modificações, emprestando-lhe, desse modo, as marcas do tempo.

³⁴⁵ CARVALHO, Gilmar de. *Madeira Matriz*. São Paulo: Annalumbe, 1999, p. 268.

³⁴⁶ BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. *Assim na morte como na vida: arte e sociedade no cemitério São João Batista (1866-1915)*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003, p. 97.

Figura 26 – Túmulo de João das Pedras no Cemitério de São Benedito



Fonte: MAIA, Michelle Ferreira, fevereiro de 2003.

No dia 2 de novembro de 2005, o túmulo foi pintado de branco, os ex-votos armazenados em uma caixa de papelão, algumas plantas colocadas ao lado. No túmulo não constavam nem o nome nem a data de nascimento e morte do defunto. No fim do dia, o branco do túmulo ficou mais uma vez enegrecida, por causa das muitas velas acesas.

Figura 27 – Túmulo do João das Pedras no Cemitério de São Benedito



Fonte: MAIA, Michelle Ferreira, 2 de novembro de 2005.

Em 2005, às vésperas do Dia de Finados, pela manhã, encontramos o senhor Tomaz Bezerra da Silva arrumando a sepultura de João. Zelá-la era uma forma de manifestar sua devoção ao santo, João das Pedras, e de solicitar-lhe benevolência. O pintor de casas assegurou que, ao observar o descaso dos outros fiéis para com o local, decidiu tomar aquela tarefa como sua:

[João] Ele é milagroso, ele roubava pra dar o pessoal. [...] Mataram o pobre do rapaz de eletricidade [...]. Eu vou mandar fazer um canteiro aqui, se Deus quiser, porque o Pai do Céu mandou tomar de conta da alma dele. Porque o pessoal encontra as graças com ele, mas não sabe zelar o que é dele, né? Mandei pintar, porque tá uma sujeira danada, a caixa eu mesmo botei milagre dentro, porque ficou melhor, né? Deus abençoe todo mundo, né?³⁴⁷

As modificações na estrutura do túmulo continuaram. O espaço que separa um jazigo de outro é mínimo; mesmo assim, em 2006, o senhor Tomaz Bezerra construiu em torno do túmulo um canteiro, onde plantou diversos tipos de rosas, modificou a largura. Os ex-votos continuavam sendo depositados sobre o jazigo. Próximo à cabeceira, onde há uma cruz, foi feito o depositário de velas.

De tudo, porém, o que chamou mais a nossa atenção foi a inscrição do nome João Ferreira Gomes numa das cerâmicas como também a do ano de falecimento – 1973, em vez de 1978, que é o correto. Não foi posta nenhuma fotografia do falecido, mas sim duas imagens: uma de Nossa Senhora de Fátima e outra de Nossa Senhora Aparecida.

Os devotos não observaram o lapso da data. A questão era ouvir aqueles que sabiam ler, dizendo: “O nome verdadeiro dele é João Ferreira Gomes, não é João das Pedras?” João, após vinte e oito anos de sua morte, teve, finalmente, seu nome de batismo escrito para ser visto por todos, no seu lugar de morto e santo. João das Pedras é frequentemente lembrado como “alguém que tá com Deus”. Informa-se, também, quem colocou a placa: “alguém”. Era a primeira identificação escrita daquele que ali fora sepultado: João ferreira Gomes, e também a data de sua morte – 4 de abril de 1978.

³⁴⁷ SILVA, Tomaz Bezerra. 66 anos. Pintor de casa. Residente na Avenida Tabajara, em São Benedito. Entrevista realizada no Cemitério de São Benedito, quando de sua visita ao túmulo de João das Pedras, no dia 02/02/2005.

Figura 28 – Túmulo de João das Pedras no Cemitério de São Benedito



Fonte: MAIA, Michelle Ferreira, 2 de Novembro de 2006.

Figura 29 – Túmulo de João das Pedras no Cemitério de São Benedito



Fonte: MAIA, Michelle Ferreira, 2 de novembro de 2006, às 10 horas da manhã.

O jazido de João das Pedras torna-se identificável, sobretudo, pela quantidade de velas. A cada Dia de Finados, ele recebe muitas velas, além de diversos ex-votos, como sinais

de pedidos de graças, de agradecimento e de milagres operados. Nesse sentido, a senhora Francisca das Chagas salienta: “Lá no túmulo dele tem tanto milagre. Quando é Dia de Finado, acende tanta vela, quero que você veja! Onde se acende mais vela é lá, acende mais lá do que na igreja”.³⁴⁸

A senhora Francisca Muniz e o seu compadre José do Vale mandaram fazer a imagem de um santo diante do sepulcro de João, mas nunca fizeram promessas para ele. Mesmo assim, eles acreditam no seu poder e testemunham sobre sua capacidade de mobilizar e reunir pessoas:

Sra. Francisca Muniz: [...] Aqui em São Benedito, o pessoal alcança muitos milagre com ele. Eu quero que você veja o túmulo dele, no Dia de Finados, as velas correm do túmulo para o chão. Muitos milagres mesmo.³⁴⁹

Sr. José do Vale: Sabe, Dia de Finado, no cemitério, a cova dele lá, eu quero que você veja, é vela pra todo lado. Na cova dele é muita gente que vem aí de fora, que não é nem parente e bota vela e vem visitar. E por isso que eu digo que ele é [...].³⁵⁰

As velas representam as intenções das preces e o pagamento de promessas.³⁵¹

Kesia Cristina França Alves, ao analisar a demonstração de acender velas no túmulo do cangaceiro Jararaca, no cemitério de Mossoró, afirmou que grande delas refere-se à crença de que o cangaceiro, embora concessor de graças, carece de luz. Desse modo, a vela acesa representa, a um só tempo, o agradecimento do devoto, como também o auxilia o santo popular em sua salvação: “[...] os devotos levam velas ao seu túmulo. – Porque ele precisa de luz no caminho dele, explica dona Júlia. É uma relação mágica entre o objeto concreto (as velas) e a situação de vida imaginada em outro plano: – [...] que Jararaca precisa de luz no caminho da vida no Além”.

Para os devotos, não importa se constam no túmulo o nome, a fotografia, a data de nascimento ou de morte do finado que cultuam. Isto é secundário, no entanto as velas, os ex-votos e a reunião ao redor do túmul não podem faltar. São esses elementos que reforçam e propagam o poder do santo, a sua eficácia na concessão de milagres.

³⁴⁸ ASSIS, Francisca das Chagas. 60 anos, funcionária pública, residente na rua Monsenhor Custódio. Entrevista realizada em sua residência, em São Benedito, no dia 19/03/2004.

³⁴⁹ NASCIMENTO, Francisca Muniz do. 81 anos, aposentada, residente na rua Deputado Vicente Ribeiro, em São Benedito. Entrevista realizada no dia 1º/05/2005, em sua residência.

³⁵⁰ VALE, José Rodrigues do. 73 anos, agricultor. Entrevista realizada no dia 1º/05/2005, na residência de sua comadre Francisca Muniz do Nascimento.

³⁵¹ (ALVES, op. cit., p. 76).

Em 2 de novembro de 2008, o túmulo de João das Pedras permanecia com a mesma estrutura, mas estava pintado com a cor azul. Neste dia, fotografamos mais uma manifestação de devoção a este ‘santo’’: um senhor acendia velas e fazia seus pedidos, em estado de tamanha concentração que não percebeu a nossa presença. O túmulo é a porta para o contato direto com o santo. Segundo Mircea Eliade, no espaço sagrado torna-se possível a comunicação com os deuses, o contato acontece através de uma porta direcionada para “o alto, por onde deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu”.³⁵²

Figura 30 –Túmulo de João das Pedras no Cemitério de São Benedito



Fonte: MAIA, Michelle Ferreira, 2 de novembro de 2008.

Há duas características comuns aos cultos dos santos populares: acontecem geralmente em torno do túmulo; manifestam-se especialmente no Dia de Finados. Assim, Jararaca e João das Pedras, não tendo uma data de aniversário nem um lugar de culto especial e próprio, recebem no cemitério, no dia 2 de novembro de cada ano, as manifestações mais visíveis da devoção.

Na observação do culto ao cangaceiro Jararaca, Kesia Cristina França admite ter compreendido que os “Fiéis e curiosos se aglomeram para tentar se aproximar do túmulo do cangaceiro. Esse foi um dos pontos de destaque na observação de campo: a visita ao túmulo é feita de maneira aleatória, desorganizada. Não há um grupo de fiéis de Jararaca. É

³⁵² ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. A essência das religiões. Martins Fontes, p. 25.

um rito particular pertencente ao espaço do sagrado”.³⁵³ A visitação tumulto do cangaceiro acontece também, em maior concorrência, no Dia de Finados.

Oscar Calavia Sáez, em seu livro *Fantasmas falados*, analisa diversos cultos populares no antigo cemitério de Campinas, em São Paulo. Dentre estes, destaca o culto a um escravo chamado Antoninho. O autor menciona que a visitação e devoção a sua tumba ocorre não somente no Dia de Finados: “Nos dias da semana, o jazigo de Antoninho recebe de dez a vinte visitantes por hora”:³⁵⁴ uma romaria permanente. Prevalece, neste caso, a falta de um grupo de fiéis enlaçados numa coletividade e organizados numa data.

Em outros casos, a reunião ocorre nos períodos de aniversário de nascimento ou de morte do santo. Em Juazeiro do Norte, no Ceará, a visitação de devotos a Padre Cícero não está restrita ao Dia de Finados. Mesmo sendo individual o pagamento de promessa, os romeiros seguem juntos e se aglomeram em caminhões pau-de-arara, ônibus, topiques para ir até a terra do seu Padrinho.

Trata-se de uma religiosidade que não necessita de uma investigação em torno do santo popular para a construção da legitimidade³⁵⁵ da devoção, tampouco de um calendário definido para se reunir e postar-se junto ao santo.

O culto na sepultura se compreende por ser esse o lugar onde jaz o corpo. Lá onde repousa o santo, nada mais conveniente que ser o lugar da devoção. De acordo com Philippe Áries, os mártires africanos do século V eram venerados em suas sepulturas, que, por sua vez, atraíam outras sepulturas. Todos desejavam estar próximo aos mártires.³⁵⁶ Oscar Calavia Sáez, por sua vez, assegura que “o povo se comporta ante eles como ante santos de altar; quer dizer, ante sua sepultura. Sabemos que o culto dos santos no cristianismo surge em volta de suas relíquias, e que isso marca uma certa diferença com o culto atribuído aos deuses que, ou não morrem, ou não deixam relíquia”.³⁵⁷

³⁵³ ALVES, op. cit., p. 78.

³⁵⁴ O escravo, alvo de devoção, não morreu de forma trágica. Antoninho teria sido um escravo estimado pelo seu senhor, tanto que, ao morrer, recebera de seu dono a promessa de ser sepultado ao seu lado: “Toninho pertencia à fazenda de Morro Alto, que, em 1854, foi adquirida pelos Rezende [...]. Antoninho preenchia nela um papel importante [...]. Em 9 de julho de 1884, recebeu, junto com sua mulher e outro escravo velho, Bento, carta de alforria. [...] Antoninho e sua mulher continuaram trabalhando na fazenda. Antoninho [...] veio a morrer em 1903, só quatro anos antes que seu amo”. SÁEZ, Oscar Calavia. *Fantasmas Falados*. Mitos e mortos no campo religioso brasileiro. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996, p.18-21.

³⁵⁵ RAMOS, op. cit., p. 92.

³⁵⁶ ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Priscila Viana de Siqueira (Trad.). Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 38.

³⁵⁷ SÁEZ, op. cit., p. 138.

Segundo Oscar Calavia Sáez, é necessário compreender que os ritos são iguais em si mesmos, seja qual for o dia do ano em que aconteça, é natural para quem pesquisa religiosidade popular: “[...] procurar ciclos festivos, datas, [...] que sirvam de arcabouço ao rito. [...] a segunda-feira é um dia dedicado às almas [...]. O Dia de Finados, 2 de novembro, em que o cemitério se converte em espaço ritual prioritário e popular”.³⁵⁸

Figura 31 – Túmulo de João das Pedras, no Cemitério de São Benedito



Fonte: MAIA, Michelle Ferreira. 2 de novembro de 2013.

Figura 32 – Túmulo de João das Pedras no Cemitério de São Benedito



Fonte: ACOSTA, Luiz Antônio de Oliveira. 2 de novembro de 2014.

³⁵⁸ SÁEZ, op. cit., p. 146).

Observamos que a visitação e devoção a João das Pedras em seu túmulo também ocorre de forma individual. Os moradores dos sítios e distritos de São Benedito costumam pagar as promessas quando vão à zona urbana realizar as compras do mês, quitar débitos, receber aposentadorias. As visitas de segunda-feira são realizadas em especial pelas mulheres que então fazem suas preces em um ambiente menos tumultuado. Cabe lembrar que os que visitam o túmulo somente no Dia de Finados não o fazem por desconsideração ao santo, por relaxamento. Nos outros dias, eles alimentam sua fé apresentando suas intenções a João das Pedras nas diversas igrejas de São Benedito.

Maria Ferreira Gomes assegura que seu irmão adotivo, José das Pedras, vigiava a cova do filho no dia de finados:

Dia de finado, menina, era tanto milagre em cima da cova do túmulo desse rapaz. O que o povo fazia... tinha meu irmão que ele ia pra lá de plantão. Ora, aqui não é para botarem vela, para não queimar os milagres. O povo fazia era os montes e queimavam. E hoje em dia está do mesmo jeito. Ninguém, eu não vou mais pedir graça ao finado João, porque [...] não. Hoje em dia, até o padre faz.³⁵⁹

O túmulo de João das Pedras reúne não somente pessoas que vêm lhe agradecer ou pedir graças; ao local, vão também aqueles que pretendem rezar pelo bom ladrão ou, na linguagem de Hobsbawm, “nobre”. As pessoas rezam por ele.³⁶⁰

O poder miraculoso de João das Pedras se expande quando alguém confirma esse poder em sua vida:

Eu fiz uma promessa, que eu tinha meu joelho direito muito inchado. Aí, se eu alcançasse as graças, eu mandava fazer um joelho de pau e trazia. E fiquei boa e trouxe, e todos os anos eu venho agradecer. Tá com oito anos, e eu não senti mais. Eu tenho fé nele, que ele foi um menino muito sofredor.³⁶¹

O devoto de hoje foi também o vizinho de antes. O senhor Antônio Gomes atualmente reside em Carnaubal, município próximo a São Benedito. João das Pedras, Quando ainda era um menino, fora vizinho de sua família no Sítio Pimenteira. Ele lembrou que viu o menino tornar-se rapaz. Depois, quando foi residir em Carnaubal, soube da morte do ex-vizinho. O agricultor, já aposentado, foi vítima de um acidente e, tendo conhecimento que João das Pedras concedia graças, fez ele também sua prece:

³⁵⁹ GOMES, Maria Ferreira.

³⁶⁰ HOBBSAWM, E. J. “O ladrão nobre?” In: *Bandidos*. Donaldo Magalhães Garschagen (Trad.). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976, p. 44.

³⁶¹ GONÇALVES, Francisca das Chagas. 59 anos, cozinheira do Hospital Municipal de São Benedito, residente no bairro Vila Franco. Entrevista realizada no cemitério no dia 02/11/2008.

Quando eu ia pro Carnaubal e cheguei no meio do caminho, vinha uma moto, e o rapaz vinha meio bebo, aí bateu em mim, bateu de frente. Eu tava de bicicleta, nessa viajada eu fui até Sobral (ele se refere à Santa Casa de Misericórdia de Sobral – Ceará). Lá passei dez dias, aí, vim doendo a cabeça, ainda vim. Aí eu fiz uma devoção pra trazer o milagre aqui e acender uma vela. Meu acidente faz sete meses. De sete meses pra cá, eu, graças a Deus, não senti.³⁶²

A propaganda de milagroso é feita pelos devotos. Um relata a outro que alcançou uma graça. João é santo porque todos os artigos dos roubos não eram para ele. A senhora Francisca Mota crê que conseguiu se aposentar pela fé que teve em João:

Eu sei onde é a cova dele no cemitério, e é uma alma muito milagrosa. Quem tiver numa aflição, pode se pegar com a alma dele, que é válida. Já fiz... me lembro da promessa que eu fiz, e ave Maria que eu vá no cemitério e eu não bote uma vela lá! O pessoal dizendo assim, ave Maria, que ele é milagroso. Ele era um ladrão que roubava, mas não era pra ele. Ele não tinha um par de sapato, ele não tinha uma roupa boa, ele fumava, porque os outros dava [...] Ele não tinha um relógio, não tinha nada. Ele tirava, ele pedia e o pessoal não dava, ele ia e tirava, tirava e dava ao pessoal que precisava. Por causa disso que ele é muito milagroso. E eu tenho muita fé na alma dele. Eu me aposentei. Aqui mesmo eu não me aposentei, não, porque o pessoal dizia:
 – Aí, que você não se aposenta, porque você mora na cidade, não sei o quê.
 Eu fiz uma promessa com ele. Eu fui para o Ipu, fui quatro vezes, na cinco vez eu me aposentei. E sou aposentada de lá do Ipu. Devo uma promessa muito boa. E digo o pessoal:
 – Quem quiser alcançar uma graça, faça uma promessa com a alma dele pra dizer uma missa, pra acender vela.³⁶³

A confiança surge a partir da comprovação de que um amigo, de um vizinho ou familiar que também alcançou uma graça com o santo-ladrão. Assegura outra Francisca Rodrigues que fez e alcançou uma promessa com o João das Pedras:

O meu filho Benedito Rodrigues da Silva vivia parálítico. [...] Doente da coluna, ele ficou aleijado. Eu me vali da alma dele, abaixo de Deus. Tô contando a história. Só falta eu pagar minha promessa. [...] ele passou um ano doente. Ele nunca foi ao médico, ele não queria ir ao médico. Eu dava assim uns comprimidozim a ele da buodega. Eu me vali da alma dele e fui válida. Graças a Deus, meu filho tá bom. [...] ele trabalha e tudo, não sente mais nada, não, ele corre, ele pula. E no ano passado, ele não fazia nada disto. Trabalha de enxada [...], assim em construção ele vai, quando tem, né? [...] Aí eu vou mandar celebrar a missa, rezar um terço e soltar uns fogos, mandar fazer um milagre que é a perna. [...] a gente aqui... qualquer

³⁶² PEREIRA, Antonio Gomes. 51 anos, agricultor. Residente no município de Carnaubal – Ceará. Entrevista realizada no cemitério de São Benedito, quando de sua visita ao túmulo de João das Pedras, neste local, no dia 02/11/2004.

³⁶³ RODRIGUES, Francisca Mota. A senhora Francisca, conhecida como Chica da Égua, concedeu-me a entrevista em sua residência, na Avenida Tabajara, no dia 19/03/2004. Aposentada, estava com 68 anos, nascida em 25/10/1936. Em 18/06/2006 a senhora faleceu vítima de um AVC, tendo então 70 anos.

coisa, a gente se vale dele e é valido. Nós, por aqui, todo mundo, todo mundo faz um voto com ele, aí alcança. Eu vou toda segunda-feira (no túmulo do João das Pedras), só não fui nessa semana [...]. Eu vou acender vela, rezar pra ele. O dia que eu tiver dinheiro, aí eu vou pagar.³⁶⁴

A graça alcançada parte se situações diversas, desde um caso de saúde ao recebimento de um dinheiro esperado. João das Pedras é, para Francisca Rodrigues, o santo de “todo mundo”, de todos do seu mundo, dos desvalidos que trazem como a maior e, talvez, única riqueza a fé.

Em grande parte, o critério para quem cultua o ladrão é a condição terrena de desprovido vivenciada pelos devotos:

É os problemas que a gente tem na vida: falta de dinheiro e de trabalho, saúde a gente consegue, né? Pedindo a ele com fé e a gente consegue. Sempre que eu preciso, eu peço primeiramente a Deus e depois a ele, e a gente consegue, eu e minha família. Ele roubava dos ricos para dar aos pobres. Eu tava precisando de trabalhar e consegui: tô trabalhando. Ficar desempregado é ruim. Todos os anos a gente vem e acende vela para ele.³⁶⁵

Francisca das Chagas recorre a João das Pedras em suas precisões, sua fé no santo popular surgiu pelas suas “caridades” praticadas em vida. A comprovação de que ele é milagroso rebate as críticas dos que descreem no poder do santo. É a dificuldade, a dor, o desalento, a necessidade de ter seu problema resolvido ou a crença e a esperança:

[...] Ele é muito milagroso. Eu já tenho me pegado com ele, às vezes, quando eu tô assim, tenha se passado alguma coisa, eu me pego com ele, peço a ele pra me ajudar, ele me ajuda. Tudo enquanto eu só falo nele, falo primeiro em Deus [...], porque Deus é o mais verdadeiro, né? Agora tem muita gente que não acredita, diz que alma não obra milagre, não sei o quê. Mas eu acredito... Eu rezo pra ele, porque tenho aquela devoção com ele. [...] Ele mesmo, né? Ele fez muita caridade [...].³⁶⁶

O Padre João Batista é um dos sujeitos que critica os devotos e sua devoção a João das Pedras :

(risos) É tão interessante essas coisas Pra você ver: a Igreja, para poder levantar um estudo sobre a vida de um fiel, não é?... que morreu, que fez o bem, para tentar ter, assim, uma futura canonização, é preciso no mínimo cem anos depois que a pessoa morre e de um levantamento da sua vida.

³⁶⁴ SILVA, Francisca Rodrigues da. 73 anos, aposentada, residente na rua Ministro Antonio Coelho, em São Benedito – Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 25/02/2005.

³⁶⁵ LIMA, Francisco Augusto. 42 anos, pedreiro, residente na rua Irineu Pinto da Silveira. Entrevista realizada no Cemitério de São Benedito no dia 02/11/2008.

³⁶⁶ ASSIS, Francisca das Chagas. 60 anos, funcionária pública, residente na rua Monsenhor Custódio. Entrevista realizada em sua residência, em São Benedito, no dia 19/03/2004.

Significa dizer que muito de seus parentes e familiares já nem existem mais. Por quê? Pra não ficarem vaidosos, porque eu tenho não sei quem santo, pai santo, uma mãe santa, um tio. E são estudos tão delicados que não são feito aqui e que primeiro são encaminhados pela autoridade máxima da Igreja: no caso o bispo, né?, se o caso fosse aqui em São Benedito. Outra pessoa não teria condições de levar esse caso ao Vaticano para um estudo, né? Você vê que pessoas que tiveram uma grande influência no meio como, vamos botar aqui, padre Ibiapina, o próprio padre Cícero, que aliás ainda está em volta de estudos para poder chegar a uma futura beatificação, canonização. Então você imagine uma pessoa que não teve essa influência toda no meio eclesial, né?, nem no meio da comunidade. Podemos dizer que foi um caso tão isolado pra São Benedito. Então eu acho que essas pessoas que pensam assim. [...] Eu acho que tão indo muito além do pensamento, dentro da própria Igreja. Não é porque o caso aconteceu na minha casa. Eu tou dando uma análise, assim, sem paixões. Poderia ter acontecido na casa vizinha e talvez eu estaria dizendo a mesma coisa e de fato não está baseado em cima de documentos da Igreja, que não é tão fácil, né, canonizar uma pessoa. Entra dinheiro no meio, tem toda uma política também.³⁶⁷

Os critérios para aferir santidade a João das Pedras não são os do Vaticano. A canonização popular de João é uma verdade possível, construída por outros critérios: João roubava para os pobres, era preso por estes roubos, apanhava, tinha o corpo maculado, morreu de choque e teria se arrependido dos seus pecados, foi carregado como um porco, sepultado na cova sem caixão. São estes sofrimentos que o consagram como santo.

A Igreja Matriz de São Benedito é outro lugar onde podemos observar a devoção a João das Pedras. Aqui os pagamentos de promessas direcionados ao santo ocorrem nas intenções de missas (que significa que naquela celebração o nome do morto será proferido diversas vezes em preces a sua alma). Maria Helena Sousa dos Santos, funcionária da paróquia, explicou o pagamento da promessa:

Sempre quando alguém chegava para colocar intenção, aí dizia:
 – Eu queria marcar uma intenção para a alma do João das Pedras.
 Uma graça alcançada que eles teriam conseguido. Então, com o passar do tempo, quando chegou o frei Marcos aqui na paróquia, ele ficou curioso de saber quem era esse João das Pedras. Mas até aí era só João das Pedras, chamavam João das Pedras. Aí [...] a gente foi atrás de saber realmente como era o nome dele para poder colocar a intenção. Porque ele achou curioso João das Pedras, mas aí é bom colocar na pessoa dele, a intenção no nome dele. Aí ficou certo: João Ferreira Gomes. A gente foi atrás da família, saber o nome correto dele para poder colocar a intenção. A partir daí, a gente foi trabalhando a questão de conscientização. A pessoa vinha:
 – Eu queria marcar uma missa para o João das Pedras.
 A gente falava:
 – O nome dele é João Ferreira Gomes.
 – Pode colocar?
 – Pode, porque é a mesma pessoa.

³⁶⁷ RODRIGUES, João Batista.

Mas as pessoas não sabiam o nome correto dele. Só conheciam por nome de João das Pedras, eles não tinham consciência do nome correto dele. A partir daí, foi que agora eles já falam o nome correto: João Ferreira Gomes. Dizem que foram se valer do João das Pedras e foram atendidos. Aí eles marcam a intenção.³⁶⁸

As intenções, uma vez proferidas durante a santa missa, eram assimiladas por muitos dos frequentadores da igreja matriz de São Benedito ou de outras igrejas circunscritas na cidade, como nos comentou a senhora Maria Ferreira de Souza: “Eu vejo na igreja o povo agradecendo as graças que alcançam dele. Nas missas, nas novenas de São Francisco, agradecendo graça que alcança dele”.³⁶⁹

São os ouvintes, que, mesmo não tendo vínculo com João das Pedras, auxiliam na difusão de que ele seja o falecido que mais receba celebração, crença que vai sendo afirmada e fincada na e pela homilia. Não é difícil ouvir uma afirmação como a da senhora Francisca Muniz: “Eu escuto muita missa que são celebrada aqui, em São Benedito, na intenção da alma dele”.³⁷⁰

Além de observar o valor das intenções na difusão da memória de milagreiro de João, o que atraiu nossa atenção foi atestar que, diante da ausência de documentos escritos, o nome de João das Pedras consta escrito, desta vez, na Igreja, que não o aceita como santo.

Maria Auxiliadora fez promessas a João das Pedras, e a missa foi um dos passos para o pagamento ao santo:

Meu menino, Carlos Eduardo, deu uma infecção intestinal muito forte, eu levei ele pro hospital, três vezes no hospital municipal, e o médico consultou ele e desenganou, que eu levasse pra casa que não tinha jeito. Aí eu fui, levei pra casa, já mesmo como morto que ele não se mexia. Aí eu fiz uma promessa com o finado João das Pedras que, se ele escapasse, quando o menino tivesse dez anos é pra ele pagar uma missa pra ele com as mãos dele. Aí eu internei o menino, quando foi no outro dia, seis horas da manhã, ele começou a se mexer. Aplicaram um soro nele e ele se mexeu e chorou com fome. Ele só mamava, eu passei oito dias com ele internado, e aí o médico deu alta que ele já tava bom. E todas as promessas que eu faço com ele, eu consigo. Eu já fiz três. Inclusive quando eu quebrei meu braço, faz nove anos, tem um milagre aí (no túmulo) que eu butei, que eu me apeguei com

³⁶⁸ SANTOS, Maria Helena Sousa dos.

³⁶⁹ SOUZA, Maria Ferreira de. 67 anos, aposentada e casada. Entrevista realizada em sua residência na rua Deputado Francisco Júlio Filizola, no bairro do Corrente, no dia 03/07/07. A novena de São Francisco, a que se referiu a entrevistada, ocorre nos fins de setembro na Igreja de São Francisco, localizada próximo à Praça dos Índios Tabajaras, na área conhecida como quadra de São Francisco.

³⁷⁰ NASCIMENTO, Francisca Muniz do. 81 anos, funcionária aposentada do Colégio Estadual Ministro Antonio Coelho, na função de auxiliar de serviço, residente na Deputado Vicente Ribeiro. Entrevista realizada em sua residência no dia 01/05/2005, em São Benedito – Ceará.

ele. Não engessei e nem nada, e tá aí o braço normal, eu faço tudo [...]. Graças a Deus, eu tenho muita fé nele, ele é uma alma muito milagrosa.³⁷¹

O padre João Batista, apesar de reconhecer que os fiéis percebem no ladrão a imagem de concessor, desconversa acerca da imagem de milagreiro rendida ao ladrão-santo. O padre João Batista constrói outro sentido, fincado na sua concepção de religioso:

Eu acho que [...] celebrar missa [...] é algo muito normal. Porque todo falecido recebe sempre as intenções, não é?! Hoje mesmo, nas festas que eu faço aí no sertão ou daqui, você encontra muitas intenções pro João das Pedras, não é? E você reza por um cristão como todo cristão que foi batizado, né? E então a ação dele que roubou ou que não roubou aí não cabe à gente julgar. Cabe a Deus, não é? Mas cristão ele foi e, como se celebra pros outros, pode se celebrar também pra ele, não é? [...] eu peguei mais no âmbito de São Benedito e Graça, por exemplo: Lapa, Vila. São pessoas que na época era tão ligadas pra cá.³⁷²

Em São Benedito, as intenções são compreendidas numa prática particular, exclusiva da família do morto. Costumeiramente rendidas num calendário coletivo, as intenções seguem distribuídas: nos aniversários de nascimento e morte do finado, na semana santa, nos festejos de santos padroeiros, no Dia de Finados, Natal, Ano-Novo. A senhora Raimunda Ferreira Maia dedica suas intenções a seus familiares nas datas que marcam sua partida para o mundo dos mortos: “Em aniversário de morte. Tem minha mãe que foi em 2000, 3 de dezembro de 2000. Tem meu irmão que foi 3 de dezembro de 2003; e tem meu pai que vai fazer dois anos agora: é 9 de julho. São essas datas que eu mando”.³⁷³

As celebrações como pagamento de promessa não são rendidas exclusivamente a João das Pedras. Marília Schneider, estudando a devoção a Antoninho, em São Paulo, afirma que as formas de pagamento ao menino que morreu tuberculoso, em 21 de dezembro de 1918, podem ser especificadas, “entre as quais as mais comuns são: mandar publicar ou comunicar a

³⁷¹ SOUSA, Maria Auxiliadora Ribeiro. 33 anos, agricultora, residente na Rodovia da Confiança Sul. Entrevista realizada no Cemitério de São Benedito, quando de sua visita ao túmulo de João das Pedras, neste local, no dia 02/02/2005.

³⁷² RODRIGUES, João Batista. O padre está encarregado da paróquia de Camocim, Ceará. No período da entrevista, padre João Batista estava visitando sua família que ali reside. Apesar de não residir em São Benedito, o padre participa de festas religiosas nos municípios vizinhos e, por essa razão, ressaltou em sua entrevista ter celebrado missas em que são proferidas intenções a João das Pedras.

³⁷³ MAIA, Raimunda Ferreira. Dona de Casa, casada, 50 anos, residente no bairro do Corrente. Entrevista realizada em sua residência, no dia 03/07/2007.

graça, acender velas no túmulo do santinho ou visitar seu túmulo, mandar rezar missa para o mesmo [...]”.³⁷⁴

De fato, as intenções sempre foram motivo de discussão e discordância. O moleiro friulano Domenico Scandella, o Menocchio, não relutou em proferir para o Tribunal da Inquisição que “morto o corpo, morre a alma”.³⁷⁵ A alma não vive para receber as intenções, sendo uma prática sem serventia para a salvação dos mortos.

Mas, para muitos, as almas necessitam de rezas. Em sua pesquisa Kesia Cristina Alves acredita que, num primeiro instante, as orações e missas rezadas para o cangaceiro Jararaca, em Mossoró, apresentavam o bandoleiro carente das preces para obter a salvação, saindo do purgatório. Posteriormente, as missas também são compreendidas pela autora como veículo de pagamento de promessa.³⁷⁶

O padre João Batista insistiu na defesa da normalidade das práticas à memória do falecido. O padre sugeriu ainda a deturpação da intenção feita por aqueles que a dedicam a João das Pedras, pois a interpretação dos devotos os leva à idolatria da imagem e, conseqüentemente, da trajetória de vida do ladrão:

Agora, pra endeusar uma pessoa assim, santificar uma pessoa, sem conhecer muito a história dele, não é? Foi coisas tão obscuras, assim não foi uma pessoa que tava no meio da comunidade fazendo o bem, que se fazia mais era cobrir um santo pra descobrir o outro, não é? Não era uma pessoa [...]. Sei lá. Do meio da comunidade que tava beneficiando alguém, fazia. Talvez tivesse suas coisas boas, como todos nós temos, e as coisas ruim também. Mas eu acho que ainda falta muito, assim, o povo analisar mais esse tipo de fé, esse tipo de ação, sabe, em relação às pessoas. E porque talvez foi como a forma como trouxeram que acharam que ele era santo, não sei que [...]. E você sabe que essas coisas, elas, elas circulam muito rápido, as informações, não é? Se alguém dizia assim para o outro, uma senhora: Olhe, faça uma promessa com o João das Pedras, que ele é milagroso. Então, quem está na dificuldade ou no conflito, tá buscando qualquer opção, qualquer coisa, né. E fazem e às vezes é atendido e mandam celebrar missa e pronto.³⁷⁷

O padre João Batista acredita que os cultuadores do ladrão estão desprovidos de critérios para avaliar, e, por conseguinte, não conseguem rejeitar “esse tipo de fé”, afirmando que “quem está na dificuldade ou no conflito, tá buscando qualquer opção, qualquer coisa,

³⁷⁴ SCHNEIDER, op. cit., p. 87.

³⁷⁵ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Maria Betania Amoroso (Trad.). 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 135.

³⁷⁶ ALVES, Kesia Cristina França. *O santo do purgatório*. A transformação mítica do cangaceiro Jararaca em herói. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006, p. 71.

³⁷⁷ RODRIGUES, João Batista.

né?!”. O sacerdote admite que o pedido dos devotos “às vezes, é atendido e [que os devotos] mandam celebrar missa e pronto”. De fato, contesta-se a legitimidade; mas não a eficiência do santo João das Pedras.³⁷⁸

Carlo Ginzburg faz uma menção do clérigo Bernard d’Angers, que avista: “num altar uma estátua de São Geraldo, coberta de ouro e de pedras preciosas, que parecia olhar para os camponeses ajoelhados em prece com olhos brilhantes. [...] mas a veneração das estátuas dos santos lhe parecia um abuso inveterado de gente ignorante”.³⁷⁹ A atitude dos populares diante das imagens foi recriminada pelo clérigo; para ele não se deveria adorar as imagens no sentido físico e espiritual do termo.

De modo semelhante, em São Benedito, o padre João Batista interpreta a devoção a João das Pedras como um “endeusamento” do finado. E conste que este não tem nenhum tipo de representação material. A suposta “idolatria” indicada pelo padre está no fato de seus devotos o enaltecerem, admirarem seus feitos de solidariedade com os pobres no seu tempo de “bom ladrão” e no presente, operando milagres. Esta é, conforme o sacerdote, uma forma de “endeusar” o defunto, pois quem busca seus favores e os alcança na “dificuldade e no conflito”... “tá buscando qualquer opção”.

Como o padre, o senhor Joaquim Crescença também faz uso desse passado para reprovar o milagreiro: “Deus que me perdoe eu dizer, mas eu não acredito que uma pessoa assim do jeito que ele vivia e fazia obrar milagre assim tão ligeiro, não. Pode até acontecer, que eu não sei do coração de ninguém, mas eu não acreditava”.³⁸⁰

Embora presencie o acendimento de velas e os pagamentos de promessas no túmulo de João das Pedras, Maria Ferreira de Souza disse disse que não adota essas práticas porque não acredita nele e, sem fé, não haverá milagre. Suas promessas são para os santos oficiais da igreja:

Eu nunca fiz, nunca precisou. Mas eu nunca fiz promessa. [...] Muita gente dizia que ele foi muito sofrido, sofreu muito, era humilhado do povo. Aí pegaram fazer promessa com ele, e muita gente alcança. Mas com ele ainda não fiz, não. Ainda não fiz não, não tive intenção de fazer. É só com santo mesmo: São Francisco, Nossa Senhora de Fátima (que a senhora faz promessa). Promessa com gente assim só se a pessoa tiver fé.

³⁷⁸ SÁEZ, op. Ci t. p. 132.

³⁷⁹ GINZBURG, *Olhos de madeira*, p. 97.

³⁸⁰ CRESCENÇA, Joaquim. 83 anos, aposentado, residente no Sítio Pimenteira em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência, no dia 19/03/2004. Seu Joaquim foi carcereiro da Delegacia Municipal de São Benedito e acompanhou muitas das prisões de João das Pedras.

Mas até agora não fiz promessa com ele, não. Eu acredito, o povo faz e o povo alcança, e do jeito que lá tem vela e milagre.³⁸¹

As velas continuam a alimentar a memória do milagreiro e os ex-votos são cada vez em maior quantidade. Maria de Fátima Paula, 33 anos, agricultora, residente no Mundo Novo, em São Benedito, estava acendendo três maços de velas no dia de finados de 2008. Segundo a devota, sua promessa foi feita quando o pai, Edmilson Correia da Silva, estava em estado de coma induzido, internado na Santa Casa de Sobral – Ceará. O pedido feito pela devota era ter seu pai restabelecido em casa; o pagamento seria acender três maços de vela todos os anos no Dia de Finados no túmulo de João das Pedras. Aos 57 anos, o pai faleceu vitimado por uma trombose e anemia. Mas isso não significou o fim da fé ou da promessa de Maria de Fátima.

Maria do Socorro Rodrigues, 30 anos, agricultora, residente no Sítio Bom Jesus em São Benedito, também nos afirmou, posicionada ao lado do túmulo de João das Pedras, que sua promessa é para a vida toda. Segundo a devota, um primo viciado em drogas teria sido o motivo para a promessa. Após ter rogado o auxílio do santo, seu primo aceitou ser internado numa clínica de reabilitação em Sobral, além de ter deixado de andar, de acordo com Maria do Socorro, “com as más companhias”. O pagamento seria “acender velas para ele até enquanto eu estiver viva”.³⁸²

As velas também compunham o pagamento de Maria Lucimar Bezerra, que, contida e concentrada, procurava arrumar e acender os treze maços de velas que trazia em uma caixa:

Eu tava passando um momento muito difícil, tava muito doente, preocupada com as minhas filhas, e aí eu me apeguei com ele e fui atendida. Eu vivia com um entalamento, com um nervoso, com medo de eu morrer. Eu sempre ia para os médicos e os médicos não descobriam o que era que eu tinha. Aí eu me apeguei com ele. E alcancei as graças: tô boa. Faz dois anos. D’eu pagar ele era acender treze pacotes de velas e rezar um pai-nosso e uma ave-maria. Vim hoje, acendi e rezei. Ele é um homem muito milagroso, as coisas que a gente faz, ele ajuda mesmo. Ele foi muito sofrido, a gente se apega com ele e ele ajuda.³⁸³

Mesmo à revelia da descrença e da falta de institucionalização, ou talvez em consequência disso, a devoção a João das Pedras é criada e recriada a cada pagamento de promessa. Como observamos em todo este capítulo, o culto foi construído com base na oralidade; foram as falas cotidianas e as narrativas que juntaram os fragmentos da vida e da

³⁸¹ SOUZA, Maria Ferreira de.

³⁸² Entrevista realizada no dia 02/11/2008 no cemitério de São Benedito, durante a visitação de finados.

³⁸³ MESQUITA, Maria Lucimar Bezerra. 31 anos, dona de casa, residente no Sítio Bananeira em São Bendito. Entrevista realizada no dia 02/11/2008 no cem terio de São Benedito, durante a visita o de finados.

morte de João das Pedras no tempo presente. E é precisamente “nesse tempo sincrônico com múltiplas temporalidades que opera a memória”.³⁸⁴ O túmulo, os ex-votos e as intenções de missas foram e são o suporte material através do qual transita a memória sobre o ladrão que se tornou santo e que continua a operar milagres em São Benedito.

João das Pedras, o ladrão santo, era um caso específico, mas não isolado, em São Benedito, por essa razão florescera num consenso social. Sobre as divindades e a crença das pessoas no que fazem, Oscar Calavia suscita que “A suposta existência de deuses catalisa inúmeras atividades dos seres humanos; [...] está claro que tais seres não seriam a mesma coisa sem um amplo consenso social quanto à sua essência e existência [...]”.³⁸⁵

³⁸⁴ MENEZES, Ulpiano Bezerra de Menezes. “Os Paradoxos da Memória”. In. Memória e Cultura a importância da Memória na Formação Cultural Humana. Danilo Santos de Miranda (Org.). Edições SESCSP, 2007. p. 31

³⁸⁵ (SÁEZ, p. 153).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como meta fazer um percurso histórico das devoções rendidas por parte do povo cearense ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, a Isabel Maria da Conceição e ao João das Pedras. Nesse trajeto, encontramos algumas pistas que nos ajudam a compreender a razão pela qual esses sujeitos passaram a ser cultuados como santos pelos populares de suas cidades. Nossa intenção era também apontar os aspectos que distinguem a formação e a vivência de cada culto rendido a estes três operadores de milagres.

No discurso presente nos jornais impressos e nas entrevistas realizadas sobre o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso percebemos que houve uma seleção das circunstâncias favoráveis para construir a imagem de um homem comum, digno de alcançar o reino das graças. Pela imprensa, a grande repercussão que teve a notícia da trágica morte do médico e a busca inglória dos assassinos fugitivos contribuiu certamente também para sensibilizar os cidadãos de Crateús sobre o triste fim do Dr. Olavo. Os assassinos nunca mais voltaram a Crateús. O agricultor baleado no confronto, após sua soltura, seguiu com sua família para o Piauí, segundo nossos interlocutores na cidade. O assassinato do médico benfeitor e inocente, de um lado; seus algozes impunes, de outro. O povo fez justiça ao dileto morador ao exaltar sua bondade, ao estender sua fama de curador e protetor dos pobres, inclusive desde o além, e ao destacar seu sofrimento. É o que sobressai nos testemunhos de seus devotos. É o que aproxima este santo popular dos santos oficiais da Igreja católica. Aqui, a prática incondicional da caridade para com os pobres (misericórdia), incluindo operação de milagres e a capacidade de testemunhar, de não abdicar da fé, apesar do sofrimento (martírio), são alguns dos traços que devem compor a personalidade de uma pessoa candidata à santidade.

Entre os mecanismos exteriores que contribuíram para a construção da imagem do Dr. Olavo como santo, para alavancar sua devoção, constatamos o apoio e o incentivo familiar, que na nossa opinião não foi espontâneo, mas associado a promover a crença nos poderes milagrosos do médico. Foram membros da família que auspiciaram a divulgação do “primeiro milagre” operado pelo finado; os que fizeram distribuir a fotografia do médico indicando aos admiradores que eles também podiam lhe fazer pedidos e promessas; foram

eles que erigiram uma cruz³⁸⁶ no local onde a vítima proferiu suas últimas palavras, lugar que serviu para o pagamento e pedido de promessas.

Essa intensa movimentação familiar nos fez propor que a devoção ao Dr. Olavo foi de certa forma provocada, apoiada, dirigida e custeada pela sua família. Seus familiares construíram um túmulo, que passou a ser um dos lugares onde os devotos faziam suas preces, cumpriam suas promessas, depositavam seus ex-votos e expressavam de outras maneiras seu reconhecimento ao bom médico.

A família, influente na cidade, também faz parte da organização encarregada de guardar a memória do Dr. Olavo. Uma das atividades desse grupo é publicar todos os anos, no aniversário da morte deste considerado santo pelo povo, um artigo sobre o crime no jornal *A Gazeta do Centro Oeste*. Como pode ser apreciado abaixo, este grupo e os familiares do falecido assumiram para a si a tarefa de atualizar o passado no presente e promover a imagem de sofredor e benfeitor do médico e ex-prefeito de Crateús.

43 anos que, no dia 2 de setembro, Crateús chorou copiosamente a morte de um dos seus filhos mais queridos – o médico Olavo Cavalcante Cardoso. Neste mês de setembro de 2012, 43 anos após o trágico incidente, o túmulo de Dr. Olavo ainda é visitado diariamente. No Dia de Finados, todos os anos, ocorre verdadeira romaria ao seu jazigo. O médico era muito querido e procurado por causa do seu espírito humanitário. Para muitos devotos de sua alma, ele permanece como um santo milagreiro. Na capela de seu túmulo há fotografias de pessoas supostamente curadas pelo médico, além de uma grande lista de nomes, ex-votos, fotografias, bilhetes e cartas com pedidos e com agradecimentos por milagres a ele atribuídos. Com certeza, Olavo goza das glórias eternas, em recompensa pela caridade feita a tantas pessoas humildes em nossa terra.³⁸⁷

A memória do Dr. Olavo é sempre propagada através de mecanismos como este do jornal, que de certa forma oficializa, pela escrita e pela repetição sistemática, os atributos aferidos ao dileto cidadão de Crateús. Esse processo o reafirma sobretudo como homem público e como operador de milagres, como santo popular. Sua imagem e sua memória são mantidas também nas homenagens que lhe são rendidas, atribuindo seu nome a crianças e a lugares públicos.

No dia 15/01/2014 foi inaugurada no bairro Cidade Nova, em Crateús, a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) Dr. Olavo Cavalcante Cardoso. Na solenidade, estiveram

³⁸⁶ Reconhecemos que esta prática pode ter sido espontânea, pois é recorrente marcar com esse símbolo o local onde alguém morreu de forma trágica.

³⁸⁷ Crateús de Ontem. OLAVO CAVALCANTE CARDOSO. *Gazeta do Centro Oeste*. Publicação online. Disponível no site: <http://gazetacrateus.com.br/v2010/cultura/crateus-de-ontem-46/>. Edição de Setembro de 2012. Autor desconhecido.

presentes o prefeito da cidade, Carlos Felipe Beserra, o governador do estado, Cid Gomes, ao lado do Secretário da Saúde do Ceará, Ciro Gomes³⁸⁸.

Um quadro com a fotografia mais conhecida do médico (a que fora distribuída para os devotos fazerem promessas) foi pendurada logo na entrada do estabelecimento; ao lado, fragmentos da sua biografia. Nos jornais, a fotografia divulgada foi uma em que o governador Cid Gomes aparece olhando a imagem do quadro.

Segundo o jornal, a homenagem se justificava, pois “mesmo após sua morte, Dr. Olavo permanece venerado pela população de Crateús, sendo inclusive atribuídas ao mesmo, várias curas milagrosas”. Simbolicamente, o médico estava presente naquele espaço de saúde e doença. Misturava-se, assim, fé na ciência e fé no santo popular. Homenageava-se o santo e o ex-prefeito mais famoso da história da cidade.³⁸⁹

Figura 33 – Fotografia tirada na UPA de Crateús em 15/01/2014



Fonte: fotógrafo da prefeitura de Crateús³⁹⁰

Os exemplos acima mostram que a imagem do médico é cultivada e patrocinada também pelos representantes da administração da cidade. Contudo, na nossa avaliação, a promotora mais eficaz da devoção ao Dr. Olavo é a fé dos devotos. Seus pedidos e pagamentos de promessas, assim como seu testemunho, mantém viva em Crateús a memória deste santo popular.

³⁸⁸ DR. OLAVO CARDOSO, HOMENAGEADO COM NOME DA UPA/CRATEÚS. Publicação online. 6 de Janeiro de 2014. Informações pesquisadas no site: <http://www.crateus.ce.gov.br/capa/dr-olavo-cardoso-homenageado-nome-da-upacrateus/>. O nome do fotógrafo não foi mencionado no site.

³⁸⁹ Idem.

³⁹⁰ Ibidem.

Entre os aspectos que unem a devoção ao Dr. Olavo aos demais santos populares aqui estudados estão a forma trágica de sua morte, a impunidade dos assassinos e, principalmente, as práticas piedosas dos devotos.

No segundo capítulo vimos que Isabel Maria da Conceição não foi a única mulher a ser vítima do seu cônjuge no Brasil, no Ceará ou em Guaraciaba do Norte. Assassinada à beira do precipício e jogada serra abaixo na frente do seu único filho pelo próprio marido foragido da justiça, o martírio desta mulher atraiu a piedade de seus coterrâneos, também pelo fato do assassino ter ficado impune.

Isabel Maria tampouco foi a única mulher assassinada a ser alvo de devoção. Propusemos em nossa avaliação deste fenômeno que a devoção a estas santas populares surge nestes casos como uma revanche, como uma “justiça feita pelas próprias mãos” a seus algozes foragidos. A devoção nestes contextos nos coloca diante da violência contra a mulher e nos convida a pensar na fé como reação a uma indignação, nos aspectos políticos da devoção.

Vimos que o povo interpretou como sendo o primeiro milagre de Isabel Maria o fato de seu corpo não ter caído no precipício, mas ficado preso nos galhos de uma árvore. O segundo fato interpretado como miraculoso foi o de seu filho ter conseguido retornar sozinho do local do crime a Guaraciaba do Norte. Estes milagres foram difundidos oralmente pelos seus devotos. Eles erigiram uma cruz – embora sem marcar seu nome nem sua data de morte – no lugar onde Isabel Maria da Conceição foi assassinada e este passou a ser a referência espacial da devoção à santa.

Mais tarde foi construída a capela em homenagem à santa e para abrigar os devotos e suas práticas. Na capela, foi colocada uma memória escrita sobre Isabel e um retrato seu feito à mão, com traços que idealizavam os traços da mulher que ia sendo construída na memória do povo. O retrato era acompanhado da inscrição “Mártir de Guaraciaba do Norte”, e a oração que contava sua morte, exemplificava sua condição de santa das mulheres espancadas e traídas.

A capela de Isabel Maria da Conceição foi incendiada em 2013. No dia 30 de setembro a população de Guaraciaba do Norte, Ceará, e arrabaldes foi aturdida por ter-se encontrado nas proximidades da capela um corpo e um carro em chamas. O jornal *Diário do Nordeste* relatava no dia 2 de outubro de 2013 que:

A Polícia Militar (PM) encontrou, na noite da última segunda-feira (30), o corpo de um homem dentro de um carro que estava pegando fogo às margens da estrada que liga Guaraciaba do Norte à Reriutaba, no interior do Estado. Segundo a PM, o carro – de propriedade do ex-prefeito de Guaraciaba do Norte, Egberto Martins – adentrou uma capela às margens da

estrada após colidir com a porta frontal do pequeno prédio. Populares acionaram a Polícia por volta das 22h30. Os policiais informaram que ainda encontraram o carro em chamas ao chegar no local. O corpo só foi notado pelos policiais após o fogo ter se dissipado.³⁹¹

O fato foi noticiado com mais detalhes no *blog* de Diassis Lira, radialista da rádio AM 1190, de Guaraciaba do Norte:

Um carro incendiado com uma pessoa dentro foi encontrado na última segunda, por volta das 22h, nas proximidades da **Capela Santa Isabel**, na descida para Reriutaba. O corpo estaria amarrado no banco traseiro e ficou completamente carbonizado, sem possibilidade de identificação. Os restos mortais da vítima foram levados para o Instituto Médico Legal de Sobral a fim da realização do exame de DNA para identificação. [...] o carro estava completamente incendiado e o corpo da vítima no banco de trás. Tudo leva a crer de que alguém matou o condutor do veículo, jogou o carro contra a capela de Santa Isabel e depois ateou fogo, pois carro a diesel não incendeia assim tão fácil.³⁹²

Posteriormente foi confirmado que os restos mortais eram do senhor Hermenegildo Martins Farias, irmão do ex-prefeito de Guaraciaba do Norte, o senhor Egberto Martins Farias. O intrigante é compreender a escolha da Capela de Isabel Maria da Conceição como lugar escolhido para o abandono do corpo e do carro em chamas. O que parecia mais um homicídio ocorrido com indícios de crueldade, levava os interlocutores, inquiridores e ouvintes a (re)lembrar que ali fora o local escolhido por Antônio Raimundo, esposo de Isabel Maria da Conceição, para dar cabo da vida da mulher também com requintes de crueldade. A capela ficou totalmente destruída, como podemos observar nas imagens abaixo:

³⁹¹ Polícia encontra corpo em carro incendiado em Guaraciaba do Norte. Vide: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/online/policia-encontra-corpo-em-carro-incendiado-em-guaraciaba-do-norte-1.968207>. P.1. Autor desconhecido.

³⁹² *Guaraciaba do Norte*: Polícia localiza carro queimado com corpo dentro, na descida da Serra para Reriutaba. Autor Diassis Lira, em 01 de outubro de 2013. Vide: www.diassislira.com.br/2013/10/guaraciaba-do-norte-policia-localiza.

Figura 34 – Imagens da Capela de Isabel Maria da Conceição



Fonte: Fotografadas por Diassis Lira.³⁹³

No início de 2014 a capela de Isabel Maria da Conceição foi reconstruída. Todos os vestígios do incêndio foram apagados. O local voltou a ser espaço de devoção, mas muitos devotos passaram a ter receio de frequentá-lo.

A reconstrução da capela é um claro indicador de que a devoção popular a Isabel Maria da Conceição é aceita em Guaraciaba, a despeito de alguns opositores. A piedade cultivada pela maior parte dos regionais em torno da morte de Isabel Maria e dos milagres por ela operados persuadiu até mesmo os membros do clero local, como consta no capítulo correspondente. Ela também atraiu a classe política. A construção, (re)construção e manutenção da capela contaram com o auxílio financeiro de políticos locais.

A devoção fez uma mulher desconhecida até então tomar parte no cotidiano e na história da cidade. Ela se tornou símbolo na luta para combater a violência doméstica contra a mulher. Alguém dentre os devotos lhe fez um retrato pelas próprias mãos e dedicou-lhe uma prece, uma prece do povo. Esta criação foi direcionada a um público específico, às mulheres.

³⁹³ Idem.

Mas os pagamentos das promessas realizados pelos devotos mostram que a santa popular é para todos e todas as causas.

Também no caso de João das Pedras, sua morte trágica e seu sofrimento ocupam um lugar de destaque no imaginário popular. Sua devoção foi construída de forma “espontânea” pelo povo, que acredita ter o finado se arrependido na hora derradeira. A forma como seu corpo foi *carregado como um porco* até a praça e a carência que marcou seu funeral foram incorporados no testemunho dos devotos como parte do enredo no qual João, o bom ladrão, roubava dos ricos para dar aos pobres. Para os devotos, ele passou a ser um santo; para os opositores, o defunto que recebe mais visitas no cemitério.

O túmulo de João das Pedras é a referência espacial mais visível da devoção. Construído e mantido por iniciativa e fé dos devotos, este espaço consagrou e propagou a imagem do milagreiro, fenômeno muito importante para compreender a religiosidade popular. O túmulo passou por modificações ao longo dos anos, sustentadas unicamente pelos devotos do milagreiro de São Benedito.

Atualmente, além dos ex-votos, das velas e flores exibidas no túmulo de João das Pedras, consta também o nome e a data de morte do ladrão. Os devotos se identificaram com o sofrimento do ladrão. E é mesmo à revelia dos detratores do culto e daqueles que descreem em seus poderes, que a imagem do milagreiro é propagada a cada pagamento de promessa, seja nas intenções de missas colocadas nas igrejas católicas em São Benedito, e nos ex-votos dedicados a João das Pedras. Sua devoção não obteve apoio financeiro, nem aceitação por membros da elite ou clero local, tampouco sua família dispunha de recursos para incentivar sua devoção.

O culto a João das Pedras é das três devoções aqui estudadas a que parece manter-se mais popular, próxima de sua origem. Ele não recebeu uma oração como a que homenageia a Isabel Maria da Conceição, sua história de vida e morte permanecem no âmbito da oralidade, nas preces que lhes são oferecidas.

Em 2008, o jornal *Diário do Nordeste*, que circula em todo o Estado do Ceará, publicou uma reportagem sobre João das Pedras, o ladrão que roubava dos ricos para dar aos pobres. Cada mês de novembro o jornal exibia costumeiramente artigos e entrevistas sobre devoções oficiais e não oficiais no estado.

Os repórteres chegaram à cidade no dia 02 de novembro de 2008 para registrar o dia mais movimentado da devoção. Segundo o jornalista Wilson Gomes,

Depois de 30 anos desse acontecimento, no dia 2 de novembro, Dia de Finados, o túmulo onde está enterrado João das Pedras, situado no Cemitério de São Benedito, é o mais visitado pela população da cidade e por turistas, alguns, oriundos de cidades vizinhas. Muitos movidos por pura curiosidade, outros pela esperança de um milagre motivada por histórias ouvidas de pessoas que já haviam tido contato anterior com tal devoção [...].³⁹⁴

O Jornalista Wilson Gomes seguiu reportando sobre as suas impressões sobre a devoção:

Numa primeira observação, no Dia de Finados, o que distingue o túmulo de um morto milagroso, ou santo do cemitério, do de qualquer outro morto bem visitado é o número incomum de pessoas que se quedam junto a ele, e o vai-e-vem constante, o dia inteiro, que pode começar já na véspera. A aproximação das pessoas dá-se de maneira variável conforme sejam já devotas, familiarizadas com a existência da devoção ou apenas passantes que lá estão indo pela primeira vez para visitar um finado próximo. Quando alguém narra o milagre, conta sob a forma de testemunho direto, realiza algo mais que apenas comentá-lo ou contá-lo. A pessoa o sustenta, uma vez que alimenta a fé em sua eficácia e assim concorre para sua reprodução social.³⁹⁵

O repórter registrou também alguns testemunhos dos devotos de João das Pedras, pois não existe santo sem devoto. A seguir, seus comentários e parte dos depoimentos.

1. Os devotos chegam de maneira reservada, discreta, como é o caso da dona-de-casa Maria Mesquita, 56 anos, que desde quando foi visitar pela primeira a sepultura de João das Pedras, nunca mais deixou. “Tive um pedido atendido, então, desde este dia faço questão de vir até aqui visitá-lo. Rezo primeiro para a alma dele, acho que tem momentos que a gente chega a se comunicar”, descreve Maria Mesquita.
2. Maria Oliveira, 59 anos, se emociona ao falar de João das Pedras. “Eu vivia num sofrimento, perdi pai e mãe, tive minha aposentadoria cortada. Foi difícil para mim e, graças a Deus, primeiramente, e a João das Pedras, pude rever o dinheiro da minha aposentadoria”, conta.
3. Teresinha dos Anjos, 67 anos, disse que lembra da morte de João das Pedras. Ela disse que “foi muito triste, era de fazer dó, parte do seu corpo queimado e ainda arrastado. Fiquei muito triste com a morte dele, todos que conheciam sabia que ele roubava, mas roubava dos ricos para os pobres, não era para ele. Na casa do padre João Batista ninguém gosta de ouvir esta história”, contou.³⁹⁶

Era a primeira vez que a devoção a João das Pedras se propagava em nível estadual e que a memória das peripécias de sua vida e da sua dedicação aos pobres saía do âmbito da

³⁹⁴ Curiosidade e busca por um milagre motivam visitas. Diário do Nordeste. Caderno Regional. Jornalista Wilson Gomes. *Matéria publicada em 08/11/2008. Disponível no site: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/curiosidade-e-busca-por-um-milagre-motivam-visitas-1.449827>.*

³⁹⁵ Idem.

³⁹⁶ Ibidem.

oralidade para o da escrita, no caso aqui, para um jornal. O repórter interpelou os devotos sobre sua devoção a um ladrão, buscava achar sentido para uma piedade desse gênero: “Teresinha dos Anjos, 67 anos, disse ao jornal que: Fiquei triste com a morte dele. Todos que conheciam sabia que ele roubava dos ricos para os pobres”.

Maria Oliveira, 59 anos, por sua vez, relatou que “João das Pedras era um homem bom. Por isso, não merecia morrer de maneira tão violenta”.³⁹⁷

O jornal conseguiu comunicar a seus leitores as duas maiores características que consagraram João das Pedras como santo popular em São Benedito: sua imagem de ladrão que roubava dos ricos para dar aos pobres e a de um bom ladrão que foi injustamente morto de forma violenta. No dia 8 de novembro, quando a publicação foi às bancas, os exemplares em São Benedito esgotaram-se.

Nosso objetivo neste estudo foi apresentar as diferentes formas de se construir os santos populares. Nossa escolha privilegiou um médico, uma mãe e esposa, e um (bom) ladrão, o que, ao finalizar este trabalho, parece-nos ter sentido, pois nas horas de necessidade pode ser vantajoso contar com esses três santos: o médico, para as doenças do corpo e para as psicossomáticas; a mãe e esposa, para as decepções e frustrações, para a dor moral; e o bom ladrão, para suprir as necessidades básicas.

Esses santos de devoção são como operadores do direito (advogados) espirituais, sobretudo dos pobres. Assegura-lhes seu direito à saúde; seu direito à segurança, à paz, contra a violência e a sujeição à vontade do outro, mesmo sendo este o marido; seu direito a recursos para ter o que comer e vestir e um lugar para morar. Os devotos se sentem compreendidos pelos santos e se identificam com eles. A relação de troca é clara. A cada pedido, uma promessa; a cada pedido atendido, um pagamento de promessa. Os pedidos atendidos são considerados milagres, pois, de certa forma, para o povo em necessidade essas respostas são sobrenaturais, estavam fora de seu alcance pelas vias do direito.

Graças a seus milagres, estes santos permanecem no imaginário popular como valiosos aliados para a sobrevivência. A classe política procura tirar partido do fenômeno, pois ainda hoje cresce e se renova o grupo de devotos e as formas de devoção. O fenômeno merece ser estudado em toda sua complexidade. Este trabalho é apenas mais um fragmento dessa realidade. Esperamos com ele ter aportado dados empíricos originais e algumas pistas para análise que podem ser aproveitadas para futuros trabalhos.

³⁹⁷ Colaborador Curiosidade e busca por um milagre motivam visitas. Diário do Nordeste. Caderno Regional. Jornalista *Wilson Gomes*. *Matéria publicada em 08/11/2008. Disponível no site: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/curiosidade-e-busca-por-um-milagre-motivam-visitas-1.449827>.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Felon. *Jararaca: o cangaceiro que virou “santo”*. Recife: Guararapes, 1981. (Cadernos Guararapes, 1).

ALVES, Kesia Cristina França. *O santo do purgatório: a transformação mítica do cangaceiro Jararaca em herói*. 2006. 119f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In: *História*. São Paulo, 14, 1995.

AMADO, Jorge. *Gabriela Cravo e Canela*. 1ª edição. Livraria Martins Editora, São Paulo, 1958.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A Terra e o Homem no Nordeste*. Editora Brasiliense.

ANDRADE, Solange Ramos de. O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano III, n. 7, p.131-145, Mai. 2010 - ISSN 1983-2850.

_____. A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir. *Projeto História*. São Paulo, n.37, p. 237-260, Dez. 2008.

ARAÚJO, Marcela Cardoso Schütz de; SCHÜTZ, Hebert Mendes de Araújo; DIAS, Fernanda Martins. A aplicabilidade da Lei Maria da Penha na proteção da violência contra a mulher. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XV, n. 96, jan 2012. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11065&revista_caderno=3>. Acesso em jan 2015.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro. 2003.

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. *Assim na morte como na vida: arte e sociedade no cemitério São João Batista (1866-1915)*. 2003. 202 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo*. Prefácio de José de Sousa Martins. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRANDÃO, José Hudson. *São Benedito, dos tabajaras ao terceiro milênio*. Fortaleza. Ed. Livro Técnico, 2000.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Revisão técnica de Daniel Aarão Reis Filho. Bauru: Edusc, 2004.

CAILLOS, Roger. *O Homem e o Sagrado*. Edições 70. Lisboa, s/d.

CARVALHO, Gilmar de. *Madeira Matriz*. São Paulo: Annalumbe, 1999.

CAVALCANTE, Antonio Mourão; GREENFIELD, Sidney. *Dr. Argeu: a construção de um santo popular*. Fortaleza: Editora UFC, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica de Arno Vogel. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1985.

_____. CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2ª Edição. Memória e História. DIFEL.

COSTA, Éden Moraes da. De médico e santo popular: a devoção ao doutor Camilo Salgado em Belém do Pará. *Revista Estudos Amazônicos*. Vol. V, nº 2, p. 47-73. (2010).

CORREIA, Iara Toscano. *A santidade no imaginário popular. João Relojoeiro: a construção de um santo no imaginário popular – Uberlândia/MG (1956-2002)*. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

DAVIS, Natalie Zemon. A raiva e a legítima defesa. In: _____. *Histórias de Perdão e seus narradores na França do século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Cap. 2.

DELUMEAU, Jean. *O Pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (séculos 13 – 18)*. Tradução de Álvaro Lorentini. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. A essência das religiões. Martins Fontes.

FREITAS, Eliane Tânia Martins de. *Memória, Ritos Funerários e Canonizações Populares em Dois Cemitérios no Rio Grande do Norte*. 2006. 211f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Nascimento da Prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 14ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. 15ª. ed. Graal.

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada* — São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

_____. *O fio e os rastros*. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d' Aguiar e Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Mitos, Emblemas, Sinais*. Morfologia e História. 2º edição. Tradução de Frederico Carotti. – São Paulo: Companhia das letras, 1989.

_____. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOBBSAWM, E. J. *Bandidos*. Tradução de Donaldo Magalhães Garschagen. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado. A construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

JURKEVICS, Vera Irene. *Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. 2004. 214f. Tese (Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro et al (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004. P. 131.

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In: _____. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003. Cap. 10.

LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Tradução Cynthia Marques de Oliveira. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MAIA, Michelle Ferreira. *Lembrança de Alguém: A construção das memórias sobre a santidade de João das Pedras*. Fortaleza - CE: Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará. 1ª ed., 2010.

MARTINS, Eduardo Vieira. José de Alencar e a Violência do Sertão. *Floema* – FFLCH/USP, Ano VII, n. 9, p. 61-71, jan./jun. 2011.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. In: _____. *Rev. Inst. Est. Bras.*, SP, 34:9-24, 1992. p.9-23.

_____. Os Paradoxos da Memória. In: MIRANDA, Danilo Santos (Org.). *Memória e Cultura a importância da Memória na Formação Cultural Humana*. Edições SESCSP 2007. p.29.

MILLIET, Maria Alice. *Tiradentes: O corpo do herói*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 160-162.

MIRANDA, Aristoteles Guilliod de. Camilo Salgado: o médico e o mito. Médico notável pelo conhecimento científico é cultuado como santo popular no Pará. *SINTONIA*. Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo. Edição 35, Abril/Maio/Junho de 2006. Disponível em : <<http://www.Cremesp.org.br/?siteAcao=Revista&id=243>>. Acesso em: 22 jan. 2015.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. “No Castelo da História só há processos e metamorfoses, sem veredicto final”. In: *História: A Arte de inventar o passado*. Ensaio de teoria da História. EDUSC. (s/d., p.72).

PADOVESE, L. *Diálogos entre Santos de Mármore*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Os Sete Pecados da Capital*. São Paulo: Hucitec, 2008. ISBN 978-85-60438-80-8.

PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na História Oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et al (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’Água, 2004. p. 300.

PRIORE, Mary Del. *Matar para não morrer*. A morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis. Editora Objetiva. ISBN 978-85-390-0027-2.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Os cangaceiros*. Tradução da autora. São Paulo: Duas Cidades. 1977.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O verbo encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Unijuí, 1998.

_____. A Santa Cruz do Deserto: Memórias sobre o Caldeirão. In: *Revista Proj. História*. São Paulo. p. 365. 17, novem. 1998.

_____. Narrativa em fogo cruzado: Padre Cícero, Lampião e a Guerra de 14. *Trajetos – Revista de História UFC*, Fortaleza, vol. 2, n. 3, 2002.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Editora Record. 29ª ed. Rio, 1978.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SÁEZ, Oscar Calavia. *Fantasma falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

SAMUEL, Raphael. Teatros da memória. *Projeto História*. p. 42. São Paulo, n. 14, fev. 1997.

SCHNEIDER, Marília. *Memória e história* (Antoninho da Rocha Marmo). São Paulo: T. A. Queiroz, 2001.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2004. p.42-45.

TÁVORA, Franklin. *O Cabeleira*. Biografia, introdução e notas de M. Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

VALLADARES, Clarival do Padro. *Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

VALENSI, Lucette. *Fábulas da memória: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo*. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

VIEIRA, Antônio. *Sermão do Bom Ladrão*. São Paulo: Principio, 1993.

VOVELLE, Michel. *As Almas do Purgatório ou "O trabalho de Luto"*. Tradução de Aline Meyer e Roberto Cattani. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

FONTES

ENTREVISTAS

ASSIS, Francisca das Chagas. 60 anos. Funcionária pública, residente na rua Monsenhor Custódio. Entrevista realizada em sua residência, em São Benedito, no dia 19/03/2004.

BARBOSA, Maria do Socorro Monte. 72 anos, casada, doméstica aposentada, residente na Rua Firmino Rosa, Centro, Crateús, Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 14 de abril de 2009.

BATISTA, Cleomar Ferreira. 49 anos, doméstica. Entrevista realizada no dia 05/04/2013, em sua residência no bairro Cachoeira, em São Benedito.

CAMPINA, Márcio. 38 anos, radialista, residente na Rua Coronel Jiló, bairro São Vicente, em Crateús, Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 7 de setembro de 2009.

CARVALHO, Maria Aparecida de Matos. 53 anos. Agente de saúde. Entrevista realizada em sua residência, na Rodovia da Confiança Norte, em São Benedito, no dia 07/03/2005.

CARVALHO, Maria do Carmo de Araújo. 51 anos. Secretária da Paróquia Nossa Senhora dos Prazeres em Guaraciaba do Norte. Residente na Rodovia Dep. José Maria Melo n ° 47, Bairro Centro. Entrevista realizada no dia 01 de Abril de 2013 na secretaria da Paróquia.

COUTINHO, Expedito Jorge. 78 anos. Pedreiro aposentado. Residente na travessa Francisco Cavalcante, em São Benedito. Entrevista realizada no dia 03/01/2008.

CRESCENÇA, Joaquim. 83 anos, aposentado, residente no sítio Pimenteira em São Benedito. Entrevista realizada em sua residência, no dia 19/03/2004. Seu Joaquim foi Carcereiro da Delegacia Municipal de São Benedito e acompanhou muitas das prisões de João das Pedras.

FILHO, Norberto Ferreira. 91 anos, escritor e comerciante aposentado, residente na Rua Firmino Rosa, Centro, Crateús, Ceará. Entrevista realizada em sua residência no dia 14 de abril de 2009.

GOMES, Maria Ferreira. Casada. Entrevista realizada em sua residência no sítio Pimenteira em São Benedito, no dia 01/06/2003. Maria estava com 73 anos.

GOMES, Maria das Graças Marques. 53 anos. Dona de casa. Entrevista realizada no dia 12/02/2005, em sua residência, no Sítio Pimenteira, em São Benedito.

GONÇALVES, Francisca das Chagas. 59 anos. Cozinheira do Hospital Municipal de São Benedito. Residente no bairro Vila Franco. Entrevista realizada no Cemitério no dia 02/11/2008.

LIMA, Francisco Augusto. 42 anos. Pedreiro. Residente na rua Irineu Pinto da Silveira. Entrevista realizada no Cemitério de São Benedito no dia 02/11/2008.

LOPES, Maria da Conceição. 54 anos, lavadeira, residente no bairro da Cachoeira. Entrevista realizada em sua residência, no dia 01/06/2003.

LOPES, Maria de Fátima do Carmo. 53 anos, professora aposentada, casada, natural de Crateús, residente na Rua Washington, nº 307, bairro Santa Rita, em Crateús. Entrevista realizada no dia 19/07/2008, em Fortaleza, quando de sua visita à casa da filha, Ana Keyla Lopes, residente na Avenida Jovita Feitosa.

MAIA, Francisco Arruda. 64 anos. Policial militar aposentado. Residente no bairro Papicu, em Fortaleza, Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 09/05/2005. É conhecido como sargento Maia por muitos em São Benedito.

MAIA, Raimunda Ferreira. Dona de Casa. Casada. 50 anos. Residente no bairro do Corrente. Entrevista realizada em sua residência, no dia 03/07/2007.

MESQUITA, Alice Maria de. Casada, 77 anos, aposentada. Residente na Rua Maestro Vicente Marques nº 779 em Guaraciaba do Norte, Ceará. Entrevista realizada em sua residência no dia 07 de Maio de 2014.

MESQUITA, Maria Lucimar Bezerra. 31 anos, dona de casa. Residente no Sítio Bananeira em São Bendito. Entrevista realizada no dia 02/11/2008 no cemitério de São Benedito, durante a visitação de finados.

NASCIMENTO, Francisca Muniz do. 81 anos, aposentada, residente na rua Deputado Vicente Ribeiro, em São Benedito. Entrevista realizada no dia 01/05/2005, em sua residência.

OLIVEIRA, Vicente Paula de. 94 anos. Aposentado. Entrevista realizada em sua residência no dia 03/04/2004 em sua residência no sítio Pombal em São Benedito.

PEREIRA, Antonio Gomes. 51 anos. Agricultor. Residente no município de Carnaubal, Ceará. Entrevista realizada no cemitério de São Benedito, quando de sua visita ao túmulo de João das Pedras, neste local, no dia 02/11/2004.

RODRIGUES, Francisca Mota. A senhora Francisca, conhecida como Chica da Égua, concedeu-me a entrevista em sua residência, na avenida Tabajara, no dia 19/03/2004. Aposentada, estava com 68 anos. Nascida em 25/10/1936. Em 18/06/2006 a senhora faleceu vítima de um AVC, tendo então 70 anos.

RODRIGUES, João Batista. 38 anos. Sacerdote. Entrevista realizada na secretária paroquial de São Benedito, no dia 02/10/2005.

SANTANA, Nilo Paula. 76 anos. Aposentado. Entrevista realizada em sua residência, no Sítio Pombal, em São Benedito, no dia 03/04/2004.

SILVA, Francisca Roberta da. 54 anos. Aposentada. Residente na Rodovia da Confiança Norte, São Benedito. Entrevista realizada em sua residência no dia 19/03/2004.

SILVA, Francisca Rodrigues da. 73 anos. Aposentada. Residente na rua Ministro Antonio Coelho, em São Benedito, Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 25/02/2005.

SILVA, Tomaz Bezerra. 66 anos. Pintor de casa. Residente na Avenida Tabajara, em São Benedito. Entrevista realizada no Cemitério de São Benedito, quando sua visita ao túmulo de João das Pedras, no dia 02/02/2005.

SOARES, Otalício Viana. 22 anos. Residente no Sítio Lagoa. Auxiliar de escritório do Cartório Amaral do 2º Ofício. Entrevista realizada no dia 02/02/2005, no Cemitério de São Benedito.

SOUSA, Luiz Antonio. 37 anos. Professor de História do Colégio Ministro Antônio Coelho. Residente no Quadro São Francisco. Entrevista realizada dia 02/11/2004 no cemitério de São Benedito.

SOUSA, Maria Auxiliadora Ribeiro. 33 anos, agricultora. Residente na Rodovia da Confiança Sul. Entrevista realizada no Cemitério de São Benedito, quando de sua visita ao túmulo de João das Pedras, neste local, no dia 02/02/2005.

SOUZA, Maria Ferreira de. 67 anos. Aposentada. Casada. Entrevista realizada em sua residência na rua Deputado Francisco Júlio Filizola, no bairro do Corrente, no dia 03/07/07.

SOUSA, Orácio Pedro. 72 anos, agricultor aposentado, residente no sítio Ingazeira, em São Benedito-Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 22/05/2004.

SOUSA, Rosa Fontenelle de. 64 anos, doméstica. Residente na Rua Francisco Eusébio, S/N, bairro Cidade Alta em São Benedito, Ceará. Entrevista realizada em fita K7 em sua casa no dia 02/06/2013 as 14:00 h.

VALE, José Rodrigues do. 73 anos. Agricultor. Entrevista realizada no dia 01/05/2005, na residência de sua comadre Francisca Muniz do Nascimento em São Benedito, Ceará.

VALE, Télia Bandeira. Doméstica, casada, 45 anos. Residente na Rua Mons. Eurico, s.n. Centro, Guaraciaba, Ceará. Entrevista realizada no dia 20 de julho de 2011.

JORNAIS IMPRESSOS

Assassinado médico e ex-prefeito de Crateús". *Tribuna*. Ano XII. Nº 1.910. 3 de setembro de 1969, p. 1. Autor desconhecido.

Caso de Crateús Não Chegou ao Centro Médico. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII. Nº 12.187. Sexta-feira, 5 de setembro de 1969, p. 1. Fortaleza-CE. Autor desconhecido.

Crateús: 40 anos sem Olavo Cardoso. *Gazeta do Centro-Oeste*. 12 anos. Jornalismo, Ética, Liberdade, Compromisso e Democracia. Ano XIII. Nº 285. Terça-feira, 15 de setembro de 2009, p. 5. Crateús-CE. Autor desconhecido.

Com cinco facadas assassinado médico e ex-prefeito de Crateús. *Tribuna do Ceará*. Ano XII. Fortaleza-CE, 3 de setembro de 1969. Nº 4.911. p. 12.

Continua Foragido um dos Matadores do Ex-Prefeito de Crateús. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII. Nº 12.186. Quinta-feira, 4 de setembro de 1969, p. 6. Fortaleza-CE. Autor desconhecido.

Ex-Prefeito Morto a Faca em Crateús”. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII. Nº 12.185. 3 de setembro de 1969, p.1. Fortaleza-CE. Autor desconhecido.

Está Mal Assassino do Médico. *Tribuna do Ceará*. Ano XII. Fortaleza, 4 de setembro de 1969. Nº 4.911. p. 7.

Matador do Médico Vem para Fortaleza”. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII. Nº 12.187. Sexta-feira, 5 de setembro de 1969, p. 6. Fortaleza-CE. Autor desconhecido.

O destino na ladeira das pedras”. *Jornal O Povo*. Caderno Especial: Santificados II. 14 de maio de 2011. p.1. Autor Cláudio Ribeiro.

Suicidou-se Vaqueiro do Médico Morto em Crateús. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII. 24 de outubro de 1969, p. 6. Fortaleza-CE. Autor desconhecido.

Guaraciaba do Norte Professor Teodoro visita distrito de Várzea dos Espinhos. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Ceará. 29/12/ 2009, p.1. Autor Felipe Mendes.

JORNAIS e SITES ONLINE

Protetora das Espancadas é venerada no CE. FOLHA.com. “Cotidiano”, 8/3/2003. Reportagem de Kamila Fernandes da Agência Folha, em Guaraciaba do Norte, Ceará. p.1. Disponível no site <C:\Documents and Settings\Usuário\Desktop\santa isabel\Folha Online - Cotidiano – “Protetora das espancadas é venerada no CE’ - 8-3-2003.mht>. Acessado em Dezembro de 2010.

Padres da cidade divergem sobre a santidade. Folha de S. Paulo. Cotidiano. São Paulo, Sábado, 08 de março de 2003. Disponível no site: <www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0803200313.htm>. Acessado em 27/12/2010.

Assassino é condenado em Guaraciaba do Norte. Notícias. Ministério Público do Estado do Ceará. Procuradoria Geral da Justiça do Ceará. 20/6/2011. Disponível no site: <www.jusbrasil.com.br/topicos/1576983/guaraciaba-do-norte ou acesse mp-

ce.jusbrasil.com.br/noticias/2742208/assassino-e-condenado-em-guaraciaba-do-norte>. Acessado em 27/12/2010.

Crateús de Ontem. Retrospectiva de Eleições Municipais. Gazeta do Centro-Oeste. Crateús-CE. Publicação online. 02/09/2012. Site: <gazetacrateus.com.br/v2010/cultura/crateus-de-ontem-37>. Autor desconhecido. Disponível também no site: <http://www.cnv.gov.br/index.php/institucional-acesso-informacao/a-cnv>. 15/04/2014.

Crateús de Ontem. Olavo Cavalcante Cardoso. Gazeta do Centro Oeste. Publicação online. Disponível no site: <http://gazetacrateus.com.br/v2010/cultura/crateus-de-ontem-46/>. Edição de Setembro de 2012. Autor desconhecido. Acessado em 12/03/2013.

Dr. Olavo Cardoso, Homenageado com nome da UPA/Crateús. Publicação online. 6 de Janeiro de 2014. Disponível no site:< <http://www.crateus.ce.gov.br/capa/dr-olavo-cardoso-homenageado-nome-dapacrateus/>>. Acessado em 15/04/2014.

Polícia encontra corpo em carro incendiado em Guaraciaba do Norte. Disponível no site: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/online/policia-encontra-corpo-em-carro-incendiado-em-guaraciaba-do-norte-1.968207>>. p.1. Autor desconhecido. Acessado em 8/11/2014.

Guaraciaba do Norte: Polícia localiza carro queimado com corpo dentro, na descida da Serra para Reriutaba. Autor Diassis Lira, em 01 de outubro de 2013. Disponível: <www.diassislira.com.br/2013/10/guaraciaba-do-norte-policia-localiza>. Acessado em 8/11/2014.

Curiosidade e busca por um milagre motivam visitas. Diário do Nordeste. Caderno Regional. Jornalista Wilson Gomes. *Matéria publicada em 08/11/2008.* Disponível no site: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/curiosidade-e-busca-por-um-milagre-motivam-visitas-1.449827>>. Acessado em 8/11/2014.

Ipea revela dados inéditos sobre violência contra a mulher. Publicado em 19/09/2013. Disponível no site: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&id=19873>. Acessado em 8/11/2014.

Fotografias da Capela de Isabel Maria da Conceição retiradas do site Reriutaba. Notícias.Com. Disponível: <reriutaba.com/galfinisabel/finada_isabel.htm>.

ANEXO 1

CONSÓRCIO NACIONAL YAMAHA
TRAGA O SEU SONHO
QUE A GENTE REALIZA

YAMAHA MOTORCYCLE
 Fone: (88) 3691.8080

Cidade

PR realiza seminário em Crateús

Lúcio Alcântara
 Um seminário com 11 palestrantes ocorreu em Crateús, no município de Crateús, no Estado do Ceará, no dia 12 de maio. O evento foi organizado pelo governador do Ceará, Lúcio Alcântara, e contou com a participação de representantes de diversos setores da sociedade civil, incluindo empresários, acadêmicos e líderes comunitários. O objetivo do seminário foi discutir estratégias para o desenvolvimento econômico e social do município de Crateús. Os palestrantes abordaram temas como infraestrutura, educação, saúde e geração de empregos. O governador destacou a importância de Crateús para o desenvolvimento do Estado e prometeu o apoio do governo estadual para a realização de projetos de desenvolvimento local.

Alexandre Damasceno
 O governador do Ceará, Lúcio Alcântara, realizou um seminário em Crateús, no dia 12 de maio. O evento contou com a participação de 11 palestrantes de diversas áreas. O governador destacou a importância de Crateús para o desenvolvimento do Estado e prometeu o apoio do governo estadual para a realização de projetos de desenvolvimento local.

Crateús: 40 anos sem Olavo Cardoso

Um seminário em homenagem ao governador Olavo Cardoso foi realizado em Crateús, no dia 12 de maio. O evento contou com a participação de representantes de diversos setores da sociedade civil. O governador destacou a importância de Crateús para o desenvolvimento do Estado e prometeu o apoio do governo estadual para a realização de projetos de desenvolvimento local.



Olavo Cardoso, governador do Ceará em 1961.



Domingos Filho anuncia novos integrantes da comissão do PAC

O governador do Ceará, Domingos Filho, anunciou os novos integrantes da comissão do PAC (Programa de Aceleração da Crescimento) em 12 de maio. A comissão será composta por representantes de diversos setores da sociedade civil, incluindo empresários, acadêmicos e líderes comunitários. O objetivo da comissão é discutir estratégias para o desenvolvimento econômico e social do Estado. Os novos integrantes são: [Nomes dos integrantes].



Domingos Filho, governador do Ceará.

Nota de falecimento

Faleceu em 12 de maio de 2011, às 14h30, o senhor [Nome], nascido em [Data e Local]. Foi casado com [Nome]. Deixou para si [Filhos]. O sepultamento será realizado em [Local].



[Nome], falecido em 12 de maio de 2011.

POSTO BEIRA RIO 24 HORAS
 Posto Combustível, 24 horas
 Rua [Endereço], [Cidade]

3697.2882

ANEXO

**TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO CEARÁ
SECRETARIA DE INFORMÁTICA
COORDENADORIA DE ESTATÍSTICAS E INFORMAÇÕES
SEÇÃO DE ESTATÍSTICAS ELEITORAIS**

ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 07 DE OUTUBRO DE 1962

PREFEITOS ELEITOS NO CEARÁ

MUNICÍPIO	CANDIDATOS	PARTIDO / COLIGAÇÃO
ABAIARA	SEBASTIÃO CAVALCANTI	UDN
ACARAÚ	JOÃO JAIME FERREIRA GOMES	PTB
ACOPIARA	MIGUEL GALDINO DE OLIVEIRA	PSD
AIUABA	ANTONIO PEDROSO DE MORAIS	PSD
ALCANTARAS	JOAQUIM CUNHA FREIRE	PTN-PSP
ALTANEIRA	FRANCISCO BISPO DE ASSIS	UDN
ALTO SANTO	JOSÉ MACHADO NOGUEIRA	PSD
ANTONINA DO NORTE	JOAQUIM ELIZEU DE ANDRADE	UDN
APUIARÉS	LUIZ GONZAGA CUNHA	PSD
AQUIRAZ	RAIMUNDO PIRES CARDOSO	PSD
ARACATI	ARMANDO DIAS SIMÕES	PTN-UDN
ARACOIABA	RAIMUNDO AIRTON PEREIRA DE CASTRO	PSD
ARARIPE	MARCONI JOSÉ FIGUEIREDO DE ALENCAR	PSD
ARATUBA	JOSÉ ALBUQUERQUE PEREIRA	UDN
ARNEIROZ	ANTONIO ALVES DE MORAIS	PSD
ASSARÉ	LEOVIGILDO CLARAVAL CATONHO	PSD-PRP
AURORA	FRANCISCO BEZERRA DOS SANTOS	PTN
BAIXIO	JOSÉ FERREIRA LIMA	PSD-UDN
BARBALHA	JOAQUIM DUARTE GRANGEIRO	PSD
BARRO	RAIMUNDO INACIO DE SOUSA	UDN
BATOQUE	ANTONIO RÉGO FILHO	PTN
BATURITÉ	ANTÔNIO WELLINGTON VIANA	UDN
BEBERIBE	BENEDITO EVARISTO PINHEIRO	PTN
BELA CRUZ	EXPEDITO DEROCY DE VASCONCELOS	UDN
BOA VIAGEM	MANUEL VIEIRA DA COSTA (NEZINHO VIEIRA)	UDN
BREJO SANTO	JUAREZ LEITE SAMPAIO	PSD
CAMOCIM	JOÃO BATISTA ROCHA AGUIAR	PSD
CAMPOS SALES	FRANCISCO VELOZO DE ANDRADE	UDN
CANINDE	FRANCISCO ALBERTO MARTINS	UDN
CAPISTRANO	JOSÉ EVARISTO DE FREITAS	PTN
CARIDADE	FRANCISCO PAIVA TAVARES	UDN
CARIRÉ	JOSÉ RIBAMAR SOARES AGUIAR	PSD
CARIRIAÇU	MANOEL PEREIRA DE MORAIS	PSD
CARIÚS	SILVESTRE ALMEIDA DUARTE	PSD-PTB
CARNAUBAL	ESPERIDIÃO RIBEIRO DO AMARAL	UDN
CASCAVEL	RAIMUNDO DA COSTA NOGUEIRA	PTN
CATARINA	LOURIVAL PAES DE ANDRADE	PSD
CAUCAIA	JUACI SAMPAIO PONTES	PSD
CEDRO	ANTÔNIO BITÚ DOS SANTOS	PTN
CHAVAL	LIBÓRIO ADRIÃO DE ARAÚJO	PSP-UDN
COCOCY	LEANDRO CUSTÓDIO DE OLIVEIRA E CASTRO	PSD-UDN
COREAÚ	GERARDO ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE	PTN
CRATEÚS	OLAVO CAVALCANTE CARDOSO	PSD-PSP
CRATO	PEDRO FELÍCIO CAVALCANTE	PSD-PTB-PTN-MTR
FARIAS BRITO	ISAAC DE ALCANTARA COSTA	PSD
FORTALEZA	MURILLO BORGES MOREIRA	PL
FRECHEIRINHA	ANTÔNIO CUSTÓDIO SOBRINHO	UDN
GENERAL SAMPAIO	FRANCISCO CHAGAS CAVALCANTE	PTB
GRANGEIRO	JOAQUIM HENRIQUE DA COSTA	UDN
GRANJA	GUILHERME GOUVEIA FILHO	UDN
GROAIRAS	RAIMUNDO ANTÔNIO CASSIMIRO	PSD-PTN

2

FONTE: Ata Geral de Apuração e Relatório da Seção Eleitoral e de Estatística da Secretaria do TRE/CE - 16/09/1963.

*Observação: O Prefeito eleito do município de Pentecoste teve o mandato cassado. Assumiu o Sr. OSMAR FEIJÓ DE MELO.

LEGENDAS

SIGLA	NOME
PTB	PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO
PSD	PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO
PST	PARTIDO SOCIAL TRABALHISTA
PTN	PARTIDO TRABALHISTA NACIONAL
MTR	MOVIMENTO TRABALHISTA RENOVADOR
PSP	PARTIDO SOCIAL PROGRESSISTA
PR	PARTIDO REPUBLICANO
PRT	PARTIDO RURAL TRABALHISTA
PL	PARTIDO LIBERTADOR
PRP	PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR

FONTE: Ata Geral de Apuração

ANEXO 3

